

DAPHNE DU MAURIER

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME



A MINHA PRIMA Rachel

 EDITORIAL PRESENÇA



DAPHNE DU MAURIER

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME



A MINHA PRIMA
Rachel

 EDITORIAL PRESENÇA

DAPHNE DU MAURIER

A MINHA PRIMA
Rachel

TRADUÇÃO DE
MANUELA MADUREIRA

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *My Cousin Rachel*

Autora: *Daphne du Maurier*

Copyright © 1951 by Daphne du Maurier

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Manuela Madureira*

Revisão: *Diogo Maria Pessoa e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa © *Trevillion Images*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, outubro, 2017

Reservados todos os direitos para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59 — Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO I

Antigamente, enforcavam homens nos Quatro Caminhos.

Mas agora já não. Agora, quando um assassino cumpre a pena de um crime, fá-lo em Bodmin, depois de um julgamento em tribunal. Isto é, se a lei o condenar antes que a sua própria consciência o mate. É melhor assim. É como uma operação cirúrgica. E o corpo tem um enterro decoroso, embora numa campa sem nome. Nos meus tempos de criança era diferente. Lembro-me, ainda rapazinho, de ver um homem de grilhetas enforcado no local em que as quatro estradas se encontram. Tinha o rosto e o corpo negros de alcatrão a fim de retardar a corrupção. Ficou ali exposto durante cinco semanas antes de o apearem e foi na quarta semana que eu o vi.

Suspenso do seu patíbulo, oscilava entre o céu e a terra, ou, como me disse o meu primo Ambrose, entre o paraíso e o inferno. O paraíso nunca ele alcançaria, e o inferno que conhecera perdera-o para sempre. Ambrose deu uma pancada no corpo com a sua bengala. Estou a vê-lo, movendo-se ao sabor da brisa como um cata-vento num espigão enferrujado, um mísero espantalho do que já fora um homem. A chuva apodrecera-lhe as calças, se não o corpo, e dos membros tumefactos pendiam pedaços de estambre como papel ensopado.

Era inverno, e algum passante zombeteiro colocara-lhe no casaco rasgado um ramo de azevinho à laia de celebração. Apesar dos meus sete anos, aquilo pareceu-me o ultraje final, mas não disse nada. Ambrose devia ter um objetivo ao levar-me ali, talvez pôr os meus nervos à prova, ver se eu fugia, ou ria, ou chorava. Sendo para mim tutor, pai, irmão, conselheiro, na realidade todo o meu mundo, estava permanentemente a pôr-me à prova. Lembro-me de que caminhámos em redor do patíbulo, com Ambrose sempre de bengala em riste; depois deteve-se, acendeu o cachimbo e pousou-me a mão no ombro.

— Aqui tens, Philip — disse ele. — É a isto que todos acabamos por chegar. Uns num campo de batalha, alguns na cama, outros segundo o seu destino. Não há fuga possível. Nunca é demasiado cedo para aprender tal lição. Mas é assim que morre um delinquente. Uma advertência para nós os dois levarmos uma vida honrosa. — Ficámos lado a lado, vendo o corpo oscilar, como se tivéssemos ido de passeio à feira de Bodmin, e o cadáver fosse a velha boneca *Sally* que tentávamos atingir com bolas para ganhar cocos. — Vê ao que um instante de paixão pode levar um homem — prosseguiu Ambrose. — Aqui está Tom Jenkyn, honesto e enfadonho, exceto quando bebia demasiado. É verdade que a mulher era rezingona, mas isso não é desculpa para dar cabo dela. Se matássemos as mulheres por terem a língua afiada, todos os homens seriam assassinos.

Eu teria preferido que ele não referisse o nome do homem. Até esse momento, o corpo fora uma coisa morta, sem identidade. Desde o primeiro instante em que pousara os olhos no patíbulo, soubera perfeitamente que ele iria infiltrar-se nos meus sonhos, exangue e horrível. Agora teria uma ligação com a realidade, e com o homem de olhos lacrimosos que vendia lagostas no cais da cidade. Nos meses de verão instalava-se nos degraus, o cesto a seu lado, e, para divertir as crianças, punha as suas lagostas vivas a rastejar pelo cais numa corrida fantástica. Vira-o ainda não há muito tempo.

— Bem — disse Ambrose, perscrutando-me o rosto —, o que achas dele?

Encolhi os ombros e dei um pontapé na base do patíbulo. Ambrose nunca poderia saber que aquilo me abalava, que me sentia angustiado e aterrado. Desprezar-me-ia. Aos vinte e sete anos, Ambrose era o deus de toda a criação, indubitavelmente o deus do meu limitado mundo, e o único objetivo da minha vida era parecer-me com ele.

— Tom tinha um aspeto mais animado da última vez que o vi — respondi eu. — Agora não presta sequer para isco das suas

próprias lagostas.

Ambrose riu-se e puxou-me as orelhas. — É assim mesmo, meu rapaz — aprovou ele. — Dito como um verdadeiro filósofo. — Depois, com um súbito relâmpago de percepção, acrescentou: — Se te sentes enjoado, vai aliviar-te atrás daquela sebe, e lembra-te de que eu não vi nada.

Virou costas ao patíbulo e aos quatro caminhos, e enfiou a passo largo pela nova alameda que mandara plantar nessa época e que, atravessando o bosque, iria servir de segundo caminho para as carruagens chegarem ao solar. Eu fiquei satisfeito por o ver partir porque não alcancei a sebe a tempo. Senti-me melhor depois, apesar de bater os dentes e estar gelado. Tom Jenkyn perdeu novamente a identidade e tornou-se uma coisa inerte, como um velho saco. Serviui mesmo de alvo a uma pedra que, ousadamente, lhe atirei, esperando ver o corpo mover-se, mas nada aconteceu. A pedra bateu na roupa encharcada com um som surdo e ressaltou. Envergonhado do meu gesto, corri pela nova alameda em busca de Ambrose.

Bem, aconteceu há dezoito anos, e tanto quanto me lembro não pensei muito nisso desde então. Até estes últimos dias. É estranho como em momentos de grave crise a mente regressa de repente à infância. Lembro-me constantemente do pobre Tom, ali suspenso e agrilhado. Nunca ouvi contar a sua história e hoje em dia poucas pessoas a recordarão. Matou a mulher, disse Ambrose. E foi tudo. Ela era rezingona, mas isso não constitui desculpa para um homicídio. É provável que, dado como era à bebida, ele a tenha matado com um copo a mais. Mas como? E com que arma? Com uma faca ou com as suas próprias mãos? Talvez, nessa noite de inverno, Tom tenha saído a cambalear da estalagem do cais, inflamado de amor e febre. A maré alta salpicava os degraus, e a Lua, igualmente cheia, refletia-se na água. Sabe-se lá que sonhos de conquista lhe inundavam a mente inquieta, que súbita explosão de fantasia.

Provavelmente dirigiu-se hesitante para a sua cabana por trás da igreja, um indivíduo descorado de olhos remelosos fedendo a lagosta, e a mulher descompô-lo por entrar pela porta com os pés molhados, fazendo desmoronar o seu sonho. E assim ele matou-a. Poderia muito bem ser essa a sua história. Se, como nos ensinam a acreditar, há vida para além da morte, irei procurar o pobre Tom e perguntar-lhe-ei. Sonharemos juntos no purgatório. Mas ele era um homem de meia-idade, com os seus sessenta anos ou mais, e eu tenho vinte e cinco. Os nossos sonhos não seriam os mesmos. Portanto regressa às tuas sombras, Tom, e deixa-me um pouco de paz. Há muito que aquele patíbulo desapareceu, e tu com ele. Na minha ignorância, atirei-te uma pedra. Perdoa-me.

A questão é que temos de aguentar a vida e de a viver. Mas o problema está em como a viver. O trabalho quotidiano não oferece dificuldades. Tornar-me-ei juiz de paz, como Ambrose, e um dia entrarei igualmente para o Parlamento. Continuarei a ser considerado e respeitado, como toda a minha família antes de mim. Cultivar bem a terra, cuidar das pessoas. Ninguém adivinhará nunca o peso da culpa que trago aos ombros, nem saberá que, todos os dias, ainda perseguido pela dúvida, faço a mim mesmo uma pergunta sem resposta. Rachel era culpada ou inocente? Talvez venha a saber também isso no purgatório.

Que suave e doce soa o seu nome quando o murmuro. Atarda-se na língua, insidioso e lento, quase como veneno, o que, na realidade, é adequado. Passa da língua para os lábios ressequidos, e dos lábios regressa ao coração. E o coração controla o corpo, e também a mente. Libertar-me-ei dele algum dia? Daqui a quarenta, cinquenta anos? Ou haverá no cérebro algum resíduo de matéria que permaneça descorada e enferma? Alguma minúscula célula na corrente sanguínea que não corra com as suas congéneres até à fonte? Talvez, no fundo, eu não deseje libertar-me. Por enquanto, não sei dizer.

Ainda tenho a casa para amar, como Ambrose gostaria. Posso reparar as paredes em que entrou humidade e manter tudo em bom

estado. Continuar a plantar árvores e arbustos, cobrir as colinas escalvadas onde o vento vem rugindo de leste. Deixar uma herança de beleza quando desaparecer, se mais não for. Mas um homem solitário é um homem antinatural, e depressa chega à perplexidade. Da perplexidade à fantasia. Da fantasia à loucura. E assim volto a Tom Jenkyn, suspenso e agrilhado. Talvez ele também tenha sofrido.

Ambrose, esses dezoito anos atrás, enfiou a passos largos pela alameda e eu segui no seu rasto. Ele poderia bem ter vestido o casaco que trago agora. Este velho casaco de caça, verde, com os ombros almofadados de cabedal. Tornei-me tão parecido com ele que poderia ser o seu fantasma. Os meus olhos são os seus olhos, as minhas feições as suas feições. O homem que assobiou aos cães, virando costas aos quatro caminhos e ao patíbulo, poderia ser eu. Bem, foi o que sempre desejei. Ser como ele. Ter a sua altura, os seus ombros, o seu andar curvado, até os seus braços compridos, as suas mãos de aspeto algo desajeitado, o seu sorriso inesperado, a sua timidez num primeiro encontro com um estranho, a sua aversão a espavento, a formalismos. A sua naturalidade com os que o serviam e amavam — e lisonjeiam-me os que dizem que também eu a possuo. E aquela força, afinal ilusória, de maneira que caímos ambos no mesmo desastre. Ultimamente, tenho-me perguntado se, quando ele morreu, a mente turvada e torturada pela dúvida e o medo, sentindo-se esquecido e isolado naquela maldita *villa* onde eu não podia alcançá-lo, o seu espírito não terá abandonado o corpo e vindo para casa tomar posse do meu, de modo que ele reviveu em mim, repetiu os seus próprios erros, apanhou a mesma doença e sucumbiu duas vezes. É bem possível. Só sei que a semelhança com Ambrose, de que tanto me orgulhava, foi a minha ruína. Com ela chegou a derrota. Fosse eu outro homem, ágil e arguto, de palavra fácil e boa cabeça para os negócios, e o ano que passou teria sido apenas mais uma sucessão de doze meses. Eu estaria a preparar-me para um futuro ativo e

risonho. Para o casamento, talvez, e para constituir uma jovem família.

Mas eu, tal como Ambrose, não era nada disso. Éramos dois sonhadores, pouco práticos, reservados, cheios de grandes teorias nunca postas à prova, e, como todos os sonhadores, adormecidos para o mundo real. Antipatizando com os nossos semelhantes, ansiávamos por afeição; mas a timidez mantinha a impulsividade latente até o coração ser tocado. Então os céus abriam-se e nós sentíamos, ambos, que tínhamos todas as riquezas do universo para oferecer. Ambos teríamos sobrevivido se fôssemos outros homens. Rachel teria cá vindo na mesma. Teria ficado uma ou duas noites, e seguido o seu caminho. Ter-se-iam discutido assuntos de negócios e ter-se-ia chegado a um acordo; o testamento teria sido lido formalmente com advogados à volta da mesa, e eu — avaliando num relance a situação — ter-lhe-ia dado uma renda vitalícia, vendo-me livre dela.

Não aconteceu assim porque eu me parecia com Ambrose. Não aconteceu assim porque eu sentia como Ambrose. Nessa primeira noite após a sua chegada, fui ao quarto dela e, após ter batido à porta, parei no limiar, de cabeça ligeiramente curvada sob o baixo lintel. Ela levantou-se da cadeira em que estava sentada à janela e ergueu os olhos para mim; e eu deveria ter percebido imediatamente, pela expressão de reconhecimento do seu olhar, que não era a mim que ela via, mas a Ambrose. Não a Philip, mas a um fantasma. Ela devia ter partido nesse instante. Feito as malas e partido. Regressado ao lugar a que pertencia, a essa *villa* de persianas cerradas, bafienta de recordações, ao jardim em socacos e à fonte do pequeno pátio. Voltado para o seu próprio país, abrasado no auge do verão e enevoadado pelo calor, austero no inverno sob o céu frio e brilhante. O instinto devia tê-la advertido de que ficar comigo traria destruição, não só ao fantasma que acabara de encontrar mas, por fim, também a ela própria.

Pergunto-me se, vendo-me assim imóvel, constrangido e desajeitado, suportando a sua presença com um ressentimento

taciturno, embora vivamente consciente de ser ali o anfitrião e senhor, e dolorosamente consciente dos meus grandes pés, braços e pernas, esgalgados e angulosos, um potro selvagem — pergunto-me se ela terá pensado num relâmpago: «Ambrose devia ser assim quando era novo. Antes do meu tempo. Eu não o conheci quando ele era assim.» E se fora por isso que ficara.

Talvez tivesse sido também por isso que, no meu primeiro breve encontro com Rainaldi, o italiano, ele me fitara com o mesmo olhar de chocado reconhecimento rapidamente dissimulado e, brincando um instante com a caneta na secretária, me dissera baixinho: «O senhor só chegou hoje? Então a sua prima Rachel não o viu.» O instinto avisara-o, também a ele. Mas demasiado tarde.

Na vida não se pode voltar atrás. Não há recuo. Não há segunda oportunidade. Aqui sentado, vivo e na minha própria casa, é-me tão impossível retirar uma palavra proferida ou desfazer um ato realizado como o era ao pobre Tom Jenkyn a oscilar nas suas grilhetas.

Foi o meu padrinho, Nick Kendall, que, com a sua brusca franqueza, me disse na véspera dos meus vinte e cinco anos (há apenas alguns meses mas, meu Deus, como parece distante!): «Há mulheres, Philip, boas mulheres, muito possivelmente, que, sem que a culpa seja sua, atraem a fatalidade. Tudo o que tocam se transforma em tragédia. Não sei porque te digo isto, mas sinto que devo dizê-lo.» E depois testemunhou a minha assinatura no documento que eu lhe pusera em frente.

Não, não se pode voltar atrás. O rapaz que estava debaixo da janela dela na véspera do seu aniversário, o rapaz que permaneceu à entrada da porta do quarto dela na noite da sua chegada, desapareceu, tal como desapareceu a criança que atirou uma pedra a um homem morto num patíbulo para criar uma falsa coragem. Tom Jenkyn, maltratado espécime de humanidade, irreconhecível e não chorado, ter-me-ás tu, há todos esses anos, fitado com piedade enquanto eu corria bosque adentro em direção ao futuro?

Tivesse eu olhado para trás, por cima do ombro, não seria a ti
que veria oscilando nas tuas grilhetas, mas a minha própria sombra.

CAPÍTULO II

Quando nos sentámos a conversar naquela última noite, antes de Ambrose partir para a sua derradeira viagem, não tive qualquer pressentimento. Nenhuma premonição de que nunca mais voltaríamos a estar juntos. Era o terceiro outono em que os médicos o aconselhavam a passar o inverno no estrangeiro, e eu habituara-me à sua ausência e a cuidar das propriedades enquanto ele se achava fora. No primeiro inverno em que ele partira, eu encontrava-me ainda em Oxford, pelo que esse afastamento me fizera pouca diferença, mas no segundo inverno regresssei definitivamente e permaneci em casa a tempo inteiro, como ele desejava. Não senti a falta da vida gregária de Oxford; de facto, fiquei mesmo satisfeito por me ver livre de tudo isso.

Nunca tive o menor desejo de estar em parte alguma que não em casa. Excetuando os tempos de estudante, em Harrow, e mais tarde em Oxford, nunca vivera senão neste solar, para onde viera com dezoito meses após a morte dos meus jovens pais. Ambrose, com a sua generosidade bizarra, apiedou-se do pequeno primo órfão, e criou-me ele próprio, como teria feito com um cachorrinho ou um gatito, ou com qualquer ser frágil e solitário que precisasse de proteção.

A nossa vida doméstica foi estranha desde o princípio. Tinha eu três anos quando ele mandou embora a minha ama por ela me ter dado palmadas no rabo com uma escova de cabelo. Não me lembro do incidente, foi ele que mais tarde me contou.

— Fiquei profundamente irritado — disse-me — ao ver aquela mulher desancar a tua pequena pessoa com as suas grandes mãos grosseiras por uma diabrura que ela era demasiado estúpida para compreender. A partir daí, castigava-te eu mesmo.

Nunca tive razões para lamentar tal facto. Não poderia haver homem mais moderado, mais justo, mais terno, mais compreensivo. Ensinou-me o alfabeto da maneira mais simples possível, usando a

letra inicial de todos os palavrões; custou a encontrar vinte e seis, mas ele lá conseguiu, recomendando-me simultaneamente que não empregasse tais palavras na presença de terceiros. Embora fosse invariavelmente delicado, as mulheres intimidavam-no e sentia por elas desconfiança, dizendo que revolucionavam uma casa. Assim, empregava apenas homens, e a tribo era controlada pelo velho Seecombe, que fora intendente do meu tio.

Excêntrico talvez, pouco ortodoxo — este condado do Oeste era conhecido pelos seus personagens estranhos —, mas, apesar das suas opiniões idiossincráticas sobre as mulheres e a educação de garotos, Ambrose não era irracional. Era estimado e respeitado pelos seus vizinhos, e amado pelos rendeiros. Caçava no inverno, antes de o reumatismo o atacar, pescava no verão num pequeno barco à vela que mantinha ancorado no estuário, jantava fora e recebia convidados quando tal lhe apetecia, ia duas vezes à igreja a um domingo embora me fizesse caretas do outro lado do banco da família quando o sermão se alongava demasiado, e tentava instilar-me a sua paixão pela cultura de arbustos raros.

— É uma forma de criação como qualquer outra — costumava dizer. — Alguns homens dedicam-se à reprodução. Eu prefiro fazer brotar coisas da terra. Exige menos de nós e o resultado é muito mais satisfatório.

Aquilo chocava o meu padrinho, Nick Kendall, bem como Hubert Pascoe, o vigário, e vários dos seus outros amigos que costumavam incitá-lo a decidir-se pela felicidade doméstica e a criar uma família em vez de rododendros.

— Já criei um filhote — retorquia ele, puxando-me as orelhas — e isso tirou-me vinte anos de vida, ou acrescentou-mos, como quiserem olhar para o assunto. Além disso, o Philip é um herdeiro pronto-a-usar, portanto não se põe a questão de ter de cumprir o meu dever. Quando chegar a altura, ele fá-lo-á por mim. E agora recostem-se nas vossas cadeiras e ponham-se à vontade, cavalheiros. Como não há uma mulher na casa, podemos apoiar as botas na mesa e cuspir na carpete.

Evidentemente, não fazíamos nada disso. Ambrose era um homem de gosto delicado, mas encantava-o soltar essas observações em frente do novo vigário, um pobre diabo que a mulher dominava e com uma tribo de filhas. E assim o porto passava em volta da mesa após o jantar de domingo, enquanto Ambrose me piscava o olho da sua extremidade da mesa.

Estou a vê-lo, semicurvado, semiesparramado na sua cadeira — foi com ele que adquiri este hábito —, estremecendo de riso contido perante os tímidos protestos do vigário e depois, receando ter ferido os sentimentos do homem, mudando intuitivamente o tom da conversa e passando para assuntos em que este se achava à vontade, esforçando-se ao máximo para fazer o pequeno vigário sentir-se em casa. Quando fui para Harrow, passei a apreciar ainda mais as suas qualidades. As férias passavam demasiado rápido, e eu comparava as suas maneiras e a sua companhia com as dos rapazolas meus colegas, e as dos professores, empertigados e sérios, desprovidos, em minha opinião, de toda a benevolência.

— Deixa lá — dizia-me ele, dando-me uma palmadinha no ombro antes de eu partir, pálido e levemente choroso, a fim de apanhar a diligência para Londres. — É um simples processo de ensino, como domar um cavalo; temos de o suportar. Uma vez terminados os anos de estudo, e passarão antes de dares por isso, trago-te para cá de vez e ocupo-me eu próprio da tua aprendizagem.

— Aprendizagem para quê? — perguntei eu.

— Bem, és o meu herdeiro, não és? Isso é só por si uma profissão.

E lá ia eu, conduzido por Wellington, o cocheiro, apanhar a diligência para Londres em Bodmin. Virava-me para um último relance a Ambrose, apoiado na bengala, com os cães ao lado, os olhos franzidos de genuína compreensão, o farto cabelo encaracolado começando já a ficar grisalho; e, quando ele assobiava aos cães e reentrava em casa, eu engolia o nó que tinha na garganta, sentindo as rodas da carruagem a levarem-me, inevitável e fatalmente, ao longo do caminho de gravilha estaladiça,

através do parque, para lá dos portões brancos e da casa do guarda, rumo à escola e à separação.

Todavia, ele não contara com a sua saúde e, quando a escola e a universidade ficaram para trás, chegou a sua vez de partir.

— Dizem-me que se passo mais um inverno a aguentar chuva diariamente acabarei os meus dias aleijado, numa cadeira de rodas — explicou-me ele. — Tenho de partir em busca do sol. As costas de Espanha ou do Egito, qualquer parte do Mediterrâneo que seja seca e quente. Não me apetece particularmente partir mas, por outro lado, diabos me levem se quero acabar a vida aleijado. O plano tem uma vantagem. Trarei plantas que mais ninguém possui. Veremos como as malvadas prosperam em solo da Cornualha.

O primeiro inverno chegou e passou, e o segundo também. Ele distraiu-se bastante e não creio que se tenha sentido isolado. Regressava com Deus sabe quantas árvores, arbustos, flores, plantas de todas as formas e feitios. As camélias eram a sua paixão. Reservámos uma área exclusivamente para as cultivar, e não sei se ele tinha o chamado «dedo verde» ou um toque mágico, mas elas floresceram desde logo e não perdemos uma única.

Os meses passaram assim até ao terceiro inverno. Dessa vez, ele decidira-se por Itália. Queria ver alguns dos jardins de Florença e Roma. Nenhuma dessas cidades seria quente no inverno, mas isso não o preocupava. Alguém lhe garantira que o ar era seco, ainda que frio, e que não teria de recear a chuva. Nessa noite conversámos até tarde. Ambrose nunca fora de se deitar cedo, e frequentemente ficávamos sentados na biblioteca até à uma ou às duas da madrugada, umas vezes calados, outras a conversar, ambos com as nossas longas pernas esticadas em frente da lareira, os cães enroscados aos pés. Eu disse anteriormente que não tivera qualquer premonição, mas, olhando para trás, pergunto-me se com ele terá acontecido o contrário. Fitava-me insistentemente com ar perplexo, pensativo, olhando de mim para as paredes apaineladas da sala e os quadros familiares, depois para o lume, e do lume para os cães adormecidos.

— Quem me dera que viesses comigo — disse ele subitamente.

— Não levo muito tempo a fazer as malas — respondi eu.

Ele abanou a cabeça, sorrindo. — Não, estava a brincar. Não podemos ausentar-nos ambos durante meses seguidos. Ser proprietário é uma responsabilidade, embora nem toda a gente pense como eu.

— Eu podia viajar contigo até Roma — prossegui, excitado com a ideia. — Depois, desde que o tempo não o impedisse, ainda estaria em casa para o Natal.

— Não — disse ele devagar —, não, foi apenas uma veneta. Esquece.

— Sentes-te bem, não sentes? — perguntei eu. — Não tens queixas nem dores?

— Meu Deus, não — riu-se. — Por quem me tomas, algum inválido? Há meses que não sinto uma pontada de reumatismo. O problema, Philip, meu rapaz, é que sou demasiado agarrado à minha casa. Quando chegares à minha idade, talvez sintas o mesmo que eu.

Levantou-se da poltrona e dirigiu-se à janela. Correu os pesados reposteiros e ficou alguns instantes a olhar para fora. A noite estava serena, silenciosa. As gralhas haviam recolhido aos ninhos e, por uma vez, até as corujas se calavam.

— Estou satisfeito por termos suprimido as alamedas e trazido o relvado até ao solar — observou ele. — Ficaria ainda melhor se a relva acompanhasse a encosta até àquela extremidade, junto ao cercado dos póneis. Um dia terás de cortar as moitas para conseguir vista de mar.

— O que é isso de *eu* ter de? Porque não tu?

Ele não respondeu imediatamente. — É o mesmo — proferiu por fim —, é o mesmo. Não faz diferença. Mas lembra-te.

Don, o meu velho *retriever*, levantou a cabeça e fitou-o. Vira as caixas atadas no vestíbulo e pressentia a partida. Ergueu-se com dificuldade e foi postar-se ao lado de Ambrose, de cauda caída. Chamei-o suavemente, mas ele não veio. Despejei as cinzas do

meu cachimbo na lareira. O relógio da torre bateu a hora. Vindo dos alojamentos dos empregados, ouvi a voz rabugenta de Seecombe a ralar com o despenseiro.

— Ambrose — pedi eu —, Ambrose, deixa-me ir contigo.

— Não sejas idiota, Philip, vai-te deitar — retorquiu ele.

E foi tudo. Não voltámos a discutir o assunto. No dia seguinte, ao pequeno-almoço, deu-me algumas últimas instruções acerca da sementeira da primavera, e de diversas coisas que gostaria que eu fizesse antes do seu regresso. Sentira o desejo repentino de ter um pequeno lago no parque, perto da entrada da alameda de leste, no sítio em que o terreno era pantanoso; para tal, precisava de ser aterrado e cimentado se o tempo estivesse razoável nos meses de inverno. A hora da partida chegou depressa. Acabámos o pequeno-almoço às sete, porque ele tinha de estar pronto cedo. Passaria a noite em Plymouth, e daí sairia com a maré da manhã. O navio mercante levá-lo-ia a Marselha, e de lá prosseguiria para Itália a seu bel-prazer; Ambrose apreciava uma longa viagem por mar. A manhã estava áspera e húmida. Wellington trouxe a carruagem até à porta e em breve a bagagem se empilhava bem alto. Os cavalos mostravam-se agitados e ansiosos por partir. Ambrose virou-se para mim e pousou-me a mão no ombro. — Toma conta das coisas — recomendou ele —, não me desapontes.

— Isso é um golpe baixo — reclamei eu. — Nunca te desapontei.

— És muito novo — disse ele. — E eu ponho um grande peso nos teus ombros. Seja como for, tudo o que tenho é teu, como sabes.

Creio que, se nesse momento tivesse insistido, Ambrose ter-me-ia deixado ir com ele. Mas fiquei calado. Ajudei Seecombe e instalá-lo na carruagem com as suas mantas e bengalas, e ele sorriu-nos da janela aberta.

— Pronto, Wellington, vamos embora — ordenou.

E afastaram-se, descendo a alameda justamente quando começava a chover.

As semanas foram passando muito à semelhança do que acontecera durante os dois invernos anteriores. Eu sentia, como sempre, a falta dele, mas tinha muito em que me ocupar. Quando queria companhia ia visitar o meu padrinho, Nick Kendall, cuja única filha, Louise, apenas alguns anos mais nova do que eu, fora minha companheira de brincadeiras desde a infância. Era uma rapariga sólida, de maneiras simples, e bastante bonita. Ambrose gracejava por vezes dizendo que, um dia, ela daria uma boa esposa para mim, mas confesso que nunca pensei nela dessa maneira.

Novembro ia a meio quando chegou a primeira carta dele, trazida pelo mesmo navio que o deixara em Marselha. A viagem fora tranquila, com tempo calmo, apesar de alguma agitação no golfo de Biscaia. Ele estava bom e bem-disposto, aguardando animado a viagem até Itália. Decidira não apanhar a diligência, o que de qualquer maneira teria implicado uma ida até Lyon, alugando antes cavalos e um veículo, propondo-se percorrer a costa até entrar em Itália, e depois virar para Florença. Wellington abanou a cabeça ao ouvir as notícias, e previu acidentes. Acreditava firmemente que nenhum francês sabia conduzir cavalos, e que todos os italianos eram ladrões. No entanto Ambrose sobreviveu, e a carta seguinte veio de Florença. Guardei todas as suas cartas e tenho agora diante de mim o maço completo. Li-as muitas vezes durante os meses seguintes; foram manuseadas, viradas e relidas, como se com a pressão das minhas mãos sobre elas se pudesse descortinar algo mais do que aquilo que as palavras ali escritas revelavam.

Foi já perto do fim da sua primeira carta de Florença, onde aparentemente passara o Natal, que falou pela primeira vez da prima Rachel.

«Conheci uma parente nossa», escreveu ele. «Já me ouviste mencionar os Coryns, que tinham uma propriedade junto ao Tamar, entretanto vendida e noutras mãos. Há duas gerações, um Coryn casou-se com uma Ashley, como verás na árvore genealógica. Uma descendente desse ramo nasceu e foi educada em Itália por um pai com poucos recursos e uma mãe italiana, tendo desposado muito

jovem um nobre italiano de nome Sangalletti. Este despediu-se da vida batendo-se em duelo, ao que parece semiébrio, deixando a mulher com um monte de dívidas e uma grande *villa* vazia. Não houve filhos. A *contessa* Sangalletti, ou, como ela insiste em intitular-se, a minha prima Rachel, é uma mulher sensata, boa companhia, e resolveu encarregar-se de me mostrar os jardins de Florença, e mais tarde de Roma, uma vez que lá estaremos ao mesmo tempo.»

Fiquei satisfeito por Ambrose ter encontrado uma amiga, e especialmente alguém que partilhava a sua paixão por jardins. Desconhecendo em absoluto a sociedade florentina ou romana, receara que entre as suas relações rareassem os ingleses, mas pelo menos ali estava uma pessoa cuja família era oriunda da Cornualha, pelo que teriam igualmente isso em comum.

A carta seguinte consistia quase inteiramente em listas de jardins que, embora não estivessem no seu auge nesta estação do ano, haviam aparentemente impressionado muito Ambrose. Tal como a nossa parente.

«Começo a sentir verdadeira estima pela nossa prima Rachel», escreveu Ambrose no início da primavera, «e aflige-me pensar no que ela deve ter suportado desse fulano Sangalletti. Estes italianos são uns patifes traiçoeiros, não há dúvida. Ela é tão inglesa como tu ou eu, tanto em maneiras como em aparência, e podia ter vivido até ontem na margem do Tamar. Não se cansa de ouvir falar da nossa terra e de tudo o que tenho para lhe contar. É extremamente inteligente mas, graças a Deus, sabe quando calar-se. Com ela não há aquele incessante tagarelar tão comum nas mulheres. Arranjou-me excelentes aposentos em Fiesole, não muito longe da sua *villa*, e, agora que a temperatura começa a suavizar, passarei grande parte dos meus dias em casa dela, sentado no terraço, ou vagueando pelos jardins que são aparentemente famosos pelo traçado e pela estatuária, assunto de que sei muito pouco. Não imagino do que subsiste ela, mas calculo que tenha tido de vender

grande parte das peças valiosas da *villa* para pagar as dívidas do marido.»

Perguntei ao meu padrinho, Nick Kendall, se se lembrava dos Coryns. Lembrava-se e não os tinha em grande conta. — Eram um bando de irresponsáveis, quando eu era rapaz — disse ele. — Perderam ao jogo todo o seu dinheiro e todas as suas propriedades, e agora a casa, na margem do Tamar, pouco mais é do que uma quinta arruinada. Entrou em decadência há uns quarenta anos. O pai dessa mulher deve ter sido Alexander Coryn — creio que de facto desapareceu no continente. Era o segundo filho de um segundo filho. Mas não sei o que lhe aconteceu. Ambrose diz a idade dessa *contessa*?

— Não — respondi —, só me conta que ela se casou muito jovem, mas não diz há quanto tempo. Suponho que será de meia-idade.

— Deve ser verdadeiramente encantadora para Mr. Ashley reparar nela — comentou Louise. — Nunca o ouvi admirar uma mulher.

— Provavelmente é esse o segredo — retorqui eu. — Ela é vulgar e discreta, e ele não se sente obrigado a elogiá-la. Estou encantado.

Chegaram mais uma ou duas cartas, fragmentadas, sem grandes notícias. Ele vinha de jantar com a nossa prima Rachel, ou preparava-se para ir jantar a casa dela. Comentou o facto de haver poucas pessoas entre os seus amigos de Florença capazes de aconselharem desinteressadamente sobre os seus negócios. Era lisonjeiro para ele, afirmou, poder fazê-lo. E ela mostrava-se muito grata. Apesar dos seus muitos interesses, parecia estranhamente só. Não poderia ter tido nada em comum com Sangalletti, e confessou que toda a sua vida ansiara por amigos ingleses. «Sinto que realizei alguma coisa para além de adquirir centenas de novas plantas para levar comigo para casa», dizia ele.

Depois seguiu-se um lapso de tempo. Ele não referira uma data de regresso, mas era geralmente em finais de abril. A nós, o inverno parecera-nos longo, e a geada, raramente intensa nos condados de leste, fora inesperadamente rigorosa. Algumas das suas camélias

havam sido afetadas e eu esperava que ele não regressasse demasiado cedo, vindo ainda encontrar ventos fortes e chuvas torrenciais.

A sua carta chegou pouco depois da Páscoa. «Meu caro rapaz», começava ele, «estranharás o meu silêncio. A verdade é que nunca pensei vir a escrever-te um dia uma carta como esta. Os caminhos da Providência são misteriosos. Foste sempre tão chegado a mim que possivelmente terás adivinhado algo do turbilhão que me assolou o espírito durante estas últimas semanas. “Turbilhão” é a palavra errada. Talvez devesse dizer “feliz perplexidade”, depois transformada em certeza. Não tomei uma decisão de ânimo leve. Como sabes, sou demasiado um homem de hábitos para mudar a minha maneira de viver por um capricho. Mas compreendi, há já algumas semanas, que não havia outro rumo possível. Encontrei algo que nunca encontrara antes, e nem julguei que existisse. Mesmo agora, mal consigo acreditar que aconteceu. Tenho pensado em ti com muita frequência mas não me senti, até hoje, suficientemente calmo para escrever. Tenho a informar-te de que a tua prima Rachel e eu nos casámos há quinze dias. Estamos agora juntos em Nápoles, em lua de mel, e tencionamos regressar em breve a Florença. Não posso adiantar mais do que isto. Não fizemos planos e, nesta altura, nenhum de nós deseja viver para além do momento presente.

Um dia, espero que não muito distante, conhecê-la-ás, Philip. Poderia alongar-me, correndo o risco de te aborrecer, com descrições da sua aparência, da sua bondade, da sua ternura sincera. São coisas que constatarás por ti próprio. Porque me terá ela escolhido de entre todos os homens, a mim, reconhecido misógino endurecido e cínico, não te sei dizer. Ela zomba disto e eu admito a derrota. Ser derrotado por alguém como ela é, em certo sentido, uma vitória. Poderia considerar-me vencedor e não vencido, se tal afirmação não fosse terrivelmente pretensiosa.

Dá a notícia a todos, dá a todos a minha bênção, e também a dela, e lembra-te, meu caro rapaz e filhote, que este casamento tardio não retirará

nada à afeição profunda que nutro por ti, vindo antes aumentá-la. Agora que me considero o mais feliz dos homens, procurarei também fazer por ti mais do que nunca, e sei que ela me ajudará. Escreve depressa e, se conseguires, acrescenta algumas palavras de saudação para a tua prima Rachel.

O teu sempre amigo, Ambrose.»

A carta chegou cerca das cinco e meia da tarde, logo após o meu jantar. Felizmente estava sozinho. Seecombe trouxera a mala do correio e deixara-a ficar. Meti a carta no bolso e desci através dos campos em direção ao mar. O sobrinho de Seecombe, que vivia no moinho da praia, cumprimentou-me. As redes, estendidas no muro de pedra, secavam aos últimos raios de sol. Mal lhe respondi e ele deve ter-me achado abrupto. Trepei pelos rochedos até uma estreita plataforma que entra pela pequena baía onde eu tomava banho no verão. Ambrose ancorava o barco a cerca de cinquenta metros, e eu nadava até lá. Sentei-me, tirei a carta do bolso e reli-a. Se conseguisse sentir uma réstia de simpatia, de satisfação, um só raio de afeto para com aqueles dois que partilhavam a sua felicidade em Nápoles, isso ter-me-ia aliviado a consciência. Com vergonha de mim mesmo, amargamente consciente do meu egoísmo, estava incapaz de despertar qualquer sentimento no meu coração. Permaneci ali, entorpecido de desgosto, fixando o mar sereno e chão. Acabara de fazer vinte e um anos, e no entanto sentia-me tão solitário e perdido como anos antes, sentado num banco da quarta classe, em Harrow, sem ninguém a quem chamar amigo, e sem nada diante de mim exceto um novo mundo de estranhas experiências com o qual não queria nada.

CAPÍTULO III

Creio que o que mais me envergonhou foi a satisfação dos seus amigos, o seu prazer genuíno e os seus desejos sinceros de felicidades. As felicitações choveram sobre mim, como uma espécie de mensageiro para chegarem até Ambrose, e no meio de tudo isso eu tinha de sorrir, acenar e dar a entender que há muito previra que tal acontecesse. Sentia-me hipócrita, traidor. Ambrose ensinara-me tanto a odiar a falsidade, nos homens como nos animais, que encontrar-me de repente a fingir ser o que não era representava um autêntico suplício.

«É a melhor coisa que podia ter acontecido.» Quantas vezes ouvi estas palavras e tive de lhes fazer eco. Comecei a evitar os meus vizinhos, a esconder-me em casa e nos bosques para não encontrar aqueles rostos curiosos e línguas ativas. Se passava a cavalo pelas quintas ou pela cidade, não havia fuga possível. Bastava que rendeiros da propriedade, ou conhecidos da família, me avistassem e estava condenado a conversar. Ator indiferente, eu forçava um sorriso sentindo a pele do rosto a esticar em protesto, e era obrigado a responder às perguntas com uma espécie de cordialidade que detestava, a cordialidade que o mundo espera quando se fala de casamento. «Quando voltam eles?» Para isso havia apenas uma resposta: «Não sei. Ambrose não me disse.»

Especulava-se imenso sobre o físico, a idade, o aspeto geral da noiva, ao que eu respondia: «É viúva, e partilha do seu amor por jardins.»

Perfeito, acenavam as cabeças, não podia ser melhor, era mesmo do que Ambrose precisava. E seguiam-se ditos jocosos, gracejos e muita chalaça pela rendição de um celibatário convicto ao casamento. Mrs. Pascoe, a megera casada com o vigário, insistia nesse assunto como se quisesse vingar-se assim de insultos atirados no passado ao santo estado conjugal.

— Que mudanças vão acontecer, Mr. Ashley — repetia ela em todas as ocasiões possíveis. — Acabou-se o à-vontade na vossa casa. E já não era sem tempo. O pessoal vai finalmente andar organizado, e não creio que isso agrade muito a Seecombe. Há demasiado tempo que ele põe e dispõe.

Nisso tinha razão. Penso que Seecombe era o meu único aliado, mas eu tinha o cuidado de não alinhar com ele, e detinha-o quando ele tentava sondar-me.

— Não sei o que dizer, Mr. Philip — murmurava, sombrio e resignado. — Uma patroa na casa vai pôr tudo de pernas para o ar, e nem saberemos às quantas andamos. Primeiro uma coisa, depois outra, e provavelmente por muito que nos esforcemos nada agradará à senhora. Creio que chegou a hora de me reformar e ceder o lugar a alguém mais novo. Talvez fosse melhor mencionar este assunto a Mr. Ambrose quando lhe escrever.

Respondi-lhe que não dissesse disparates, que tanto Ambrose como eu ficaríamos perdidos sem ele, mas abanou a cabeça e continuou a vaguear pela casa, taciturno, não deixando passar uma oportunidade de fazer qualquer triste alusão ao futuro. Eram as horas das refeições que seriam seguramente alteradas, o mobiliário modificado, intermináveis limpezas que se estenderiam desde a madrugada ao crepúsculo sem dar descanso a ninguém, e, golpe final, até os pobres cães abatidos. Esta profecia, proferida em tom sepulcral, restituiu-me até certo ponto o meu sentido de humor perdido, e ri pela primeira vez desde que recebera a carta de Ambrose.

Que quadro Seecombe pintava! Tive a visão de um regimento de criadas armadas de esfregões, varrendo todas as teias de aranha da casa, sob o olhar de rígida desaprovação do velho intendente, de lábio inferior espetado como era seu hábito. O seu abatimento divertiu-me, mas, quando as mesmas coisas me foram previstas por outros — até por Louise Kendall, que, conhecendo-me tão bem, deveria mostrar tato suficiente para ter tento na língua —, as suas observações irritaram-me.

— Finalmente vai haver estofos novos na biblioteca — comentou ela alegremente. — Os atuais estão cinzentos do tempo e do uso, mas aposto que vocês nunca repararam. E flores em casa, que progresso! O salão vai finalmente animar-se. Sempre achei uma pena que não fosse usado. Mrs. Ashley vai certamente decorá-lo com livros e quadros da sua *villa* de Itália.

E por aí fora, desenrolando uma longa lista de melhoramentos até eu perder a paciência e exclamar bruscamente: — Pelo amor de Deus, Louise, acaba com isso. Estou farto do assunto.

Ela interrompeu-se de súbito e fitou-me com ar perspicaz.

— Por acaso não estarás com ciúmes? — indagou.

— Não sejas pateta — respondi eu.

Não era bonito da minha parte, mas conhecíamos-nos tão bem que eu a considerava uma irmã mais nova a quem não precisava de mostrar respeito.

Depois disso ela calou-se e reparei que, quando o estafado tema voltava à conversa, Louise me fitava e se esforçava por desviar o assunto. Senti-me grato e gostei ainda mais dela.

Foi o meu padrinho e seu pai, Nick Kendall, que, sem suspeitar, me desferiu o derradeiro golpe, falando abertamente e com a sua franqueza habitual.

— Já fizeste alguns planos para o futuro, Philip? — perguntou-me uma tarde em que fora até lá a cavalo para jantar com eles.

— Planos? Não — retorqui, incerto quanto ao significado da sua pergunta.

— Ainda é cedo, claro — prosseguiu ele —, e suponho que não poderás resolver nada até Ambrose e a sua mulher voltarem para casa, mas perguntei-me se já terias pensado em procurar nas vizinhanças uma pequena propriedade para ti.

Não assimilei aquilo imediatamente. — Por que motivo haveria de fazer tal coisa? — indaguei.

— Bom, a situação alterou-se, não é verdade? — disse ele em tom casual. — Ambrose e a mulher desejarão naturalmente a sua privacidade. E se vierem crianças, um filho, as coisas não serão o

mesmo para ti, como compreenderás. Tenho a certeza de que Ambrose não permitirá que sofras com a mudança e te comprará qualquer propriedade que te agrade. Evidentemente, é possível que não tenham filhos mas, por outro lado, não há razão para o supor. Talvez prefiras construir de raiz. Por vezes é mais compensador construir a nossa casa do que comprar outra que esteja à venda.

Prosseguiu no mesmo tom, mencionando propriedades num raio de trinta quilómetros suscetíveis de me interessar, e senti-me satisfeito por ele não parecer esperar resposta ao que dizia. A verdade é que eu tinha o coração demasiado pesado para falar. O que ele acabara de sugerir era tão novo e inesperado que não conseguia ordenar os meus pensamentos e pouco depois arranjei uma desculpa e retirei-me. Ciumento, sim. Louise tivera razão nisso, suponho. O ciúme de uma criança subitamente obrigada a partilhar a única pessoa da sua vida com um estranho.

Tal como Seecombe, vira-me a esforçar-me por me conformar com novos hábitos desagradáveis, abandonando o cachimbo, levantando-me, tentando tomar parte na conversa, adaptando-me ao rigor e ao tédio de uma sociedade feminina. Imaginara-me a ver Ambrose, o meu deus, comportar-se como um tolo, obrigando-me a abandonar a sala constrangido. Mas nunca me imaginara rejeitado, deixando de ser desejado, expulso do meu lar com uma pensão, como um criado. Até à chegada de uma criança que chamaria «pai» a Ambrose, fazendo que eu deixasse de ser preciso.

Se tivesse sido Mrs. Pascoe a chamar-me a atenção para tal possibilidade, tê-la-ia levado à conta de malevolência, e esquecido. Mas o meu próprio padrinho, sereno e cordato, enunciando um facto, era diferente. Voltei para casa doente de incerteza e melancolia. Não sabia como reagir. Deveria fazer planos, como sugerira o meu padrinho? Procurar casa? Preparar-me para partir? Não desejava viver noutro lugar nem possuir outra propriedade. Ambrose criara-me e educara-me para esta apenas. Era minha. Era dele. Pertencia-nos a ambos. Mas, de repente, tudo mudara e já não era assim. Lembro-me de vaguear pela casa ao regressar da visita

aos Kendalls, observando-a com novos olhos, enquanto os cães, pressentindo a minha agitação, me seguiam tão inquietos como eu. O meu antigo quarto de criança, há tanto desabitado e onde a sobrinha de Seecombe vinha uma vez por semana para inspecionar e organizar a roupa de casa, adquiria um novo significado. Imaginei-o pintado de fresco, e o meu pequeno bastão de críquete, que, coberto de teias de aranha, repousava ainda numa prateleira entre pilhas de livros poeirentos, atirado para o lixo. Nunca me detivera a meditar nas recordações que o quarto despertava em mim, e apenas lá entrava de dois em dois meses, com uma camisa para coser ou meias para remendar. Agora aspirava de novo a ele, como um abrigo, um refúgio do mundo exterior. Mas, em vez disso, ele transformar-se-ia num local estranho, abafado, tresandando a leite fervido e a mantas a secar, como as salas de chalés onde eu entrara tantas vezes e onde viviam crianças pequenas. Imaginava-as a rastejar pelo chão soltando gritos irascíveis, batendo constantemente com as cabeças ou esmurrando cotovelos, ou, pior ainda, trepando-nos para os joelhos, o rosto crispado como macacos se os afastássemos. Meu Deus, estaria tudo isto reservado a Ambrose?

Até aí, quando pensava na minha prima Rachel — o que acontecia o menos possível, afastando o seu nome do espírito como se faz com todas as coisas desagradáveis —, fantasiava-a como uma mulher parecida com Mrs. Pascoe, para pior. De feições angulosas, com um olho de lince para o pó, como profetizava Seecombe, e, quando houvesse convidados para jantar, um riso demasiado sonoro que nos levaria a lastimar Ambrose. Agora ela adquiria novas proporções. Num momento, monstruosa, como a pobre Molly Bate, mulher do guarda, que nos forçava a desviar o olhar por pura delicadeza, e no instante seguinte, pálida e definhada, enterrada num sofá e coberta de xales, exibindo uma petulância de inválida, enquanto lá atrás uma enfermeira misturava remédios com uma colher. Ora de meia-idade e vigorosa, ora pretensiosa e mais jovem do que Louise, a minha prima Rachel

tinha no mínimo uma dúzia de personalidades, cada uma mais odiosa do que a anterior. Via-a obrigando Ambrose a pôr-se de joelhos para brincar aos cavalinhos, as crianças às costas, e Ambrose consentindo com uma docilidade humilde, toda a sua dignidade perdida. Mas via-a, igualmente, envolta em musselina, uma fita nos cabelos, a amuar sacudindo os caracóis, ondulante e sentimental, enquanto Ambrose, recostado na sua poltrona, a observava com o sorriso brando de um idiota estampado no rosto.

Quando, em meados de março, chegou a carta anunciando que, afinal, haviam decidido permanecer no estrangeiro durante o verão, o meu alívio foi tão intenso que tive vontade de gritar de alegria. Senti-me mais traidor do que nunca, mas não conseguia evitar.

«A tua prima Rachel está ainda tão ocupada com o emaranhado de assuntos que têm de ficar resolvidos antes de ir para Inglaterra» escrevia Ambrose, «que decidimos, profundamente desapontados, como podes calcular, adiar o nosso regresso a casa. Eu faço o que posso, mas a lei italiana é uma coisa e a nossa é outra, e conciliar as duas é um bico de obra. Tenho gasto uma pequena fortuna, mas a causa é boa e não o lamento. Falamos imenso de ti, meu rapaz, e só gostaria que pudesses estar connosco.» E continuava fazendo perguntas acerca dos trabalhos em casa e do estado dos jardins, com o entusiasmo apaixonado que lhe era habitual, de tal maneira que me pareceu que eu devia estar louco para pensar um só instante que ele pudesse mudar.

A decepção foi evidentemente profunda em toda a vizinhança quando se soube que eles não regressariam para o verão.

— Talvez — aventou Mrs. Pascoe com um sorriso entendido — o estado de saúde de Mrs. Ashley a impeça de viajar?

— Isso não sei dizer — respondi eu. — Ambrose menciona na sua carta que passaram uma semana em Veneza e voltaram ambos com reumatismo.

O rosto dela ensombrou-se. — Reumatismo? A esposa também? Que lástima. — E acrescentou em tom reflexivo: — Ela deve ser mais velha do que eu pensava.

Mulher tola, cujo espírito só comportava uma linha de pensamento. Eu sofri de reumatismo nos joelhos aos dois anos. Dores de crescimento, diziam-me os mais velhos. Por vezes, quando chove, ainda as sinto. Apesar disso, a minha mente funcionou à semelhança da de Mrs. Pascoe: a minha prima Rachel envelheceu vinte anos. Tinha de novo cabelo grisalho, apoiava-se mesmo a uma bengala, e eu via-a, quando não estava a plantar rosas nesse jardim italiano que não conseguia imaginar, sentada a uma mesa, batendo com a bengala no chão, rodeada por uma meia dúzia de advogados todos falando italiano, com o meu pobre Ambrose pacientemente a seu lado.

Por que motivo não voltava ele para casa, deixando-a a tratar disso?

Eu, contudo, recuperei o bom humor à medida que a noiva pretensiosa dava lugar a uma matrona madura, afetada por lumbago onde ele mais se sente. O quarto das crianças desvaneceu-se e vi o salão transformado em *boudoir*, salpicado de biombos, a lareira abrasadora mesmo em pleno verão, e uma voz impaciente chamando Seecombe para levar mais carvão, queixando-se de que a corrente de ar dava cabo dela. Recomecei a cantar nas minhas saídas a cavalo, incitava os cães a perseguir os jovens coelhos, nadava antes do pequeno-almoço, navegava pelo estuário no pequeno veleiro de Ambrose sempre que o vento estava de feição, e arreliaava Louise a propósito das modas de Londres, onde ela foi passar a estação. Aos vinte e três anos não é preciso muito para recuperar o bom humor. A minha casa continuava a ser a minha casa. Ninguém ma arrebatara.

Então, no inverno, o tom das cartas mudou. Impercetivelmente a princípio, quase não dei por isso, e contudo, ao reler as suas palavras, apercebi-me de uma espécie de constrangimento em tudo o que ele dizia, uma nota de ansiedade subjacente apoderando-se dele. Em parte, nostalgia do seu lar, percebia-se bem. Saudades do seu próprio país e dos seus bens, mas acima de tudo um sentimento de solidão que me pareceu estranho num homem

casado ainda nem há dez meses. Ele confessava que o longo verão e o outono tinham sido muito fatigantes e que o inverno estava invulgarmente abafado. Apesar de a *villa* se situar num alto, não corria ar; e dizia que vagueava de sala em sala como um cão antes de uma tempestade, mas que os trovões não estalavam. O ar permanecia pesado e ele daria a alma por uma chuvada torrencial, mesmo que o deixasse perdido de dores. «Nunca sofri de dores de cabeça», dizia ele, «mas agora tenho-as com frequência. Às vezes quase me cegam. Estou farto da visão do sol. Sinto a tua falta mais do que podes imaginar. Tantas coisas para conversar, mas é difícil numa carta. A minha mulher foi hoje à cidade, daí a minha oportunidade para escrever.» Era a primeira vez que empregava a expressão «minha mulher». Até aí, dissera sempre «Rachel» ou «a tua prima Rachel», e as palavras «minha mulher» pareceram-me convencionais e frias.

Nessas cartas de inverno não falava de regresso, mas em todas transparecia um desejo fremente de saber as novidades, e comentava o mais insignificante incidente que eu lhe contasse como se não tivesse mais interesses no mundo.

Não recebi nada na Páscoa, nem no Pentecostes, e comecei a preocupar-me. Contei ao meu padrinho, que me respondeu que o tempo atrasava decerto o correio. Houve relatos de quedas de neve tardias na Europa, e eu não devia esperar receber notícias de Florença antes do final de maio. Passara-se mais de um ano desde o casamento de Ambrose, dezoito meses desde que partira. O alívio inicial que sentira pela sua ausência, após o casamento, transformara-se em receio de o não ver regressar de todo. Um verão debilitara-lhe indiscutivelmente a saúde. O que faria um segundo? Por fim, em julho, chegou uma carta, breve e incoerente, em que o não reconheci. Até a sua letra, geralmente tão clara, se estendia pela página como se ele tivesse tido dificuldade em segurar a caneta.

«Não está tudo bem comigo» dizia ele, «como deves ter-te apercebido da última vez que te escrevi. É melhor não falarmos

nisso. Ela vigia-me todo o tempo. Escrevi-te várias vezes, mas não posso confiar em ninguém, e, a menos que consiga sair para mandar eu próprio as cartas, receio que elas não te cheguem. Desde a minha doença que não estou em condições de andar muito. Quanto aos médicos, não acredito em nenhum. São todos eles um bando de mentirosos. O novo, recomendado por Rainaldi, é um escroque, o que não admira tendo em conta quem o recomendou. Contudo, arriscam-se ao meterem-se comigo, e ainda os vencerei a todos.» Seguiu-se um espaço em branco e qualquer coisa riscada que não consegui decifrar, e depois a sua assinatura.

Mandei o moço de estrebaria selar o meu cavalo e dirigi-me a casa do meu padrinho para lhe mostrar a carta. Ele ficou tão preocupado como eu. — Soa-me a um esgotamento mental — declarou imediatamente. — Não gosto nada disto. Isto não é carta de um homem são de espírito. Espero em Deus... — Interrompeu-se e franziu os lábios.

— Espera o quê? — perguntei eu.

— O teu tio Philip, pai de Ambrose, morreu de um tumor no cérebro. Sabes isso, não é verdade? — disse ele em tom seco.

Eu nunca ouvira falar em tal coisa, e disse-lho.

— Foi antes de tu nasceres, é claro — elucidou ele. — O assunto nunca se discutiu muito na família. Não sei dizer-te se estas coisas são hereditárias, e os médicos também não. A ciência médica não está suficientemente avançada. — Pôs os óculos e releu a carta. — Há, evidentemente, outra possibilidade, muito pouco provável, mas que eu preferiria — observou ele.

— Que é?

— Que Ambrose estivesse embriagado quando escreveu a carta.

Se ele não fosse sexagenário e meu padrinho, tê-lo-ia esbofeteado pela mera sugestão.

— Nunca na vida vi Ambrose embriagado — disse-lhe eu.

— Nem eu — respondeu ele em tom grave. — Tento apenas escolher o menor de dois males. Penso que deves resolver-te a partir para Itália.

— Isso já eu decidira antes de vir vê-lo — rematei, regressando ao solar sem a menor ideia de como organizar a viagem.

De Plymouth não partia nenhum navio que me servisse. Teria de me dirigira a Londres, e daí a Dover, apanhar o pacote para Bolonha e atravessar a França de diligência até Itália. Sem atrasos imprevistos, estaria em Florença daí a cerca de três semanas. Os meus conhecimentos de francês eram escassos, os de italiano inexistentes, mas nada disso me preocupava desde que pudesse ir ao encontro de Ambrose. Despedi-me rapidamente de Seecombe e dos criados, dizendo-lhes apenas que tencionava fazer uma curta visita ao patrão, mas sem falar da sua doença, e assim parti para Londres numa bela manhã de julho, tendo diante de mim a perspectiva de quase três semanas de viagem num país estranho.

Quando a carruagem virou para a estrada de Bodmin, vi o moço de estrebaria cavalcando na nossa direção com a mala do correio. Disse a Wellington para refrear os cavalos e o rapaz entregou-me a mala. Havia apenas uma possibilidade em mil de ela conter outra carta de Ambrose, mas foi o que aconteceu. Tirei o sobrescrito e mandei o rapaz para casa. Enquanto Wellington chicoteava os cavalos, peguei no pedaço de papel e aproximei-o da janela para ter luz.

As palavras eram meros rabiscos, quase ilegíveis.

«Pelo amor de Deus vem depressa. Ela aniquilou-me finalmente, Rachel meu tormento. Se demoras, pode ser demasiado tarde. Ambrose.»

Era tudo. A folha não estava datada, nem havia qualquer marca no sobrescrito selado com o seu próprio anel.

Permaneci imóvel na carruagem, com o pedaço de papel na mão, sabendo que não havia poder na terra ou no céu capaz de me levar até ele antes de meados de agosto.

CAPÍTULO IV

Quando a diligência me deixou com os outros passageiros em Florença e nos largou na hospedaria à beira do Arno, sentia-me como se tivesse passado uma vida inteira na estrada. Estava-se a 15 de agosto. Nenhum viajante terá ficado menos impressionado do que eu ao pisar pela primeira vez o continente da Europa. As estradas que atravessámos, as colinas e os vales, as cidades francesas ou italianas onde parávamos para passar a noite, tudo me parecia semelhante. Por toda a parte reinavam a sujidade e os parasitas, e o ruído era ensurdecador. Habitado ao silêncio de uma casa quase deserta — pois os criados dormiam numa ala própria por baixo da torre do relógio —, onde à noite não se ouvia outro som além do vento nas árvores e o fustigar da chuva quando batida de sudoeste, a algazarra e o turbilhão constantes das cidades estrangeiras atordoavam-me.

Dormia, sim — quem não dorme aos vinte e quatro anos, após longas horas de estrada? —, mas os meus sonhos eram povoados de inúmeros sons estranhos: portas a bater, vozes agudas, passos debaixo da janela, rodas de carruagens no pavimento empedrado, e sempre, a cada quarto de hora, o toque de um sino de igreja. Talvez se eu fosse ao estrangeiro com qualquer outro desígnio tivesse sido diferente. Então, de manhã, teria podido debruçar-me da minha janela com o coração mais leve, observar as crianças descalças a brincar na valeta e atirar-lhes moedas, escutar fascinado todos os novos sons e vozes, vaguear à noite pelas ruas estreitas e tortuosas e aprender a gostar delas. Assim, encarava o que via com uma indiferença que bordava a hostilidade. Precisava de chegar a Ambrose, e sabendo-o doente num país estrangeiro a minha ansiedade transformava-se em aversão a tudo o que era estrangeiro, até ao próprio solo.

Cada dia era mais quente que o anterior. O céu estava de um azul brilhante e duro, e a mim, percorrendo as curvas das poeirentas

estradas da Toscana, parecia-me que o sol sugara toda a humidade da terra. Os vales estavam castanhos como barro cozido, e as pequenas vilas, ressequidas e amarelecidas, agarravam-se às colinas envoltas na neblina do calor. Bois magros e ossudos arrastavam-se em busca de água, cabras roçavam-se pelas bermas, guardadas por crianças que soltavam gritos à passagem da diligência; na minha ansiedade e no meu receio por Ambrose, tinha a impressão de que todos os seres vivos deste país estavam sedentos e, não encontrando água, se deterioravam e morriam.

O meu primeiro instinto ao sair da carruagem em Florença, enquanto descarregavam a bagagem poeirenta e a levavam para o interior da hospedaria, foi atravessar a rua empedrada e abeirar-me do rio. Estava sujo e fatigado, coberto de pó dos pés à cabeça. Durante os dois últimos dias, para não morrer sufocado no interior da diligência, optara por viajar ao lado do cocheiro e, tal como os pobres animais ao longo do caminho, também eu ansiava por água. Tinha-a finalmente diante de mim. Não o estuário azul da minha terra, encrespado, salgado e fresco, fustigado de espuma marinha, mas um lento caudal túrgido, castanho como o seu leite, esvaindo-se exaurido sob os arcos da ponte, a sua superfície plana estalando em bolhas ocasionais. Este rio arrastava lixo, pedaços de palha e vegetação, mas, na minha imaginação febril de fadiga e sede, era algo para saborear, engolir, despejar pela garganta abaixo como se toma um trago de veneno.

Fiquei a contemplar a lentidão da água, fascinado, com o sol a bater na ponte, e subitamente, atrás de mim, na cidade, um grande sino bateu as quatro horas em tom profundo e solene. Responderam-lhe os sinos de outras igrejas, e o som misturou-se com as águas do rio, castanhas e lamacentas, a rolar sobre as pedras.

Aproximou-se de mim uma mulher, com uma criança chorosa ao colo e outra agarrada à saia rasgada, e estendeu-me a mão pedindo esmola, os olhos negros erguidos para os meus numa súplica. Dei-lhe uma moeda e virei-me, mas ela continuou a tocar-me no

cotovelo murmurando qualquer coisa, até um dos passageiros, que ainda se encontrava perto da carruagem, lhe atirar um jato de palavras em italiano, levando-a a recuar de novo para o canto da ponte de onde surgira. Era jovem, não mais de dezanove anos, mas a expressão acossada do seu rosto não tinha idade, como se ela possuísse no corpo leve uma alma velha que não podia morrer; desses dois olhos contemplavam-nos séculos, dir-se-ia que ela observava a vida há tanto tempo que se lhe tornara indiferente. Mais tarde, depois de ter subido para o quarto que me destinaram, saí para a pequena varanda debruçada sobre a praça e vi-a esgueirar-se por entre os cavalos e as *carrozzas* aí estacionados, furtiva como uma gata que se esquiva de noite, o ventre a rasar o solo.

Lavei-me e mudei de roupa, mergulhado numa estranha apatia. Agora que chegara ao fim da minha viagem, invadia-me uma espécie de torpor, e a pessoa que se metera ao caminho, excitada, cheia de energia e pronta para qualquer combate, deixara de existir. Em seu lugar encontrava-se um estranho, desanimado e exausto. A excitação há muito que se desvanecera. Até mesmo a realidade do pedaço de papel rasgado que tinha no bolso perdera a sua substância. Fora escrito há muitas semanas; entretanto muita coisa teria podido acontecer. Ela podia tê-lo levado de Florença; podiam ter partido para Roma ou Veneza, e eu via-me arrastado de novo para aquela pesada diligência, a seguir-lhes o rasto. Percorrendo aos solavancos cidade atrás de cidade, atravessando de lés a lés aquele malfadado país sem nunca os encontrar, sempre vencido pelo tempo e pelas estradas poeirentas e quentes.

E tudo aquilo poderia também não passar de um erro, as cartas escritas como uma louca brincadeira, uma dessas partidas que Ambrose apreciava antigamente, quando eu, criança, caía nas ratoeiras armadas por ele. Talvez ao entrar na *villa* o fosse encontrar numa celebração, presidindo a um jantar, com convidados, luzes, música; e eu seria introduzido no meio deles sem uma desculpa para a minha presença, sob o olhar atónito de Ambrose, naturalmente de perfeita saúde.

Desci para a praça. As *carrozzas* que ali aguardavam tinham partido todas. Acabara a hora da sesta e as ruas achavam-se de novo apinhadas. Embrenhei-me nelas e perdi-me imediatamente. À minha volta estendiam-se pátios e becos escuros, casas altas apertadas umas contra as outras, varandas salientes. Enquanto eu caminhava em frente, dobrava esquinas e refazia o mesmo caminho, rostos espreitavam-me dos portais, figuras de passantes detinham-se e fixavam-me, todos eles com aquele mesmo olhar de sofrimento secular e paixão há muito extinta que notara primeiro na mendiga. Alguns seguiam-me falando baixinho, como ela fizera, de mão estendida, e quando, lembrando-me do meu companheiro de diligência, eu lhes falava asperamente, eles recuavam, cosendo-se às paredes das casas altas, e viam-me passar com um estranho orgulho reprimido. Os sinos das igrejas recomeçaram o seu clamor, e eu desemboquei numa grande *piazza* apinhada, onde as pessoas aglomeradas em grupos conversavam e gesticulavam, sem ligação, pareceu aos meus olhos estrangeiros, com os edifícios austeros e belos que rodeavam a praça, nem com as estátuas que os fitavam de longe com os seus olhos cegos, nem com o som dos sinos que ressoava sonoro e profético pelos céus.

Mandei parar uma *carrozza* que passava e quando indiquei, hesitante, «Villa Sangalletti», o cocheiro respondeu algo que não compreendi, mas onde apanhei a palavra «Fiesole», acompanhada de um aceno de cabeça e de um gesto do chicote em direção ao horizonte. Seguimos pelas estreitas ruas apinhadas, com ele a gritar ao cavalo, agitando as rédeas, as pessoas afastando-se à nossa passagem. Os sinos calaram-se, mas o eco parecia ainda soar aos meus ouvidos, solene, sonoro, dobrando não pela minha missão, insignificante, nem pelas vidas da gente nas ruas, mas pelas almas de homens e mulheres há muito falecidos, e pela eternidade.

Subimos uma longa rua tortuosa rumo às colinas distantes, deixando Florença para trás. Os edifícios foram diminuindo. Ali reinava a paz, o silêncio, e o sol abrasador, que todo o dia se abatera sobre a cidade de um céu ofuscante, suavizou-se de

repente, adoçou. O clarão deslumbrante esbateu-se. As casas amarelas, as paredes amarelas, até o próprio pó castanho pareciam menos ressequidos do que antes. As casas recuperaram as suas cores, desmaiadas talvez, fanadas, mas com um reflexo mais suave, agora que o auge do brilho solar empalidecia. Os ciprestes, amortalhados e imóveis, coloriram-se de um verde muito carregado.

O cocheiro parou a *carrozza* diante de um portão fechado encastrado num grande muro alto. Virou-se no assento e olhou-me por cima do ombro. — Villa Sangalletti — anunciou ele. O término da minha viagem.

Fiz-lhe sinal para me esperar, desci, aproximei-me do portão e puxei a sineta que pendia do muro. Ouvia-a tilintar do outro lado. O meu cocheiro levou o cavalo para a beira da estrada e, descendo do seu lugar, plantou-se perto da valeta, abanando-se com o chapéu para afastar as moscas da cara. O cavalo, pobre besta faminta, baixou a cabeça entre os varais; após a dura subida não lhe restavam forças para mordiscar a erva na borda do caminho, e dormitava, sacudindo as orelhas. Não se ouvia um som do outro lado, e toquei de novo a sineta. Dessa vez distingi o ladrar abafado de um cão, que se tornou de repente mais forte ao abrir-se uma porta; a voz aguda e irritada de uma mulher mandou calar o choro rabugento de uma criança, e ouvi passos aproximarem-se dos portões. O ruído surdo de ferrolhos corridos, e depois o ranger do próprio portão roçando na pedra ao abrir-se. Uma camponesa observava-me. Avancei para ela e disse: — Villa Sangalletti? *Signor Ashley*?

O cão, acorrentado no interior do chalé que a mulher habitava, ladrou mais furiosamente. À minha frente estendia-se uma alameda, no fim da qual avistei a *villa*, de persianas cerradas, sem vida. A mulher fez menção de me fechar o portão na cara; o cão continuava a ladrar e a criança chorava. A mulher tinha uma das faces inchada, como que por um problema de dentes, e mantinha-a apertada com a borda do xale para apaziguar a dor.

Passei por ela e transpus o portão, repetindo as palavras «*Signor Ashley*». Desta vez, ela teve um ligeiro sobressalto, como se acabasse de ver as minhas feições, e começou a falar rapidamente, com uma espécie de agitação nervosa, gesticulando em direção à *villa*. Depois virou-se vivamente para o chalé e chamou alguém. Um homem, certamente o marido, surgiu na ombreira da porta aberta, com uma criança ao ombro. Mandou calar o cão e dirigiu-se para mim a interrogar a mulher. Ela continuou a derramar uma torrente de frases, desta vez para o marido, e eu apanhei as palavras «*Ashley*», depois «*inglês*», e foi então a vez de ele se voltar e me fitar. Tinha melhor aspeto do que a mulher, mais limpo, de olhar franco, e, enquanto me contemplava, uma expressão de profundo pesar ensombrou o seu rosto e ele murmurou algumas palavras à mulher, que recuou com a criança para a entrada da porta, onde ficou a observar-nos, o xale sempre comprimido contra a face inchada.

— Eu falo um pouco de inglês, *signore* — disse ele. — Em que posso ajudá-lo?

— Venho ver Mr. Ashley — respondi eu. — Mrs. Ashley e ele estão na *villa*?

A sua expressão de pesar acentuou-se. Engoliu nervosamente. — É filho de Mr. Ashley, *signore*? — indagou.

— Não — retorqui, já impaciente —, sou primo. Eles estão em casa?

O homem abanou a cabeça com ar perturbado. — Então o *signore* vem de Inglaterra e não sabe a notícia? O que posso eu dizer? É muito triste, não sei o que dizer. O *signor Ashley*, ele morreu há três semanas. Muito súbito. Muito triste. Logo que ele está enterrado, a *contessa* ela fechou a *villa*, ela partiu. Quase duas semanas que ela partiu. Não sabemos se ela vai voltar.

O cão recomeçou a ladrar e ele virou-se para o aquietar.

Senti a cor abandonar-me o rosto. Permaneci imóvel, petrificado. O homem observava-me com piedade, e disse algo para a mulher, que avançou arrastando um banco. Ele colocou-o a meu lado.

— Sente-se, *signore*. Tenho pena. Muita pena.

Abanei a cabeça. Não conseguia falar. Não havia nada que eu pudesse dizer. O homem, perturbado, dirigiu-se à mulher em tom brusco para acalmar a emoção. Depois, dirigiu-se de novo a mim: — *Signore*, se quiser ir à *villa*, eu abro-a. Pode ver onde o *signor* Ashley morreu. — A mim, pouco me importava onde ia ou o que fazia. Tinha a mente ainda demasiado entorpecida para me concentrar. Ele começou a subir a alameda tirando um molho de chaves do bolso, e eu acompanhei-o, as pernas de súbito pesadas como chumbo. A mulher e a criança seguiram-nos.

Os ciprestes cerravam-se diante de nós, e a *villa* de persianas fechadas aguardava-nos no cimo, como um sepulcro. Quando nos aproximámos, vi que era grande, com muitas janelas, todas vazias e fechadas, e que diante da fachada a alameda se alargava formando um círculo para as carruagens darem a volta. Entre os ciprestes erguiam-se estátuas nos seus pedestais. O homem abriu a enorme porta com a sua chave e convidou-me a entrar. A mulher e a criança entraram igualmente, e começaram a abrir as persianas, deixando penetrar a luz do dia no vestíbulo silencioso. Passaram à minha frente, precedendo-me de sala em sala, sempre abrindo as persianas, crentes, na sua bondade, que assim faziam qualquer coisa para mitigar a minha dor. As salas sucediam-se, amplas e pouco mobiladas, com frescos nos tetos e solos de lajes; o ar era pesado, cheirando ao mofo dos séculos. Em algumas salas as paredes estavam nuas, noutras cobertas de tapeçarias, e numa outra, mais sombria e opressiva do que o resto, havia uma longa mesa de refeitório flanqueada por cadeiras monásticas de talha, com enormes candelabros de ferro forjado em cada extremidade.

— A Villa Sangalletti muito bela, *signore*, muito antiga — disse o homem. — O *signor* Ashley, é aqui que ele se sentava quando o sol era demasiado forte para ele lá fora. Esta era a sua cadeira.

Apontou, quase com reverência, para uma cadeira de costas altas ao lado da mesa. Eu observava-o como num sonho. Nada daquilo tinha o timbre da realidade. Não conseguia imaginar

Ambrose naquela casa, naquela sala. Ele nunca poderia ter circulado ali com o seu passo familiar, assobiando, conversando, atirando a bengala para o chão ao lado daquela cadeira, daquela mesa. Sem desfalecimento, monotonamente, o par continuou a abrir persianas por toda a sala. Lá fora havia um pequeno pátio, uma espécie de claustro quadrangular, a céu aberto mas abrigado do sol. No centro erguia-se uma fonte com uma estátua de bronze representando um adolescente com uma concha entre as mãos. Para lá da fonte, entre as pedras do pavimento, crescia um laburno formando um dossel de verdura. As flores douradas há muito que haviam murchado, e agora as sementes juncavam o chão, cinzentas e cobertas de pó. O homem segredou algo à mulher, que foi até a um canto do pátio e abriu uma torneira. Lentamente, suavemente, a água começou a correr da concha entre as mãos do rapaz de bronze, indo tombar, espadanando, no lago a seus pés.

— O *signor* Ashley — continuou o homem —, ele sentava-se aqui todos os dias, a olhar para a fonte. Ele gostava de ver a água. Ele sentava-se ali, debaixo da árvore. É muito bela na primavera. A *contessa*, ela falava-lhe do seu quarto lá em cima.

Apontou para as colunas de pedra da balaustrada. A mulher desapareceu no interior da casa para reaparecer instantes depois na varanda que ele apontara, cujas persianas abrira. A água continuava a gotejar da concha. Nunca depressa, nunca em caudal, apenas salpicando mansamente o pequeno lago.

— No verão, sempre eles se sentam aqui — prosseguiu o homem —, o *signor* Ashley e a *contessa*. Eles tomam refeições, eles ouvem a fonte. Eu sirvo eles, compreende. Eu trago duas bandejas e pouso-as aqui, nesta mesa. — Indicou a mesa de pedra e duas cadeiras. — Eles tomam a tisana aqui depois do jantar — continuou —, todos os dias, sempre o mesmo.

Deteve-se e tocou na cadeira com a mão. Apoderou-se de mim uma enorme opressão. Estava fresco no pátio, quase o frio de um túmulo, e contudo o ar mantinha-se estagnado como nas salas fechadas antes de ele ter aberto as persianas.

Recordei Ambrose como ele fora em casa. No verão, passeava-se pelos campos sem casaco, um velho chapéu de palha na cabeça para se proteger do sol. Revi o chapéu inclinado sobre o rosto, e reví-o a ele, as mangas da camisa enroladas acima do cotovelo, de pé no barco, apontando para qualquer coisa lá longe, ao largo. Recordei-me da maneira como ele se inclinava e me puxava para bordo com os seus longos braços quando eu o acompanhava a nado.

— Sim — disse o homem, como que falando para consigo —, o *signor* Ashley sentava-se na cadeira aqui, a olhar a água.

A mulher regressou, atravessou o pátio e fechou a torneira. O gotejar cessou. O adolescente de bronze olhava para a sua concha vazia. Tudo estava silencioso, imóvel. A criança, que contemplara a fonte de olhos arregalados, curvou-se de súbito para o chão e começou a vasculhar entre as pedras, apanhando as vagens de laburno com as pequeninas mãos para as atirar ao lago. A mulher ralhou-lhe empurrando-a de novo para a parede e, pegando numa vassoura que aí se encontrava, começou a varrer o pátio. Os seus gestos quebraram o silêncio e o marido tocou-me no braço.

— Quer ver o quarto onde o *signore* morreu? — indagou docemente.

Sempre possuído pelo mesmo sentido de irrealidade, segui-o pelas amplas escadas até ao patamar de cima. Passámos por quartos ainda mais escassamente mobilados do que as salas do rés do chão; um deles, virado a norte sobre a avenida de ciprestes, era simples e despojado como uma cela monástica. Um simples leito de ferro encostado à parede. Um cântaro, um jarro para água e, ao lado da cama, um biombo. Por cima da lareira pendiam tapeçarias e, num nicho na parede, a pequena estátua de uma madona ajoelhada, de mãos erguidas numa prece.

Observei o leito. Os cobertores encontravam-se cuidadosamente dobrados aos pés; à cabeça, duas almofadas, sem fronhas, uma sobre a outra.

— O fim foi muito súbito, compreende — recomeçou o homem, em voz abafada. — Ele estava fraco, sim, muito fraco da febre, mas ainda no dia anterior se tinha arrastado até lá abaixo para se sentar junto à fonte. Não, não, disse a *contessa*, vai ficar mais doente, tem de descansar, mas ele é muito obstinado, ele não quer escutar. E há o vai e vem dos médicos a toda a hora. O *signor* Rainaldi, ele também cá está, a falar, a convencer, mas nunca ele escuta, ele grita, ele fica violento, e depois, como uma criança pequena, cala-se. Dá pena ver um homem forte assim. Então, de madrugada, a *contessa* ela vem a correr ao meu quarto e chama-me. Eu estava a dormir na casa, *signore*. Ela diz, a cara branca como esta parede: «Ele está a morrer, Giuseppe, eu sei, ele está a morrer», e eu sigo-a até ao quarto dele e ele está lá, deitado na sua cama, os olhos fechados, ainda a respirar, mas pesadamente, compreende, não é um sono natural. Mandamos chamar o doutor, mas o *signor* Ashley ele não acorda mais, era o coma, o sono da morte. Eu mesmo acendo as velas com a *contessa* e depois de as freiras saírem, eu venho para o ver. Toda a violência desapareceu, ele tem a cara tranquila. Gostava que o tivesse visto, *signore*.

Havia lágrimas nos olhos do homem. Desviei os meus e fitei de novo a cama vazia. Não sentia nada. O entorpecimento desaparecera, deixando-me frio e duro.

— O que quer dizer com «violência»? — perguntei.

— A violência que vinha com a febre — explicou o homem. — Duas, três vezes tinha de o prender na cama depois dos seus ataques. E com a violência, vinha a fraqueza, aqui dentro. — Levou a mão ao estômago. — Sofria muito com as dores. E quando as dores se iam, ele ficava confuso e pesado, e não sabia o que dizia. Digo-lhe, *signore*, fazia pena. Pena ver um homem grande como ele naquele estado.

Virei costas àquele quarto nu como um túmulo vazio e ouvi o homem voltar a fechar as persianas e a porta. — Por que motivo não se fez nada? — indaguei eu. — Os médicos não podiam aliviar as dores? E Mrs. Ashley deixou-o simplesmente morrer assim?

Ele pareceu perplexo. — Por favor, *signore*.

— Que doença era essa, quanto tempo durou? — insisti eu.

— Como eu disse, muito rápida no fim — respondeu o homem —, mas um, dois ataques antes disso. E todo o inverno o *signore* não muito bem, a modos que triste, não era ele mesmo. Muito diferente do ano antes. Quando o *signor* Ashley vem pela primeira vez à *villa*, ele muito feliz, alegre.

Continuou a abrir mais janelas à medida que falava, e saímos para um grande terraço ornamentado aqui e além com estátuas. No extremo, uma longa balaustrada de pedra. Atravessámos o terraço até lá, e ficámos encostados à balaustrada contemplando um jardim mais baixo, clássico e bem aparado, de onde subia o perfume de rosas e jasmims de verão; e ao longe erguia-se mais uma fonte, e outra ainda, com amplos degraus de pedra ligando os jardins que desciam, terraço a terraço, até encontrarem na extremidade o mesmo alto muro de pedra flanqueado por ciprestes que rodeava toda a propriedade.

Estávamos virados para oeste, e o sol-poente refletia-se no terraço e nos jardins silenciosos; até as estátuas estavam envoltas numa luz rosada, e pareceu-me, ali de pé com a mão na balaustrada, que baixara sobre aquele local uma estranha serenidade que não existia antes.

A pedra ainda estava quente sob a minha mão. De uma fenda saiu um lagarto que se escapou para o muro lá em baixo.

— Numa noite serena — disse o homem, que, talvez por deferência, se mantivera um ou dois passos atrás de mim — é muito belo, *signore*, aqui nos jardins da Villa Sangalletti. Às vezes, a *contessa* dava ordem para abrir as fontes e na lua cheia ela e o *signor* Ashley vinham aqui para o terraço depois do jantar. No ano passado, antes da doença dele.

Eu continuava a contemplar as fontes e os seus lagos salpicados de nenúfares.

— Eu penso — prosseguiu o homem lentamente — que a *contessa* não vai voltar nunca. Demasiado triste para ela.

Demasiadas recordações. O *signor* Rainaldi dizer que a *villa* é para alugar, talvez vender.

Estas palavras trouxeram-me bruscamente de volta à realidade. O encantamento do jardim silencioso dominara-me apenas um instante com o perfume das rosas e o reflexo do sol-poente, mas desfizera-se de imediato.

— Quem é o *signor* Rainaldi? — quis saber.

Virei-me para a fachada da *villa* e o homem acompanhou-me. — O *signor* Rainaldi ele trata de tudo para a *contessa* — respondeu —, assuntos de negócios, assuntos de dinheiro, muitas coisas. Ele conhece a *contessa* há muito tempo. — Franziu a testa e fez um gesto com a mão para a mulher, que avançava pelo terraço com a criança ao colo. Aquela visão ofendia-o: não era correto andarem por ali. Ela desapareceu no interior da *villa* e começou a fechar persianas.

— Quero ver o *signor* Rainaldi — disse eu.

— Eu dou-lhe a sua morada. Ele fala inglês muito bem — respondeu o homem.

Reentrámos na *villa* e, à medida que eu ia passando pelas salas até ao vestíbulo, as persianas fechavam-se uma a uma atrás de mim. Apalpei os bolsos à procura de trocos. Eu poderia ser qualquer pessoa, um viajante indiferente visitando a *villa* por pura curiosidade, ou com intuito de a comprar. Mas não era eu. Não eu a olhar assim pela primeira e última vez o lugar onde Ambrose vivera e morrera.

— Obrigado por tudo o que fez por Mr. Ashley — agradei, metendo algumas moedas na mão do homem.

Uma vez mais os seus olhos rasaram-se de lágrimas. — Tenho tanta pena, *signore*, tanta pena.

Fecharam-se as últimas persianas. A mulher e a criança pararam ao nosso lado no vestíbulo, e a arcada que conduzia às salas vazias e à escadaria ficou de novo escura, como a entrada para uma câmara mortuária.

— O que é feito da roupa dele — perguntei eu —, dos seus objetos pessoais, dos seus livros, dos seus papéis?

O homem pareceu perturbado. Virou-se para a mulher e falaram um instante. Trocaram-se perguntas e respostas. A mulher encolheu os ombros, de rosto inexpressivo.

— *Signore* — disse o homem —, a minha mulher ajudou a *contessa* quando ela partiu. Mas ela diz que a *contessa* levar tudo. Toda a roupa do *signor* Ashley metida num grande baú, todos os seus livros, tudo embalado. Não ficar aqui nada.

Fitei-os bem nos olhos e eles não desviaram os seus. Compreendi que falavam verdade. — E não fazem ideia de para onde foi Mrs. Ashley?

O homem abanou a cabeça. — Ela deixar Florença, é tudo o que sabemos — respondeu. — No dia a seguir ao funeral, a *contessa* partiu.

Abriu a pesada porta de entrada e eu saí.

— Onde está ele enterrado? — perguntei eu, indiferente, um estranho.

— Em Florença, *signore*, no novo cemitério protestante. Muitos ingleses lá enterrados. O *signor* Ashley, ele não está sozinho.

Ele parecia querer assegurar-me que Ambrose teria companhia, e que no mundo sombrio para lá do túmulo os seus compatriotas lhe trariam algum consolo.

Pela primeira vez não consegui aguentar o olhar do homem; parecia-se demasiado com o de um cão, franco e dedicado.

Afastava-me já quando ouvi a mulher soltar uma exclamação e, antes de o homem ter tempo de fechar a porta, ela entrou a correr na *villa* e abriu uma grande arca de carvalho que se achava encostada à parede. Regressou empunhando um objeto que entregou ao marido e que ele, por sua vez, me estendeu a mim. O seu rosto contraído serenou, distendendo-se de alívio.

— A *contessa* — disse ele —, ela esqueceu uma coisa. Leve-o consigo, *signore*, é só para si.

Era o chapéu de Ambrose, um chapéu deformado, de abas largas, que ele usava na nossa propriedade para se proteger do sol. Nunca ficaria bem a outro homem, era demasiado grande. Enquanto o virava e revirava entre as mãos, senti o olhar ansioso deles posto em mim, aguardando que eu dissesse alguma coisa.

CAPÍTULO V

Não recordo nada do meu regresso a Florença, exceto que o Sol se pusera e escurecia rapidamente. Ali não havia o crepúsculo como o conhecíamos na pátria. Das valetas que ladeavam a estrada, insetos, grilos talvez, começavam as suas melopeias monótonas, e de vez em quando passavam por nós camponeses descalços com cestos às costas.

Ao entrar na cidade deixámos para trás o ar mais fresco e puro das colinas adjacentes, e reencontrámos não a canícula do dia, escaldante e branca de poeira, mas o bafo pesado e estagnado da noite, demasiadas horas encerrado nas paredes e telhados das casas. A lassidão do meio-dia e a atividade das horas entre a sesta e o pôr do Sol haviam dado lugar a uma animação mais intensa, mais viva, mais nervosa. Os homens e as mulheres que enchiam as *piazzas* e as ruas estreitas caminhavam com outra energia, como se todo o dia tivessem estado escondidos, adormecidos nas suas casas silenciosas, e saíssem agora à laia de gatos explorando a cidade em busca de presas. As bancas de mercado, iluminadas por tochas e velas, achavam-se rodeadas de clientes que manuseavam com gestos experientes os artigos expostos. Mulheres envoltas em xales acotovelavam-se, conversavam, discutiam, e os vendedores gritavam os seus pregões para se fazerem ouvir. Os sinos recomeçaram a tocar, e dessa vez pareceu-me que o seu clamor era mais pessoal. As portas das igrejas escancararam-se deixando ver o clarão dos círios no seu interior e os grupos desfizeram-se um pouco, enquanto as pessoas dispersavam para entrar, acorrendo ao chamamento dos sinos.

Paguei ao meu cocheiro na *piazza* em frente da catedral, e o som do grande sino, imperioso, insistente, soava como um desafio no ar parado e opressivo. Mal me dando conta do que fazia, segui as pessoas que entravam na catedral e, esforçando os olhos na penumbra, detive-me um momento junto a uma coluna. A meu lado,

um velho camponês aleijado apoiava-se a uma muleta. Virou para o altar um olho cego, os lábios movendo-se, as mãos trémulas, enquanto à minha volta se ajoelhavam mulheres, resguardadas pelos seus xales, entoando resposos com vozes agudas, as mãos deformadas percorrendo as contas dos rosários.

Eu conservava o chapéu de Ambrose na mão esquerda, e ali de pé, na imensa catedral, reduzido à minha insignificância, estrangeiro nessa cidade feita de uma beleza fria e sangue derramado, vendo os gestos de obediência do padre em frente ao altar, ouvindo os seus lábios entoar palavras seculares e solenes que eu não compreendia, tive de súbito consciência aguda de toda a dimensão da minha perda. Ambrose morrera. Nunca mais o veria. Fora-me arrebatado para sempre. Nunca mais aquele sorriso, aquela risada, aquelas mãos nos meus ombros. Nunca mais a sua força, a sua compreensão. Nunca mais essa figura conhecida, respeitada e amada, curvada na sua poltrona da biblioteca, ou de pé, apoiada na sua bengala, contemplando o mar. Pensei no quarto nu onde ele morrera, na Villa Sangalletti, e na madona no seu nicho, e algo me disse que no momento da partida ele já não fazia parte desse quarto, dessa casa, ou deste país, mas que o seu espírito regressara aonde pertencia, para estar entre as suas colinas e os seus bosques, no jardim que ele amava e de onde ouvia o mar.

Dei meia-volta e saí da catedral para a *piazza*. Erguendo os olhos para aquele enorme domo e a torre a meu lado, remota e esbelta, recortada contra o céu, lembrei-me pela primeira vez, com a súbita consciência que se segue a um grande choque, que não comera nada em todo o dia. Afastei os meus pensamentos dos mortos e regressei ao mundo dos vivos. E, tendo descoberto onde comer e beber perto da catedral, parti, com a fome satisfeita, à procura do *signor* Rainaldi. Na *villa*, aquele bom servidor escrevera-me o seu endereço, e, após ter perguntado o caminho uma ou duas vezes, apontando para o pedaço de papel e debatendo-me desajeitadamente com a minha pronúncia, encontrei a sua casa, do outro lado da ponte perto da minha hospedaria, na margem

esquerda do Arno. Aquela margem do rio era mais sombria e silenciosa do que o coração de Florença. Havia pouca gente nas ruas. As portas estavam fechadas e as persianas cerradas. Até os meus passos ressoavam nas pedras do pavimento.

Cheguei enfim à casa indicada e toquei. Passado um momento, um criado abriu a porta e, sem me perguntar o nome, conduziu-me escada acima e ao longo de um corredor, e, depois de bater a uma porta, introduziu-me numa sala. Pestanejei face à luz súbita, e vi um homem sentado numa cadeira ao lado de uma mesa, folheando uma pilha de papéis. Levantou-se à minha entrada e olhou-me fixamente. Era pouco mais baixo do que eu, e teria os seus quarenta anos, de rosto pálido, quase lívido, e feições aquilinas. Havia algo de orgulhoso, de desdenhoso na sua atitude, e deu-me a sensação de ser alguém sem paciência para idiotas, nem piedade para inimigos; mas creio que reparei principalmente nos olhos, escuros e encovados, que ao avistarem-me se iluminaram com um relâmpago de reconhecimento imediatamente desvanecido.

— *Signor* Rainaldi? — perguntei. — Chamo-me Ashley. Philip Ashley.

— Sim — disse ele —, faça favor de se sentar.

A sua voz era dura e fria, e a pronúncia italiana era pouco marcada. Empurrou uma cadeira na minha direção.

— Está decerto surpreendido por me ver. — Proferi, observando-o atentamente. — Não me sabia em Florença?

— Não — respondeu ele. — Não sabia que cá se encontrava.

Havia uma certa reserva nas suas palavras, mas talvez isso se devesse ao facto de não dominar bem o inglês e ser obrigado a falar com cuidado.

— Sabe quem sou? — indaguei eu.

— Creio conhecer com exatidão o parentesco — disse ele. — O senhor é primo ou sobrinho do falecido Ambrose Ashley, não é?

— Primo — retorqui eu —, e herdeiro.

Ele tomou entre os dedos uma caneta e bateu com ela na mesa, como se procurasse ganhar tempo, ou apenas como distração.

— Estive na Villa Sangalletti — continuei eu —, vi o quarto onde ele morreu. O criado, Giuseppe, foi muito atencioso. Forneceu-me todos os pormenores, mas dirigiu-me para si.

Seria imaginação ou terei visto velarem-se aqueles olhos sombrios?

— Há quanto tempo está em Florença? — perguntou ele.

— Há algumas horas. Desde esta tarde.

— O senhor só chegou hoje? Então a sua prima Rachel não o viu. — A mão que segurava a caneta descontraiu-se.

— Não — confirmei eu —, o criado da *villa* deu-me a entender que ela saíra de Florença no dia seguinte ao funeral.

— Ela saiu da Villa Sangalletti — retificou ele —, mas não de Florença.

— Então ela ainda cá está, na cidade?

— Não, não, agora já partiu. Ela quer que eu alugue a *villa*. Que a venda, talvez.

A sua atitude era estranhamente hirta e inflexível, como se cada informação que me dava precisasse primeiro de ser examinada e ponderada mentalmente.

— Sabe onde está ela agora? — indaguei.

— Infelizmente, não — respondeu ele. — Ela partiu muito de repente, não fizera planos. Disse que me escreveria quando tivesse tomado uma decisão quanto ao futuro.

— Está talvez em casa de amigos? — arrisquei eu.

— Talvez — disse ele. — Mas não creio.

Tive a sensação de que nesse mesmo dia, ou na véspera, ela se encontrara com ele naquela sala e que ele sabia bastante mais do que admitia.

— Deve compreender, *signor* Rainaldi — retomei eu —, que tomar de súbito conhecimento da morte do meu primo pela boca de criados foi para mim um grande choque. Tudo isto se assemelha a um pesadelo. O que aconteceu? Por que motivo não fui informado de que ele estava doente?

Ele observou-me atentamente, sem despegar os olhos do meu rosto. — A morte do seu primo também foi súbita, foi um grande choque para todos nós. Ele estivera doente, sim, mas nada de perigoso, pensámos. A febre vulgar, que ataca muitos estrangeiros aqui no verão, enfraquecera-o um pouco e ele queixava-se igualmente de violentas dores de cabeça. A *contessa* (deveria dizer Mrs. Ashley) inquietava-se muito, mas ele não era um doente fácil. Antipatizou de imediato com os nossos médicos, sem que se conseguisse perceber a razão. Mrs. Ashley esperava melhoras todos os dias, e decerto não desejava preocupá-lo nem aos seus amigos em Inglaterra.

— Mas nós andávamos preocupados — contrapus eu —, foi por isso que vim a Florença. Recebi estas cartas dele.

Era talvez um gesto ousado e imprudente, mas pouco me importava. Estendi-lhe por cima da mesa as duas últimas cartas que Ambrose me escrevera. Rainaldi leu-as atentamente, sem mudar de expressão, e depois devolveu-mas.

— Sim — proferiu numa voz muito calma, sem sinais de surpresa —, Mrs. Ashley receava que ele pudesse ter escrito algo desse género. Só no decurso das últimas semanas, quando ele se tornou tão reservado e bizarro, é que os médicos recearam o pior e a avisaram.

— Avisaram-na? — interroguei eu. — Avisaram-na de quê?

— De que podia haver alguma coisa a comprimir-lhe o cérebro — respondeu ele —, um tumor a aumentar rapidamente de tamanho, o que explicaria o seu estado.

Invadiu-me um sentimento de desespero. Um tumor? Então a suspeita do meu padrinho fora afinal acertada. Primeiro o tio Philip, depois Ambrose. E todavia... Por que razão aquele italiano observava assim os meus olhos?

— Os médicos afirmaram que foi um tumor que o matou?

— Indiscutivelmente — retorquiu ele. — Isso e um certo recrudescimento da fraqueza que se seguiu à febre. Estavam presentes

dois médicos. O meu e outro. Posso mandar chamá-los e far-lhes-á todas as perguntas que entender. Um deles fala um pouco de inglês.

— Não — disse eu lentamente —, não, não é necessário.

Rainaldi abriu uma gaveta e tirou de lá um bocado de papel.

— Tenho aqui uma cópia da certidão de óbito assinada por ambos. Leia-a. Já lhe foi enviada uma cópia para a Cornualha, e outra ao testamenteiro do seu primo, Mr. Nicholas Kendall, para perto de Lostwithiel, na Cornualha.

Olhei para a certidão sem me dar ao trabalho de a ler.

— Como é que soube que Nicholas Kendall é o testamenteiro do meu primo? — perguntei.

— Porque o seu primo Ambrose tinha com ele uma cópia do seu testamento — respondeu o *signor* Rainaldi. — Li-o várias vezes.

— O senhor leu o testamento do meu primo? — repeti eu, incrédulo.

— Naturalmente — retorquiu ele. — Sendo eu próprio mandatário da *contessa*, de Mrs. Ashley, competia-me ver o testamento do seu marido. Não há nisso nada de estranho. Foi o seu primo mesmo que me mostrou o testamento, pouco depois de se terem casado. De facto, possuo até uma cópia dele. Mas não me compete mostrar-lha. Isso compete ao seu tutor, Mr. Kendall, que sem dúvida o fará quando o senhor regressar.

Ele sabia que o meu padrinho era igualmente o meu tutor, coisa que eu próprio ignorava. A menos que se enganasse. Decerto nenhum homem possui um tutor depois dos vinte e um

anos, e eu tinha vinte e quatro. Mas isso não importava. O que importava era Ambrose e a sua doença, Ambrose e a sua morte.

— Estas duas cartas — insisti obstinadamente — não são cartas de um homem doente, de uma pessoa doente. São cartas de um homem que tem inimigos, que está rodeado de pessoas em quem não pode confiar.

O *signor* Rainaldi olhou-me fixamente.

— São cartas de um homem com uma doença mental, Mr. Ashley — respondeu ele. — Perdoe-me a rudeza, mas eu vi-o nessas

derradeiras semanas, e o senhor não. Não foi uma experiência agradável para nenhum de nós, e muito menos para a esposa. Vê o que ele diz na primeira carta, que ela não o abandonava. Posso confirmar isso. Não o deixava nem de dia nem de noite. Outra mulher teria chamado freiras para cuidar dele. Ela tratou-o sozinha, não se poupou a nada.

— E, contudo, isso não o ajudou — contrapuz eu. — Veja as cartas, esta última linha: «Ela aniquilou-me finalmente, Rachel meu tormento.» Como explica isto, *signor* Rainaldi?

Suponho que o nervosismo me terá feito elevar a voz. Ele levantou-se da cadeira e puxou uma campainha. Quando o criado apareceu, deu-lhe uma ordem e o homem regressou com um copo, vinho e água. Rainaldi serviu-me, mas eu não aceitei.

— Então? — insisti.

Ele não voltou a sentar-se. Dirigiu-se a um lado da sala onde a parede estava coberta de livros e tirou um volume.

— Acaso estudou algo da história da medicina, Mr. Ashley? — perguntou.

— Não.

— Encontrará aqui — disse ele — a informação que procura, ou então pode interrogar os médicos, cujo endereço lhe darei de bom grado. Há uma doença específica do cérebro, presente principalmente quando existe uma excrescência ou tumor, em que o paciente é acometido por delírios. Imagina, por exemplo, que o vigiam. Que a pessoa que lhe é mais próxima, como uma esposa, se virou contra ele, ou lhe é infiel, ou procura apoderar-se do seu dinheiro. Não há amor nem persuasão capaz de afastar esta suspeita uma vez instalada. Se não acredita em mim, nem nos médicos de cá, pergunte a compatriotas seus, ou leia este livro.

Como ele se mostrava plausível, como estava frio e seguro de si. Pensei em Ambrose deitado naquele leito de ferro na Villa Sangalletti, torturado, confuso, com aquele homem a observá-lo, a analisar os seus sintomas um a um, vigiando-o talvez de trás

daquele biombo de três folhas. Não sabia se Rainaldi tinha ou não razão. A única coisa que sabia era que o odiava.

— Por que motivo não me chamou ela? — persisti. — Se Ambrose perdera a confiança nela, por que motivo não me chamou? Eu era quem melhor o conhecia.

Rainaldi fechou bruscamente o livro e voltou a colocá-lo na prateleira.

— O senhor é muito jovem, não é, Mr. Ashley? — comentou ele.

Fitei-o sem perceber onde queria chegar.

— O que quer dizer com isso? — perguntei.

— Uma mulher de sentimentos não cede facilmente o seu lugar — disse ele. — Pode chamar-lhe orgulho, ou tenacidade, o que quiser. Apesar de toda a evidência em contrário, as suas emoções são mais primitivas do que as nossas. Elas agarram-se ao que desejam, e nunca o entregam. Nós temos as nossas guerras e batalhas, Mr. Ashley. Mas as mulheres também sabem lutar.

Fitava-me, com os seus frios olhos encovados, e compreendi que não tinha mais nada a dizer-lhe.

— Se eu aqui estivesse — rematei —, ele não teria morrido.

Levantei-me e dirigi-me para a porta. Rainaldi voltou a tocar a campainha e o criado apareceu para me acompanhar à saída.

— Escrevi ao seu tutor, Mr. Kendall — disse ele. — Expliquei-lhe, muito pormenorizadamente, tudo o que aconteceu. Posso fazer mais alguma coisa por si? Ficarà muito tempo em Florença?

— Não — respondi —, por que razão havia de ficar? Nada me prende aqui.

— Se desejar ver a campa — ofereceu-se ele —, dou-lhe um bilhete para o guarda do cemitério protestante. O local é muito simples. Ainda não tem pedra tumular, evidentemente. Será colocada uma em breve.

Virou-se para a mesa e rabiscou um bilhete que me estendeu.

— O que será gravado na pedra? — quis eu saber.

Ele fez uma pausa, como que a refletir, enquanto o criado, que aguardava junto da porta aberta, me entregava o chapéu de

Ambrose.

— Creio — disse ele — que as minhas instruções eram para gravar «Em memória de Ambrose Ashley, esposo adorado de Rachel Coryn Ashley», e depois, naturalmente, a data.

Nesse momento compreendi que não desejava ir ao cemitério nem visitar a campa. Que não desejava ver o local onde eles o tinham enterrado. Podiam erguer-lhe a pedra, e mais tarde levar-lhe flores se quisessem, mas Ambrose nunca o saberia nem lhe interessaria. Ele estaria comigo nessas terras de oeste, sob o seu próprio solo, na sua própria pátria.

— Quando Mrs. Ashley voltar — proferi lentamente —, diga-lhe que eu vim a Florença. Que fui à Villa Sangalletti e que vi onde Ambrose morreu. Pode igualmente falar-lhe nas cartas que Ambrose me escreveu.

Rainaldi estendeu-me a mão, fria e dura como ele, continuando a fitar-me com aqueles seus olhos velados, encovados.

— A sua prima Rachel é uma mulher impulsiva — elucidou ele. — Quando deixou Florença levou com ela tudo o que possuía. Receio muito que não volte nunca.

Saí da casa para a rua escura. Sentia-me como se os seus olhos continuassem a seguir-me por trás das persianas. Refiz o meu percurso através das ruas empedradas, atravessei a ponte e, antes de entrar na hospedaria para tentar dormir alguma coisa até amanhecer, detive-me uma vez mais à beira do Arno.

A cidade dormia. Eu era o único passeante. Até os carrilhões solenes se tinham calado, e o único som que se ouvia era o rio escoando-se sob a ponte. Pareceu-me que corria mais depressa do que de dia, como se as águas tivessem permanecido retidas e preguiçosas durante as longas horas de calor e sol, e agora, devido à noite, devido ao silêncio, se tivessem libertado.

Contemplei o rio ondulante que se escoava e fluía, perdendo-se na escuridão, e à luz trémula da lanterna da ponte vi formarem-se bolhas de espuma acastanhada. Então, arrastado pela corrente, hirtó e girando lentamente, as quatro patas para o ar, surgiu o

cadáver de um cão. Passou debaixo da ponte e seguiu o seu caminho.

Ali, junto ao Arno, fiz uma promessa a mim mesmo.

Jurei que tudo quanto Ambrose tivesse sofrido em dores e tormentos antes de morrer eu o devolveria, por inteiro, à mulher que fora responsável. Porque não acreditava na história de Rainaldi. Eu acreditava na verdade daquelas duas cartas que segurava na mão direita. As derradeiras que Ambrose me escrevera.

Um dia havia de fazer a minha prima Rachel pagar pelo mal que causara.

CAPÍTULO VI

Cheguei a casa na primeira semana de setembro. As notícias tinham-me precedido; o italiano não mentira ao afirmar que escrevera a Nick Kendall. O meu padrinho comunicara a notícia aos criados e aos rendeiros da propriedade. Wellington esperava-me em Bodmin com a carruagem. A crina dos cavalos fora entrançada com fita de crepe, e tanto Wellington como o moço de estrabaria, cujos rostos se mostravam graves e pesarosos, usavam fumo.

Senti um tal alívio por me encontrar de novo no meu país que por instantes o desgosto esbateu-se. Ou talvez aquela longa viagem de regresso através da Europa me tivesse entorpecido os sentimentos, mas lembro-me de que o meu primeiro instinto foi sorrir à vista de Wellington e do moço, afagar os cavalos, perguntar se estava tudo bem. Era quase como se eu voltasse a ser o jovem de regresso da escola. A atitude do velho cocheiro, contudo, era rígida, com uma formalidade nova, e o moço de estrebaria abriu-me a porta da carruagem com deferência. — Um triste regresso, Mr. Philip — disse Wellington, e, quando me informei sobre Seecombe e a casa, abanou a cabeça, afirmando que tanto eles como todos os rendeiros haviam ficado profundamente penalizados. Em toda a vizinhança, declarou, não se falava noutra coisa desde que a notícia fora comunicada. A igreja esteve paramentada de preto o domingo inteiro, assim como a capela da propriedade, mas o golpe mais profundo, disse Wellington, fora saberem por Mr. Kendall que o patrão tinha sido enterrado em Itália e não seria trazido para casa a fim de repousar no jazigo da família, entre os seus.

— Não parece bem a ninguém, Mr. Philip — rematou ele —, e também não cremos que tivesse agradado a Mr. Ashley.

Não havia nada que eu pudesse responder a isso. Subi para a carruagem e deixei-me conduzir a casa.

A emoção e a fadiga das últimas semanas desvaneceram-se como por magia à vista do solar. Toda a sensação de esforço me

abandonou e, apesar das longas horas passadas na estrada, senti-me repousado e em paz. A tarde chegava ao fim e o sol brilhava nas janelas da ala ocidental e nas paredes cinzentas, enquanto a carruagem transpunha o segundo portão na encosta que levava ao edifício. Os cães estavam lá para me receber, e o pobre Seecombe, com um fumo no braço como o resto do pessoal, rompeu em lágrimas quando lhe apertei a mão.

— Foi muito tempo, Mr. Philip — murmurou ele —, muito tempo. E quem nos dizia a nós que não apanharia também a febre, como Mr. Ashley?

Serviu-me o jantar, solícito, ansioso pelo meu bem-estar, e eu senti-me grato por ele não me crivar de perguntas acerca da viagem ou da doença e morte do patrão, mostrando-se, contudo, eloquente quanto aos seus efeitos nele próprio e na casa. Os sinos haviam dobrado um dia inteiro, o vigário fizera um sermão, a vizinhança oferecera coroas. E todas as suas palavras eram pontuadas por uma nova deferência de tratamento. Eu era «Mr.» Philip e já não «Master» Philip. Notara a mesma mudança no cocheiro e no moço de estrebaria. Era algo inesperado, mas estranhamente reconfortante.

Após o jantar, subi para o meu quarto e olhei em meu redor; depois desci à biblioteca e saí para os campos. Sentia-me inundado por uma bizarra sensação de felicidade que não julgara poder experimentar com Ambrose morto, pois ao deixar Florença atingira o fundo da solidão e as minhas esperanças eram nulas. Atravessara a Itália e a França dominado por imagens que não conseguia afastar. Via Ambrose sentado naquele pátio resguardado da Villa Sangalletti, ao lado do laburno, contemplando o gotejar da fonte. Via-o naquela cela monástica, encostado a duas almofadas, respirando com esforço. E sempre ao alcance da voz, sempre ao alcance da vista, a figura sombria e odiada daquela mulher desconhecida. Tinha tantos rostos, tantos disfarces, e aquele nome, *contessa*, usado por Giuseppe e Rainaldi, de preferência a Mrs. Ashley, conferia-lhe uma

espécie de aura com que nunca a imaginara de início, quando a pintara como mais uma Mrs. Pascoe.

Desde a minha visita à *villa* ela transformara-se num monstro de dimensões exageradas. Os olhos eram pretos como abrunhos, as feições aquilinas como as de Rainaldi, e ela movia-se por aquelas salas bafientas da *villa*, sinuosa e silenciosa como uma serpente. Via-a, mal ele soltara o último suspiro, a enfiar as suas roupas em baús, a pegar nos seus livros, nos derradeiros objetos que ele possuía, e depois a partir furtivamente, de lábios cerrados, para Roma talvez, ou Nápoles, ou até mesmo a esconder-se naquela casa junto ao Arno, sorrindo por trás das persianas. Essas imagens tinham-me perseguido até atravessar o mar e chegar a Dover. Mas agora, agora que regressara a casa, dissipavam-se como pesadelos ao romper da aurora. Também o meu azedume se desvaneceu. Ambrose estava de novo comigo e já não estava torturado, já não sofria. Nunca estivera em Florença, nem em Itália. Era como se ele tivesse morrido aqui, na sua própria casa, e estivesse sepultado juntamente com o pai, a mãe e os meus próprios pais, e o meu desgosto era agora algo que eu podia ultrapassar; a tristeza continuava comigo, mas já não a tragédia. Também eu estava de volta ao lugar a que pertencia, e respirava por toda a parte o odor do lar.

Atravessei os campos; os homens andavam na ceifa. Lçavam-se as espigas de trigo para as carroças. Interromperam-se ao ver-me e fui falar com todos eles. O velho Billy Rowe, que era rendeiro de Barton desde que eu me lembrava e nunca me tratara senão por Master Philip, tocou na testa quando me aproximei, e a mulher e a filha, que ajudavam os homens, fizeram-me uma reverência. — Sentimos a sua falta, senhor — disse ele —, entristeceu-nos começar a apanhar o trigo sem cá estar. Ficamos satisfeitos por o ter de volta. — No ano anterior, eu teria arregaçado as mangas como eles e pegado numa foice, mas agora algo me deteve, a compreensão de que eles não teriam achado correto.

— Também eu estou satisfeito por ter voltado — respondi. — A morte de Mr. Ashley foi um grande desgosto tanto para mim como para vocês, mas agora todos temos de continuar a trabalhar como ele desejaria.

— Sim, senhor — concordou ele, tocando de novo na madeixa de cabelos que lhe caía para a testa.

Permaneci alguns momentos à conversa, depois chamei os cães e continuei a minha volta. Ele esperou até eu atingir a cerca antes de mandar os homens retomarem o trabalho. Quando cheguei ao cercado dos póneis, a meio caminho entre a casa e os campos em declive, virei-me e olhei por cima da cerca baixa. Na colina distante, recortavam-se as silhuetas das carroças, e os cavalos parados e os trabalhadores em movimento não passavam de pontos pretos contra o céu. Mas, sob os últimos raios de sol, as espigas eram douradas. O mar estava muito azul, quase púrpura sobre os rochedos, e tinha aquele ar de profunda plenitude que vem sempre com a maré alta. Os barcos de pesca tinham saído e estavam virados para leste a fim de captarem a brisa de terra. A casa encontrava-se agora na sombra, apenas o cata-vento no cimo da torre do relógio recebia ainda um feixe de sol preguiçoso. Percorri lentamente o relvado até à porta aberta.

As persianas não estavam fechadas, pois certamente Seecombe ainda não dera ordem para tal. Havia algo de agradável na visão daquelas vidraças subidas, com as cortinas ondulando suavemente, e na ideia de todas as salas para lá dessas janelas, familiares e amadas. O fumo erguia-se das chaminés, alto e direito. O velho *Don*, o *retriever*, demasiado idoso e emperrado para passear comigo e com os cães mais novos, raspava a gravilha sob as janelas da biblioteca e, virando a cabeça para mim, saudou-me abanando lentamente a cauda.

Tomei consciência, pela primeira vez desde que soubera da morte de Ambrose e com uma força singular, de que tudo o que via e por que me interessava nesse momento me pertencia. Nunca precisaria de o partilhar com qualquer ser vivo. Aquelas paredes e

janelas, aquele telhado, o sino que batera as sete horas quando eu me aproximava, toda a entidade viva daquela casa era minha, e apenas minha. A relva sob os meus pés, as árvores que me rodeavam, as colinas atrás de mim, os prados, os bosques, até mesmo os homens e as mulheres que cultivavam a terra lá longe, faziam todos parte da minha herança; todos me pertenciam.

Entrei e detive-me na biblioteca, de costas para a lareira, as mãos nos bolsos. Os cães seguiram-me como era hábito e deitaram-se a meus pés. Seecombe veio perguntar-me se tinha ordens a dar a Wellington para a manhã seguinte. Queria a carruagem e os cavalos ou deveria selar-me *Gypsy*? Não, disse-lhe eu, não daria quaisquer ordens esta noite. Eu próprio falaria com Wellington depois do pequeno-almoço. Desejava ser chamado à hora habitual. Ele respondeu: — Sim, senhor — e abandonou a sala. Master Philip desaparecera para sempre. Mr. Ashley regressara a casa. Era uma sensação bizarra. Simultaneamente apossava-se de mim uma certa humildade e um estranho orgulho. Tinha consciência de uma espécie de segurança e de força que não conhecera antes, e de uma nova alegria. Parecia-me que devia ser um pouco o que sente um soldado a quem é dado o comando de um batalhão; aquele sentimento de propriedade, de orgulho, e também de posse, invadiu-me como aconteceria com um major que passara muitos anos como segundo no comando. Mas, ao contrário de um soldado, eu nunca teria de ceder o meu comando. Este era meu para toda a vida. Creio que ao aperceber-me disso, ali de pé, em frente à lareira da biblioteca, tive um momento de felicidade como nunca experimentei na vida nem antes nem depois. Tal como todos os momentos deste género, surgiu de repente e de repente se desvaneceu. O encantamento foi quebrado por algum ruído familiar: talvez um cão a ajeitar-se, cinzas tombando do lume, ou um criado a deslocar-se lá em cima para ir fechar as janelas... Já não me lembro. Tudo do que me lembro é do sentimento de confiança que tive nessa noite, como se algo há muito adormecido em mim se

agitasse e ganhasse de súbito vida. Fui deitar-me cedo e dormi sem sonhos.

O meu padrinho, Nick Kendall, apareceu no dia seguinte, acompanhado de Louise. Dado não haver parentes chegados a convocar, e apenas legados para Seecombe e os outros criados, com as habituais doações aos pobres da paróquia, às viúvas e aos órfãos, e a totalidade dos bens e da propriedade me eram deixados, Nick Kendall leu-me o testamento quando ficámos sozinhos na biblioteca. Louise foi dar um passeio pelo parque. Apesar da linguagem legal, a situação parecia simples e inequívoca. Com uma exceção. O italiano Rainaldi tivera razão: Nick Kendall era nomeado meu tutor, porque os bens só me pertenceriam legalmente ao atingir os vinte e cinco anos.

— Era opinião de Ambrose — explicou o meu padrinho, tirando os óculos e estendendo-me o documento para o ler eu próprio — que nenhum jovem sabe bem o que quer antes dos vinte e cinco anos. Tu podias ter crescido com o vício da bebida, do jogo ou das mulheres, e esta cláusula é uma medida de precaução. Eu ajudei-o a redigir o testamento quando tu ainda frequentavas Harrow e, embora ambos soubéssemos que nenhuma destas tendências se desenvolvesse, Ambrose preferiu manter a cláusula. «Não virá daí nenhum mal a Philip», dizia ele sempre, «e ensiná-lo-á a ser prudente.» Portanto é assim, e não podemos alterar nada. Na realidade, não te afetará de todo, exceto por teres de te dirigir a mim quando precisares de dinheiro, como sempre fizeste, tanto para as contas das propriedades como para teu uso pessoal, durante mais sete meses. O teu aniversário é em abril, não é?

— Deve sabê-lo — disse eu —, foi meu padrinho.

— Eras uma minhocazita engraçada — gracejou ele, com um sorriso —, fitando o vigário de olhos arregalados. Ambrose acabara de chegar de Oxford. Apertou-te o nariz a fim de te fazer chorar, para grande escândalo da sua tia, a tua mãe. Depois desafiou o teu pobre pai para uma corrida, e remaram do castelo até Lostwithiel, tendo regressado ambos encharcados até aos ossos. Sentiste

alguma vez a falta de pais, Philip? Penso frequentemente que deve ter sido duro para ti crescer sem mãe.

— Não sei — respondi —, nunca pensei muito nisso. Nunca desejei ter alguém além de Ambrose.

— Ainda assim, foi errado — comentou ele. — Disse-o muitas vezes a Ambrose, mas ele nunca me deu ouvidos. Devia ter havido alguém na casa, uma governanta, uma parente afastada, qualquer pessoa. Cresceste na ignorância total das mulheres e, se vieres a casar-te, a situação poderá ser difícil para a tua esposa. Ainda ao pequeno-almoço o dizia a Louise.

Interrompeu-se com um ar levemente constrangido — se é que o meu padrinho poderia ter um ar constrangido —, como se tivesse falado mais do que tencionava.

— Tudo bem — afirmei eu —, a minha mulher resolverá tais dificuldades quando chegar a altura. Se chegar, o que é pouco provável. Acho que me pareço demasiado com Ambrose, e sei agora o que o casamento deve ter-lhe feito.

O meu padrinho ficou calado. Depois contei-lhe a minha visita à *villa* e o meu encontro com Rainaldi, e ele por sua vez mostrou-me a carta que o italiano lhe escrevera. Era o que eu esperava: contava, em palavras frias e convencionais, a sua história sobre a doença e a morte de Ambrose, expressava o seu pesar pessoal e o choque e desgosto da viúva, que, segundo Rainaldi, estava inconsolável.

— Tão inconsolável — disse eu para o meu padrinho — que partiu como um ladrão no dia a seguir ao funeral, levando todos os objetos pessoais de Ambrose, exceto o seu velho chapéu, de que se esqueceu. Sem dúvida porque estava rasgado e não tinha valor.

O meu padrinho tossicou e franziu as sobrancelhas fartas.

— Decerto não lhe censuras os livros e as roupas — observou ele. — Vejamos, Philip, é tudo o que ela tem.

— Tudo o que ela tem? — ecoei eu. — Que quer dizer com isso?

— Bom, eu li-te o testamento — retorquiu ele — e tem-lo à tua frente. É o mesmo testamento que eu redigi há dez anos. Não há nenhum codicilo pelo seu casamento. Não há nada estipulado para

a mulher. Durante todo o ano passado esperei receber notícias dele, estabelecendo pelo menos uma doação. É o usual. Mas suponho que a permanência no estrangeiro o levou a negligenciar tal necessidade, além de que sempre esperara regressar. Depois a sua doença pôs ponto final em qualquer assunto de negócios. Surpreende-me um pouco que esse italiano, o *signor* Rainaldi, que tu tanto pareces detestar, não mencione qualquer espécie de pretensão da parte de Mrs. Ashley. Mostra grande delicadeza da parte dele.

— Pretensão? — exclamei eu. — Meu Deus, fala de uma pretensão quando sabemos perfeitamente que ela o arrastou para a morte?

— Não sabemos nada disso — contrapôs o meu padrinho — e, se é assim que tencionas falar da viúva do teu primo, recuso-me a ouvir-te. — Levantou-se e começou a juntar os seus papéis.

— Então acredita na história do tumor?

— Naturalmente que sim — respondeu ele. — Tens aqui a carta desse italiano, Rainaldi, e a certidão de óbito assinada por dois médicos. Eu lembro-me da morte do teu tio Philip, e tu não. Os sintomas eram muito semelhantes. Foi exatamente o que eu receei quando recebeste a carta de Ambrose e partiste para Florença. O facto de teres chegado demasiado tarde para seres de algum auxílio é uma dessas calamidades contra as quais ninguém pode nada. Agora que penso nisso, é possível que afinal não tenha sido uma calamidade, mas uma bênção. Tu não desejarias vê-lo sofrer.

Apeteceu-me bater a esse velho idiota, por ser tão obstinado e tão cego.

— O padrinho nunca leu a segunda carta — insisti —, a nota que chegou na manhã da minha partida. Veja isto.

Ainda a conservava. Trazia-a sempre no bolso de cima do casaco. Estendi-lha. Ele voltou a pôr os óculos e leu-a.

— Lamento, Philip — comentou —, mas mesmo estas pobres garatujas dilacerantes não conseguem mudar a minha opinião. Tens de encarar os factos. Tu amavas Ambrose, eu também. Perdi com a

sua morte o meu melhor amigo. Fico tão consternado como tu ao pensar no seu sofrimento mental, talvez até mais porque o vi noutra. O teu problema é não conseguires reconciliar-te com o facto de que o homem que nós conhecíamos, admirávamos e amávamos não estava em si nos tempos que antecederam a sua morte. Encontrava-se física e mentalmente doente, e não era responsável pelo que escrevia ou dizia.

— Não acredito — ripostei eu. — Não posso acreditar.

— Não queres acreditar — emendou o meu padrinho —, e nesse caso não há mais nada a dizer. Mas por amor a Ambrose, e por amor a todos os que o conheceram e amaram, aqui na propriedade e no condado, devo pedir-te que não comunique as tuas opiniões a outros. Causariam perturbação e desgosto a todos, e se tais rumores viessem a chegar à sua viúva, onde quer que ela se encontre, farias uma triste figura a seus olhos, e ela teria todo o direito de te pôr um processo por difamação. Se eu fosse o encarregado dos seus negócios, como esse italiano parece ser, não hesitaria em o fazer.

Nunca eu ouvira o meu padrinho exprimir-se com tanta ênfase. Ele tinha razão ao afirmar que não havia mais nada a dizer. Eu aprendera a lição. Não voltaria a tocar nesse assunto.

— E se chamássemos Louise? — sugeri em tom incisivo. — Acho que já anda a passear pelo jardim há tempo suficiente. É melhor ficarem ambos para jantar comigo.

O meu padrinho conservou-se silencioso durante a refeição. Percebi que ainda se sentia chocado com o que lhe dissera. Louise interrogou-me sobre as minhas viagens, o que pensara de Paris, do campo francês, dos Alpes e da própria Florença, e as minhas respostas muito incompletas preencheram as lacunas na conversa. Mas ela era arguta, e viu que havia algo de errado. Após o jantar, quando o meu padrinho reuniu Seecombe e os criados para lhes comunicar os diversos legados, fui sentar-me com ela na sala.

— O meu padrinho está aborrecido comigo — disse eu, e contei-lhe a história. Ela observava-me com aquele olhar crítico e

interrogativo que lhe é característico e ao qual eu estava habituado, de cabeça levemente inclinada e queixo erguido.

— Sabes uma coisa? — comentou ela quando eu terminei. — Acho que provavelmente tens razão. Penso que o pobre Mr. Ashley e a esposa não eram felizes, e ele foi demasiado orgulhoso para te escrever a contar antes de adoecer, e depois talvez tenham discutido e tudo se tenha precipitado, e então ele escreveu-te aquelas cartas. O que disseram esses criados acerca dela? Era nova, era velha?

— Não perguntei — respondi eu. — Nem vejo que isso tenha importância. A única coisa que importa é que, quando morreu, ele não tinha confiança nela.

Louise anuiu. — Isso é horrível — concordou ela —, deve ter-se sentido muito só. — Senti uma imensa ternura por Louise. Talvez por ser tão nova (tinha a minha idade), parecia possuir muito mais intuição do que o pai. Ele estava a ficar velho, pensei, perdia o seu bom julgamento. — Devias ter perguntado a esse italiano, Rainaldi, qual o aspeto dela — prosseguiu Louise. — Eu tê-lo-ia feito. Teria sido a minha primeira questão. E o que acontecera ao conde, o primeiro marido. Não me disseste uma vez que ele fora morto num duelo? Estás a ver, isso também não abona a favor dela. Provavelmente teve vários amantes.

Esse aspeto da minha prima Rachel não me ocorrera. Via-a apenas malevolente, como uma aranha. Apesar do meu ódio, não pude impedir-me de sorrir. — É mesmo de rapariga imaginar amantes — disse eu a Louise. — Punhais num portal sombrio. Escadas secretas. Devia ter-te levado comigo a Florença. Terias ficado a saber muito mais do que eu.

Ela corou vivamente ao ouvir estas palavras e eu disse para mim mesmo que as raparigas são esquisitas; nem sequer Louise, que eu conhecia desde sempre, compreendia uma graça. — Seja como for — observei —, que essa mulher tenha ou não tenha tido centenas de amantes, não me interessa. Presentemente, ela pode esconder-

se em Roma ou Nápoles ou onde quer que esteja. Mas, um dia, eu descobri-la-ei e ela arrepender-se-á.

Nesse instante o meu padrinho veio juntar-se a nós e eu calei-me. Ele parecia de melhor humor. Sem dúvida, Seecombe, Wellington e os outros tinham-se mostrado gratos pelos seus pequenos legados e ele, homem bondoso, sentia-se parcialmente seu autor.

— Pega no teu cavalo e vem ver-me em breve — pedi eu a Louise, ajudando-a a entrar para a carruagem, ao lado do pai. — Fazes-me bem. Gosto da tua companhia. — E a pateta corou de novo, relanceando um olhar ao pai para ver como ele reagia, como se nós não tivéssemos passado a vida a cavalgar de um lado para o outro para nos visitarmos. Talvez, como os outros, se sentisse impressionada com o meu novo estatuto, e quando eu menos esperasse passaria a ser também para ela Mr. Ashley em vez de Philip. Reentrei em casa, sorrindo à ideia de Louise Kendall, a quem eu puxava os cabelos ainda há poucos anos, me olhar agora com respeito, mas esqueci-a quase imediatamente, bem como ao meu padrinho, pois havia muito que fazer em casa após dois meses de ausência.

Não pensei rever o meu padrinho antes de, pelo menos, uns quinze dias, ocupado como andava com as ceifas e outras coisas; mas ainda não passara uma semana quando vi aparecer o seu moço de estrebaria logo após o meio-dia, com uma mensagem verbal do patrão pedindo-me que o fosse ver. Ele próprio encontrava-se impossibilitado de sair de casa devido a uma leve constipação, mas tinha notícias para mim.

Não considerei o assunto urgente — recolhíamos nesse dia as derradeiras espigas — e na tarde seguinte fui até lá.

Encontrei-o sozinho no seu gabinete. Louise estava algures, ausente. O rosto dele apresentava uma curiosa expressão, perplexa, constrangida. Percebi que estava perturbado.

— Bem — disse ele —, agora tem de se fazer alguma coisa, e tu tens de decidir exatamente o quê e quando. Ela chegou de navio a Plymouth.

— Quem é que chegou? — perguntei eu. Mas acho que sabia.
Ele mostrou-me a folha que segurava na mão.
— Tenho aqui uma carta da tua prima Rachel.

CAPÍTULO VII

Estendeu-me a carta. Olhei para a letra na página dobrada. Não sei o que esperava ver. Traços ousados, talvez, com espirais e floreados; ou o oposto, rabiscos confusos e mesquinhos. Aquilo era simplesmente uma letra semelhante a tantas outras, exceto o final das palavras, que se prolongava com pequenos traços ascendentes, tornando-as algo difíceis de decifrar.

— Ela não parece saber que nós já recebemos a notícia — comentou o meu padrinho. — Deve ter saído de Florença antes de o *signor* Rainaldi escrever a sua carta. Bom, vê o que pensas disso. Depois dar-te-ei a minha opinião.

Desdobrei a carta. Vinha datada, de uma hospedaria em Plymouth, com o dia 13 de setembro.

«Caro Mr. Kendall,

Quando Ambrose falava de si, o que acontecia com frequência, mal pensava eu que a minha primeira comunicação consigo estaria imbuída de tanta tristeza. Cheguei esta manhã a Plymouth, vinda de Génova, em estado de grande aflição e, infelizmente, sozinha.

O meu bem-amado morreu em Florença a 20 de julho, após uma doença breve mas violenta nas suas crises. Tentou-se tudo o que era humanamente possível, mas os melhores médicos que mandei chamar não conseguiram salvá-lo. Teve a recaída de uma febre que o atacara no início da primavera, mas o fim deveu-se a uma pressão no cérebro que os médicos creem ter estado latente durante meses, progredindo depois rapidamente. Repousa no cemitério protestante de Florença, num local tranquilo que eu própria escolhi, um pouco à parte das outras campas inglesas, rodeado de árvores como ele teria desejado. Da minha mágoa pessoal e do grande vazio que sinto, nada direi; o senhor não me conhece, e não pretendo impor-lhe o meu desgosto.

O meu primeiro pensamento foi para Philip, que Ambrose tanto amava e cujo desgosto será igual ao meu. O meu bom amigo e conselheiro, signor Rainaldi, assegurou-me que lhe escreveria a dar a notícia, a fim de que o senhor possa por sua vez transmiti-la a Philip, mas confio pouco nos

correios de Itália para Inglaterra, e receio que possam tomar conhecimento dela por intermédio de terceiros ou que ela vos não chegue de todo. Daí a minha chegada a este país. Trouxe comigo todos os objetos pertencentes a Ambrose: os seus livros, os seus fatos, tudo o que Philip gostará de ter e conservar, e que lhe pertence agora por direito. Se quiser dizer-me o que fazer deles, como enviá-los e se acha que devo ou não escrever pessoalmente a Philip, ficar-lhe-ei profundamente grata.

Abandonei Florença muito subitamente, obedecendo a um impulso e sem pena. Não conseguiria ficar tendo Ambrose partido. Quanto a planos de futuro, ainda os não tenho. Após um tal choque, parece-me indispensável um certo tempo de reflexão. Esperara chegar mais cedo a Inglaterra, mas fiquei retida em Génova porque o navio que me trouxe não estava pronto para partir. Creio haver ainda membros da minha própria família, os Coryns, dispersos pela Cornualha, mas uma vez que não conheço nenhum não desejo impor-lhes a minha presença. Prefiro estar sozinha. Possivelmente, após um curto descanso aqui, irei até Londres, e farei então alguns planos.

Fico a aguardar as suas instruções acerca dos objetos pessoais do meu marido.

*Com os melhores cumprimentos,
Rachel Ashley.»*

Li a carta uma, duas, talvez três vezes, e depois devolvi-a ao meu padrinho. Ele aguardava os meus comentários. Eu não disse uma palavra.

— Como vêes — começou ele por fim —, ela, afinal, não ficou com coisa alguma. Nem sequer um livro, nem um par de luvas. É tudo para ti.

Não respondi.

— Nem sequer pede para ver a casa — prosseguiu ele —, a casa que seria o seu lar se Ambrose tivesse vivido. Esta viagem que ela acaba de fazer, certamente te dá conta de que, noutras circunstâncias, eles a teriam feito juntos. Teria sido a sua chegada a casa dela. Que diferença, hein? Todas as pessoas da propriedade a darem-lhe as boas-vindas, os criados ansiosos e agitados, os vizinhos a visitarem-na... e, em vez disso, uma hospedaria solitária

em Plymouth. Ela pode ser agradável ou desagradável; não sei dizer, não a conheço. Mas a questão é que ela não pede nada, ela não exige nada. E, contudo, é Mrs. Ashley. Lamento, Philip, conheço a tua opinião e não tencionas modificá-la. Mas, como amigo de Ambrose, como seu testamenteiro, não posso ficar aqui sentado sem fazer nada quando a sua viúva chega sozinha e sem amigos a este país. Nós temos um quarto de hóspedes. E ela será bem-vinda cá em casa até ter estabelecido os seus planos.

Dirigi-me para a janela. Louise afinal não se ausentara. De cesto no braço, cortava as flores murchas da bordadura. Levantou a cabeça, viu-me e acenou-me com a mão. Perguntei-me se o meu padrinho lhe teria lido a carta.

— Então, Philip? — insistiu ele. — Podes escrever-lhe ou não, como queiras. Não creio que desejes vê-la, e se ela aceitar o meu convite não te convidarei para cá vires durante a sua visita. Mas debes-lhe pelo menos uma breve mensagem, um agradecimento pelas coisas que ela te veio devolver. Posso incluí-lo em pós-escrito quando lhe escrever.

Virei costas à janela e fitei-o.

— Por que motivo há de imaginar que não desejo vê-la? — indaguei eu. — Na realidade, desejo vivamente vê-la. Se ela é uma mulher impulsiva, como parece pela carta (e recordo que Rainaldi me disse o mesmo), também eu posso seguir os meus impulsos, como tenciono. Não foi um impulso que, para começar, me levou a partir para Florença?

— E então? — perguntou o meu padrinho, de sobrancelhas franzidas e olhar desconfiado.

— Quando escrever para Plymouth — continuei eu —, diga que Philip Ashley já tinha conhecimento da morte de Ambrose. Que foi a Florença após ter recebido duas cartas, visitou a Villa Sangalletti, falou com os criados dela e esteve com o seu amigo e conselheiro, *signor* Rainaldi, e agora já regressou. Diga que é um homem simples, que vive de forma simples. Que não tem maneiras requintadas, não é bom conversador e está pouco habituado a

conviver com mulheres, e mesmo a conviver de todo. Se, no entanto, ela desejar conhecê-lo e ao lar do seu falecido marido, a casa de Philip Ashley está ao dispor da sua prima Rachel quando lhe apetercer visitá-la. — E inclinei-me, pousando a mão no coração.

— Nunca pensei ver tornares-te tão duro — disse o meu padrinho lentamente. — O que te aconteceu?

— Não me aconteceu nada — retorqui —, a não ser o facto de que, como um cavalo de batalha, farejo o odor do sangue. Esquece que o meu pai foi soldado?

Saí para o jardim ao encontro de Louise. Estava mais perturbada com as notícias do que eu próprio. Peguei-lhe na mão e arrastei-a para o pavilhão de verão junto ao relvado. Aí nos sentámos como dois conspiradores.

— A tua casa não está em estado de receber ninguém — comentou ela imediatamente —, muito menos uma mulher como a *contessa*; como Mrs. Ashley. Vês, também eu não consigo impedir-me de a tratar por *contessa*, sai mais naturalmente. Vejamos, Philip, há vinte anos que não habita lá uma mulher. Em que quarto irás instalá-la? E imagina o pó! Não só no andar de cima, mas também na sala. Reparei nisso a semana passada.

— Nada disso tem importância — retorqui, impaciente. — Pode limpar o pó ela própria se isso a incomodar assim tanto. Quanto mais lhe desagradar, mais satisfeito eu ficarei. Que ela conheça enfim a vida despreocupada e feliz que Ambrose e eu levávamos. Ao contrário daquela sua *villa*...

— Ah, mas fazes mal — exclamou Louise. — Não queres decerto passar por um rústico, um ignorante comparável aos trabalhadores da propriedade. Isso seria colocares-te em desvantagem antes mesmo de lhe teres falado. Tens de te lembrar que ela viveu no continente durante toda a sua vida, está habituada a grandes requintes, muitos criados (e dizem que os serviçais estrangeiros são muito melhores do que os nossos), e trouxe certamente muita roupa, e talvez também joias, além dos objetos pessoais de Mr. Ashley. E tê-lo-á ouvido falar tanto da casa que espera seguramente

algo de muito belo, como a sua *villa*. E deixar ficar tudo cheio de pó, de mofo, com cheiro a canil... ora, Philip, não quererás decerto que ela a encontre assim, quanto mais não seja em memória de Ambrose.

Raios, fiquei irritado. — Que diabo queres tu dizer ao implicar que a minha casa cheira a canil? É uma casa de homem, simples e confortável, e se Deus quiser assim continuará. Nem Ambrose nem eu apreciámos alguma vez mobiliário com floreados ou pequenos ornamentos em cima das mesas que se estatelam no chão se lhes roçamos sequer com o joelho.

Ela teve a delicadeza de parecer contrita, mas não envergonhada.

— Lamento — insistiu —, não pretendi ofender-te. Sabes que adoro a tua casa, e que terei sempre por ela um grande afeto. Mas não posso impedir-me de dizer o que penso quanto à maneira como é mantida. Há séculos que não se renova nada, não é verdadeiramente acolhedora, e falta-lhe... bem, falta-lhe conforto, se me perdoas mais esta.

Pensei na saleta reluzente e bem arrumada onde ela fazia o meu padrinho passar as tardes, e não tive dúvidas quanto ao que eu preferiria — e ele certamente também — se pudesse optar entre isso e a minha biblioteca.

— Está bem — contemporizei —, esqueçamos a minha falta de conforto. Satisfazia perfeitamente Ambrose, satisfaz-me perfeitamente a mim, e por alguns dias (qualquer que seja o tempo que ela se digne honrar-me com a sua presença) poderá igualmente satisfazer a minha prima Rachel.

Louise fitou-me abanando a cabeça.

— És verdadeiramente incorrigível — disse ela. — Se Mrs. Ashley é a mulher que eu imagino, lançará um olhar à sua volta e irá refugiar-se em St. Austell, ou em nossa casa.

— Estás à vontade, desde que eu já tenha concluído o que quero dela — retorqui.

Louise fitou-me com curiosidade.

— Ousarás realmente interrogá-la? — perguntou ela. — Por onde começarás?

Encolhi os ombros. — Não posso saber antes de a ter visto. Estou certo de que ela tentará safar-se fazendo um escarcéu. Ou então, fazendo uma cena altamente emotiva, desfalecerá e terá uma crise de histeria. Nada disso me preocupa. Observá-la-ei com todo o prazer.

— Não creio que ela faça um escarcéu nem que fique histérica — contrariou Louise. — Limitar-se-á a entrar em casa e a assumir o comando. Não te esqueças de que deve estar habituada a dar ordens.

— Pois não as dará na minha casa.

— Pobre Seecombe! O que eu não daria para ver a cara dele. Ela atirar-lhe-á coisas à cabeça se ele não acorrer logo ao seu toque de campainha. Os italianos são muito apaixonados, têm muito génio. Sempre ouvi dizer.

— Ela é só metade italiana — recordei-lhe eu —, e acho que Seecombe é perfeitamente capaz de se defender. Talvez chova durante três dias e ela fique confinada ao leito com reumatismo.

Rimos em coro no pavilhão de verão como duas crianças, mas apesar disso eu não sentia o coração tão leve como pretendia fazer crer. O convite fora atirado para o ar à guisa de desafio, e eu começara já a lamentá-lo, embora o não dissesse a Louise. Lamentei-o ainda mais olhando em meu redor ao regressar a casa. Céus, fora realmente um gesto idiota, e apenas o orgulho me impediu de voltar a casa do meu padrinho e pedir-lhe para não enviar nenhuma mensagem da minha parte quando escrevesse para Plymouth.

O que iria eu fazer com essa mulher na minha casa? O que lhe diria, na verdade, que atitude tomaria? Se Rainaldi fora persuasivo, ela sê-lo-ia dez vezes mais. Um ataque direto talvez não tivesse êxito, e, aliás, o que dissera o italiano acerca de tenacidade e de mulheres lutadoras? Se ela fosse vulgar e autoritária, julgava saber como a calar. Um rapaz de uma das quintas envolvera-se como uma

megeira desse género que pretendia processá-lo por quebra de promessa de casamento e eu mandei-a sem mais delongas de volta para Devon, a sua terra de origem. Mas melosa, insinuante, o peito arquejante e olhos de carneiro mal morto, saberia eu lidar com isso? Cria que sim. Conhecera algumas mulheres desse género em Oxford, e verificara que falar com extrema franqueza, quase com brutalidade, as levava a reentrar prontamente nas suas tocas sem nada partido. Não, tudo ponderado, sentia-me bastante seguro de mim, bastante confiante de que, uma vez entabulado diálogo com a minha prima Rachel, depressa encontraria a língua. Mas os preparativos para a visita, isso é que era o diabo, a fachada de cortesia antes do toque às armas.

Para grande surpresa minha, Seecombe não se mostrou consternado com a ideia. Dir-se-ia que quase a esperava. Informei-o sucintamente de que Mrs. Ashley chegara a Inglaterra, trazendo consigo os objetos pessoais de Mr. Ambrose, e que era possível que viesse fazer-nos uma curta visita ainda nessa semana. Ele não esticou o lábio inferior, como era costume quando confrontado com algum problema, e escutou-me gravemente.

— Sim, senhor — disse ele —, é muito natural e muito correto. Todos ficaremos felizes por receber Mrs. Ashley.

Olhei-o por cima do cachimbo, divertido com o seu ar pomposo.

— Pensei que era como eu e que não lhe agradava ter mulheres em casa. Não foi assim que falou quando lhe contei que Mr. Ambrose se casara e que ela iria ser a patroa aqui.

Ele pareceu chocado. Desta vez esticou o lábio inferior.

— Não era a mesma coisa, senhor — contrapôs —, desde então deu-se a tragédia. A pobre senhora está viúva. Mr. Ambrose teria desejado que fizéssemos por ela tudo o que pudermos, principalmente porque parece — tossiu discretamente — que Mrs. Ashley não foi beneficiada de todo no testamento.

Perguntei-me como diabo sabia ele aquilo e interroguei-o.

— Toda a gente fala disso — explicou ele —, pela propriedade fora. Foi-lhe deixado tudo a si, Mr. Philip, e nada à viúva. O senhor

sabe que não é usual. Em todas as famílias, grandes ou humildes, assegura-se sempre o futuro da viúva.

— Estou surpreso consigo, Seecombe — comentei eu. — A dar ouvidos a mexericos.

— Não são mexericos, senhor — retorquiu ele com dignidade. — O que diz respeito à família Ashley diz-nos respeito a todos. Nós, os criados, não fomos esquecidos.

Imaginei-o sentado na sua sala das traseiras, a sala do intendente, como era desde há muito chamada, onde apareciam, para dois dedos de conversa e um copo de cerveja, Wellington, o velho cocheiro, Tamlyn, o chefe dos jardineiros, e o primeiro lenhador — nenhum dos criados mais jovens seria, evidentemente, autorizado a juntar-se-lhes —, a discutirem o testamento que eu julgava tão secreto com ares perplexos, lábios esticados e abanares de cabeça.

— Não foi uma questão de esquecimento — afirmei eu secamente. — O facto de Mr. Ashley se encontrar no estrangeiro, e não aqui, impossibilitou-o de tratar de certos assuntos. Ele não esperava morrer lá. Se tivesse regressado a casa, as coisas teriam sido diferentes.

— Sim, senhor — concordou ele —, foi o que nós pensámos.

Ora, bem podiam eles comentar o testamento com pequenos estalidos de língua que isso não mudava nada. Mas, com uma súbita pontada de amargura, perguntei-me qual teria sido a sua atitude a meu respeito se, afinal de contas, eu não tivesse herdado a propriedade. A deferência manter-se-ia? O respeito? A lealdade? Ou seria o jovem Master Philip, um parente pobre, enfiado num quarto algures nas traseiras da casa? Esvaziei o cachimbo, que sabia a seco e a pó. Quantas pessoas haveria, perguntei-me, que gostavam de mim e me serviam por mim próprio?

— É tudo, Seecombe. Preveni-lo-ei se Mrs. Ashley decidir visitar-nos. Não sei que quarto destinar-lhe. Deixo isso consigo.

— Ah, Mr. Philip — exclamou Seecombe, surpreso —, certamente será correto colocar Mrs. Ashley no quarto de Mr.

Ashley.

Fitei-o, demasiado chocado para lhe responder. Depois, receando que os meus sentimentos transparecessem no rosto, virei-me.

— Não — disse eu —, isso não será possível. Sou eu próprio que vou instalar-me no quarto de Mr. Ashley. Já tencionava comunicarlho. Decidi mudar-me há alguns dias.

Era mentira. Não pensara em tal coisa até esse momento.

— Muito bem, Mr. Philip — respondeu ele —, nesse caso o quarto azul e o quarto de vestir serão os mais adequados para Mrs. Ashley. — E retirou-se.

Santo Deus, pensei eu, pôr essa mulher no quarto de Ambrose. Que sacrilégio. Deixei-me cair na poltrona a morder a boquilha do cachimbo. Sentia-me irritado, inquieto, doente com tanta preocupação. Era loucura ter enviado aquela mensagem pelo meu padrinho, loucura recebê-la sequer ali em casa. Com mil diabos, em que me fora eu meter? E aquele idiota do Seecombe, com as suas ideias acerca do que era ou não correto.

O convite foi aceite. Ela respondeu ao meu padrinho e não a mim. O que, como sem dúvida Seecombe teria pensado, era muito correto. O convite não fora feito diretamente por mim, portanto devia ser agradecido através do devido canal. Ela estaria pronta, afirmava, quando fosse conveniente mandar buscá-la, ou, caso isso não nos conviesse, viria na mala-posta. Eu respondi, de novo através do meu padrinho, que lhe mandaria a carruagem na sexta-feira. E pronto, estava feito.

Sexta-feira chegou demasiado depressa. Um dia com tempo instável e rabanadas de vento. Eram frequentes na terceira semana de setembro, coincidindo com as marés vivas. As nuvens estavam baixas e corriam pelos céus vindas de sudoeste, prenunciando chuva para o fim da tarde. Eu esperava que chovesse. Uma das nossas chuvadas torrenciais, com uma bela trovoadas para completar. Umas boas-vindas à moda dos condados de oeste. Nada de céus italianos. Eu mandara Wellington com os cavalos na véspera; dormiria em Plymouth e regressaria com ela. Desde que

anunciara aos criados que esperávamos Mrs. Ashley, reinava na casa uma espécie de inquietação. Até os cães a sentiam e seguiam-me de sala em sala. Seecombe recordava-me um velho padre que, após anos de abstinência de todo o tipo de cerimónia religiosa, se adapta de novo subitamente aos rituais esquecidos. Deslocava-se, misterioso e solene, com passos silenciosos — comprara mesmo umas pantufas de sola macia —, e na sala de jantar surgiam peças de prata que eu nunca vira na vida e que iam decorar a mesa ou o aparador. Relíquias, suponho, do tempo do meu tio Philip. Grandes candelabros, açucareiros, cálices e uma taça de prata cheia — valha-me Deus — de rosas, colocada como centro de mesa.

— Desde quando — perguntei-lhe eu — é que se tornou acólito? Onde estão o incenso e a água benta?

Nem um músculo da sua face se moveu, e ele recuou um passo para observar a disposição das relíquias.

— Pedi a Tamlyn para trazer flores do jardim — respondeu-me. — Os rapazes estão a separá-las, nas traseiras. Vamos precisar de flores no salão, no quarto azul, no quarto de vestir e no *boudoir*. — Franziu o sobrolho ao jovem John, o copeiro, que escorregara e quase caíra, vergado ao peso de mais um par de candelabros.

Os cães erguiam os olhos para mim, desanimados. Um deles foi, rasteirinho, esconder-se debaixo do banco do vestíbulo. Eu subi ao primeiro andar. Sabe Deus quando entrara pela última vez no quarto azul. Nunca recebíamos visitas e, no meu espírito, ele permanecia associado a um jogo de escondidas com Louise, num longínquo Natal que ela e o meu padrinho haviam passado connosco. Lembrava-me de ter entrado sorrateiramente no quarto silencioso e de me esconder debaixo da cama, no meio da poeira. Recordava-me vagamente de Ambrose ter dito uma vez que era o quarto da tia Phoebe, mas que a tia Phoebe fora viver para Kent e lá morrera.

Agora não restavam vestígios dela. Os criados, sob a direcção de Seecombe, tinham trabalhado arduamente e a tia Phoebe fora varrida juntamente com o pó dos anos. As janelas estavam abertas sobre o parque, e o sol matinal brilhava nas carpetes bem batidas.

O leito fora feito com lençóis reluzentes, de uma finura que me era desconhecida. Aquele lavatório e aquele jarro teriam estado sempre, perguntei-me, no quarto de vestir contíguo? E aquela poltrona pertenceria ali? Não me recordava de nenhum deles, mas a verdade é que não me recordava da tia Phoebe, que se mudara para Kent antes de eu nascer. Bem, o que servira para ela serviria para a minha prima Rachel.

A terceira divisão, que comunicava com o quarto por uma arcada e completava os aposentos, fora o *boudoir* da tia Phoebe. Também ele tinha sido limpo de alto a baixo e as janelas abertas. Creio bem que também ali não entrara desde aquela época dos jogos de escondidas. Na parede, por cima da lareira, havia um retrato de Ambrose pintado quando ele era muito jovem. Eu nem sequer conhecia a sua existência, e ele devia tê-la esquecido. Se fosse obra de algum pintor famoso encontrar-se-ia lá em baixo, junto aos outros retratos de família, mas relegado para ali, para uma divisão que nunca era usada, sugeria que ninguém lhe dera grande valor. Ambrose estava de pé, com a espingarda debaixo do braço e uma perdiz morta na mão esquerda. Os seus olhos fitavam os meus, e a boca esboçava um sorriso. Tinha o cabelo mais comprido do que eu o recordava. Não havia nada de muito notável na pintura nem no rosto aí representado. Apenas uma coisa. A sua estranha semelhança comigo. Olhei para o espelho e de novo para o retrato, e a única diferença era a fenda dos seus olhos, um pouco mais estreita que a dos meus, e o tom mais escuro dos cabelos. Poderíamos ser irmãos, quase gémeos, o jovem do retrato e eu. Aquela súbita descoberta da nossa semelhança animou-me. Era como se o jovem Ambrose me sorrisse dizendo: «Estou contigo.» E também o Ambrose mais velho me pareceu próximo. Fechei a porta atrás de mim e, atravessando de novo o quarto de vestir e o quarto azul, fui para baixo.

Ouvi um barulho de rodas na alameda. Era Louise que chegava de charrete, com grandes ramos de rainhas-margaridas e dalias pousadas no assento a seu lado.

— São para o salão — exclamou ela ao avistar-me. — Achei que Seecombe ficaria satisfeito.

Seecombe, que passava nesse momento no vestíbulo com a sua escolta de lacaios, fez um ar ofendido. Imobilizou-se, muito hirto, enquanto Louise entrava em casa com as flores. — Não precisava de se ter incomodado, Miss Louise — disse ele —, eu já tratara de tudo com Tamlyn. Trouxeram-se do jardim flores suficientes logo de manhã.

— Então eu posso dispô-las — ofereceu Louise. — Os seus rapazes só partirão as jarras. Suponho que terão jarras. Ou estão a enfiar as flores em frascos de doce?

O rosto de Seecombe era um modelo de dignidade ferida. Empurrei apressadamente Louise para a biblioteca e fechei a porta.

— Perguntei-me — explicou Louise em voz baixa — se não gostarias que eu ficasse para orientar as coisas e receber Mrs. Ashley quando ela chegar. O meu pai também teria vindo, mas continua combalido e, com o tempo a ameaçar chuva, achei melhor que não saísse. O que dizes? Devo ficar? As flores não passaram de um pretexto.

Senti-me vagamente irritado por tanto ela como o meu padrinho me acharem tão incompetente, e também ao pobre Seecombe, que trabalhara como um negreiro durante os últimos três dias.

— É muito amável da tua parte, mas absolutamente desnecessário — recusei eu. — Nós orientamo-nos perfeitamente.

Ela pareceu desapontada. Era evidente que morria de curiosidade para ver a minha visitante. Não lhe disse que eu próprio não tencionava estar em casa aquando da sua chegada.

Louise lançou um olhar crítico em redor da sala, mas não fez qualquer comentário. Detetou sem dúvida vários erros, mas teve o tato de não abrir a boca.

— Podes subir, se quiseres ir ver o quarto azul — convidei eu, para atenuar a decepção.

— O quarto azul? — repetiu Louise. — É aquele virado para leste, por cima do salão, não é? Então não a instalaste no quarto de

Mr. Ashley?

— Não. Sou eu que estou no quarto de Ambrose.

Aquela insistência de toda a gente, incluindo Louise, em colocar o quarto de Ambrose à disposição da sua viúva veio alimentar a minha irritação crescente.

— Se queres realmente arranjar as flores, pede jarras a Seecombe — disse eu, dirigindo-me para a porta. — Tenho imensas coisas a fazer lá fora e andarei pela propriedade a maior parte do dia.

Ela pegou nas flores observando-me.

— Acho que estás nervoso — comentou.

— Não estou nervoso — contrapus —, apenas desejo estar sozinho.

Louise corou e deu meia-volta, e eu senti o rebato de consciência que sempre me atormenta depois de magoar alguém.

— Desculpa, Louise — pedi, dando-lhe uma palmadinha no ombro —, não faças caso. E muito obrigado por teres vindo, por teres trazido as flores e por te teres oferecido para ficar.

— Quando voltaremos a ver-nos para me falares de Mrs. Ashley? — indagou ela. — Sabes que estarei ansiosa por saber tudo. Evidentemente, se o meu pai melhorar iremos à igreja no domingo, mas passarei todo o dia de amanhã a perguntar-me...

— A perguntar-te o quê? Se eu atirei a minha prima Rachel do promontório abaixo? — disse eu. — Sou bem capaz disso, se ela me irritar demasiado. Ouve, só para satisfazer a tua curiosidade, amanhã à tarde darei um pulo a cavalo a Pelyn e pintar-te-ei um quadro pormenorizado. Está bem assim?

— Está ótimo — respondeu ela sorrindo, e saiu à procura de Seecombe e das jarras.

Eu conservei-me fora toda a manhã e regressei pelas duas horas, faminto e sedento após a minha cavalgada. Comi um pouco de carne fria e bebi um copo de cerveja. Louise já partira. Seecombe e os criados estavam a tomar a refeição do meio-dia na sua sala. Comi a minha sandes de carne e pão sozinho na biblioteca. Sozinho pela última vez, pensei. Esta noite já ela aqui estará, seja no seu

quarto ou no salão, uma presença desconhecida e hostil, impondo à força a sua personalidade nas minhas salas, na minha casa. Vinha como intrusa ao meu lar. Eu não a queria. Eu não a queria, nem a ela nem a qualquer outra mulher, os olhos a perscrutar tudo, os dedos ávidos, instalando-se na atmosfera íntima e pessoal que me pertencia exclusivamente. A casa estava calma e silenciosa, e eu fazia parte dela, pertencia-lhe, como Ambrose lhe pertencera e continuava a pertencer, algures entre as suas sombras. Não precisávamos de mais ninguém para quebrar o silêncio.

Olhei em volta, quase numa despedida, e depois saí de casa e embrenhei-me nos bosques.

Calculando que Wellington não regressaria com a carruagem antes das cinco horas, decidi permanecer fora até depois das seis. Esperariam por mim para jantar. Seecombe já recebera as minhas instruções. Se ela tivesse fome, deveria aguentá-la até o senhor da casa voltar. Dava-me prazer imaginá-la sentada sozinha no salão, toda arrebicada, cheia da sua importância, e sem ninguém para a receber.

Continuei a caminhar ao vento e à chuva. Subi a alameda até ao cruzamento dos quatro caminhos, e depois virei para leste rumo aos limites das nossas terras; regressei novamente através dos bosques em direção ao norte e às quintas mais afastadas, onde fiz questão de me deter a conversar com os rendeiros, com o único propósito de matar tempo. Atravessei o parque e as colinas a oeste, e cheguei finalmente a casa pelo lado de Barton quando o crepúsculo começava a tombar. Estava encharcado até aos ossos, mas isso não me ralava nada.

Abri a porta do vestíbulo e entrei em casa. Esperava ver sinais da chegada, caixas e malas, mantas de viagem e cestos; mas tudo estava como era habitual, não havia ali nada.

A lareira da biblioteca fora acesa, mas a sala estava vazia. Na sala de jantar a mesa tinha um único talher. Toquei para chamar Seecombe. — Então? — perguntei.

Ele arvorou o seu novo ar de importância e falou em tom comedido.

— Mrs. Ashley chegou — disse ele.

— Calculo bem que sim — respondi-lhe —, devem ser quase sete horas. Ela trouxe bagagem? O que lhe fizeram?

— Mrs. Ashley trouxe poucas coisas pessoais — informou ele. — As caixas e malas pertenciam a Mr. Ambrose. Foram todas colocadas no seu antigo quarto, senhor.

— Ah. — Dirigi-me para a lareira e ajeitei uma acha com a ponta do pé. Por nada deste mundo deixaria que ele me visse as mãos a tremer. — Onde está Mrs. Ashley? — perguntei.

— Recolheu ao seu quarto — respondeu ele. — Parecia fatigada e pede que a desculpe por não descer para jantar. Mandei levar-lhe um tabuleiro há cerca de uma hora.

Senti alívio ao ouvir estas palavras, mas em certo sentido era também uma decepção.

— Como foi a viagem? — indaguei.

— Wellington disse que a estrada estava má a partir de Liskeard, senhor — respondeu ele —, e que havia vento forte. Um dos cavalos perdeu uma ferradura, e tiveram de parar no ferreiro antes de Lostwithiel.

— Hum. — Virei costas ao lume para aquecer as pernas.

— O senhor está muito molhado, Mr. Philip — disse Seecombe. — Devia mudar de roupa para não arrefecer.

— Vou já — anuí eu. Depois, olhando em volta da sala: — Onde estão os cães?

— Creio que seguiram Mrs. Ashley para cima — informou ele —, pelo menos o velho *Don*; dos outros não tenho a certeza.

Continuei a aquecer as pernas ao lume. Seecombe permanecia parado à porta, como se esperasse que eu prosseguisse a conversa.

— Bom — disse eu —, vou tomar banho e mudar-me. Manda um dos rapazes levar-me água quente. Jantarei dentro de uma meia hora.

Jantei sozinho nessa noite, diante dos candelabros reluzentes e da taça de prata cheia de rosas. Seecombe manteve-se atrás da minha cadeira, mas não falámos. O silêncio devia ser um suplício para ele, nessa ocasião especial, pois eu sabia quanto ansiava por me transmitir os seus comentários sobre a recém-chegada. Pior para ele, teria de aguentar um pouco mais e depois poderia desabafar à vontade na sala do intendente.

Terminava eu a refeição quando John entrou e lhe foi segredar algo ao ouvido. Seecombe aproximou-se e curvou-se sobre o meu ombro.

— Mrs. Ashley mandou dizer que, se Mr. Philip desejar vê-la quando acabar de jantar, ela terá muito gosto em recebê-lo — informou-me ele.

— Obrigado, Seecombe.

Quando eles saíram da sala fiz uma coisa que muito raramente fazia, exceto quando extremamente exausto, após uma longa cavalgada ou um dia de caça extenuante, ou a seguir a enfrentar uma tempestade de verão no veleiro, acompanhado de Ambrose. Dirigi-me ao aparador e servi-me de um cálice de brande. Depois subi a escada e bati à porta do pequeno *boudoir*.

CAPÍTULO VIII

Uma voz baixa, quase inaudível, convidou-me a entrar. Embora fosse já noite e as velas tivessem sido acesas, as cortinas não haviam sido corridas e ela estava sentada no banco da janela contemplando o jardim. Encontrava-se de costas para mim, as mãos entrelaçadas no colo. Deve ter pensado que era um dos criados, pois não se mexeu à minha entrada. *Don* estava estendido diante da lareira, com o focinho entre as patas e os dois cães novos a seu lado. Nada fora mexido na sala; não havia gavetas abertas na pequena escrivaninha, nem roupas atiradas para o lado, nada da desordem de uma chegada.

— Boa noite — disse eu, e a minha voz soou forçada e constrangida na pequena sala. Ela virou-se, ergueu-se imediatamente e dirigiu-se para mim. Aconteceu tão depressa que não tive tempo para refletir nas cem imagens que formara dela durante os últimos dezoito meses. A mulher que me perseguira através dos dias e das noites, assombrando-me as horas acordado e perturbando-me os sonhos, achava-se diante de mim. O meu primeiro sentimento foi de choque, quase estupefação, por ela ser tão baixa. Mal me chegava ao ombro. Não possuía nem a altura nem a figura de Louise.

Vestia de preto carregado, o que lhe retirava cor ao rosto, com rendas no pescoço e nos punhos. Tinha os cabelos castanhos penteados com risco ao meio e apanhados na nuca, as feições bem definidas e regulares. A única coisa grande nela eram os olhos, que ao verem-me se dilataram como se de súbito me reconhecesse, surpresos como os olhos de uma corça, passando do reconhecimento ao espanto, do espanto à dor e quase à apreensão. Vi o sangue afluir-lhe ao rosto e desaparecer de novo. Penso que lhe provoquei um choque tão grande como ela a mim e seria difícil dizer qual de nós estava mais nervoso, qual o menos à vontade.

Baixei os olhos para ela e ela ergueu os seus para mim, mas nenhum de nós falou durante um momento. Quando o fizemos, foi em simultâneo.

«Espero que esteja mais repousada» foi a minha rígida contribuição, e a dela «Devo-lhe um pedido de desculpas». Depois ela respondeu rapidamente à minha abertura com um «Sim, obrigada, Philip», e aproximando-se da lareira sentou-se num tamborete, indicando-me com um gesto a cadeira diante de si. *Don*, o velho *retriever*, espreguiçou-se e bocejou, depois sentou-se com esforço e apoiou a cabeça no colo dela.

— Este é o *Don*, não é? — disse ela, pousando-lhe a mão no focinho. — Tem realmente catorze anos?

— Sim — respondi —, o seu aniversário é uma semana antes do meu.

— Encontrou-o dentro de uma empada com o pequeno-almoço — continuou ela. — Ambrose escondera-se atrás do biombo na sala de jantar e observou-o a abrir a empada. Contou-me que nunca esqueceria o seu ar de estupefação quando levantou a crosta e *Don* se esgueirou para fora. O Philip tinha dez anos e foi a 1 de abril.

Parou de afagar *Don* para me sorrir e, com grande embaraço, vi-lhe os olhos marejados de lágrimas, que desapareceram imediatamente.

— Devo-lhe um pedido de desculpas por não ter descido para jantar — disse ela. — Fez tantos preparativos por minha causa e deve ter-se apressado a regressar muito antes do que queria. Mas eu estava muito fatigada. Teria sido uma lamentável companhia. Pareceu-me que preferiria jantar sozinho.

Recordei quanto havia caminhado pela propriedade de um lado para o outro só para a fazer esperar, e fiquei calado. Um dos cães mais novos acordou e lambeu-me a mão. Eu puxei-lhe as orelhas para me ocupar com alguma coisa.

— Seecombe disse-me como está ocupado e o muito que há a fazer — prosseguiu ela. — Não quero que a minha súbita visita o estorve de forma alguma. Orientar-me-ei muito bem sozinha e

sentir-me-ei muito feliz. Não deve alterar o que quer que seja no seu dia de amanhã por minha causa. Quero apenas dizer uma coisa, que é: Obrigada, Philip, por me ter deixado vir. Não deve ter sido fácil para si.

Levantou-se e dirigiu-se à janela para fechar as cortinas. A chuva fustigava os vidros. Talvez eu devesse ter ido correr as cortinas por ela, não sabia. Ergui-me esboçando um gesto desajeitado nesse sentido, mas era demasiado tarde. Ela regressou para junto do lume e sentámo-nos ambos novamente.

— Foi uma sensação muito estranha — comentou ela — atravessar o parque de carruagem até ao solar, onde Seecombe aguardava à porta para me receber. Já fizera isso muitas vezes em imaginação, sabia? Era tudo exatamente como eu idealizara. O vestíbulo, a biblioteca, os quadros nas paredes. O relógio bateu as quatro quando a carruagem se deteve diante da porta e até esse som eu conhecia. — Eu continuava a brincar com as orelhas do cachorro, sem a fitar. — À noite, em Florença — disse ela —, no verão passado e no inverno, antes de Ambrose cair doente, costumávamos falar da viagem de regresso. Eram os seus momentos mais felizes. Descrevia-me os jardins, e os bosques, e o caminho até ao mar. Tencionáramos sempre voltar pelo percurso que eu segui; foi por isso que o fiz. Génova e daí para Plymouth. E a carruagem conduzida por Wellington indo lá buscar-nos para nos trazer para casa. Foi generoso da sua parte fazê-lo, saber o que eu sentiria.

Eu sentia-me bastante idiota, mas consegui achar a língua.

— Receio que a jornada tenha sido árdua — observei —, e Seecombe contou-me que foram obrigados a parar na forja para ferrar um dos cavalos. Lamento.

— Isso não me perturbou — disse ela. — Estive muito satisfeita, lá sentada ao lado do lume, a observar o trabalho e a tagarelar com Wellington.

Mostrava-se agora completamente à vontade. Aquele primeiro nervosismo desaparecera, se é que se tratara realmente de

nervosismo. Não saberia dizê-lo. De momento, parecia-me que se alguém estava em falta era eu, pois sentia-me estranhamente volumoso e desastrado em tão pequena sala. A cadeira em que me encontrava dir-se-ia feita para um anão e não há nada tão contrário a um procedimento natural como o facto de estar mal sentado. Além disso, perguntava-me que espécie de figura eu faria, encolhido naquela malfadada cadeira minúscula, com os meus pés enormes desajeitadamente enfiados lá debaixo e os meus braços compridos pendurados de lado.

— Wellington mostrou-me, ao passarmos, a entrada para casa de Mr. Kendall — comentou ela —, e por instantes perguntei-me se seria correto e delicado ir apresentar-lhe os meus respeitos. Mas era tarde e os cavalos vinham de longe e, muito egoisticamente, eu ansiava por estar... aqui. — Detivera-se um momento antes de proferir a palavra «aqui» e ocorreu-me que estivera prestes a dizer «em casa» mas se contivera. — Ambrose descrevera-me tudo muito bem — prosseguiu ela —, desde o vestíbulo até todas as divisões da casa. Chegou mesmo a desenhá-las, de maneira que creio bem ser capaz de me deslocar aqui dentro de olhos fechados. — Fez uma pausa, e acrescentou: — Deu mostras de grande percepção instalando-me nestes aposentos. Eram os que planeáramos usar, se tivéssemos vindo juntos. Ambrose tencionou sempre destinar-lhe o quarto dele, e Seecombe informou-me de que o Philip se mudou para lá. Ambrose ficaria satisfeito.

— Espero que se sinta confortável — disse eu. — Creio que ninguém voltou a habitar isto desde uma certa tia Phoebe.

— A tia Phoebe apaixonou-se perdidamente por um cura e partiu para Tonbridge a fim de consertar o seu coração despedaçado — gracejou ela —, mas o coração mostrou-se obstinado e a tia Phoebe apanhou um resfriado que durou vinte anos. Nunca ouviu a história?

— Não — declarei eu, lançando-lhe um relance de pálpebras semicerradas. Ela contemplava o lume e sorria, suponho que pensando na tia Phoebe. Tinha as mãos entrelaçadas e pousadas no colo. Eu nunca vira mãos tão pequenas num adulto. Eram muito

delgadas, muito finas, como as mãos de um retrato pintado por um velho mestre e deixado inacabado.

— E então? — insisti. — O que aconteceu à tia Phoebe?

— O resfriado deixou-a, após vinte anos, à vista de um outro cura. Mas por essa altura a tia Phoebe tinha quarenta e cinco anos e o seu coração era menos frágil. Casou-se com o segundo cura.

— Foi um casamento feliz?

— Não — disse a minha prima Rachel —, ela morreu na noite de núpcias... de choque.

Virou-se para mim, a boca a tremer mas os olhos ainda solenes, e eu tive de súbito uma visão de Ambrose a contar-lhe a história como certamente acontecera, curvado na sua poltrona, os ombros sacudidos de animação, enquanto ela erguia os olhos para ele como fazia nesse momento, tentando reprimir o riso. Não consegui impedir-me: sorri à prima Rachel, e qualquer coisa mudou nos seus olhos. Então ela retribuiu-me o sorriso.

— Acho que acaba de inventar tudo isso — disse-lhe eu, lamentando já o meu sorriso.

— De maneira nenhuma — contrariou ela. — Seecombe deve saber essa história. Pergunte-lhe.

Abanei a cabeça. — Ele não acharia correto e ficaria extremamente chocado se pensasse que me contou tal história. Esqueci-me de lhe perguntar se ele lhe trouxe jantar.

— Sim, uma taça de sopa, uma asa de frango e um rim com especiarias. Tudo excelente.

— Tem, decerto, conhecimento de que não há criadas nesta casa. Ninguém para lhe servir de criada de quarto, nem para lhe pendurar os vestidos, apenas o jovem John ou o Arthur para lhe preparar o banho.

— Prefiro assim. As mulheres são muito tagarelas. Quanto aos meus vestidos, toda a roupa de luto se assemelha. Trouxe apenas este fato e outro. E tenho sapatos resistentes para caminhar pela propriedade.

— Se amanhã chover como hoje, terá de permanecer em casa — disse eu. — A biblioteca está bem fornecida. Pessoalmente, não sou de ler muito, mas talvez encontre alguma coisa que lhe agrade.

A boca tremeu-lhe de novo, denunciando um riso contido, mas ela fitou-me gravemente. — Poderia sempre limpar as pratas — observou ela. — Não pensara ver uma tal exibição. Ambrose dizia que o ar do mar as escurecia. — Quase juraria pela sua expressão que ela adivinhara terem todas aquelas relíquias saído de um armário há muito fechado, e que, por trás dos seus grandes olhos, ela ria de mim.

Desviei o olhar. Já lhe sorrira uma vez, e diabos me levassem se o faria novamente.

— Na *villa* — recomeçou ela —, quando fazia muito calor, sentávamo-nos num pequeno pátio com uma fonte. Ambrose dizia-me para fechar os olhos e escutar a água, imaginando que era a chuva do seu país a cair. Ele tinha uma grande teoria, segundo a qual eu mirraria e tremeria de frio no clima inglês, especialmente no desta húmida Cornualha; chamava-me «planta de estufa», exigindo um cultivo por peritos, totalmente inadaptada para terrenos vulgares. Eu era um produto da cidade, dizia, e supercivilizada. Lembro-me de que um dia descí para jantar envergando um vestido novo e ele declarou que eu tresandava a Roma antiga. «Em nossa casa gelarás dentro disso», disse ele, «lá terá de ser flanela rente à pele e um xale de lã.» E eu não esqueci o seu conselho. Trouxe o xale. — Levantei os olhos. Pousado no tamborete a seu lado, havia realmente um xale, preto como o vestido.

— Em Inglaterra — comentei —, especialmente aqui, damos grande importância ao tempo. É necessário, à beira-mar. A nossa terra não é muito rica para cultura, compreende, não se assemelha à do Norte. O solo é pobre e, com quatro dias de chuva em cada sete, dependemos muito do Sol quando ele se digna brilhar. Mas isto mudará amanhã, penso, e poderá dar o seu passeio.

— «Acima da vila e dos prados de Bawden» — recitou ela —, «o cercado de Kemp e o parque de Beef, Kilmoor e o campo do farol,

os Vinte Acres e as Colinas de Oeste.»

Olhei para ela, atónito. — Sabe os nomes das terras de Barton?

— Decerto, há quase dois anos que os sei de cor — respondeu ela.

Fiquei calado. Não havia muito que pudesse dizer a isso. Depois, declarei com rudeza: — É duro para uma mulher caminhar por aí.

— Mas eu tenho sapatos fortes — retorquiu ela.

O pé que me estendeu de sob o vestido, enfiado num sapato de quarto de veludo preto, pareceu-me lamentavelmente inadequado para a marcha.

— Isso?

— É claro que não, algo mais robusto.

Não conseguia imaginá-la a percorrer os campos, apesar da sua segurança. E ela afogar-se-ia nas minhas botas de trabalho.

— Sabe montar? Indaguei.

— Não.

— Consegue aguentar-se num cavalo se a conduzirem à rédea?

— Penso que sim — respondeu ela —, mas terei de me agarrar à sela com as duas mãos. E não há uma coisa chamada «arção» para nos equilibrar?

Fizera a pergunta com toda a seriedade, de olhos graves, e no entanto, mais uma vez, senti que ela ocultava o riso e desejava que eu o partilhasse. — Não estou certo de que tenhamos uma sela de amazona — respondi em tom polido. — Perguntarei a Wellington, mas nunca vi nenhuma na sala dos arreios.

— Talvez a tia Phoebe costumasse montar a cavalo quando perdeu o seu cura — sugeriu ela. — Pode ter sido a sua única consolação.

Era inútil. Algo borbulhou na sua voz e não consegui resistir. O pior foi que ela me viu rir. Desviei o olhar.

— Está bem, verei isso amanhã — anuí eu. — Quer que peça a Seecombe para vasculhar os roupeiros e ver se a tia Phoebe deixou também um traje de amazona?

— Não preciso do trajo, desde que me conduza suavemente e eu me equilibre no tal arção — retorquiu.

Nesse momento, Seecombe bateu à porta e entrou, trazendo um tabuleiro monstruoso com uma chaleira de prata, um bule igualmente de prata e uma lata de chá. Eu nunca pusera a vista em cima de tais objetos, e perguntei-me em que labirinto da sala do intendente os teria ele descoberto. E com que fim os levava para ali? A minha prima Rachel viu o meu olhar surpreendido. Por nada no mundo eu desejaria magoar Seecombe, que pousou a sua oferta na mesa com grande dignidade, mas no meu peito subia uma maré de algo que se aproximava da histeria, pelo que, levantando-me, dirigi-me à janela e fingi contemplar a chuva.

— O chá está servido, minha senhora — disse Seecombe.

— Obrigada, Seecombe — agradeceu ela cerimoniosamente.

Os cães ergueram-se a farejar, estendendo os narizes para o tabuleiro. Estavam tão admirados como eu. Seecombe deu um pequeno estalido com a língua na direção deles.

— Anda, *Don* — chamou ele. — Venham os três. Creio, Mrs. Ashley, que será melhor eu levar os cães. Poderiam virar o tabuleiro.

— Sim, Seecombe — concordou ela —, é possível.

De novo o riso na sua voz. Senti-me grato por estar de costas para ela. — E o pequeno-almoço? — perguntou Seecombe. — Mr. Philip toma o dele às oito horas na sala de jantar.

— Eu gostaria de tomar o meu no quarto — disse ela. — Mr. Ashley dizia que nenhuma mulher estava em estado de se mostrar antes das onze. Será muito trabalho?

— Absolutamente nenhum, Mrs. Ashley.

— Então, obrigada, Seecombe, e boa noite.

— Boa noite, Mrs. Ashley. Boa noite, senhor. Vamos, cães.

Fez estalar os dedos e os cães seguiram-no relutantemente. O silêncio reinou alguns instantes e depois ela indagou docemente: — Toma um pouco de chá? Pelo que percebo é um hábito da Cornualha.

A minha dignidade evaporou-se. Agarrar-me a ela tornara-se um esforço demasiado grande. Regressei para junto da lareira e sentei-me no tamborete ao lado da mesa.

— Vou confessar-lhe uma coisa — disse eu. — Nunca tinha visto este tabuleiro, nem a chaleira, nem o bule.

— Desconfiei disso — comentou ela. — Vi a expressão nos seus olhos quando Seecombe os trouxe. Creio que tampouco ele os terá visto antes. São tesouros ocultos que ele foi decerto desenterrar às caves.

— É realmente o dado — indaguei eu —, beber chá depois do jantar?

— É claro, na alta sociedade, quando há senhoras presentes.

— Nós nunca o tomamos aos domingos, quando os Kendalls e os Pascoes vêm jantar — observei eu.

— Talvez Seecombe não os considere alta sociedade — sugeriu ela. — Fico muito lisonjeada. Eu gosto de tomar o meu chá. Deixo para si o pão e a manteiga.

Também aquilo era uma inovação: tirinhas de pão, enroladas como minúsculas salsichas. — Admiro-me que tenham sabido fazer isto na cozinha — comentei engolindo-as —, mas está muito bom.

— Uma inspiração súbita — afirmou a prima Rachel —, e terá sem dúvida os restos ao pequeno-almoço. A manteiga está a derreter, é melhor lambe os dedos.

Bebeu o seu chá, observando-me por cima da chávena.

— Se quiser, pode fumar o seu cachimbo.

Eu fitei-a, surpreendido.

— No *boudoir* de uma senhora? — indaguei. — Tem a certeza? Aos domingos, quando Mrs. Pascoe vem com o vigário, nunca fumamos no salão.

— Isto não é o salão e eu não sou Mrs. Pascoe — respondeu-me ela.

Encolhi os ombros e tateei o bolso à procura do cachimbo.

— Seecombe vai achar isto muito mal — disse eu. — Sentir-lhe-á o cheiro de manhã.

— Abrirei a janela antes de me ir deitar e sairá tudo com a chuva.

— A chuva é que entrará e molhará a carpete — contrapuse eu —, e isso será pior do que o cheiro do cachimbo.

— Isso enxuga-se com um pano — retorquiu ela. — Mas que meticoloso me saiu, parece um senhor de idade.

— Julguei que as mulheres davam importância a estas coisas.

— E dão, quando não têm mais nada com que se preocupar — foi a resposta.

Ocorreu-me de súbito, enquanto fumava o meu cachimbo, ali sentado no *boudoir* da tia Phoebe, que não era de todo assim que tencionara passar o serão. Preparara algumas palavras de uma cortesia gelada e uma despedida abrupta, deixando a intrusa humilhada e rejeitada.

Lancei-lhe um olhar de relance. Terminara o seu chá e pousava a chávena e o pires no tabuleiro. Observei de novo as suas pequenas mãos estreitas e muito brancas, e perguntei-me se Ambrose as teria classificado de citadinas. Usava dois anéis, ambos com belas pedras preciosas, mas que não pareciam destoar do seu luto, nem estar deslocadas nela. Senti-me satisfeito por ter o forninho do meu cachimbo para segurar e a boquilha para morder, o que me dava a sensação de ser mais eu mesmo e menos um sonâmbulo, desorientado por um sonho. Havia coisas que eu devia fazer, coisas que devia dizer, e estava ali, sentado como um idiota diante do lume, incapaz de reunir os meus pensamentos e as minhas impressões. O dia, tão longo e ansioso, terminara já e, mesmo que a minha vida dependesse disso, eu seria incapaz de dizer se correra a meu favor ou contra mim. Se ao menos a minha prima Rachel apresentasse qualquer semelhança com aquilo que eu imaginara, saberia melhor como proceder, mas agora que ela se encontrava ali, a meu lado, em carne e osso, as imagens pareciam ideias loucas e fantásticas que se fundiam umas nas outras e se desvaneciam na escuridão.

Existia algures uma criatura azeda, deformada e velha, rodeada de advogados; algures, uma avantajada Mrs. Pascoe, arrogante, de

voz sonora; algures, uma petulante boneca mimada, com cachos de caracóis; algures, uma víbora, sinuosa e calada. Mas nenhuma delas se achava comigo naquela sala. A cólera parecia agora fútil e o ódio também; quanto ao medo, como recear alguém que não nos chega ao ombro e não possui nada de notável senão um sentido de humor e mãos pequenas? Fora por aquilo que um homem se batera em duelo, e outro, moribundo, me escrevera «Ela aniquilou-me finalmente, Rachel meu tormento»? Parecia-me que soprara uma bola de sabão para o ar, ficando a vê-la dançar, e que presentemente a bola rebentara.

Tenho de me lembrar, disse para comigo, quase cabeceando em frente ao lume cintilante, de não voltar a beber brande após uma marcha de quinze quilómetros à chuva; entorpece os sentidos e não solta a língua. Eu viera para combater aquela mulher e nem chegara a começar. O que dissera ela acerca da sela da tia Phoebe?

— Philip — disse a voz, muito calma, muito baixa —, Philip, está quase a dormir. Por favor, vá-se deitar.

Abri os olhos sobressaltado. Ela continuava sentada e observava-me, as mãos no colo. Pus-me de pé desajeitadamente e quase derrubei o tabuleiro.

— Peço-lhe que me desculpe — titubeei —, deve ter sido por ficar todo dobrado neste tamborete que me fez sono. Em geral, na biblioteca, sento-me de pernas estendidas.

— Fez imenso exercício hoje, não foi?

A sua voz era bastante inocente e todavia... O que queria ela dizer? Franzi a testa e fitei-a, decidido a não responder. — Então, se amanhã estiver bom tempo — continuou ela —, arranjar-me-á um cavalo calmo e de confiança para que eu possa sentar-me nele e ir visitar as terras de Barton?

— Sim, se o desejar.

— Não preciso de o incomodar; Wellington conduzir-me-á.

— Não, eu posso levá-la. Não tenho mais nada para fazer.

— Espere — atalhou ela —, esquece-se de que será sábado. E aos sábados de manhã paga os salários do pessoal. Iremos antes à

tarde.

Observei-a, pasmado. — Justos céus — exclamei —, como sabe que eu pago os salários ao sábado?

Para minha consternação e grande embaraço, os seus olhos ficaram de repente brilhantes e húmidos, como acontecera antes ao falarmos do meu décimo aniversário. E a sua voz tornou-se muito mais dura.

— Se não sabe — declarou ela —, tem menos conhecimento do que eu pensava. Aguarde aqui um momento, tenho um presente para si.

Abriu a porta e passou para o quarto de dormir contíguo, de onde regressou um instante depois trazendo na mão uma bengala.

— Aqui está — disse ela —, tome, é sua. O resto poderá escolher e examinar noutra altura, mas quis ser eu própria a dar-lhe isto, esta noite.

Era a bengala de Ambrose. Aquela que sempre usava, e com a qual se apoiava. A que tinha uma faixa de ouro e cujo castão era uma cabeça de cão esculpida em marfim.

— Obrigado — murmurei desajeitadamente —, muito obrigado.

— Agora vá — pediu ela —, por favor, vá-se embora depressa.

E, empurrando-me para fora da sala, fechou a porta.

Eu parei, com a bengala na mão. Ela não me dera sequer tempo para desejar-lhe uma boa noite. Do *boudoir* não vinha qualquer ruído, e percorri lentamente o corredor até ao meu quarto. Pensei na expressão dos seus olhos ao dar-me a bengala. Uma vez, não há muito tempo, eu vira noutros olhos aquela mesma expressão de sofrimento antigo. Também esses olhos traduziam reserva e orgulho, mesclados com a mesma humildade, a mesma agonia da súplica. Deve ser, disse para comigo entrando no meu quarto, o quarto de Ambrose, e examinando a bengala que tão familiar me era, deve ser por os olhos terem a mesma cor e pertencerem à mesma raça. À parte isso, não poderia haver nada em comum entre a mendiga junto ao Arno e a minha prima Rachel.

CAPÍTULO IX

Na manhã seguinte desci muito cedo, e imediatamente após o pequeno-almoço dirigi-me aos estábulos, chamei Wellington e entrámos juntos na sala dos arreios.

Sim, havia uma meia dúzia de selas de amazona entre as outras. Eu é que, de facto, nunca reparara nelas.

— Mrs. Ashley não sabe montar — expliquei eu. — Tudo o que quer é um animal em que possa sentar-se e alguma coisa a que se agarrar.

— Será melhor darmos-lhe *Solomon* — sugeriu o velho cocheiro. — Talvez ele nunca tenha levado uma senhora, mas não a fará cair, com toda a certeza. E não poderei dizer o mesmo de nenhum dos outros cavalos, Mr. Philip.

Solomon fora o cavalo de caça de Ambrose há muitos anos, mas agora vagueava principalmente pelos prados, exceto quando Wellington o exercitava na estrada principal. As selas de amazona estavam penduradas muito alto na parede da sala dos arreios, e foi preciso chamar o moço de estrebaria e mandar vir uma pequena escada para as descer. A escolha de uma sela provocou uma nuvem de poeira e alguma agitação: esta estava muito gasta, a outra era demasiado estreita para a ampla garupa de *Solomon*, e o rapaz foi repreendido porque a terceira tinha uma teia de aranha. Eu ria intimamente, calculando que ninguém, incluindo Wellington, pensava naquelas selas há um quarto de século, e disse-lhe que uma boa limpeza com uma camurça a poria em condições, e que Mrs. Ashley julgaria que a sela chegara de Londres na véspera.

— A que horas deseja a senhora partir? — perguntou ele, e eu fitei-o um instante, desconcertado com a sua escolha de palavras.

— Pouco depois do meio-dia — respondi secamente. — Pode trazer *Solomon* para a porta de entrada, e eu próprio conduzirei Mrs. Ashley.

Regressei a casa e ao escritório da propriedade para verificar os livros e fazer as contas semanais antes de os homens chegarem para receber. A senhora, realmente! Era assim que eles a consideravam, Wellington, Seecombe e os outros? Suponho que, de certo modo, era natural da sua parte, mas pensei que os homens, e principalmente os criados, perdem depressa a cabeça em presença de uma mulher. Aquela expressão de reverência nos olhos de Seecombe quando levava o chá na noite anterior, e as maneiras respeitosas ao colocar o tabuleiro diante dela; e nessa manhã, ao pequeno-almoço, era o jovem John, imagine-se, que me aguardava junto do aparador e levantara a tampa do meu *bacon*, porque «Mr. Seecombe», dissera ele, «subiu para levar o tabuleiro ao *boudoir*». E agora eis ali Wellington, muito excitado, a encerar e a polir a velha sela de amazona, gritando por cima do ombro ao moço que fosse preparar *Solomon*. Terminei as minhas contas, satisfeito por permanecer tão insensível ao facto de, pela primeira vez desde que Ambrose mandara embora a minha ama, uma mulher ter dormido sob aquele teto. E, ao pensar nisso, dei-me conta de que a maneira como ela me tratara quando eu quase adormecera, as suas palavras, «Philip, vá-se deitar», eram o que a minha ama teria podido dizer-me mais de vinte anos antes.

Ao meio-dia vieram os criados, bem como os homens que trabalhavam nos estábulos, nos bosques e nos jardins, e eu entreguei-lhes os seus salários. Depois notei que Tamlyn, o chefe dos jardineiros, não estava entre eles e, perguntando a razão, foi-me respondido que se encontrava algures na propriedade com «a senhora». Não fiz qualquer comentário, continuei os pagamentos e mandei-os embora. Um instinto disse-me onde encontrar Tamlyn e a minha prima Rachel. Tinha razão. Estavam no viveiro onde plantáramos as camélias, e os oleandros, e os outros arbustos trazidos por Ambrose das suas viagens.

Eu nunca fora entendido em jardins — deixava isso para Tamlyn — e, ao virar a esquina para ir ao seu encontro, ouvi-a falar acerca de enxertos, camadas e exposição a norte, e adubos para a terra, e

Tamlyn escutava tudo aquilo de chapéu na mão e o mesmo olhar de reverência de Seecombe e Wellington. Ela sorriu ao avistar-me e pôs-se de pé. Estivera ajoelhada num pedaço de estopa, a examinar as raízes de uma jovem árvore.

— Ando cá por fora desde as dez e meia — explicou. — Procurei-o para lhe pedir autorização, mas, como não o consegui encontrar, fiz algo de muito ousado e dirigi-me sozinha a casa de Tamlyn para me apresentar, não foi, Tamlyn?

— Foi, sim, minha senhora — concordou Tamlyn, com um olhar de adoração.

— Sabe uma coisa, Philip? — continuou ela. — Eu trouxe comigo de Plymouth (não pude metê-los na carruagem, virão com uma transportadora) todas as plantas e todos os arbustos que nós colecionámos, Ambrose e eu, durante os últimos dois anos. Tenho comigo as listas e a indicação dos lugares onde ele desejava colocá-los, e pensei que pouparíamos tempo se mostrasse a lista a Tamlyn e lhe explicasse do que se tratava. Posso já ter partido quando a transportadora trouxer tudo.

— Muito bem — respondi eu. — Vocês os dois percebem mais destas coisas do que eu. Continuem, por favor.

— Já acabámos, não é verdade, Tamlyn? — retorquiu ela. — Por favor agradeça a Mrs. Tamlyn a chávena de chá que me ofereceu, e diga-lhe que espero que esta noite esteja melhor das suas dores de garganta. O remédio é óleo de eucalipto, vou mandar-lhe um pouco.

— Obrigado, minha senhora — disse Tamlyn (era a primeira vez que eu ouvia falar das dores de garganta da sua mulher), e acrescentou, olhando-me com um certo ar de constrangimento: — Aprendi algumas coisas esta manhã, Mr. Philip, que nunca pensei aprender com uma senhora. Sempre pensei que conhecia o meu trabalho, mas Mrs. Ashley sabe mais de jardinagem do que eu alguma vez saberei. Fez-me sentir um autêntico ignorante.

— Disparate, Tamlyn — contrapôs a minha prima Rachel —, eu só sei de árvores e arbustos. Quanto aos frutos, não faço a menor

ideia de como obter um pêssago, e lembre-se de que ainda não me levou a visitar o jardim murado. Isso fica para amanhã.

— Quando quiser, minha senhora — anuiu Tamlyn. Ela despediu-se e dirigimo-nos para casa.

— Se está cá fora desde as dez — observei eu —, deve querer descansar agora. Vou dizer a Wellington para afinal não selar o cavalo.

— Descansar? — exclamou ela. — Quem fala em descansar? Passei a manhã ansiosa pelo meu passeio a cavalo. Olhe, o sol. Bem me disse que ele romperia. Será o Philip a conduzir-me ou Wellington?

— Serei eu — respondi. — E aviso-a de que talvez possa ensinar alguma coisa sobre camélias a Tamlyn, mas não me ensinará nada sobre agricultura.

— Sei distinguir a aveia da cevada — comentou ela. — Não fica impressionado?

— Absolutamente nada e, de qualquer maneira, não encontrará nenhuma delas nos nossos campos, foi tudo ceifado — elucidei-a eu.

Ao chegar a casa descobri que Seecombe tinha servido na sala de jantar um almoço de carnes frias e saladas, acompanhadas de empadas e pudins, como se fôssemos sentar-nos para jantar. A minha prima Rachel fitou-me de relance, de rosto muito sério, mas com aquela expressão de riso no fundo dos olhos.

— O Philip é um jovem e ainda não acabou de crescer — proferiu ela. — Coma e dê graças. Meta no bolso uma fatia dessa empada e eu pedir-lha-ei quando estivermos nas colinas ocidentais. Agora vou subir para me vestir de maneira adequada a montar.

Pelo menos, pensei para comigo ao atacar as carnes frias com um belo apetite, ela não espera uma criada às ordens nem algo desse género, possui uma certa independência de espírito que, graças a Deus, poderia classificar-se de não-feminina. A única coisa que me irritava era ela parecer aceitar de bom grado e até com

prazer a maneira como a tratava, eu que esperara mostrar-me cortante. Ela tomava o meu sarcasmo por jovialidade.

Mal terminara de comer quando trouxeram *Solomon* para a porta. O velho cavalo robusto recebera o tratamento mais completo da sua vida. Até os cascos tinham sido polidos, uma atenção que nunca era dispensada à minha *Gypsy*. Os dois cães novos brincavam em volta dele. *Don* observava-os imperturbável; os seus dias de corridas tinham acabado, tal como os do seu amigo *Solomon*.

Fui informar Seecombe de que só regressaríamos depois das quatro horas e, ao voltar, a minha prima Rachel tinha descido e encontrei-a já montada em *Solomon*. Wellington ajustava-lhe o estribo. Ela mudara para outro vestido de luto, mais amplo do que o anterior, e em vez de usar chapéu protegera a cabeça enrolando o seu xale de renda preta nos cabelos. Estava a falar com Wellington, de perfil para mim, e não sei porquê recordei o que ela contara na noite anterior acerca de Ambrose a provocar dizendo-lhe que ela tresandava a Roma antiga. Julguei compreender nesse momento o que ele queria dizer com isso. As suas feições assemelhavam-se às que se veem gravadas nas moedas romanas, definidas mas miúdas; e, com aquele xale de renda em volta da cabeça, recordava-me igualmente as mulheres que vira ajoelhadas na Catedral de Florença, ou imóveis nas entradas das casas silenciosas. Montada em *Solomon*, ninguém diria que com os pés assentes na terra era de estatura tão pequena. A mulher que eu considerava não ter nada de notável, excetuando as mãos, os olhos de cambiantes e a voz borbulhante de riso em certas ocasiões, parecia diferente sentada num plano superior ao meu. Parecia mais ativa, mais longínqua e mais... italiana.

Ela ouviu os meus passos e virou-se para mim; e imediatamente se desvaneceu aquele ar distante, aquele ar estrangeiro que se apoderara das suas feições em repouso. Era a mesma que antes.

— Pronta? — indaguei. — Ou receia cair?

— Depósito a minha confiança em si e em *Solomon* — retorquiu ela.

— Muito bem, então. Vamos lá. Demoraremos cerca de duas horas, Wellington. — E, pegando na rédea, parti com ela para dar a volta aos campos de Barton.

O vento da véspera virara para norte, levando consigo a chuva, e ao meio-dia o sol rompera e o céu estava limpo. Havia no ar uma luminosidade salgada que conferia à marcha um certo estímulo, e ouvia-se a maré, que enchia rapidamente, a quebrar-se nos rochedos da baía. Tínhamos com frequência dias assim no outono. Não pertenciam a estação nenhuma, possuindo uma frescura muito própria, ainda com o sabor residual do verão mas anunciando já horas mais frias.

Foi uma peregrinação estranha, a nossa. Começámos por visitar a quinta de Barton e tive de me esforçar para impedir Billy Rowe e a mulher de insistirem no seu convite para entrarmos a fim de saborearmos bolos e natas; de facto, só em troca da promessa de ali voltar na segunda-feira consegui que me deixassem passar o estábulo, a estrumeira e os portões, e conduzir *Solomon* e a minha prima Rachel até ao restolho das colinas ocidentais.

As terras de Barton formam uma península, cuja extremidade é ocupada pelos campos do farol, com o mar cavando baías de ambos os lados, tanto para leste como para oeste. Tal como eu lhe dissera, os cereais tinham sido todos ceifados e eu pude conduzir o velho *Solomon* por onde quis, uma vez que ao restolho ele não provocava danos. Aliás, a maior parte das terras de Barton é constituída por pastagens, e para as percorrer na totalidade mantivemo-nos junto ao mar, chegando enfim ao farol, de maneira que, olhando para trás, ela pôde ver toda a extensão da propriedade, limitada a oeste pela grande faixa de areia da baía e, cinco quilómetros para leste, pelo estuário. A quinta de Barton e a nossa própria casa — o solar, como lhe chamava sempre Seecombe — estavam edificadas numa espécie de prato, mas as árvores plantadas por Ambrose e pelo meu tio Philip cresciam já fortes e altas protegendo melhor a casa, e para norte a nova alameda

serpenteava através dos bosques e subia a encosta onde se cruzam os quatro caminhos.

Recordando a sua conversa da noite anterior, tentei pôr à prova a minha prima Rachel quanto aos nomes dos campos de Barton, mas não consegui apanhá-la em falta: conhecia-os todos. A memória não a traiçou quando chegou a vez de citar as várias praias, os promontórios e as outras quintas da propriedade; sabia o nome dos rendeiros e o número de filhos, sabia que o sobrinho de Seecombe habitava na casa de pesca da praia e o irmão tinha o moinho. Ela não me atirou à cara todas essas informações, fui antes eu que, picado pela curiosidade, a levei a revelá-las; e, quando me nomeou os lugares e falou das pessoas, fê-lo com toda a naturalidade e um certo espanto por eu achar isso estranho.

— De que pensa que nós falávamos, Ambrose e eu? — perguntou-me por fim, ao descermos a colina do farol em direção aos campos de leste. — A sua casa era a sua paixão, portanto eu fiz dela a minha. Não é o que esperaria também da sua mulher?

— Como não tenho mulher, não lhe sei dizer — respondi eu —, mas julgaria que, tendo passado toda a sua vida no continente, os seus interesses seriam totalmente diferentes.

— E eram — anuiu ela —, até conhecer Ambrose.

— Exceto no que se refere a jardins, creio.

— Exceto no que se refere a jardins — concordou ela —, que foi por onde tudo começou, como ele lhe deve ter contado. O meu jardim na *villa* era muito belo, mas isto... — deteve-se um instante, refreando *Solomon*, e eu permaneci com a mão na rédea — isto é o que sempre desejei ver. Isto é diferente. — Calou-se um momento, contemplando a baía. — Na *villa* — continuou —, quando eu era jovem e casei pela primeira vez (não me refiro a Ambrose), não era muito feliz, por isso distraí-me redesenhando os jardins, replantando grande parte e construindo os terraços. Pedi conselhos e consultei livros, e os resultados foram muito satisfatórios; pelo menos eu assim achei, e era o que me diziam. Pergunto-me o que pensaria deles o Philip.

Ergui os olhos para ela. Tinha o perfil virado para o mar e não sabia que eu a observava. Que queria ela dizer? O meu padrinho não lhe contara a minha visita à *villa*?

Apoderou-se de mim uma súbita suspeita. Lembrei-me da sua atitude da véspera à noite, após o nervosismo inicial do encontro, e também da facilidade da nossa conversa, que, ao refletir sobre isso ao pequeno-almoço, levava à conta do seu hábito de vida social e do meu torpor provocado pelo brande. Mas agora parecia-me estranho que na véspera ela não tivesse mencionado a minha ida a Florença, e ainda mais estranho que não tivesse feito qualquer referência à maneira como eu soubera da morte de Ambrose. Seria possível que o meu padrinho tivesse evitado esse assunto deixando para mim a tarefa de lho comunicar? Chamei-lhe intimamente «velho tolo e covarde», mas no fundo sabia que, nesse momento, o covarde era eu. Se ao menos lhe tivesse contado a noite passada, com o brande a dar-me coragem; mas agora, agora, não era tão fácil. Ela perguntar-se-ia por que motivo não falara eu antes. Este era sem dúvida o momento certo, o momento de dizer: «Eu vi os jardins da sua Villa Sangalletti. Não sabia?» Mas ela incitou suavemente *Solomon* e ele retomou a marcha.

— Podemos passar pelo moinho e subir os bosques do outro lado? — perguntou ela.

Eu deixara passar a oportunidade e prosseguimos de regresso a casa. Quando atravessámos os bosques, ela fez comentários ocasionais acerca das árvores, ou da forma das colinas, ou de qualquer outro elemento da paisagem; mas para mim a tranquilidade da tarde desaparecera porque, de uma maneira ou de outra, tinha de contar a minha visita a Florença. Se eu não dissesse nada ela saberia por Seecombe, ou pelo meu próprio padrinho quando ele viesse jantar, no domingo. À medida que nos aproximávamos de casa, eu ia ficando cada vez mais silencioso.

— Fatiguei-o de mais — comentou ela. — Eu andei aqui a passear-me como uma rainha em cima de *Solomon*, enquanto o

Philip fez todo o caminho a pé como um peregrino. Perdoe-me. Estive muito feliz. Nem imagina quanto.

— Não, não estou cansado — neguei eu —, estou... estou encantado por ter apreciado o seu passeio. — Não consegui fitar aqueles olhos, diretos e interrogativos.

Wellington esperava diante de casa para a ajudar a desmontar. Ela subiu para descansar antes de se vestir para o jantar, e eu fui sentar-me na biblioteca, a fumar o meu cachimbo, de testa franzida, perguntando-me como diabo iria falar-lhe de Florença. O pior do caso era que, se o meu padrinho lhe tivesse contado na sua carta, caber-lhe-ia a ela abordar o assunto, e eu poderia aguardar descontraído o que ela tinha a dizer. No estado atual das coisas, a iniciativa devia partir de mim. Mesmo isso não teria importância se ela tivesse sido a mulher que eu esperava. Por que motivo, meu Deus, haveria ela de ser tão diferente e transtornar de tal forma os meus planos?

Lavei as mãos, mudei de roupa para o jantar e meti no bolso as duas últimas cartas que Ambrose me escrevera, mas quando entrei no salão, esperando encontrá-la aí, este estava vazio. Seecombe, que nesse momento passava pelo vestíbulo, informou-me de que «a senhora» fora para a biblioteca.

Agora que ela já não me dominava do alto de *Solomon*, e tirara o xale e penteara o cabelo, parecia ainda mais pequena e mais desprotegida do que antes. Mais pálida também à luz das velas, e o seu vestido de luto mais sombrio pelo contraste.

— Importa-se que eu venha para aqui? — perguntou-me. — O salão é encantador de dia, mas agora, com os cortinados corridos e os candelabros acesos, esta sala é melhor. E depois era onde o Philip e Ambrose se instalavam sempre.

Era talvez a minha oportunidade, o momento de lhe dizer: «Sim. Não tem na sua *villa* nada de semelhante.» Mas permaneci calado e a entrada dos cães distraiu-nos. Depois do jantar, disse para comigo, depois do jantar será uma boa altura. E não beberei nem porto nem brande.

Ao jantar, Seecombe sentou-a à minha direita, e fomos servidos por ele e por John. Ela admirou a taça das rosas e os candelabros, e falou com Seecombe quando ele lhe colocava os pratos, enquanto eu tremia com receio de que ele dissesse: «Isso aconteceu quando Mr. Philip estava em Itália.»

Aguardava com impaciência que o jantar terminasse e pudesse ficar a sós com ela, embora isso me aproximasse da prova por que tinha de passar. Sentámo-nos diante da lareira da biblioteca, e ela pegou num bordado em que começou a trabalhar. Eu observava as pequenas mãos ágeis, maravilhado.

— Diga-me o que o preocupa — pediu ela, passados instantes. — Não negue que há alguma coisa, porque saberei que não fala verdade. Ambrose dizia-me que eu tinha um instinto animal para detetar problemas, e esta noite deteto-os em si. Na realidade, desde o final da tarde. Eu não disse nada que o magoasse, espero...

Bom, cá estávamos. Pelo menos ela abriu-me o caminho.

— Não disse nada que me magoasse — respondi —, mas um seu comentário ocasional deixou-me um pouco confuso. Importa-se de me contar o que dizia Nick Kendall na carta que lhe escreveu para Plymouth?

— Com certeza. Agradecia a minha carta, dizia que já tinham ambos conhecimento da morte de Ambrose, que o *signor* Rainaldi lhe escrevera enviando uma cópia da certidão de óbito e outros documentos, e que o Philip me convidava para uma breve estada até eu ter definido os meus planos. Na verdade, ele sugeriu que eu fizesse uma visita a Pelyn quando saísse daqui, o que foi muito amável da sua parte.

— Foi tudo o que ele disse?

— Sim, era uma carta bastante curta.

— Ele não disse nada acerca de eu ter estado ausente?

— Não.

— Compreendo. — Senti invadir-me uma onda de calor, enquanto ela continuava sentada, muito serena e imóvel, prossequindo o seu bordado.

Depois eu disse: — O meu padrinho falava verdade ao informar que ele e os criados tinham sabido da morte de Ambrose pelo *signor* Rainaldi. Mas comigo foi diferente. É que eu soube em Florença, na *villa*, pela boca dos seus criados.

Ela levantou a cabeça e fitou-me. Desta vez não havia lágrimas nos seus olhos, nem uma sugestão de riso: o seu olhar foi longo e penetrante e pareceu-me ler-lhe nele uma mescla de compaixão e censura.

CAPÍTULO X

— O Philip foi a Florença? — perguntou ela. — Quando, há quanto tempo?

— Regressei há menos de três semanas — respondi eu. — Fiz a viagem de ida e volta por França. Passei apenas uma noite em Florença. A noite de 15 de agosto.

— De 15 de agosto? — percebi uma nova inflexão na sua voz, vi um clarão de memória passar-lhe pelos olhos. — Mas eu só parti para Génova no dia anterior. Não é possível.

— Não só é possível como é verdade — contrapus. — Aconteceu.

O bordado caíra-lhe das mãos e aquele estranho olhar, quase de apreensão, surgiu de novo.

— Por que motivo não me disse? — indagou ela. — Por que motivo me deixou permanecer aqui em casa vinte e quatro horas, sem soltar uma palavra acerca disso? A noite passada... devia ter-me contado a noite passada.

— Pensei que sabia. Eu pedira ao meu padrinho para a informar na sua carta. De qualquer maneira, é assim. Agora já sabe.

Uns restos de cobardia em mim tinham esperança de que aquilo terminasse ali, de que ela voltasse a pegar no seu bordado. Mas não.

— Foi à *villa* — murmurou ela, como se falasse consigo própria. — Giuseppe deve tê-lo deixado entrar. Terá aberto os portões, viu-o ali e deve ter pensado... — Interrompeu-se, uma nuvem toldou-lhe os olhos e ela baixou-os para o lume. — Quero que me conte o que se passou, Philip — pediu.

Meti a mão no bolso e senti as duas cartas.

— Não recebia notícias de Ambrose há muito tempo — comecei eu —, desde a Páscoa, ou talvez do Pentecostes, não me lembro da data, mas tenho todas as cartas dele lá em cima. Fiquei preocupado. E as semanas foram passando. Depois, em julho, chegou

uma carta. Apenas uma página. Nem parecia dele, uma espécie de gatafunho. Mostrei-a ao meu padrinho, Nick Kendall, e ele concordou que eu devia partir imediatamente para Florença, o que fiz um ou dois dias depois. No momento da partida chegou outra carta, apenas algumas frases. Tenho ambas essas cartas no bolso. Quer vê-las?

Ela não respondeu de imediato. Virara costas à lareira e fitava-me de novo. Havia naqueles olhos uma certa coerção, não imperiosa, mas estranhamente profunda, estranhamente terna, como se ela tivesse o poder de ler e compreender a minha relutância em prosseguir, soubesse os motivos e me incitasse.

— Ainda não — disse ela. — Depois.

O meu olhar desviou-se do dela para as suas mãos. Estavam entrelaçadas no seu colo, pequenas e absolutamente imóveis. Pareceu-me mais fácil falar se não olhasse diretamente para ela, mas para as suas mãos.

— Cheguei a Florença. Aluguei uma *carrozza* e dirigi-me à sua *villa*. A criada abriu o portão e eu perguntei por Ambrose. Ela pareceu assustada e chamou o marido. Ele veio e disse-me que Ambrose morrera e a senhora tinha partido. Mostrou-me a *villa*. Vi o quarto onde ele morreu. Mesmo antes de partir, a mulher abriu uma arca e deu-me o chapéu de Ambrose. Era a única coisa que se esquecera de levar consigo.

Calei-me e continuei a olhar para as mãos dela. Os dedos da direita tocavam no anel da esquerda. Vi-os apertarem-no.

— Continue — insistiu ela.

— Desci para Florença — retomei eu. — O criado tinha-me dado o endereço do *signor* Rainaldi. Fui ao seu escritório. Ele pareceu surpreendido ao ver-me, mas depressa se recompôs. Deu-me pormenores da doença e da morte de Ambrose, e também uma nota para o guarda do cemitério protestante se porventura eu quisesse visitar a campa. Não quis. Indaguei o seu paradeiro, mas ele afirmou ignorar. E foi tudo. No dia seguinte iniciei a viagem de regresso a casa.

Seguiu-se outra pausa. Os dedos cerrados sobre o anel abrandaram. — Posso ver as cartas?

Tirei-as do bolso e estendi-lhas. Voltei a contemplar o lume e ouvi o estalar do papel enquanto ela as abria. Houve um longo silêncio. Depois ela perguntou: — Só estas duas?

— Só essas duas — confirmei eu.

— Nada depois da Páscoa ou do Pentecostes, disse o Philip, até chegarem estas?

— Não, nada.

Ela deve tê-las lido e relido, decorando as palavras como eu fizera. Por fim devolveu-mas.

— Como me odiou — proferiu lentamente.

Ergui os olhos, sobressaltado, e enquanto nos fitávamos pareceu-me que ela conhecia todas as minhas fantasias, os meus sonhos, que via uma após outra as caras das mulheres que eu imaginara durante todos estes meses. Negar era inútil e protestar era absurdo. As barreiras tinham caído. Era uma sensação estranha, como se eu me achasse nu na minha poltrona.

— Sim — anuí.

Uma vez dito, tornou-se mais fácil. Talvez, pensei, seja assim que um católico se sente no confessional. É este o significado da purificação. Um peso que se vai e o vazio em seu lugar.

— Por que motivo me convidou para vir aqui? — perguntou ela.

— Para a acusar.

— Acusar-me de quê?

— Não tenho a certeza. Talvez de lhe despedaçar o coração, o que seria crime, não?

— E depois?

— Não fiz planos a longo prazo. Queria, mais do que qualquer outra coisa no mundo, fazê-la sofrer. Observá-la a sofrer. Depois, suponho, deixá-la partir.

— Isso era generoso. Mais generoso do que eu mereceria. Ainda assim, foi bem-sucedido. Obteve o que queria. Continue a observar-me até estar satisfeito.

Qualquer coisa mudava nos olhos que me fitavam. O rosto estava muito branco e imóvel; isso não mudou. Tivesse eu feito o rosto em pó com o meu calcanhar, os olhos teriam permanecido com as lágrimas que nunca escorriam pelas faces, que nunca caíam.

Levantei-me e atravessei a sala.

— Não adianta — comentei. — Ambrose sempre me disse que eu daria um péssimo soldado. Não sou capaz de disparar a sangue-frio. Por favor, vá para cima ou para onde quiser, mas não fique aqui. Eu era demasiado novo para me lembrar de quando a minha mãe morreu, e nunca vi uma mulher chorar. — Abri a porta para a deixar sair. Mas ela não se moveu, continuou sentada junto da lareira.

— Prima Rachel, vá para cima — supliquei.

Não sei que som tinha a minha voz, se duro, se elevado, mas o velho *Don*, estendido no chão, levantou a cabeça e olhou-me com o seu ar de velho cão sábio, depois espreguiçou-se e bocejou, e foi apoiar o focinho nos pés dela, diante do lume. Então ela moveu-se. Baixou a mão e tocou-lhe na cabeça. Eu fechei a porta e voltei para junto da lareira. Peguei nas duas cartas e atirei-as ao lume.

— Isso também não adianta — observou ela —, uma vez que ambos recordamos o que ele disse.

— Eu posso esquecer se também quiser fazê-lo — afirmei-lhe. — Há algo de purificador no lume. Não resta nada. As cinzas não contam.

— Se fosse um pouco mais velho — disse ela —, ou se a sua vida tivesse sido diferente, se fosse qualquer outra pessoa que não o Philip e não o tivesse amado tanto, eu poderia falar-lhe dessas cartas e de Ambrose. Mas não o farei; prefiro que me condene. A longo prazo, isso torna as coisas mais fáceis para nós os dois. Se me permite que fique até segunda-feira, partirei então e nunca mais precisará de pensar em mim. Embora não fosse essa a sua intenção, a noite passada e o dia de hoje foram profundamente felizes. Deus o abençoe, Philip.

Mexi o fogo com a ponta do sapato e caíram brasas.

— Eu não a condeno — declarei. — Nada correu como eu pensara ou planeara. Não posso continuar a odiar uma mulher que não existe.

— Mas eu existo.

— Mas não é a mulher que eu odiava. É tão simples quanto isso.

Ela continuava a afagar a cabeça de *Don*, que a levantou e apoiou ao seu joelho.

— Essa mulher que imaginou, tomou forma quando leu as cartas ou antes?

Refleti um instante. Depois, as palavras jorraram libertando-me de tudo. Porquê deixar ficar alguma coisa a apodrecer?

— Antes — murmurei lentamente. — Num certo sentido, senti-me aliviado quando as cartas chegaram. Davam-me uma razão para a odiar. Até então não havia nada que o justificasse, e eu tinha vergonha.

— Tinha vergonha porquê?

— Porque penso que não há nada tão destrutivo, nenhuma emoção tão desprezível, como o ciúme.

— Tinha ciúmes...

— Sim. Posso confessá-lo agora, por estranho que pareça. Desde o início, quando ele me escreveu a dizer que se casara. Talvez mesmo antes disso pode ter havido uma espécie de sombra, não sei. Todos esperavam que eu ficasse tão encantado como eles, e não era possível. Deve parecer-lhe altamente sentimental e absurdo esse meu ciúme. Como uma criança mimada. Talvez eu tenha realmente sido uma criança mimada, e talvez ainda seja. O mal é que nunca conheci nem amei ninguém no mundo senão Ambrose.

Pensava já em voz alta nesse momento, sem me importar com a opinião que ela fizesse de mim. Expressava por palavras coisas que nunca admitira a mim próprio.

— Não seria também esse o mal dele? — comentou ela.

— O que quer dizer?

Ela retirou a mão da cabeça de *Don* e, apoiando o queixo nas palmas, os cotovelos nos joelhos, fixou o lume.

— O Philip tem apenas vinte e quatro anos, tem a vida inteira diante de si, muitos anos de provável felicidade, casado, sem dúvida, com uma mulher que amará e que lhe dará filhos. O seu amor por Ambrose nunca diminuirá, mas recuará para o lugar que lhe compete. O amor de um filho pelo pai. Não foi assim para ele. O casamento veio demasiado tarde.

Assentei um joelho no chão diante do lume e acendi o meu cachimbo. Não pensei em pedir-lhe autorização. Sabia que ela não se importava.

— Porquê demasiado tarde?

— Ele tinha quarenta e três anos quando chegou a Florença, apenas há dois anos, e eu o vi pela primeira vez. Sabe como ele era, como falava, as suas maneiras, o seu sorriso. Foi a sua vida desde a infância. Mas não pode saber o efeito que isso teve numa mulher cuja vida não tinha sido feliz, que conhecera homens... muito diferentes.

Eu não disse nada, mas creio ter compreendido.

— Não sei por que motivo ele se dedicou a mim, mas foi assim — prosseguiu ela. — Estas coisas não se explicam, acontecem. Por que razão aquele homem ama aquela mulher, que bizarra mistura química no nosso sangue nos atrai uns para os outros, quem sabe? Para mim, solitária, inquieta, sobrevivente de demasiados naufrágios emocionais, ele chegou quase como um salvador, a resposta a uma prece. Um homem forte como ele, e simultaneamente terno, destituído de qualquer vaidade pessoal, nunca eu encontrara ninguém assim. Foi uma revelação. Sei o que ele foi para mim. Mas eu para ele...

Calou-se e, franzindo as sobancelhas, fixou o lume. De novo os seus dedos se puseram a brincar com o anel da mão esquerda.

— Ele era como um homem adormecido que acorda de repente e descobre o mundo — meditou ela —, com toda a sua beleza, mas também com a sua tristeza. A fome e a sede. Tudo aquilo em que

ele nunca pensara nem conhecera encontrava-se ali diante dele, e ampliado numa pessoa que, por acaso ou fatalidade, chame-lhe o que quiser, aconteceu ser eu. Rainaldi (que, a propósito, ele detestava, como decerto aconteceu consigo) disse-me uma vez que Ambrose despertara para mim como certos homens despertam para a religião. Tornou-se obcecado da mesma maneira. Mas um homem que acolhe a religião pode ir para um mosteiro e passar os dias a rezar a Nossa Senhora num altar. De qualquer maneira, ela é feita de gesso e não muda. As mulheres não são assim, Philip. Os seus humores variam com os dias e as noites, às vezes até mesmo com as horas, tal como pode acontecer com os homens. Somos humanos, é esse o nosso defeito.

Eu não percebi o que ela disse acerca da religião. Só me lembrei do velho Isaiah, de St. Blazey, que se tornara metodista e andava descalço a pregar pelos caminhos. Invocava Jeová e dizia que ele e todos nós éramos miseráveis pecadores aos olhos do Senhor, e que devíamos ir bater às portas de uma nova Jerusalém. Não via qualquer relação entre aquele estado de coisas e Ambrose. É claro que os católicos eram diferentes. Ela queria decerto dizer que Ambrose a vira como um dos ídolos referidos nos Dez Mandamentos. Não te inclinarás diante deles, nem os adorarás.

— Quer dizer que ele esperava demasiado de si? — indaguei eu.
— Que a colocou numa espécie de pedestal?

— Não — respondeu ela. — Um pedestal ter-me-ia sido muito agradável, após a minha vida agitada. Uma auréola pode ser uma coisa encantadora, desde que nos permitam tirá-la de vez em quando e tornarmo-nos humanos.

— Então o quê?

Ela suspirou e deixou cair as mãos ao lado do corpo. Pareceu de súbito muito fatigada. Recostou-se na poltrona e, apoiando a cabeça à almofada, cerrou os olhos.

— Descobrir a religião nem sempre torna uma pessoa melhor — declarou ela. — Despertar para o mundo não ajudou Ambrose. O seu temperamento mudou.

Também a sua voz soava exausta e estranhamente monocórdica. Talvez, se eu falara como num confessional, se desse o mesmo com ela. Manteve-se encostada e comprimiu os olhos com as palmas das mãos.

— Mudou? — repeti eu. — Como é que o seu temperamento mudou?

Senti no fundo do coração uma estranha espécie de choque, como o choque que se sente em criança ao tomar de repente conhecimento da existência da morte, ou do mal, ou da crueldade.

— Os médicos disseram-me mais tarde que era da doença, que ele não podia evitá-lo, que características adormecidas durante toda a sua vida vieram finalmente à superfície devido à dor e ao medo — prosseguiu ela. — Mas eu nunca terei a certeza. Nunca terei a certeza de que isso precisaria de ter acontecido. Alguma coisa em mim despertou essas características. Encontrar-me foi para ele um êxtase durante um breve instante, e depois a catástrofe. O Philip tinha razão em odiar-me. Se ele não tivesse ido para Itália, estaria agora aqui a viver consigo. Não teria morrido.

Senti-me envergonhado, embaraçado. Não sabia o que dizer. — Ele podia ter adoecido na mesma — observei, como que para a consolar. — Então seria eu a suportar o impacto, em seu lugar.

Ela afastou as mãos do rosto e, sem se mover, olhou para mim e sorriu-me.

— Ele amava-o muito — disse. — Dir-se-ia que era seu filho, tal era o orgulho que tinha em si. Era sempre «o meu Philip faria isto», «o meu rapaz faria aquilo». Ah, Philip, se teve ciúmes de mim durante estes dezoito meses, penso que estamos quites. Deus sabe como eu teria passado bem sem si em certas ocasiões.

Devolvi-lhe o olhar e sorri lentamente.

— Também fantasiou imagens? — perguntei-lhe.

— Incessantemente — respondeu ela. — Aquele rapaz mimado, dizia para comigo, que passava o tempo a escrever-lhe cartas de que, devo dizer, ele me lia extratos mas que nunca me mostrava. Esse rapaz que tem todas as qualidades e nem um único defeito.

Esse rapaz que o compreende quando eu falho. Esse rapaz que possui três quartos do seu coração, e o melhor dele mesmo. Enquanto eu detenho apenas um terço e o pior. Oh, Philip... — interrompeu-se e sorriu-me novamente. — Santo Deus, fala o Philip de ciúmes. O ciúme de um homem é como o de uma criança, violento e absurdo, sem profundidade. O ciúme de uma mulher é adulto, o que é muito diferente. — Ajeitou a almofada atrás da cabeça e deu-lhe uma pequena palmada. Alisou o vestido e endireitou-se na poltrona. — Parece-me que, por esta noite, já lhe disse o suficiente — rematou ela. Inclinou-se e apanhou o bordado que caíra ao chão.

— Eu não estou cansado — sosseguei-a —, posso continuar assim durante muito tempo. Quer dizer, não a falar eu próprio, mas a ouvi-la.

— Ainda temos amanhã — disse ela.

— Porquê somente amanhã?

— Porque eu parto na segunda. Vim apenas passar o fim de semana. O seu padrinho, Nick Kendall, convidou-me para ir a Pelyn.

Pareceu-me absurdo, e absolutamente inútil, que ela mudasse tão depressa de alojamento.

— Não há necessidade de ir para lá quando apenas acaba de chegar — contrapus. — Tem muito tempo para visitar Pelyn. Ainda não viu nem metade das terras. Não sei o que pensariam os criados e as pessoas da propriedade. Ficariam profundamente ofendidos.

— A sério?

— Além de que — continuei eu — a transportadora chegará de Plymouth com todas as plantas e estacas. Tem de combinar tudo isso com Tamlyn. E há que examinar e escolher as coisas de Ambrose.

— Pensei que poderia fazê-lo sozinho — disse ela.

— Porquê, se podemos fazê-lo juntos?

Ergui-me da minha poltrona e estiquei os braços por cima da cabeça. Toquei com a ponta do pé em *Don*. — Acorda, já é tempo de parares de rressonar e ires ter com os outros ao canil. — Ele

mexeu-se e resmungou. — Velho preguiçoso — lancei-lhe eu. Baixei os olhos para ela e vi que me observava com uma expressão estranha no olhar; quase como se, através de mim, visse outra pessoa.

— O que foi?

— Nada — retorquiu ela —, absolutamente nada... É capaz de me arranjar uma vela, Philip, e de me iluminar até ao meu quarto?

— Com certeza — aquiesci. — Levarei *Don* para o canil depois.

As palmatórias achavam-se preparadas na mesa junto da porta. Ela pegou na sua e eu acendi-lhe a vela. O vestíbulo estava escuro, mas lá em cima, no patamar, Seecombe deixara uma luz acesa para o corredor.

— Isto é suficiente — disse ela. — Encontrarei o meu caminho sozinha.

Deteve-se um momento no degrau da escada, o rosto na sombra, uma das mãos na palmatória, a outra erguendo o vestido.

— Já não me odeia? — perguntou.

— Não — respondi eu. — Já lhe disse que não era a si que odiava. Era a outra mulher.

— Tem a certeza de que era a outra mulher?

— Absoluta.

— Boa noite, então. E durma bem.

Virou-se para subir, mas eu pousei-lhe a mão no braço e retive-a.

— Espere, é a minha vez de lhe perguntar uma coisa.

— O quê, Philip?

— Ainda tem ciúmes de mim, ou também esse era outro homem que não eu?

Ela riu e deu-me a mão, e, como se encontrava acima de mim nas escadas, achei-lhe uma graciosidade nova de que ainda não me apercebera. À luz bruxuleante da vela, os seus olhos pareciam enormes.

— Aquele rapaz horrível, muito mimado e empertigado? — perguntou ela. — Ora, esse desapareceu ontem, assim que o Philip entrou no *boudoir* da tia Phoebe.

Subitamente curvou-se e beijou-me a face.

— É o primeiro que recebe, e se não gostou pode fingir que não fui eu que lho dei mas sim a outra mulher — declarou.

Subiu as escadas e afastou-se, enquanto a luz da vela projetava uma sombra, escura e distante, na parede.

CAPÍTULO XI

A nossa rotina dominical era bastante rígida. O pequeno-almoço era servido mais tarde, às nove horas, e às dez e um quarto a carruagem vinha buscar-nos, a Ambrose e a mim, para nos levar à igreja. Os criados seguiam-nos na charrete. Terminado o ofício, eles regressavam para tomar a sua refeição do meio-dia, também ela mais tarde, à uma hora; depois, às quatro, jantávamos nós, na companhia do vigário e Mrs. Pascoe, possivelmente uma ou duas das suas filhas solteiras, e em geral o meu padrinho e Louise. Desde que Ambrose partira para o estrangeiro, eu deixara de usar a carruagem, preferindo montar *Gypsy* até à igreja, o que provocara, creio, uma certa dose de comentários, nunca percebi porquê.

Nesse domingo, em honra da minha convidada, dei ordens para trazerem a carruagem como antigamente, e a minha prima Rachel, preparada para o acontecimento por Seecombe quando ele lhe levava o pequeno-almoço, desceu para o vestíbulo ao bater das dez. Desde a noite anterior que se apoderara de mim uma espécie de serenidade, e pareceu-me, ao olhá-la, que de futuro poderia dizer-lhe tudo o que quisesse. Nada mais me retinha, nem ansiedade, nem ressentimento, nem sequer a delicadeza convencional.

— Uma palavra de aviso — disse eu, após lhe ter desejado um bom dia. — Todos os olhos na igreja estarão fixos em si. Até os molengões, que por vezes arranjam desculpas para ficar na cama, não permanecerão hoje em casa. Estarão nas coxias, talvez mesmo em bicos de pés.

— Aterroriza-me — observou ela. — Não irei.

— Isso seria uma afronta que nunca ninguém perdoaria a nenhum de nós — afirmei eu.

Ela fitou-me gravemente.

— Não tenho a certeza de saber como agir. Fui educada como católica.

— Não diga nada a ninguém — aconselhei eu. — Os papistas, nesta parte do mundo, só servem para arder no inferno. Pelo menos é o que se diz. Observe tudo o que eu faço. Não a induzirei em erro.

A carruagem parou diante da porta. Wellington, de chapéu escovado e cocarda impecável, o moço de estrebaria a seu lado, estava inchado de importância como uma pomba-papo-de-vento. Seecombe, de gravata engomada e casaco dos domingos, conservava-se à porta com igual dignidade. Era o momento de uma vida.

Ajudei a minha prima Rachel a entrar para a carruagem e sentei-me a seu lado. Ela levava aos ombros uma capa negra e o véu do seu chapéu ocultava-lhe o rosto.

— As pessoas quererão ver-lhe a cara — observei eu.

— Então que queiram — respondeu ela.

— Não compreende. Nunca nas suas vidas aconteceu nada de semelhante a isto. Há quase trinta anos. Os mais idosos lembrar-se-ão da minha tia, suponho, e da minha mãe, mas para os mais novos nunca houve uma Mrs. Ashley na igreja. Além disso, tem de lhes dissipar a ignorância. Eles sabem que vem daquilo a que chamam «terras bizarras». Pelo que lhes toca, os italianos podem até ser negros.

— Quer fazer o favor de se calar? — murmurou ela. — Vejo pelas costas de Wellington, ali em cima no seu assento, que ele consegue ouvir tudo o que diz.

— Não me calo nada — retorqui eu —, a questão é da maior importância. Sei como se espalham os boatos. Toda a gente vai regressar ao seu jantar de domingo a abanar a cabeça e a dizer que Mrs. Ashley é negra.

— Erguerei o véu na igreja, mas não antes — declarou ela. — Quando estiver de joelhos. Eles podem olhar então, se lhes apetecer, mas não deveriam fazê-lo. Tinham obrigação de estar de olhos postos nos seus livros de oração.

— Há uma divisória alta em redor do nosso banco, com cortinas e tudo — disse-lhe eu. — Uma vez ajoelhada, ficará oculta de todos

os olhares. Pode até jogar ao berlinde se quiser. Era o que eu fazia em garoto.

— A sua infância... nem me fale dela. Conheço-a em pormenor. Como Ambrose despediu a sua ama quando o Philip tinha três anos. Como ele lhe tirou os vestidos e o pôs de calções. A forma monstruosa como ele lhe ensinou o alfabeto. Não me surpreende que jogasse ao berlinde na igreja. Admiro-me é que não tenha feito pior.

— Fiz, uma vez — confessei eu. — Trouxe ratos brancos no bolso e eles fugiram por baixo do banco. Treparam pelas saias de uma velha senhora no banco atrás. Ela teve um fanico e foram obrigados a levá-la para fora.

— Ambrose não lhe bateu?

— Ora essa, não. Foi ele que os soltou no chão.

A minha prima Rachel apontou para as costas de Wellington. Tinha os ombros rígidos e as orelhas vermelhas.

— Vai comportar-se convenientemente hoje, senão abandono a igreja — ameaçou ela.

— Então todos iriam pensar que a prima tivera um fanico — disse eu —, e o meu padrinho e Louise acorreriam em seu socorro. Oh, céus... — interrompi-me e, consternado, bati com a mão no joelho.

— O que foi?

— Só agora me lembrei de que prometera ir ontem a cavalo a Pelyn ver Louise, e esqueci-me completamente. Ela deve ter esperado por mim toda a tarde.

— Isso não foi muito elegante da sua parte — comentou a minha prima Rachel. — Espero que ela o trate com desdém.

— Direi que foi culpa sua, o que é verdade. Direi que exigiu ser conduzida numa volta por Barton.

— Eu não lho teria pedido se soubesse que era esperado noutro sítio — refutou ela. — Por que motivo não me disse?

— Porque me esquecera completamente.

— Se eu fosse Louise, levaria isso muito a mal. Não há pior desculpa para dar a uma mulher.

— Louise não é uma mulher — contrapuz —, é mais nova do que eu e conheço-a desde os tempos em que ela corria por aí de bibe.

— Isso não é resposta. Ela tem sentimentos na mesma.

— Ah, isso passa-lhe. Ficarà sentada a meu lado ao jantar e eu elogiarei a maneira como ela dispôs as flores.

— Que flores?

— As flores da casa. As flores do seu *boudoir* e do seu quarto. Ela foi lá expressamente para isso.

— Que amabilidade.

— Não confiou em Seecombe nesse particular.

— Não a censuro. Mostrou grande delicadeza e gosto. Gostei principalmente da taça na lareira do *boudoir*, e dos açafrões-de-outono junto da janela.

— Havia uma taça na lareira e outra junto à janela? — perguntei eu. — Não reparei em nenhuma delas. Mas cumprimentá-la-ei na mesma, esperando que ela não me peça uma descrição.

Fitei-a a rir e vi os seus olhos retribuírem o sorriso sob o véu, mas ela abanou a cabeça.

Havíamos descido a encosta e virado para a estrada, e estávamos a chegar à vila e à igreja. Tal como eu previra, juntara-se à entrada uma pequena multidão. A maior parte das pessoas era conhecida, mas havia outras pessoas ali atraídas pela curiosidade. No momento em que a carruagem parou diante do portão para nos deixar sair, houve como que um movimento entre elas. Tirei o chapéu e ofereci o braço à minha prima Rachel. Vira o meu padrinho proceder assim com Louise inúmeras vezes. Subimos o caminho até à porta da igreja sob os olhares das pessoas. Eu esperara sentir-me ridículo e deslocado, mas aconteceu exatamente o contrário. Senti-me confiante e orgulhoso, e estranhamente satisfeito. Mantive a cabeça erguida, sem olhar para a direita nem para a esquerda, enquanto à nossa passagem os homens tiravam os chapéus e as mulheres ensaiavam uma vénia. Não me lembrava de que alguma vez o tivessem feito só para mim. Em resumo, era uma ocasião excecional.

Entrámos na igreja ao som dos sinos, e as pessoas que já se achavam sentadas nos seus bancos viraram-se para nos ver. Houve um arrastar de pés entre os homens, um roçar de saias entre as mulheres. Avançámos pela nave central, passando pelo banco dos Kendalls para chegar ao nosso. Avistei de relance o meu padrinho, as sobrancelhas espessas franzidas, uma expressão pensativa no rosto. Perguntava-se sem dúvida como me teria eu conduzido durante as últimas quarenta e oito horas. A boa educação impedia-o de olhar para nós. Louise estava sentada ao lado dele, muito direita, muito hirta. Mostrava um ar altivo e pensei que devia tê-la ofendido. Mas, quando me afastei para deixar a minha prima Rachel entrar primeiro para o nosso banco, a curiosidade foi mais forte do que Louise. Levantou os olhos, fitou a minha visitante e depois cruzou o olhar com o meu. Ergueu as sobrancelhas, interrogativamente. Fingi não ver, e fechei o banco atrás de mim. A congregação ajoelhou-se para rezar.

Era uma sensação estranha ter uma mulher a meu lado no banco. A minha memória fez-me recuar até à infância, à primeira vez que Ambrose me levara e eu tivera de subir a um tamborete para poder ver por cima do banco da frente. Imitava Ambrose, segurando nas mãos o livro de orações, frequentemente de cabeça para baixo, e quando chegava o momento das respostas eu repetia o murmúrio dos seus lábios, sem a menor ideia do que elas significavam. À medida que fui crescendo, afastava as cortinas para observar as pessoas, o pastor e os meninos de coro, e mais tarde, vindo de Harrow para as férias, recostava-me, de braços cruzados como Ambrose, e dormitava quando o sermão era demasiado longo. Desde que atingira a idade adulta, a igreja tornara-se um lugar de reflexão. Não, lamento confessar, acerca das minhas faltas e omissões, mas sobre os meus planos para a semana seguinte: o que havia a fazer nas quintas ou nos bosques, o que deveria dizer ao sobrinho de Seecombe na casa de pesca da baía, que instruções me esquecera de transmitir a Tamlyn. Sentado sozinho no banco, encerrava-me em mim mesmo, sem nada nem ninguém para me

distrair. Cantava os salmos e dava as respostas por força do hábito. Esse domingo era diferente. Sentia-a constantemente a meu lado. Não por uma questão de ignorância dos nossos ritos: dir-se-ia que ela tinha assistido aos ofícios da Igreja de Inglaterra todos os domingos da sua vida. Estava sentada, imóvel, os olhos fitos gravemente no pastor, e quando se ajoelhou reparei que se apoiava completamente nos joelhos, em vez de ficar parcialmente sentada no banco como Ambrose e eu costumávamos fazer. Também não se agitava, não virava a cabeça, nem olhava à sua volta, como Mrs. Pascoe e as filhas faziam habitualmente do seu banco na coxia lateral, onde o vigário não podia vê-las. Quando chegou o momento de cantar os hinos, ela ergueu o véu e vi os seus lábios seguirem as palavras, mas não a ouvi cantar. E baixou de novo o véu quando nos sentámos para escutar o sermão.

Perguntei-me quem teriam sido as últimas mulheres a sentar-se ali, no banco dos Ashleys. Possivelmente a tia Phoebe, suspirando pelo seu cura; ou a mulher do tio Philip, a mãe de Ambrose, que eu não chegara a conhecer. Talvez o meu pai se tivesse sentado ali, antes de partir para combater os franceses e perder a vida, e a minha própria mãe, jovem e delicada, que, contara-me Ambrose, sobrevivera ao meu pai apenas uns escassos cinco meses. Nunca pensara muito neles, nem lhes sentira a falta, pois Ambrose substituíra-os a ambos. Mas nesse instante, olhando para a minha prima Rachel, interroguei-me acerca da minha mãe. Ter-se-ia ajoelhado ali, naquele tamborete, ao lado do meu pai? Ter-se-ia encostado e cruzado as mãos no colo para escutar o sermão? E depois, regressaria a casa e iria buscar-me ao berço? Perguntei-me, enquanto a voz de Mr. Pascoe ressoava de forma monocórdica, o que teria sentido em criança nos braços da minha mãe. Ter-me-ia ela tocado nos cabelos e beijado a minha face antes de, sorrindo, voltar a colocar-me no berço? Desejei de súbito poder recordar-me dela. Por que motivo será que a mente de uma criança não consegue recuar além de um certo limite? Eu fora um garotinho

cambaleando atrás de Ambrose, gritando-lhe que esperasse por mim. Antes disso, nada. Absolutamente nada...

— E agora, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. — Pus-me de pé ao escutar o vigário. Não ouvira uma palavra do sermão. E também não planeara a semana seguinte. Ficara ali sentado a sonhar e a observar a minha prima Rachel.

Peguei no chapéu e toquei-lhe no braço. — Esteve muito bem — sussurrei eu —, mas a sua verdadeira prova começa agora.

— Obrigada — respondeu ela no mesmo tom —, mas a sua também. Tem de apresentar desculpas por ter quebrado a sua promessa.

Saímos da igreja para o sol lá fora, onde nos esperava uma pequena multidão de rendeiros, conhecidos e amigos, entre os quais Mrs. Pascoe, a esposa do vigário e as filhas, bem como o meu padrinho e Louise. Avançaram um a um para serem apresentados. Poderíamos encontrar-nos na corte. A minha prima Rachel ergueu o véu, e eu tomei mentalmente nota para a arreliar quando voltássemos a estar sozinhos.

Enquanto descíamos o caminho até às carruagens, diante dos outros de forma que me foi impossível recusar — e pela expressão dos seus olhos e o riso na sua voz percebi que o fizera de propósito —, ela disse-me: — Philip, não gostaria de levar Miss Kendall na sua carruagem e que eu fosse com Mr. Kendall na dele?

— Certamente, se assim o prefere — anuí eu.

— Parece-me uma disposição perfeita — comentou ela, sorrindo ao meu padrinho, que, inclinando-se por sua vez, lhe ofereceu o braço. Dirigiram-se juntos para a carruagem dos Kendalls, pelo que só pude subir para a primeira com Louise. Sentia-me como um garoto de escola que apanhou uma bofetada. Wellington chicoteou os cavalos e partimos.

— Olha, Louise, lamento muito — apressei-me a começar —, mas afinal foi completamente impossível escapar-me ontem à tarde. A minha prima Rachel quis ver as terras de Barton e eu tive de a

acompanhar. Não houve tempo de te avisar, caso contrário ter-te-ia mandado o moço com uma palavrinha.

— Oh, não te desculpes — disse ela. — Esperei cerca de duas horas, mas não tem importância. Felizmente o dia estava bom e entretive-me a apanhar um cesto de amoras tardias.

— Foi muito aborrecido — insisti eu —, estou realmente desolado.

— Calculei que alguma coisa desse género te retivera, mas estou satisfeita por não ter sido nada de grave. Sei como te sentias acerca desta visita, e receava um pouco que pudesses fazer algo violento, talvez ter uma terrível discussão, e que a víssemos de repente chegar à nossa porta. Bem, o que aconteceu? Sobreviveste de facto até agora sem um embate? Conta-me tudo.

Inclinei o chapéu sobre os olhos e cruzei os braços.

— Tudo? Que queres tu dizer com «tudo»?

— Ora essa, tudo. O que lhe disseste, como o recebeu ela. Ficou muito consternada com as tuas palavras, ou não mostrou qualquer sinal de culpa?

Baixara a voz e Wellington não conseguiria ouvir, mas apesar disso senti-me irritado e sem disposição para aquilo. Que lugar e que momento escolher para uma tal conversa, e, aliás, que interrogatório era aquele?

— Tivemos pouco tempo para conversar — respondi. — Na primeira noite, ela estava cansada e foi deitar-se cedo. Ontem o dia foi ocupado pelo passeio pela propriedade. De manhã, os jardins, e à tarde as terras de Barton.

— Então não tiveram uma discussão séria?

— Depende do que entendes por «séria». Só sei que ela é uma pessoa muito diferente daquilo que eu pensara. Tu própria deves ter percebido isso, no breve instante em que a viste.

Louise ficou calada. Não se recostou nas almofadas da caruagem como eu. Permaneceu muito direita, as mãos enfiadas no regalo.

— Ela é muito bela — proferiu por fim.

Tirei as pernas do assento oposto e virei-me para a olhar de frente.

— Bela? — repeti, atónito. — Minha querida Louise, deves estar louca.

— Oh, não, não estou — retorquiu Louise. — Pergunta ao meu pai, pergunta a quem quiseses. Não reparaste como as pessoas a fitavam embasbacadas quando ela ergueu o véu? Só não notaste porque tu és absolutamente cego face às mulheres.

— Nunca na vida ouvi tamanho disparate — comentei eu. — Talvez ela tenha bonitos olhos, mas de resto é inteiramente vulgar. A pessoa mais vulgar que já conheci. Posso dizer-lhe tudo o que quiser, falar seja do que for, não preciso de agir com cerimónias, é a coisa mais natural deste mundo sentar-me simplesmente diante dela e acender o meu cachimbo.

— Julguei que disseras não ter tido tempo para conversar com ela?

— Não te ponhas com subterfúgios. É claro que conversámos ao jantar e durante a visita da propriedade. O que quero salientar é que isso não me exigiu esforço nenhum.

— É evidente.

— Quanto a ser bela, tenho de lhe contar. Ela vai rir-se. Naturalmente que a fitaram. Fitaram-na porque ela é Mrs. Ashley.

— Também por isso, mas não só. De qualquer maneira, vulgar ou não, ela parece ter-te causado grande impressão. Evidentemente, é de meia-idade. Diria que tem uns trinta e cinco anos. Não achas? Ou dar-lhe-ias menos?

— Não faço a mais pequena ideia nem me importa, Louise. A idade das pessoas não me interessa. Tanto quanto sei, ela poderia mesmo ter noventa e nove.

— Não sejas ridículo. As mulheres não têm olhos daqueles aos noventa e nove anos, nem uma tez assim. Ela veste bem. O vestido tinha um corte excelente, e a capa também. O luto nela não é uma coisa opaca.

— Céus, Louise, pareces Mrs. Pascoe. Nunca na vida te ouvi desses mexericos tão femininos.

— Nem eu vi em ti um tal entusiasmo, portanto estamos quites. Que mudança em quarenta e oito horas. Bem, há uma pessoa que ficará muito aliviada, que é o meu pai. Após a tua última visita ele recebeu disputas sangrentas. E quem pode censurá-lo?

Senti-me satisfeito por termos chegado à longa subida, o que me permitiu sair da carruagem e seguir a pé com o moço de estrebaria para aliviar os cavalos, como era nosso hábito. Que atitude extraordinária a de Louise. Em vez de se regozijar por a visita da minha prima Rachel estar a decorrer tão bem, mostrava-se bastante irritada, quase zangada. Parecia-me uma maneira muito estranha de demonstrar a sua amizade. No topo da colina voltei a ir sentar-me a seu lado, mas não trocámos nem mais uma palavra durante o resto do caminho. Era absurdo, mas se ela não fazia qualquer tentativa para entabular conversa, diabos me levassem se fosse eu a quebrar o silêncio. Não pude deixar de refletir que a viagem de ida para a igreja fora muito mais agradável do que o regresso.

Perguntei-me como se teria dado o outro par na segunda carruagem. Muito bem, aparentemente. Quando descemos da nossa e Wellington deu meia-volta para lhes deixar o lugar, Louise e eu parámos em frente da porta à espera do meu padrinho e da minha prima Rachel. Vinham a conversar como velhos amigos, e o meu padrinho, em geral bastante seco e taciturno, expressava-se com invulgar calor. Apanhei as palavras «vergonhoso» e «o país não o permitirá». Percebi que se lançara no seu assunto preferido, o Governo e a oposição. Apostava que ele, por seu lado, não subira a ladeira a pé para aliviar os cavalos.

— A viagem foi boa? — perguntou a minha prima Rachel, procurando o meu olhar, com um tremor na boca, e eu teria jurado que ela sabia perfeitamente pelas nossas caras como correra a viagem.

— Sim, muito obrigada — respondeu Louise, afastando-se delicadamente para a deixar entrar primeiro. Mas a minha prima

Rachel deu-lhe o braço e convidou: — Venha comigo ao meu quarto tirar o casaco e o chapéu. Quero agradecer-lhe as encantadoras flores.

O meu padrinho e eu mal tivéramos tempo de lavar as mãos e trocar saudações quando toda a família Pascoe nos caiu em cima, e calhou-me a mim acompanhar o vigário e as filhas numa volta pelos jardins. O vigário era inofensivo, mas eu teria dispensado bem a presença das filhas. Quanto à mulher do vigário, Mrs. Pascoe, essa subira para se juntar às senhoras como um cão de caça atrás da presa. Ela nunca vira o quarto azul sem as proteções de pó... As filhas elogiaram vivamente a minha prima Rachel e, tal como Louise, afirmaram achá-la bela. Encantou-me dizer-lhes que a achava pequena e absolutamente vulgar, o que provocou gritinhos de protesto seus. — Vulgar não — comentou Mr. Pascoe, batendo com a bengala numa hortênsia —, certamente não vulgar. Também não diria, como as pequenas, que é bela. Mas feminina, é essa a palavra, extremamente feminina.

— Mas, pai — admirou-se uma das filhas —, decerto não contava que Mrs. Ashley fosse outra coisa?

— Minha querida — retorquiu o vigário —, nem imaginas o número de mulheres a quem falta essa qualidade.

Pensei em Mrs. Pascoe com a sua cabeça de cavalo e apressei-me a indicar as jovens palmeiras que Ambrose trouxera do Egito e que eles já deviam ter visto inúmeras vezes, mudando assim, em minha opinião com bastante tato, o assunto da conversa.

Ao regressarmos a casa, dirigimo-nos ao salão e encontrámos Mrs. Pascoe a contar em voz sonora à minha prima Rachel a história da sua moça de cozinha que o ajudante de jardineiro metera em sarilhos.

— O que eu não consigo entender, Mrs. Ashley, é onde aconteceu aquilo. Ela partilhava o quarto com a cozinheira e, tanto quanto sabemos, nunca saía de casa.

— Então e na cave? — sugeriu a minha prima Rachel.

A conversa foi de imediato abafada quando entrámos na sala. Nunca, desde antes da partida de Ambrose, há dois anos, eu vira um domingo passar tão depressa. E mesmo quando ele lá estava o dia arrastava-se com frequência. Antipatizando com Mrs. Pascoe, indiferente às filhas, e suportando Louise apenas por ser a filha do seu mais antigo amigo, ele procurava sempre convidar apenas o vigário e o meu padrinho. Então nós os quatro podíamos descontraí-los. Quando as mulheres os acompanhavam, as horas pareciam dias. Esse domingo fora diferente.

Servido o jantar, as carnes dispostas na mesa e as pratas reluzentes pareciam estender-se diante de nós como um banquete. Sentei-me à cabeceira da mesa, no lugar que pertencera a Ambrose, com a minha prima Rachel diante de mim. Isso deu-me Mrs. Pascoe como vizinha, mas, por uma vez, ela não me exasperou. Durante três quartos do tempo, o seu largo rosto curioso manteve-se virado para a outra extremidade da mesa; ela riu, comeu, esqueceu-se até de espetar o queixo em desaprovação ao marido, o vigário, que, atraído para fora da sua concha possivelmente pela primeira vez na vida, corado e de olhos brilhantes, se pôs a citar poesia. Toda a família Pascoe floresceu como uma rosa, e eu nunca vira o meu padrinho divertir-se tanto.

Apenas Louise se mantinha silenciosa e reservada. Esforcei-me por a animar, mas ela não pôde ou não quis reagir. Sentada à minha esquerda, muito hirta, comendo pouco e fazendo bolinhas de pão, o seu rosto exibía uma expressão fixa, como se tivesse engolido um berlinde. Bom, se ela queria amuar, pois que amuasse. Quanto a mim, estava demasiado bem-disposto para me preocupar com isso. Inclinado para a frente, apoiado nos braços da cadeira, ria observando a minha prima Rachel encorajar o vigário e a sua poesia. «Este», pensei, «é o mais fantástico jantar de domingo a que já assisti e de que já desfrutei, e daria tudo no mundo para que Ambrose aqui estivesse, partilhando-o connosco.» Quando terminámos a sobremesa e foi servido o porto, fiquei indeciso sobre se deveria levantar-me para abrir a porta, como de costume, ou se,

agora que havia uma anfitriã diante de mim, lhe competiria a ela dar o sinal. Fez-se uma pausa na conversa. De súbito, ela olhou para mim e sorriu-me. Eu retribuí o sorriso, e parecemos ficar assim um momento ligados um ao outro. Foi esquisito, estranho. Senti-me invadido por uma sensação desconhecida.

Depois o meu padrinho perguntou na sua voz áspera e grave: — Diga-me, Mrs. Ashley, Philip não lhe faz lembrar imenso Ambrose?

Houve um momento de silêncio. Ela pousou o guardanapo na mesa. — Tanto que passei o jantar a perguntar-me se haveria alguma diferença — respondeu ela.

Levantou-se, as outras senhoras imitaram-na, e eu atravessei a sala e fui abrir a porta. Mas, depois de elas terem saído e eu ter regressado ao meu lugar, aquela estranha sensação permaneceu comigo.

CAPÍTULO XII

Partiram todos por volta das seis horas, uma vez que o vigário tinha de celebrar o ofício da tarde noutra paróquia. Ouvi Mrs. Pascoe convidar a minha prima Rachel para ir passar uma tarde com ela durante a semana, e todas as filhas Pascoes reivindicaram igualmente as suas atenções. Uma pretendia conselhos acerca de uma aguarela, outra estava a trabalhar num conjunto de almofadas de tapeçaria e não conseguia decidir-se sobre as lãs, e a terceira, que todas as quintas-feiras lia alto para uma mulher doente da aldeia, pediu à minha prima Rachel que a acompanhasse, pois a pobre alma ansiava conhecê-la. — Na realidade — comentou Mrs. Pascoe enquanto atravessávamos o vestíbulo e nos dirigíamos à porta —, há tanta gente que deseja conhecê-la, Mrs. Ashley, que penso que pode contar com compromissos todas as tardes durante as próximas quatro semanas.

— Ela pode perfeitamente fazer isso a partir de Pelyn — disse o meu padrinho. — A nossa localização é perfeita para tais visitas. Mais do que esta. E creio que teremos o prazer da sua companhia dentro de um ou dois dias.

Relanceou-me um olhar e eu apressei-me a responder, para esmagar a ideia antes de as coisas se enredarem mais.

— Não, senhor — declarei —, por enquanto a minha prima Rachel permanece aqui. Antes de aceitar outros convites, tem toda a propriedade para conhecer. Começamos amanhã indo tomar chá a Barton. O resto das quintas terá também a sua vez. As pessoas ficarão profundamente ofendidas se ela não for cumprimentar cada um dos rendeiros por ordem de precedência.

Vi Louise fitar-me de olhos arregalados, mas não liguei.

— Ah, bem, evidentemente — concordou o meu padrinho, surpreendido por sua vez —, é absolutamente correto. Eu teria sugerido conduzir eu próprio Mrs. Ashley, mas se estás disposto a isso o caso muda de figura. E — continuou ele, dirigindo-se à minha

prima Rachel — caso não se ache suficientemente confortável aqui (sei que Philip me perdoará por dizer isto, mas nesta casa não estão habituados a receber senhoras há muitos anos, como sem dúvida sabe, e a vida é talvez um pouco rude), ou se desejar uma companhia feminina, sei que a minha filha terá todo o gosto em recebê-la.

— Nós temos um quarto de hóspedes no presbitério — lembrou Mrs. Pascoe. — Se em qualquer altura se sentir só, Mrs. Ashley, lembre-se de que está ao seu dispor. Seria um imenso prazer tê-la connosco.

— Sem dúvida, sem dúvida — ecoou o vigário, e eu perguntei-me se um novo ramalhete de versos estaria prestes a sair dos seus lábios.

— São todos muito gentis e extremamente generosos — agradeceu a minha prima Rachel. — Quando tiver cumprido o meu dever aqui na propriedade, voltaremos a falar disso, está bem? Entretanto, creiam que vos fico muito grata.

Seguiu-se uma grande balbúrdia de conversas e despedidas, e as carruagens afastaram-se descendo a alameda.

Nós regressámos ao salão. Deus sabe que a tarde se passara muito agradavelmente, mas fiquei satisfeito por eles terem partido e a casa se encontrar de novo silenciosa. Ela deve ter pensado o mesmo, porque parou um instante a olhar em volta e observou: — Gosto da calma de uma sala depois de uma festa. As cadeiras estão deslocadas, as almofadas em desordem, há todos os sinais de que as pessoas se divertiram; e regressamos à sala vazia satisfeitos por ter terminado, satisfeitos por podermos descontraí-los e dizer «Eis-nos de novo sós». Em Florença, Ambrose costumava dizer-me que valia a pena suportar o tédio das visitas para sentir o prazer da sua partida. Como ele tinha razão.

Vi-a alisar a cobertura de uma poltrona e ajeitar uma almofada. — Não precisa de fazer isso — disse eu. — Seecombe, John e os outros ocupar-se-ão de tudo amanhã.

— É o instinto feminino — comentou ela. — Não olhe para mim, sente-se e encha o seu cachimbo. Divertiu-se?

— Sim. — Sentei-me parcialmente estirado sobre um tamborete. — Não sei porquê — acrescentei —, em geral acho os domingos muito aborrecidos. É porque não sou bom conversador. Mas hoje só precisei de me recostar na minha cadeira e deixá-la fazer as despesas da conversa em meu lugar.

— É nisso que uma mulher pode ser útil — afirmou ela —, faz parte da sua educação. O instinto adverte-as sobre como proceder quando a conversa esmorece.

— Será, mas consigo não se dá por isso — refleti eu. — Mrs. Pascoe é muito diferente; tagarela incessantemente até só nos apetecer gritar. Nos outros domingos, nenhum homem tinha oportunidade de falar. Não compreendo o que fez para hoje ser tudo tão agradável.

— Então foi agradável?

— Decerto, já lho disse.

— Então é bom que se despache a casar-se com a sua Louise e a ter uma verdadeira anfitriã, não apenas uma ave de passagem.

Endireitei-me no meu tamborete e fitei-a. Ela alisava o cabelo diante do espelho.

— Casar-me com Louise? — repeti. — Não seja absurda. Eu não quero casar-me com ninguém. E ela não é a «minha» Louise.

— Oh! — exclamou a minha prima Rachel. — Pensei que sim. Pelo menos, o seu padrinho deu-me essa impressão.

Sentou-se numa das poltronas e pegou no seu bordado. Nesse momento entrou o jovem John para fechar os cortinados, e eu fiquei calado, mas estava furioso. Com que direito expressava o meu padrinho uma tal suposição? Esperei até John sair.

— O que disse o meu padrinho? — perguntei.

— Não me lembro dos termos exatos — retorquiu ela. — Tive simplesmente a impressão de que ele considerava isso uma coisa assente. No regresso da igreja, ele mencionou que a filha viera cá arranjar as flores, e que fora uma grande desvantagem para si ter

sido educado numa casa de homens; quanto mais depressa se casasse e tivesse uma mulher para olhar por si, melhor. Disse que Louise o compreendia muito bem, e o Philip a ela. Espero que tenha pedido desculpa pela sua indelicadeza de sábado.

— Pedi, sim, mas não pareceu servir de nada. Nunca vi Louise de tão mau humor. A propósito, ela acha-a muito bela. E as meninas Pascoes também.

— Que lisonjeiro.

— E o vigário não concorda com elas.

— Que aborrecido.

— Mas acha-a feminina. Extremamente feminina.

— Pergunto-me de que maneira.

— Suponho que de uma maneira diferente de Mrs. Pascoe.

Ela deixou escapar uma risada e ergueu os olhos do bordado. — E o Philip, como definiria isso?

— Definir o quê?

— A diferença de feminilidade entre Mrs. Pascoe e eu.

— Ah, Deus sabe que não percebo nada do assunto — disse eu, dando um pontapé na perna do tamborete. — Só sei que gosto de olhar para si e não gosto de olhar para Mrs. Pascoe.

— Obrigada, Philip, é uma resposta encantadora e simples.

Poderia ter dito o mesmo das suas mãos. Também gostava de olhar para elas. As mãos de Mrs. Pascoe assemelhavam-se a presunto cozido.

— De qualquer maneira, em relação a Louise é tudo um disparate — retomei eu —, esqueça-o, por favor. Nunca pensei nela para esposa, nem tenciono fazê-lo.

— Pobre Louise.

— É absurdo da parte do meu padrinho ter metido tal ideia na cabeça.

— Não é tanto assim. Quando dois jovens são da mesma idade, convivem muito e gostam da companhia um do outro, é muito natural que um espectador pense em casamento. Além disso, ela é

uma rapariga bonita e simpática, e muito eficiente. Daria uma excelente esposa para si.

— Prima Rachel, quer calar-se?

Ela ergueu os olhos para mim e sorriu.

— Outra coisa em relação à qual faria igualmente bem em se calar é esse disparate de ir hospedar-se em casa de toda a gente — continuei eu. — No presbitério, em Pelyn. Tem razões de queixa desta casa ou da minha companhia?

— Por enquanto, não.

— Então...

— Ficarei até Seecombe estar farto de mim.

— Seecombe não é para aqui chamado — declarei eu —, nem Wellington, nem Tamlyn, nem ninguém. O patrão sou eu, e isso só a mim diz respeito.

— Então terei de fazer o que me ordenam; também isso faz parte da educação de uma mulher — respondeu ela.

Olhei-a com desconfiança para ver se troçava, mas ela examinava o trabalho e não pude ver-lhe os olhos.

— Amanhã — recomecei — farei uma lista dos rendeiros, por ordem de antiguidade. Aqueles que servem a família há mais tempo serão os primeiros a ser visitados. Começaremos por Barton, como ficou combinado no sábado. Sairemos todas as tardes às duas até não haver um só indivíduo na propriedade com o qual não tenha travado conhecimento.

— Sim, Philip.

— É preciso escrever um bilhete a Mrs. Pascoe e às filhas, desculpando-se e explicando que tem outros compromissos.

— Fá-lo-ei amanhã de manhã.

— Quando terminarmos com a nossa gente, deverá ficar em casa três tardes por semana, creio que às terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras, para o caso de ter visitas de gente do condado.

— Como é que sabe quais são os dias?

— Porque ouvi frequentemente as Pascoes e Louise falarem disso.

— Compreendo. E ficarei aqui sentada sozinha no salão, ou o Philip far-me-á companhia?

— Ficaré sozinha. Eles vêm visitá-la a si, não a mim. Receber as pessoas do condado não faz parte das tarefas de um homem.

— Supondo que sou convidada para jantar, posso aceitar?

— Não será convidada. Está de luto. Se for preciso dar jantares, fá-lo-emos aqui. Mas nunca mais de dois casais de uma vez.

— É esse o protocolo nesta terra? — perguntou ela.

— Para o diabo o protocolo — retorqui eu. — Ambrose e eu nunca seguíamos o protocolo, fazíamos-lo.

Vi-a inclinar mais a cabeça para o trabalho e desconfiei que era para ocultar o riso, embora não percebesse do que ria ela. Eu não procurara ter graça.

— Suponho que não me quererá elaborar uma pequena lista de regras — sugeriu ela após um instante. — Um código de conduta. Eu podia estudá-lo aqui, enquanto espero pelas visitas. Seria muito desagradável se eu tivesse um *faux pas*, segundo os vossos costumes, e me cobrisse de vergonha.

— A prima Rachel pode dizer o que quiser, a quem quiser — declarei eu. — A única coisa que lhe peço é que o diga aqui, no salão. Nunca permita que alguém entre na biblioteca, seja qual for o pretexto.

— Porquê? O que haverá na biblioteca?

— *Eu* estarei lá sentado, com os pés apoiados na consola da lareira.

— Às terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras também?

— Às quintas-feiras não. Às quintas-feiras vou à cidade, ao banco.

Ela aproximou as meadas de seda do candelabro para examinar a cor, depois dobrou-as e enrolou-as no trabalho. Dobrou o trabalho e pô-lo de lado.

Relanceei um olhar ao relógio. Era cedo ainda. Estaria ela a pensar subir já? Senti-me desapontado.

— E quando o condado tiver terminado as visitas, o que acontecerá? — insistiu ela.

— Ora essa, terá de lhes retribuir as visitas, uma a uma. Mandarei aprontar a carruagem para todas as tardes às duas horas. Perdão. Para todas as tardes não. Mas para todas as terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras.

— E irei sozinha?

— Irá sozinha.

— E o que terei de fazer às segundas-feiras e às quartas-feiras?

— Às segundas-feiras e às quartas-feiras, vejamos... — ponderei rapidamente o assunto, procurando uma inspiração que me falhava. — Acaso desenha um pouco, ou canta, como as meninas Pascoes? Podia treinar canto às segundas-feiras e desenhar ou pintar às quartas-feiras.

— Não desenho nem canto — disse a minha prima Rachel —, e receio que me esteja a organizar um programa de tempos livres que me não convém de todo. Se, em vez de esperar que as pessoas do condado me venham visitar, fosse eu a casa delas dar-lhes lições de italiano, seria muito mais apropriado.

Levantou-se e soprou as velas do candelabro alto a seu lado. Eu ergui-me do meu tamborete.

— Mrs. Ashley a dar lições de italiano? — repeti, fingindo-me horrorizado. — Que descrédito para o nome! Só as solteironas dão lições, quando não têm ninguém que as sustente.

— E o que fazem as viúvas que se encontram em circunstâncias idênticas? — perguntou ela.

— As viúvas? — respondi eu, sem refletir. — Oh, as viúvas voltam a casar-se o mais depressa possível, ou vendem os anéis.

— Estou a ver. Bom, eu não tenciono fazer nem uma coisa nem outra. Prefiro dar lições de italiano. — Deu-me uma palmadinha nas costas e abandonou a sala desejando-me uma boa noite por cima do ombro.

Senti-me corar intensamente. Meu Deus, o que fora eu dizer? Falara sem pensar na sua condição, esquecendo quem ela era e o

que acontecera. Deixara-me envolver na divertida conversa com ela, como poderia ter acontecido outrora com Ambrose, e não tivera tento na língua. Voltar a casar-se. Vender os anéis. Céus, o que teria ela pensado de mim?

Como devia ter-lhe parecido desastrado, insensível, sem tato, mal-educado. Senti o rubor subir-me à nuca, até à raiz dos cabelos. Com mil diabos! Não adiantava pedir desculpa. Só serviria para empolar o assunto. O melhor era deixar passar, esperando, rezando, para que ela esquecesse. Sentia-me grato por não se encontrar mais ninguém presente, o meu padrinho, por exemplo, para me chamar de parte e censurar tal falta de maneiras. Ou suponhamos que tinha sido à mesa, com Seecombe e o jovem John a servirem-nos? Voltar a casar-se. Vender os anéis. Céus... Valha-me Deus... O que me passara pela cabeça? Agora não conseguiria pregar olho toda a noite, ficaria acordado e às voltas, ouvindo incessantemente a resposta dela, rápida como um relâmpago: «Eu não tenciono fazer nem uma coisa nem outra. Prefiro dar lições de italiano.»

Chamei *Don* e, saindo pela janela de sacada, comecei a caminhar pelo jardim. À medida que andava, a minha ofensa parecia aumentar em vez de diminuir. Grossoeiro, irrefletido, cabeça oca... E, afinal, o que quisera ela dizer? Seria possível que tivesse tão pouco dinheiro que falasse a sério? Mrs. Ashley dar lições de italiano? Recordei a sua carta de Plymouth para o meu padrinho. Afirmava que, após um breve descanso, planeava ir para Londres. Recordei o que aquele homem, Rainaldi, dissera: ela era obrigada a vender a sua *villa* de Florença. Recordei, ou antes, tomei consciência, com tudo o que isso implicava, que no seu testamento Ambrose não lhe deixara nada, absolutamente nada. Cada cêntimo dos seus bens me pertencia. Recordei, uma vez mais, os mexericos dos criados. Nenhuma disposição testamentária para Mrs. Ashley. O que iriam pensar, na ala dos criados, na propriedade, na vizinhança, no condado, se Mrs. Ashley andasse por aí a dar lições de italiano?

Dois ou três dias antes, eu não me teria importado. Ela poderia até morrer de fome, essa outra mulher das minhas fantasias, e seria merecido. Mas não agora. Agora era diferente. A situação mudara completamente. Era preciso fazer qualquer coisa, e eu não sabia o quê. Era-me impossível discutir o assunto com ela. Só de pensar nisso voltava a corar de vergonha e embaraço. Depois, com uma sensação de alívio, recordei-me de repente que o dinheiro e a propriedade ainda não eram legalmente meus, e só me pertenceriam daí a seis meses, no meu aniversário. Portanto, aquilo não era comigo. A responsabilidade competia ao meu padrinho. Ele era o administrador da propriedade e meu tutor. Era portanto ele quem devia abordar a minha prima Rachel e conceder-lhe uma pensão dos bens existentes. Iria falar com ele acerca disso assim que tivesse oportunidade. O meu nome não precisava de ser referido. A coisa poderia ser apresentada como uma questão meramente jurídica que aconteceria de qualquer maneira, que era o uso do país. Sim, aí estava a solução. Graças a Deus que pensara nisso. Lições de italiano... Que vergonha, que horror.

De espírito mais leve, regressei a casa, mas sem ter esquecido o meu erro crasso. Voltar a casar-se, vender os anéis... Cheguei à extremidade do relvado do lado oriental e assobieei suavemente a *Don*, que farejava os arbustos. Os meus passos rangiam levemente na gravilha do caminho. Ouvi uma voz chamar-me: — Vai muitas vezes passear para os bosques à noite? — Era a minha prima Rachel. Estava sentada, sem luz, à janela aberta do quarto azul. Invadiu-me a consciência da minha indelicadeza anterior e agradeci aos céus por ela não poder ver-me o rosto.

— Às vezes — retorqui —, quando algo me preocupa.

— Isso quer dizer que algo o preocupa esta noite?

— Claro que sim — respondi eu. — Cheguei a uma conclusão muito séria a caminhar pelos bosques.

— Que foi?

— Cheguei à conclusão de que a prima tinha toda a razão em antipatizar comigo antes mesmo de me ver, e em me considerar

convencido, insolente e mimado. Sou tudo isso e pior ainda.

Ela inclinou-se para a frente, os braços apoiados no peitoril da janela.

— Então andar pelos bosques faz-lhe mal e as suas conclusões são muito estúpidas — comentou ela.

— Prima Rachel...

— Sim?

Mas eu não sabia como apresentar as minhas desculpas. As palavras, que haviam fluído tão facilmente para soltar uma grosseria no salão, faltavam-me agora, quando eu a queria remediar. Fiquei parado debaixo da sua janela, mudo e envergonhado. De repente, vi-a virar-se e esticar o braço para trás; depois voltou a debruçar-se e atirou-me qualquer coisa que me bateu na face e caiu ao chão. Curvei-me para a apanhar. Era uma das flores da sua taça, um açafraão-de-outono.

— Não seja tão pateta, Philip; vá-se deitar — intimou ela.

Fechou a janela e correu as cortinas; e, sem saber porquê, a vergonha abandonou-me, a lembrança da minha grosseria também, e senti o coração leve.

Não pude deslocar-me a Pelyn na primeira parte da semana por causa do programa de visitas aos rendeiros que eu próprio elaborara. Além disso, não me seria fácil encontrar uma desculpa para ir a casa do meu padrinho sem levar a minha prima Rachel a ver Louise. A oportunidade apresentou-se na quinta-feira. O transporte chegou de Plymouth com todos os arbustos e plantas que ela trouxera consigo de Itália, e assim que Seecombe lhe deu a notícia — estava eu a terminar o meu pequeno-almoço — a minha prima Rachel desceu já vestida, o xale de renda enrolado na cabeça, pronta a ir para o jardim. A porta da sala de jantar estava aberta para o vestíbulo e vi-a passar. Saí para a cumprimentar.

— Constou-me que Ambrose lhe dissera que nenhuma mulher estava em condições de se mostrar antes das onze horas. O que faz cá em baixo às oito e meia da manhã?

— Chegou o transportador — elucidou ela — e às oito e meia da última manhã de setembro não sou uma mulher, sou um jardineiro. Tamlyn e eu temos trabalho a fazer.

Parecia feliz, alegre como uma criança com a perspectiva de uma recompensa.

— Vai contar as plantas? — perguntei eu.

— Contá-las? Não — respondeu ela —, tenho de ver quantas sobreviveram à viagem e as que devem ser plantadas imediatamente. Tamlyn não saberá, mas eu sim. Para as árvores não há pressa, podemos fazê-lo com toda a calma, mas gostaria de ver as plantas na terra o mais depressa possível. — Reparei que ela usava um velho par de luvas grossas, bastante incongruentes na sua pequena pessoa frágil.

— Tenciona andar mesmo a esgravatar a terra? — perguntei-lhe.

— É claro que sim. Verá. Vou trabalhar mais depressa do que Tamlyn e os seus homens. Não me espere para almoçar.

— Mas — protestei eu — somos esperados esta tarde em Lankelly e em Coombe. As cozinhas das quintas estarão impecáveis e o chá pronto.

— Tem de mandar um bilhete a adiar a visita — disse ela. — Não me comprometo com coisa alguma quando há que plantar. Adeus. — Acenou-me com a mão e saiu pela porta.

— Prima Rachel! — chamei da janela da sala de jantar.

— O que é? — indagou ela, sem se virar.

— Ambrose estava enganado no que disse acerca das mulheres — gritei eu. — Às oito e meia da manhã elas têm muito bom aspeto.

— Ambrose não se referia às oito e meia — retorquiu ela —, referia-se às seis e meia e não era no piso de baixo.

Voltei para dentro da sala a rir e vi Seecombe, que aguardava junto à mesa, de lábios franzidos. Dirigiu-se com ar de desaprovação para o aparador e fez sinal ao jovem John para levantar os pratos do pequeno-almoço. Este dia de plantações tinha pelo menos uma vantagem: não era necessária a minha presença. Alterei os meus planos para essa manhã, dei ordens para selarem

Gypsy e às dez horas cavalgava pela estrada de Pelyn. Encontrei o meu padrinho em casa, no seu escritório, e abordei sem preâmbulos o assunto da minha visita.

— Compreende, portanto — disse-lhe eu —, que alguma coisa terá de fazer-se, e imediatamente. Se chegasse aos ouvidos de Mrs. Pascoe que Mrs. Ashley considerava a hipótese de dar lições de italiano, o condado inteiro sabê-lo-ia em vinte e quatro horas.

Tal como eu esperava, o meu padrinho mostrou-se muito chocado e incomodado.

— Absolutamente indigno — concordou ele —, completamente fora de causa. Nem pensar nisso. A questão é delicada, claro. Preciso de tempo para refletir na maneira de abordar este assunto.

Eu começava a ficar impaciente. Conhecia o funcionamento do seu cauteloso espírito jurídico. Ia ponderar o caso durante dias.

— Não podemos perder tempo — insisti. — Não conhece como eu a minha prima Rachel. É muito capaz de dizer a um dos rendeiros, com o seu ar mais natural: «Conhece alguém que gostasse de aprender italiano?» E em que posição ficaríamos então? Além disso, já me chegaram aos ouvidos mexericos, através de Seecombe. Toda a gente sabe que não lhe foi deixado nada no testamento. Tudo isso tem de ser retificado, e já.

Ele pareceu pensativo e mordiscou a caneta.

— O tal conselheiro italiano não me disse nada sobre a situação dela — comentou. — É uma pena que eu não possa discutir o assunto com ele. Não temos maneira de saber quais são os seus rendimentos pessoais, nem quais são as disposições tomadas aquando do seu primeiro casamento.

— Creio que foi tudo usado para pagar as dívidas de Sangalletti. Lembro-me de Ambrose ter dito isso nas suas cartas. Foi uma das razões por que não vieram para casa no ano passado, os assuntos financeiros dela encontravam-se muito embrulhados. É sem dúvida por isso que ela precisa de vender a *villa*. Decerto está reduzida a meia dúzia de cêntimos. Temos de fazer qualquer coisa por ela, e hoje mesmo.

O meu padrinho arrumou os papéis espalhados na secretária.

— Estou muito satisfeito, Philip — afirmou ele, olhando-me por cima dos óculos —, por teres mudado de atitude. Sentia-me muito inquieto antes da chegada da tua prima Rachel. Estavas decidido a mostrar-te desagradável, rude, e a não fazer absolutamente nada por ela, o que teria provocado um escândalo. Pelo menos agora tornaste-te razoável.

— Estava enganado — proferi secamente —, esqueçamos tudo isso.

— Pois então — respondeu ele — vou escrever uma carta a Mrs. Ashley e outra ao banco. Explicar-lhes-ei o que a propriedade está disposta a fazer. O melhor plano será depositar trimestralmente um cheque numa conta que abrirei em nome dela. Quando ela se mudar para Londres, ou para qualquer outro lado, a sucursal local do nosso banco receberá instruções nossas. Dentro de seis meses, quando fizeres vinte e cinco anos, poderás ocupar-te tu próprio deste assunto. Agora, quanto à soma trimestral, o que sugeres?

Refleti um instante e disse um número.

— É generoso, Philip — observou ele —, quase demasiado generoso. Ela não terá necessidade de tanto. Pelo menos, de momento.

— Oh, por amor de Deus, não sejamos mesquinhos! Se vamos fazer isto, façamo-lo como Ambrose o teria feito, ou então nada.

— Hum — disse ele. Rabiscou alguns números no seu mata-borrão.

— Bom, ela deverá ficar satisfeita — comentou. — Isto compensará a decepção do testamento.

Como era dura e fria a mente legal. A sua caneta traçava números e quantias, adicionando cêntimos, calculando o que aquilo iria custar à propriedade. Céus! Como eu odiava o dinheiro.

— Despache-se, senhor — pedi eu —, e escreva a sua carta. Assim poderei levá-la comigo. Posso igualmente passar pelo banco para entregar a outra carta. A minha prima Rachel poderá então ter acesso imediato à sua conta.

— Meu caro rapaz, Mrs. Ashley não deve estar assim tão necessitada de dinheiro. Vais de um extremo ao outro.

Suspirou e pousou uma folha de papel no mata-borrão.

— Ela tinha razão ao dizer que tu eras como Ambrose — comentou ele.

Dessa vez permaneci de pé atrás dele enquanto escrevia a sua carta, a fim de ter a certeza do que ele lhe dizia. Não mencionou o meu nome. Falou da propriedade. Era desejo da propriedade prover às suas necessidades. A propriedade fixara uma soma a ser paga trimestralmente. Eu observava-o como um falcão.

— Se não queres surgir misturado neste assunto — disse-me ele —, será melhor não lebares tu a carta. Dobson tem de ir para os teus lados esta tarde. Pode levá-la ele. Ficará melhor.

— Excelente — aprovei. — E eu irei ao banco. Obrigado, tio.

— Não te esqueças de ir saudar Louise antes de sair — recomendou ele. — Creio que ela anda algures por aí.

Impaciente por partir, eu dispensaria bem ver Louise, mas não podia dizê-lo. Aliás, ela estava na saleta e eu fui obrigado a passar pela porta aberta ao sair do escritório do meu padrinho.

— Pareceu-me ouvir a tua voz — disse ela. — Vieste passar o dia connosco? Deixa-me servir-te de bolo e fruta. Deves estar com fome.

— Agradeço-te, Louise, mas tenho de partir imediatamente. Só vim até cá para falar com o meu padrinho de um assunto de negócios.

— Oh — disse ela —, compreendo. — A sua expressão, até aí alegre e natural ao ver-me, recuperou o ar hirto de domingo. — E como está Mrs. Ashley? — perguntou.

— A minha prima Rachel está muito bem e extremamente ocupada — respondi eu. — Todos os arbustos que trouxe de Itália chegaram esta manhã, e ela anda a plantá-los nos viveiros com Tamlyn.

— Admira-me que não tenhas ficado em casa a ajudá-la — comentou Louise.

Não sei o que se passava com aquela rapariga, mas o seu novo tom de voz era estranhamente irritante. Recordei subitamente algumas atitudes suas de outrora, quando fazíamos corridas no jardim e, exatamente quando eu me estava a divertir imenso, ela se punha sem qualquer razão a abanar os caracóis e me dizia «Afinal, parece-me que não quero brincar», ficando a fitar-me com aquele mesmo rosto obstinado.

— Sabes perfeitamente que sou uma nulidade em jardinagem — respondi eu. E depois acrescentei, por pura travessura: — Ainda não te refizeste do teu mau humor?

Ela endireitou-se e corou. — Mau humor? Não sei a que te referes — disse vivamente.

— Ah, sabes, sim — retorqui eu. — Estiveste de péssimo humor durante todo o domingo. Foi particularmente notório. Espanta-me que as meninas Pascoes não tenham reparado.

— As meninas Pascoes — declarou ela — estavam, como toda a gente, provavelmente demasiado ocupadas a reparar noutra coisa.

— E o que era? — perguntei eu.

— Em como deve ser simples para uma mulher do mundo como Mrs. Ashley dar a volta a um jovem como tu — disse Louise.

Dei meia-volta e saí da sala. Só me apetecia bater-lhe.

CAPÍTULO XIII

Retomei a estrada principal à saída de Pelyn, atravesssei os campos até à cidade e regressei a casa, devendo ter cavalgado quase trinta quilómetros. Parara na cidade para beber uma sidra na estalagem do cais, mas não comera nada e às quatro horas sentia-me faminto.

O relógio da torre soava justamente nessa altura e eu dirigi-me diretamente aos estábulos, onde por azar me aguardava Wellington em vez do moço de estrebaria.

Ao ver *Gypsy* a espumar, ele deu um estalido com a língua. — Isto não pode ser, Mr. Philip — censurou-me enquanto eu desmontava, sentindo-me culpado como quando vinha de Harrow passar as férias. — Sabe que a égua se constipa se a esforçam demasiado, e eis que a traz de volta a escaldar. Ela não está em condições de acompanhar os cães de caça, se foi isso o que o senhor andou a fazer.

— Se eu tivesse andado à caça estaria ainda na charneca de Bodmin — retorqui. — Não seja pateta, Wellington. Fui ver Mr. Kendall por causa de um negócio e depois segui para a cidade. Lamento o estado de *Gypsy*, mas não o pude evitar. Não creio que ela adoeça.

— Espero que não, senhor — comentou Wellington, começando a afagar os flancos da pobre *Gypsy* como se eu a tivesse levado a uma corrida de obstáculos.

Regressei a casa e fui para a biblioteca. O lume crepitava alegremente, mas não havia sinais da minha prima Rachel. Toquei para chamar Seecombe.

— Onde está Mrs. Ashley? — perguntei quando ele entrou.

— Mrs. Ashley voltou um pouco depois das três — respondeu ele. — Esteve a trabalhar com os jardineiros desde que o senhor partiu. Tamlyn encontra-se agora comigo na sala do intendente. Diz que

nunca viu nada assim, a maneira como a senhora se dedica àquilo. Diz que ela é fantástica.

— Deve estar exausta — comentei eu.

— Era o que eu receava, senhor. Sugerir que se fosse deitar, mas ela nem quis ouvir falar nisso. «Diga aos rapazes que me tragam água quente. Vou tomar um banho, Seecombe», disse-me ela, «e também lavar o cabelo.» Eu preparava-me para mandar chamar a minha sobrinha, não me parece bem que uma senhora lave ela própria o seu cabelo, mas ela também não quis.

— Os rapazes podem fazer o mesmo para mim. Também tive um dia duro. E estou com uma fome dos diabos. Quero jantar cedo.

— Muito bem, senhor. Às cinco menos um quarto?

— Sim, por favor, Seecombe, se for possível.

Subi a assobiar, satisfeito por me ir despir e sentar na banheira fumegante diante da lareira do meu quarto. Os cães surgiram no corredor vindos do quarto da minha prima Rachel. Tinham-se habituado completamente à visita, e seguiam-na para todo o lado. Do cimo das escadas, o velho *Don* abanou a cauda ao ver-me.

— Viva, meu velho — saudei-o eu. — És um traidor, sabias? Abandonaste-me por uma dama. — Ele lambeu-me a mão com a sua longa língua áspera e fitou-me com os seus grandes olhos.

O rapaz chegou com o balde de água e encheu a banheira, e foi muito agradável ficar ali sentado, de pernas cruzadas, a esfregar-me bem, assobiando uma canção desafinada por entre o vapor. Enquanto me secava com a toalha, reparei que havia uma taça com flores na mesa ao lado da minha cama. Ramos dos bosques, entremeados com orquídeas e cíclames. Nunca ninguém me pusera flores no quarto. Seecombe não se lembraria de tal, e os rapazes tampouco. Só podia ser ideia da minha prima Rachel. A visão das flores aumentou ainda mais a minha boa disposição. Ela andara todo o dia ocupada com as suas plantas, mas arranjava tempo para encher também aquela taça de flores. Dei o nó à gravata e vesti o casaco, sempre a entoar a minha canção desafinada. Depois percorri o corredor e bati à porta do *boudoir*.

— Quem é? — perguntou ela de dentro.

— Sou eu, Philip — respondi. — Vim dizer-lhe que o jantar será mais cedo hoje. Eu estou a morrer de fome e, depois do que me contaram, quero crer que a prima também. Que diabo andaram a fazer, Tamlyn e a prima Rachel, que precisou de tomar banho e lavar o cabelo?

Aquela cascata de riso, tão contagiosa, foi a sua resposta.

— Andámos a escavar a terra como toupeiras — disse ela do outro lado.

— Tinha terra até às sobancelhas?

— Tinha terra por toda a parte — retorquiu ela. — Já tomei banho e agora estou a secar o cabelo. Pus ganchos e estou apresentável, pareço exactamente a tia Phoebe. Pode entrar.

Abri a porta e entrei no *boudoir*. Ela estava sentada no tamborete diante da lareira, e por um instante quase não a reconheci, tão diferente parecia sem os seus trajes de luto. Envolvia-a um roupão branco, atado no pescoço e nos punhos com fitas, e tinha o cabelo preso no alto da cabeça, em vez do impecável risco ao meio.

Eu nunca vira nada menos parecido com a tia Phoebe ou com qualquer outra tia. Parei à entrada, desconcertado.

— Entre e sente-se — convidou ela. — Não faça um ar tão surpreendido.

Fechei a porta atrás de mim e fui sentar-me numa cadeira.

— Perdoe-me — pedi —, mas a questão é que nunca tinha visto uma mulher em roupa interior.

— Isto não é roupa interior — corrigiu ela —, é o que eu uso para o pequeno-almoço. Ambrose chamava-lhe o meu «hábito de freira».

Ergueu os braços e começou a enfiar ganchos no cabelo.

— Aos vinte e quatro anos é mais do que tempo de ter uma agradável visão doméstica como a da tia Phoebe a pentear-se. Sente-se embaraçado?

Cruzei os braços e tracei a perna, e continuei a olhar para ela. — Absolutamente nada — neguei eu —, apenas estupefacto.

Ela riu e foi tirando um a um os ganchos que tinha entre os lábios, enrolando o cabelo até ficar como devia, num rolo na nuca. Tudo aquilo levou apenas uns escassos segundos, segundo me pareceu.

— Faz isso todos os dias em tão pouco tempo? — inquiri, atônito.

— Oh, Philip, tem muito que aprender — comentou ela. — Nunca viu Louise pentear-se?

— Não, nem queria — respondi vivamente, recordando de súbito a observação com que Louise se despedira à minha saída de Pelyn. A minha prima Rachel soltou uma gargalhada e atirou-me um gancho para os joelhos.

— Uma recordação — elucidou ela. — Ponha-o debaixo da sua almofada e observe a cara de Seecombe ao pequeno-almoço.

Passou do *boudoir* para o quarto contíguo, deixando a porta escancarada.

— Pode ficar aí sentado e falar comigo enquanto me visto — gritou-me da outra sala.

Lancei um olhar furtivo à pequena escrivanhinha, procurando sinais da carta do meu padrinho, mas não vi nada. Perguntei-me o que teria acontecido. Talvez ela a tivesse no quarto. Podia dar-se o caso de não querer dizer-me nada e preferir tratar o assunto como sendo apenas entre ela e o meu padrinho. Esperava bem que sim.

— Por onde andou o dia todo? — perguntou-me ela.

— Fui à cidade — respondi —, havia pessoas com quem tinha de me encontrar. — Não precisava de mencionar o banco.

— Eu senti-me muito feliz com Tamlyn e os jardineiros — continuou ela. — Apenas muito poucas plantas tiveram de ser deitadas fora. Sabe uma coisa, Philip? Ainda há muito a fazer naquele viveiro; a vegetação em redor do prado devia ser limpa e abrir-se uma alameda, e todo esse terreno devia ser ocupado pelas camélias. Assim, daqui a menos de vinte anos, podia ter um jardim que toda a Cornualha viria admirar.

— Eu sei — retorqui —, era o que Ambrose pretendia fazer.

— Precisa de um planeamento muito cuidado — disse ela —, não pode ser deixado ao acaso e a Tamlyn. Ele é muito querido, mas os

seus conhecimentos são limitados. Por que motivo não se interessa o Philip mais?

— Não sei o suficiente e, de qualquer maneira, nunca foi da minha competência. Ambrose sabia isso.

— Deve haver pessoas capazes de o ajudar — insistiu ela. — Podia mandar vir um paisagista de Londres para o planejar.

Não respondi. Não queria um paisagista de Londres. Tinha a certeza de que ela sabia mais do assunto do que qualquer um deles.

Nessa altura Seecombe apareceu na passagem e deteve-se.

— O que é, Seecombe? O jantar está pronto? — indaguei eu.

— Não, senhor — respondeu ele. — O empregado de Mr. Kendall, Dobson, veio trazer uma carta para Mrs. Ashley.

O coração caiu-me aos pés. O diabo do homem devia ter ficado a beber algures pelo caminho para chegar tão tarde. Assim, eu estaria presente quando ela a lesse. Que inoportuno. Ouvi Seecombe bater na porta aberta e entregar-lhe a carta.

— Acho que vou descer e esperar por si na biblioteca — disse eu.

— Não, não vá — exclamou ela. — Eu já estou pronta. Podemos descer juntos. Chegou uma carta de Mr. Kendall. Talvez nos convide aos dois a ir a Pelyn.

Seecombe desapareceu corredor fora. Eu levantei-me, desejando poder segui-lo. Senti-me de súbito nervoso e pouco à vontade. Do quarto azul não vinha qualquer som. Ela devia estar a ler a carta. Pareceu-me que passava uma eternidade. Por fim, ela saiu do quarto e parou na ombreira da porta, com a carta aberta na mão. Estava vestida para o jantar. Talvez fosse o contraste do traje de luto com a sua tez que a fazia parecer tão pálida.

— O que andou a fazer? — interrogou ela.

A sua voz tinha um som diferente, estranhamente forçado.

— A fazer? — repeti. — Nada. Porquê?

— Não minta, Philip. Não sabe mentir.

De pé e infeliz em frente da lareira, eu olhava para toda a parte menos para aqueles olhos penetrantes e acusadores.

— O Philip foi hoje a cavalo até Pelyn para ver o seu tutor — afirmou ela.

Tinha razão. Eu não sabia de todo mentir. Pelo menos a ela.

— É possível — respondi. — E então?

— Fê-lo escrever esta carta — continuou ela.

— Não — neguei eu, engolindo em seco —, nada disso. Ele escreveu-a de sua livre vontade. Tínhamos negócios a discutir e aconteceu que no decorrer da conversa surgiram certos assuntos legais e...

— E o Philip contou-lhe que a sua prima Rachel se propunha a dar lições de italiano, não é verdade?

Eu tinha simultaneamente frio e calor, e sentia-me terrivelmente contrafeito.

— Não exatamente — contrapus.

— Decerto percebeu que eu estava a brincar quando disse isso.

— Se estava a brincar, pensei eu, então por que motivo se mostrava agora tão zangada comigo?

— Não se apercebe do que fez — prosseguiu ela. — Cobriu-me de vergonha. — Dirigiu-se à janela, virando-me as costas. — Se pretende humilhar-me, o céu é testemunha de que o conseguiu.

— Não sei por que motivo há de ser tão orgulhosa — disse eu.

— Orgulhosa? — Virou-se, os olhos imensos e sombrios, e fitou-me furiosa. — Como ousa chamar-me orgulhosa? — Eu observei-a. Creio que estava estupefacto por alguém que, um instante antes, ria comigo poder de repente encolerizar-se daquela maneira. Então, para minha própria surpresa, o meu nervosismo desvaneceu-se. Dirigi-me a ela e parei a seu lado.

— Sim, chamar-lhe-ei orgulhosa — proferi eu —, e irei ainda mais longe: terrivelmente orgulhosa. Não é aqui questão de a humilhar, mas a mim. Não era uma brincadeira quando falou em dar lições de italiano. A sua réplica foi demasiado rápida para ser uma brincadeira. Disse-o porque o pensava.

— E se o pensasse? — perguntou ela. — Há alguma coisa de vergonhoso em dar lições de italiano?

— Num sentido geral, não — retorqui —, mas no seu caso sim. Para Mrs. Ambrose Ashley, dar lições de italiano é vergonhoso; reflete-se no marido, que negligenciou deixar disposições testamentárias para prover às suas necessidades. E eu, Philip Ashley, seu herdeiro, não permitirei tal coisa. Receberá essa pensão trimestral, prima Rachel, e quando levantar o dinheiro do banco lembre-se, por favor, de que ele não vem da propriedade, nem do herdeiro da propriedade, mas do seu marido, Ambrose Ashley.

À medida que falava, invadia-me uma onda de cólera tão forte como a dela. Diabos me levassem se ia consentir que uma criatura, pequena e frágil, ficasse ali a acusar-me de a humilhar. E ainda menos suportaria que ela recusasse o dinheiro que lhe pertencia por direito.

— E então, compreende o que tenho estado a dizer-lhe? — insisti.

Por instantes pensei que ela fosse esbofetear-me. Permaneceu imóvel, fitando-me fixamente. Depois os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, afastou-me e entrou no quarto, batendo com a porta. Eu fui para baixo. Entrei na sala de jantar, toquei a sineta e informei Seecombe de que pensava que Mrs. Ashley não desceria para jantar. Servi-me de um copo de clarete e sentei-me sozinho à cabeceira da mesa. «Céus!», pensei. «Então é assim que as mulheres se comportam.» Nunca me sentira tão furioso nem tão exausto. Longos dias de trabalho ao ar livre, ajudando os homens na ceifa; discussões com rendeiros atrasados no pagamento das rendas ou envolvidos em alguma querela com um vizinho e que eu tinha de resolver; nada disso se comparava com cinco minutos em frente a uma mulher cuja jovialidade se transformara, num segundo, em hostilidade. E a arma final seria sempre as lágrimas? Porque elas sabiam perfeitamente o seu efeito sobre o espectador? Bebi outro copo de clarete. Quanto a Seecombe, que se atardava a meu lado, bem desejava que se encontrasse no outro extremo do mundo.

— Crê que Mrs. Ashley está indisposta, senhor? — perguntou ele.

Eu poderia dizer-lhe que Mrs. Ashley não estava tão indisposta como furiosa, e que provavelmente não tardaria a tocar a campainha para mandar Wellington preparar a carruagem a fim de a levar de volta a Plymouth.

— Não — respondi —, ainda não tem o cabelo seco. É melhor dizer a John que lhe leve uma bandeja ao *boudoir*.

Eis, supunha eu, o que esperava os homens casados. Portas fechadas com estrondo, e silêncio. Um jantar solitário, de modo que o apetite, aguçado pelo longo dia no exterior, a descontração na banheira e a perspectiva de uma noite tranquila junto à lareira em agradável conversa, observando preguiçosamente umas pequenas mãos brancas a trabalhar no seu bordado, se desvanecera. Com que alegria me vestira para o jantar e percorrera o corredor, batera à porta do *boudoir* e a encontrara sentada no tamborete com o seu roupão branco, o cabelo apanhado no cimo da cabeça. Que naturalidade na disposição que partilháramos, com uma espécie de intimidade que conferia fulgor à perspectiva de todo o serão. E eis que me encontrava sozinho à mesa, com um bife que, pelo que eu lhe ligava, podia ser duro como couro. E o que estaria ela a fazer? Ter-se-ia estendido na cama? Estariam as velas apagadas, as cortinas cerradas e o quarto às escuras? Ou ter-lhe-ia passado o mau humor e estaria tranquilamente sentada no *boudoir*, de olhos secos, comendo o jantar que lhe fora levado, para representar perante Seecombe? Eu não sabia. E não me interessava. Ambrose tinha toda a razão quando dizia que as mulheres eram uma raça à parte. Uma coisa era agora certa: eu nunca haveria de me casar...

Terminado o jantar, fui sentar-me na biblioteca. Acendi o cachimbo, apoiei os pés nos ferros da lareira e instalei-me para essa modorra que se segue ao jantar e que pode por vezes ser doce e agradável, mas que nessa noite não possuía qualquer atrativo. Habituei-me a vê-la na poltrona em frente da minha, os ombros virados de maneira que a luz incidisse no seu trabalho, e *Don* a

seus pés; agora, a poltrona parecia estranhamente vazia. Ora, c'os diabos! Era idiota que uma mulher pudesse perturbar assim o final do dia. Levantei-me, escolhi um livro da estante e folheei-o. Depois devo ter dormitado, porque quando ergui os olhos para os ponteiros do relógio de canto eram perto de nove horas. Para a cama então, e dormir. Não fazia sentido continuar ali, com o lume extinto. Levei os cães para o canil — o tempo mudara, o vento soprava e chuviscava — e depois tranquei a porta e subi para o meu quarto. Preparava-me para atirar o casaco sobre a cadeira quando vi um bilhete, pousado junto da taça de flores na mesa ao lado da cama. Aproximei-me, peguei no bilhete e li-o. Era da minha prima Rachel.

«Querido Philip», escrevera ela, «se for capaz, perdoe-me por favor a minha indelicadeza desta noite. Foi imperdoável da minha parte conduzir-me assim na sua casa. Não tenho desculpa, a não ser que não sou inteiramente eu neste momento: as emoções andam demasiado à flor da pele. Escrevi ao seu tutor, agradecendo-lhe a carta e aceitando a pensão. Foram ambos bons e generosos por terem pensado em mim. Boa noite. Rachel.»

Li a carta duas vezes e depois meti-a no bolso. Ter-se-ia então dissipado o seu orgulho, bem como a sua cólera? Esses sentimentos dissolver-se-iam nas lágrimas? O facto de ela aceitar a pensão tirou-me um peso das costas. Imaginara já nova visita ao banco, e mais explicações para revogar as minhas primeiras ordens; e depois encontros com o meu padrinho, e discussões, e o assunto a acabar lamentavelmente com a minha prima Rachel a abandonar o solar e a partir para Londres, onde viveria num quarto alugado dando lições de italiano.

Perguntei-me se aquela carta lhe teria custado muito a escrever. A passagem do orgulho para a humildade. Detestava o facto de ela ter sido obrigada a tal. Pela primeira vez desde a sua morte, dei por mim a censurar Ambrose pelo que acontecera. Ele deveria ter pensado um pouco no futuro. A doença e uma morte súbita podem acometer qualquer um. Devia saber que, não havendo qualquer disposição testamentária, deixava a sua mulher à nossa mercê, à

mercê da nossa caridade. Uma carta dirigida ao meu padrinho teria poupado tudo isso. Imaginei-a, sentada no *boudoir* da tia Phoebe a escrever-me aquele bilhete. Perguntei-me se estaria ainda no *boudoir* ou já deitada. Hesitei um momento, depois percorri o corredor e parei no arco que dava entrada aos seus aposentos.

A porta do *boudoir* estava aberta e a do quarto fechada. Bati à porta do quarto. Por instantes o silêncio manteve-se, mas depois ela perguntou: — Quem é?

Eu não respondi «Philip». Abri a porta e entrei. O quarto estava mergulhado na escuridão, e a luz da minha vela mostrava as cortinas da cama entreabertas. Distingui a sua forma sob a colcha.

— Acabo de ler o seu bilhete — disse eu. — Queria agradecer-lhe e desejar-lhe uma boa noite.

Pensei que ela se soergueria e acenderia a sua vela, mas não. Permaneceu deitada nas suas almofadas, por trás das cortinas.

— Queria igualmente que soubesse que não tive a menor intenção de a tratar com condescendência — prossegui. — Peço-lhe que acredite.

A voz que saiu das cortinas era estranhamente suave e submissa.

— Nunca pensei tal coisa — respondeu ela.

Ficámos ambos calados um momento e depois ela acrescentou: — Não me perturbaria dar lições de italiano. Não tenho orgulho acerca desse género de coisas. O que não pude suportar foi ouvi-lo dizer que isso se refletiria de forma negativa em Ambrose.

— E era verdade — afirmei eu —, mas agora esqueça. Não precisamos de pensar mais nisso.

— Foi muito simpático da sua parte, e tão próprio de si, correr a cavalo a Pelyn para ver o seu tutor. Eu devo ter parecido muito desagradável, completamente falha de gratidão. Não consigo perdoar-me. — Aquela voz, de novo tão próxima das lágrimas, provocou-me uma reação: senti uma espécie de aperto na garganta e no ventre.

— Preferia mil vezes que me esbofeteasse a vê-la chorar.

Ouvi-a mexer-se na cama, à procura de um lenço, e assoar-se. Esse gesto e esse som, tão simples e naturais, acontecendo ali no escuro e atrás das cortinas, tocaram-me ainda mais profundamente.

Depois ela disse: — Eu aceito a pensão, Philip, mas terminada esta semana não quero abusar mais da sua hospitalidade. Penso partir daqui na próxima segunda-feira, se lhe convier, e instalar-me noutro lugar, talvez em Londres.

Senti um vazio ao ouvir as suas palavras.

— Em Londres? Mas porquê? Para quê?

— Eu vim apenas por alguns dias — retorquiu ela. — Já fiquei mais tempo do que tencionava.

— Mas ainda não conhece toda a gente — refutei eu —, ainda não fez tudo aquilo que se espera de si.

— E isso tem importância? — murmurou ela. — Afinal, parece tudo tão inútil.

Como era surpreendente aquela falta de vivacidade na sua voz.

— Pensei que gostava de percorrer a propriedade e de visitar os rendeiros. Pareceu-me tão feliz todos os dias em que o fizemos. E hoje, depois de plantar aqueles arbustos com Tamlyn. Era tudo fingido, estava apenas a ser delicada?

Ela não respondeu imediatamente, e depois observou: — Às vezes, Philip, penso que não percebe nada de nada.

Provavelmente não. Senti-me aborrecido e magoado, e resolvi deixar de me importar.

— Muito bem — retorqui —, se quer partir, parta. Provocará uma série de comentários, mas não interessa.

— Eu teria pensado que provocaria mais comentários por ficar — disse ela.

— Comentários por ficar? Que quer dizer? Não compreende que, por direito, o seu lugar é aqui, e que se Ambrose não fosse tão lunático este seria o seu lar?

— Oh, céus! — explodiu ela, com uma cólera súbita. — Porque acha que eu vim?

Eu voltara a fazer asneira. Desajeitado e sem tato, dissera tudo o que não devia. De repente, senti-me inapto, incapaz. Aproximei-me do leito, afastei as cortinas e fitei-a. Ela estava encostada às almofadas, as mãos enclavinadas à sua frente. Vestia qualquer coisa branca, com rufos no pescoço como a sobrepeliz de um menino de coro, e tinha os cabelos soltos apanhados atrás por uma fita, como eu recordava os de Louise em criança. Fiquei abalado e surpreendido vendo-a parecer tão jovem.

— Ouça — disse eu —, não sei porque veio nem quais os seus motivos para fazer tudo o que fez. Não sei nada de si nem de mulher alguma. Tudo o que sei é que me sinto satisfeito agora que aqui está. E que não quero que parta. É assim tão complicado?

Ela levava as mãos à cara, num gesto quase de defesa, como se receasse que eu lhe fizesse mal.

— Sim — respondeu. — Muito.

— Então é porque assim o torna, e não eu.

Cruzei os braços e olhei para ela, assumindo um à-vontade que estava longe de possuir. Todavia, de certa maneira, encontrar-me ali de pé enquanto ela estava deitada conferia-me uma espécie de vantagem. Não via como é que uma mulher de cabelo solto, que passara de novo a rapariga perdendo o seu estatuto de mulher, podia encolerizar-se.

Vi o seu olhar tornar-se distante. Ela procurava mentalmente uma desculpa, uma nova razão para dever partir, e eu, num relâmpago de inspiração, descobri um golpe de estratégia magistral.

— Esta tarde, disse-me que eu devia mandar vir um paisagista de Londres para planear os jardins — recomecei. — Sei que isso foi o que Ambrose sempre tencionou fazer. Mas permanece o facto de eu não conhecer nenhum, e de qualquer forma daria em doido de irritação se tivesse de suportar uma pessoa desse tipo à minha volta. Se sente alguma coisa por este lugar, sabendo o que ele significava para Ambrose, devia permanecer aqui alguns meses e ocupar-se disso por mim.

A seta acertou no alvo. Ela olhou em frente, brincando com o anel. Já anteriormente eu reparara que aquilo era um apoio quando se sentia preocupada. Insisti na minha vantagem.

— Nunca eu seria capaz de seguir os planos que Ambrose traçou, e Tamlyn tampouco. Ele opera maravilhas, eu sei, mas só quando é bem dirigido. Neste ano que passou, veio diversas vezes ter comigo e pedir-me conselhos que eu não soube dar-lhe. Se permanecesse aqui (apenas durante o outono, quando há tanta coisa que precisa de ser plantada), seria uma ajuda para todos nós.

Ela fazia girar o anel de um lado para o outro em volta do dedo. — Acho que devo perguntar ao seu padrinho o que pensa ele disso.

— Isso não diz respeito ao meu padrinho — contrariei eu. — Por quem me toma? Por um menino de escola? Há apenas uma coisa a considerar, que é se a prima deseja ficar. Se quer realmente partir, não posso impedi-la.

Surpreendentemente, ela respondeu-me numa vozinha fraca: — Por que motivo me pergunta isso? Sabe que eu desejo ficar.

Justos céus, como haveria eu de saber? Ela insinuara precisamente o contrário.

— Então ficará por algum tempo para orientar o jardim? Isso está assente e não voltará com a sua palavra atrás.

— Ficarei — afirmou ela — algum tempo.

Tive dificuldade em não sorrir. O seu olhar era grave e tive a sensação de que se eu sorrisse ela mudaria de opinião. Interiormente, triunfava.

— Muito bem, então — concordei. — Desejo-lhe uma boa noite e deixo-a. E a sua carta para o meu padrinho? Quer que a meta na mala do correio?

— Seecombe já a levou.

— Então agora vai dormir e não ficará mais zangada comigo?

— Eu não estava zangada, Philip.

— Estava, sim. Até pensei que me ia esbofetear.

Ela ergueu os olhos para mim. — Por vezes é tão estúpido, Philip, que creio bem que um dia o farei. Venha cá.

Aproximei-me mais, com o joelho a tocar a colcha.

— Incline-se — mandou ela.

Tomou o meu rosto entre as suas mãos e beijou-me.

— Agora vá-se deitar como um bom menino e durma bem — ordenou. Afastou-me e correu as cortinas.

Saí do quarto azul aos tropeções, de vela na mão, a cabeça leve e algo aturdido, como se tivesse bebido brande, e pareceu-me que a vantagem que julgara ter sobre ela quando a olhava de alto, encostada às almofadas, se perdera agora completamente. A última palavra e o último gesto tinham sido dela. O ar de rapariguinha e a sobrepeliz de menino de coro tinham-me iludido. Ela permanecera sempre uma mulher. Apesar de tudo isso, sentia-me feliz. O mal-entendido desvanecera-se e ela prometera ficar. Não houvera mais lágrimas.

Em vez de ir imediatamente deitar-me, desci de novo à biblioteca para escrever duas linhas ao meu padrinho, assegurando-lhe que correra tudo bem. Ele não precisava de saber nunca a noite agitada que nós os dois passáramos. Rabisquei a minha carta e fui ao vestíbulo colocá-la na mala do correio para o dia seguinte.

Seecombe deixara-a, como era hábito, em cima da mesa, com a chave ao lado. Quando abri a mala, tombaram-me na mão outras duas cartas, ambas escritas pela minha prima Rachel. Uma era dirigida ao meu padrinho, Nick Kendall, como ela me dissera. A segunda estava endereçada ao *signor* Rainaldi, em Florença. Fixei-a um instante, e depois voltei a metê-la na mala com a outra. Era talvez idiota da minha parte, insensato e absurdo; aquele homem era seu amigo, por que motivo não havia ela de lhe escrever uma carta? Contudo, enquanto subia para me deitar, senti-me exatamente como se ela afinal me tivesse esbofeteado mesmo.

CAPÍTULO XIV

No dia seguinte, quando desceu e eu fui juntar-me a ela no jardim, a minha prima Rachel mostrou-se tão satisfeita e despreocupada como se nunca tivesse havido uma disputa entre nós. A única diferença na sua atitude para comigo era um ar mais doce, mais terno; provocava-me menos, ria comigo e não de mim, e perguntava constantemente a minha opinião quanto à maneira de plantar os arbustos, não devido aos meus conhecimentos, mas tendo em vista o meu prazer quando os contemplasse no futuro.

— Faça o que quiser — disse-lhe eu. — Mande os homens cortar as sebes, abater árvores, encha as margens mais distantes com arbustos, o que quer que lhe apeteça estará bem, eu não tenho o menor sentido de perspetiva.

— Mas eu quero que o resultado lhe agrade, Philip — insistiu ela. — Tudo isto lhe pertence e pertencerá um dia aos seus filhos. E se eu fizer no parque alterações que, uma vez concluídas, lhe desagradarão?

— Não desagradarão — afirmei eu. — E pare de falar nos meus filhos. Estou absolutamente decidido a permanecer solteiro.

— O que é essencialmente egoísta da sua parte e muito estúpido — declarou ela.

— Não creio — retorqui. — Penso que ficar solteiro poupar-me-á de muito sofrimento e inquietação.

— Alguma vez pensou no que perderia?

— Palpita-me que as beatitudes da vida de casado não são bem aquilo que se apregoa. Se é calor e conforto que um homem deseja, e algo de belo para contemplar, pode obter tudo isso da sua própria casa desde que a ame bastante.

Para minha surpresa, ela riu tanto do meu comentário que Tamlyn e os jardineiros que trabalhavam na extremidade da plantação levantaram a cabeça para nos olhar.

— Um dia — exclamou ela —, quando se apaixonar, recordar-lhe-ei essas palavras. Procurar calor e conforto em paredes de pedra, aos vinte e quatro anos. Oh, Philip! — E o seu riso em cascata soltou-se novamente.

Eu não via que aquilo tivesse assim tanta graça.

— Sei perfeitamente ao que se refere — insurgi-me. — Acontece que nunca experimentei tais emoções.

— Isso é evidente — comentou ela. — O Philip deve despedaçar corações por toda a vizinhança. Essa pobre Louise...

Mas eu não estava disposto a deixar-me envolver numa discussão acerca de Louise, nem tampouco numa nova dissertação sobre o amor e o matrimónio. Interessava-me muito mais observá-la a trabalhar no jardim.

Outubro chegou, ameno e luminoso, e durante as três primeiras semanas praticamente não choveu, de maneira que Tamlyn e os jardineiros puderam, sob a supervisão da minha prima Rachel, avançar bastante nos seus trabalhos. Conseguimos também visitar sucessivamente todos os rendeiros da propriedade, o que, como eu já sabia de antemão, lhes deu grande prazer. Conhecia-os a todos desde a infância e estava habituado a visitá-los de vez em quando, uma vez que isso fazia parte do meu trabalho. Mas para a minha prima Rachel, educada em Itália para uma vida muito diferente, foi uma experiência nova. O modo como lidava com as pessoas não poderia ter sido mais gracioso e adequado, e era fascinante observá-la no seu convívio. A mistura de nobreza e familiaridade inspirava respeito, pondo-os simultaneamente à vontade. Ela fazia todas as perguntas corretas e dava todas as respostas corretas. Além disso, parecia compreender todas as maleitas que os afligiam e possuir os remédios indicados, despertando em muitos deles um sentimento de adoração. «Ao meu amor pela jardinagem», dizia-lhes ela, «junta-se o conhecimento das ervas medicinais. Em Itália sempre estudámos estas coisas.» E, a partir de plantas, preparava um bálsamo para facilitar a respiração de peitos oprimidos, ou um óleo para as queimaduras; e ensinava-lhes a fazer uma tisana,

como remédio para a indigestão ou para a insónia — «é melhor do que qualquer bebida alcoólica do mundo», dizia-lhes ela —, indicando-lhes que o sumo de alguns frutos curava quase qualquer doença, de uma dor de garganta a um terçol.

— A prima sabe o que vai acontecer — comentei eu —, vai ocupar o lugar da parteira da região. Mandarão chamá-la durante a noite para ajudar bebês a nascer, e logo que comecem não terá mais sossego.

— Também há uma tisana para isso — afirmou ela —, feita de folhas de framboesa e urtigas. Se uma mulher beber isso durante seis meses antes do parto, terá o bebé sem dores.

— Isso é feitiçaria — disse eu. — Eles não achariam isso bem.

— Que disparate! Por que motivo hão de as mulheres sofrer? — ripostou a minha prima Rachel.

Por vezes, à tarde, alguém do condado vinha visitá-la, tal como eu a prevenira. E ela fazia tanto sucesso entre a «nobreza», como lhes chamava Seecombe, como entre os humildes. Seecombe, depressa me apercebi, vivia atualmente no sétimo céu. Quando as carruagens paravam à porta, numa terça-feira ou numa quinta-feira, às três da tarde, ele aguardava no vestíbulo. Continuava a usar luto, mas o fato era novo, guardado apenas para tais ocasiões. John não tinha tanta sorte, e incumbia-lhe a tarefa de abrir a porta aos visitantes e de os encaminhar para o seu superior, que, em passo lento e majestoso (John contou-me tudo isto a seguir), os precedia através do vestíbulo até ao salão. Abrindo a porta com um floreado (isto foi-me contado pela minha prima Rachel), anunciava os nomes com a sonoridade de quem propõe um brinde num banquete. De antemão, contou-me ela, discutia com ela a probabilidade da vinda de tal ou tal visitante, proporcionando-lhe um breve resumo da história da sua família até à data. Geralmente tinha razão nas suas profecias sobre quem apareceria, e nós perguntámo-nos se os criados teriam alguma maneira de mandar mensagens a prevenir de solar para solar, como os selvagens tocam tantãs na selva. Por exemplo, Seecombe dizia à minha prima Rachel que sabia de fonte

certa que Mrs. Tremayne pedira a carruagem para quinta-feira à tarde, e que traria com ela a filha casada, Mrs. Gough, e a filha solteira, Miss Isobel, e que a minha prima Rachel devia estar ciente, quando falasse com Miss Isobel, de que a jovem sofria de uma dificuldade de fala. Ou que, numa terça-feira, muito provavelmente nos apareceria a velha Lady Penryn, porque nesse dia ela visitava sempre a neta que vivia apenas a quinze quilómetros de nós, e a minha prima Rachel devia lembrar-se de não falar de raposas diante dela, fosse a que propósito fosse, porque Lady Penryn assustara-se muito com uma raposa antes do nascimento do filho mais velho, e ele ficara com uma marca de nascença no ombro esquerdo.

— E, Philip — contou-me mais tarde a minha prima Rachel —, durante todo o tempo que ela esteve comigo fiz esforços para desviar a conversa de caçadas. Era inútil, ela voltava ao assunto como um rato que fareja queijo. E por fim, para a calar, tive de inventar uma história de caça ao lince nos Alpes, algo que nunca ninguém fez porque é impossível.

Ela recebia-me sempre com algum relato acerca dos visitantes quando eu regressava a casa, esgueirando-me pelas traseiras através dos bosques depois de a última carruagem começar a descer a alameda, e ríamos juntos. Ela alisava o cabelo em frente ao espelho e ajustava as almofadas, enquanto eu devorava os derradeiros bolinhos oferecidos durante o chá. Tudo aquilo se assemelhava a um jogo, a uma conspiração; e todavia eu penso que ela era feliz ali, sentada no salão a conversar. As pessoas e as suas vidas interessavam-lhe, bem como a sua forma de pensar e o que faziam, e ela costumava dizer-me: — O Philip não compreende que tudo isto é uma grande novidade para mim, depois da sociedade de Florença, que era muito diferente. Sempre me interroguei como seria a vida no campo, em Inglaterra. Agora começo a saber. E adoro cada minuto.

Eu tirava um torrão do açucareiro e trincava-o, servindo-me de uma fatia de bolo.

— Não consigo imaginar nada de mais monótono — comentava eu — do que discutir generalidades com alguém, seja em Florença ou na Cornualha.

— Ah, mas o Philip é um caso desesperado — afirmava ela —, e acabará por tornar-se um espírito tacanho, pensando apenas em couves e nabos.

Eu atirava-me para uma poltrona e, de propósito para a provocar, pousava as minhas botas enlameadas no tamborete, observando-a pelo canto do olho. Ela nunca me censurava, parecendo mesmo não dar por isso.

— Continue — incitava eu —, conte-me o último escândalo do condado.

— Para quê — respondia ela —, se isso não lhe interessa?

— Porque gosto de a ouvir falar.

Assim, antes de subir a fim de se vestir para o jantar, ela regala-me com os mexericos do condado: os noivados mais recentes, os casamentos, as mortes, os bebés que vinham a caminho; parecia que ela ficava a saber mais em vinte minutos de conversa com um desconhecido do que eu numa vida inteira de relações.

— E, como eu suspeitava — contou-me ela —, o Philip faz o desespero de todas as mães num raio de setenta e cinco quilómetros.

— Porquê?

— Porque não se decide a olhar para nenhuma das suas filhas. «Tão alto, tão atraente, tão vantajoso sob todos os aspetos. Por favor, Mrs. Ashley, insista com o seu primo para sair mais.»

— E o que lhes responde?

— Que o Philip encontra todo o calor e toda a distração de que precisa entre estas quatro paredes. Pensando melhor — acrescentou ela —, isso pode ser mal interpretado. Preciso de ter tento na língua.

— Não me interessa o que lhes diz, desde que não me inclua em convites. Não sinto a menor vontade de olhar para a filha de quem quer que seja.

— Aposta-se fortemente em Louise — informou ela —, há muitos que afirmam que será ela a acabar por o conquistar. E a terceira menina Pascoe tem uma boa hipótese.

— Céus! — exclamei. — Belinda Pascoe? Mais depressa me casava com Katie Searle, que vem cá lavar a roupa. Francamente, prima Rachel, bem podia proteger-me. Porque não diz a essas alcoviteiras que eu sou um recluso e que passo todo o meu tempo livre a escrever versos em latim? Isso talvez as abalasse.

— Nada as abalará — retorquiu ela. — A ideia de um jovem celibatário atraente que gosta de solidão e versos conferir-lhe-ia uma aura ainda mais romântica. Essas coisas aguçam o apetite.

— Pois que vão satisfazê-lo noutro lado. O que me confunde é a maneira como o espírito das mulheres desta parte do mundo (talvez aconteça o mesmo em todo o lado) gira perpetuamente à volta do casamento.

— Elas não têm muito mais em que pensar; a escolha de assuntos é limitada. Devo dizer-lhe que eu também não escapo a tais discussões. Foi-me entregue uma lista de viúvos convenientes. Há um par do reino na Cornualha Ocidental que me garantem ser perfeito. Cinquenta anos, um herdeiro e ambas as filhas casadas.

— Não é o velho St. Ives? — perguntei eu, em tom indignado.

— Olhe que sim, creio ser esse o nome. Dizem-no encantador.

— Encantador, realmente? — contrapus eu. — Pelo meio-dia já está sempre ébrio, e esconde-se nos corredores para correr atrás das criadas. Billy Rowe, de Barton, teve lá uma sobrinha a servir. Ele assustava-a tanto que se viu obrigada a regressar a casa dos pais.

— Quem é que repete agora mexericos? — comentou a prima Rachel. — Pobre Lord St. Ives, talvez se ele tivesse uma esposa deixasse de se esconder pelos corredores. É claro que isso dependeria da esposa.

— De qualquer maneira, não se casará com ele — declarei eu com firmeza.

— Podia pelo menos convidá-lo para jantar — sugeriu ela, os olhos plenos daquela solenidade onde eu já aprendera a decifrar a malícia. — Podíamos dar uma festa, Philip. As mais belas jovens para si e os viúvos mais favorecidos para mim. Mas creio já ter escolhido. Penso que, se alguma vez me decidir, opto pelo seu padrinho, Mr. Kendall. Tem uma maneira de falar clara e franca, que eu muito admiro.

Talvez ela fizesse de propósito, mas eu mordi o isco e explodi.

— Não está com certeza a falar a sério! Casar-se com o meu padrinho? Que diabo, prima Rachel! Ele tem quase sessenta anos e anda sempre com resfriados ou qualquer outra coisa.

— O que significa que ele não encontra, como o Philip, calor e conforto dentro de sua casa — atirou-me ela.

Percebi então que brincava e ri também; mas, mais tarde, recordei o assunto com desconfiança. É certo que o meu padrinho se mostrava extremamente amável quando vinha aos domingos, e eles entendiam-se maravilhosamente. Nós tínhamos jantado uma ou duas vezes em casa dele, e o meu padrinho brilhara de uma forma que me era desconhecida. Mas há dez anos que era viúvo. Decerto não alimentava uma ideia tão incrível como achar que tinha hipóteses com a minha prima Rachel. E decerto ela não o aceitaria. Só de pensar nisso, senti que era invadido pela cólera. A minha prima Rachel em Pelyn. A minha prima Rachel, Mrs. Ashley, tornando-se Mrs. Kendall. Que monstruosidade! Se pela mente do velhote passava uma tal presunção, diabos me levassem se continuaria a convidá-lo para o jantar de domingo. Todavia, interromper os convites seria quebrar uma rotina com anos. Não era possível. Teria, portanto, de continuar como sempre; mas, no domingo seguinte, quando o meu padrinho, sentado à direita da minha prima Rachel, curvou para ela a sua orelha surda e se endireitou de repente, rindo e exclamando «Oh! Extraordinário, extraordinário!», perguntei-me, mal-humorado, do que se trataria e porque ririam tanto juntos. «Isto», pensei para comigo, «é mais um

truque feminino, lançar para o ar uma graça que deixa uma ferroadada no seu rasto.»

Ela estava ali sentada, nesse jantar de domingo, com um ótimo aspeto e de excelente humor, com o meu padrinho à direita e o vigário à esquerda, todos em animada conversa, e sem qualquer razão fiquei de repente amuado e silencioso, tal como Louise naquele primeiro domingo, e a nossa extremidade da mesa assemelhava-se a uma reunião de quacres. Louise fitava o seu prato e eu o meu; de repente, erguendo a cabeça, vi Belinda Pascoe a fixar-me de olhos arregalados e, lembrando-me dos mexericos do condado, tornei-me ainda mais taciturno. O nosso silêncio levou a prima Rachel a esforçar-se mais, numa tentativa, suponho, de o dissimular; e ela, o meu padrinho e o vigário tentaram suplantar-se uns aos outros, citando poesia, enquanto eu ia ficando cada vez mais amuado, agradecendo a ausência de Mrs. Pascoe, que se sentira indisposta. Louise não contava. Eu não era obrigado a fazer conversa com Louise.

Mas, depois de todos terem partido, a minha prima Rachel repreendeu-me. — Quando eu recebo os seus amigos, conto ter um pouco de apoio da sua parte. O que aconteceu, Philip? Manteve-se sombrio, com ar obstinado, e não dirigiu uma palavra a nenhuma das suas vizinhas. Pobres raparigas... — E abanou a cabeça, mostrando-se aborrecida.

— Havia tanta animação do vosso lado — respondi-lhe eu — que não vi necessidade de contribuir. Todos aqueles disparates acerca da expressão «Amo-te» em grego. E o vigário a dizer-lhe que «encanto do meu coração» soa muito bem em hebreu.

— E era verdade — afirmou ela. — As palavras rolavam-lhe na língua, e fiquei muito impressionada. E o seu padrinho quer mostrar-me a ponta do farol ao luar. Diz ele que é uma visão inesquecível.

— Pois não lhe mostrará nada — retorqui eu. — O farol é propriedade minha. Há um velho aterro que pertence a Pelyn. Ele que lhe mostre isso. Está coberto de silvas. — E atirei um pedaço de carvão para o lume, esperando aborrecê-la com o ruído.

— Não sei o que lhe deu — comentou ela. — Está a perder o seu sentido de humor. — Deu-me uma palmadinha no ombro e subiu. Era isso que me enfurecia nas mulheres: tinham sempre a última palavra. Deixavam-nos às voltas com o nosso mau humor, com completa serenidade. Dir-se-ia que uma mulher nunca se enganava. Ou, se tal acontecia, ela dava a volta à coisa transformando-a em vantagem, fazendo-a tomar outro aspeto. A minha prima Rachel atirava para o ar aquelas alfinetadas, aquelas sugestões de passeios ao luar com o meu padrinho, ou de qualquer outra expedição, uma visita ao mercado de Lostwithiel, e perguntava-me com toda a seriedade se deveria usar a nova touca que chegara de Londres pelo correio — o véu tinha uma rede mais aberta que a não ocultava e o meu padrinho dissera-lhe que lhe ficava muito bem. E quando eu amuava, dizendo pouco me importar que ela ocultasse as suas feições com uma máscara, a sua serenidade aumentava. Essa conversa decorrera ao jantar de segunda-feira e, enquanto eu comia de sobrolho franzido, ela continuara a falar com Seecombe, fazendo-me parecer ainda mais taciturno.

Depois, na biblioteca, sem testemunhas, ela abrandava; conservava a sua tranquilidade, mas mesclada a uma espécie de ternura. Não troçava da minha falta de humor, nem me repreendia pelo amuo. Pedia-me para lhe segurar nas meadas de seda e escolher as cores de que mais gostava, porque queria bordar uma capa para eu usar na almofada do escritório do solar. E serenamente, sem irritação, sem insistência, fazia-me perguntas acerca do meu dia, com quem estivera e o que fizera, de forma que o meu amuo se desvanecia e eu me sentia repousado e tranquilo. Observando as suas mãos a tocar as sedas, a alisá-las, eu perguntava-me por que motivo não fora assim antes, porquê primeiro as alfinetadas, a farpa da irritação a perturbar a atmosfera, apenas para ter depois o trabalho de voltar a acalmá-la. Dir-se-ia que as minhas mudanças de humor lhe davam prazer, mas porquê, eu não fazia a menor ideia. Só sabia que detestava quando ela me

provocava, e que isso me magoava. E que me sentia feliz e em paz quando ela se mostrava terna.

No final do mês terminou o bom tempo. Choveu incessantemente durante três dias, impossibilitando trabalhos de jardinagem; eu próprio não podia dedicar-me às minhas ocupações na propriedade, porque ficaria encharcado até aos ossos cavalgando de um lado para o outro; e todos os visitantes do condado se mantinham dentro de suas casas, tal como nós. Foi Seecombe quem sugeriu aquilo que nós os dois andáramos a evitar: o momento era oportuno para escolhermos as coisas de Ambrose. Ele abordou o assunto uma manhã em que a minha prima Rachel e eu contemplávamos a chuva a cair, à janela da biblioteca.

— Para mim o escritório e os assuntos da propriedade — acabara eu de dizer — e para si um dia no *boudoir*. E aquelas caixas que vieram de Londres? Mais vestidos para escolher, experimentar e devolver?

— Não são vestidos, é tecido para cortinados — elucidou ela. — Acho que o gosto da tia Phoebe era um bocado insípido. O quarto azul devia estar à altura do seu nome. De momento é cinzento, não tem nada de azul. E há traças na colcha da cama, mas não diga nada a Seecombe. É a traça dos anos. Escolhi-lhe cortinas novas e uma colcha nova.

Foi nessa altura que Seecombe entrou e, vendo-nos aparentemente desocupados, sugeriu: — Com um tempo tão inclemente, Mr. Philip, pensei em mandar os rapazes fazer uma limpeza a fundo na casa. O seu antigo quarto bem que precisa. Mas eles não podem ir para lá enquanto os baús e as caixas de Mr. Ashley ocuparem o soalho.

Olhei de relance para a prima Rachel, receando que aquela falta de tato a tivesse magoado, que recusasse, mas para minha surpresa ela reagiu bem.

— Tem toda a razão, Seecombe — anuiu ela —, os rapazes não podem limpar o quarto enquanto as caixas não forem abertas. Já adiámos de mais. E então, Philip, o que acha?

— Muito bem, se está disposta a isso. Vamos mandar acender a lareira e, quando o quarto estiver aquecido, subiremos.

Creio que cada um de nós tentava ocultar do outro os seus sentimentos. Esforçámo-nos por agir e conversar com um simulacro de animação. Ela estava decidida, por minha causa, a não mostrar perturbação. E eu, desejando poupá-la ao mesmo, afetei uma jovialidade completamente estranha à minha natureza. A chuva fustigava as janelas do meu antigo quarto, e uma mancha de humidade alastrava no teto. A lareira, que não era acesa desde o inverno anterior, ardia com um falso crepitar. As caixas, alinhadas no chão, aguardavam ser abertas; e em cima de uma delas estava pousada a manta de viagem azul-escura de que me lembrava tão bem, com o seu monograma bordado num canto — «A. A.» em letras grandes, amarelas. Recordei-me de súbito de a ter posto nos seus joelhos naquele último dia, quando ele partira.

A minha prima Rachel quebrou o silêncio. — Vamos lá. E se abríssemos primeiro o baú da roupa?

O seu tom de voz era propositadamente seco e prático. Estendi-lhe as chaves que ela deixara à guarda de Seecombe quando chegara.

— Como quiser — respondi.

Ela enfiou a chave na fechadura, deu-lhe a volta e abriu a tampa para trás. Logo ao de cima, o seu velho roupão. Eu conhecia-o bem. Era de seda pesada, vermelho-escuro. Lá estavam igualmente os seus chinelos de quarto, chatos e compridos. Fiquei imóvel a olhar para eles e tive a sensação de voltar ao passado. Recordei-o a entrar no meu quarto uma manhã, enquanto se barbeava, o rosto coberto de espuma. «Ouve, meu rapaz, ando a pensar...» Neste mesmo quarto onde nos encontrávamos agora. Com aquele roupão vestido, com aqueles chinelos calçados. A minha prima Rachel tirou-os do baú.

— O que vamos fazer deles? — perguntou. E a voz, um momento antes seca, baixara de tom e era branda.

— Não sei — respondi eu. — A prima é que deve decidir.

— Usá-los-ia se eu lhós desse?

Era estranho. Eu ficara com o seu chapéu. Ficara com a sua bengala. Usava constantemente o seu velho casaco de caça com cotoveleiras de couro, que ele não levava aquando da sua derradeira jornada. Todavia, aquelas coisas, o roupão, os chinelos — era quase como se tivéssemos aberto o seu caixão e olhássemos o seu cadáver.

— Não — disse eu. — Não, não creio.

Ela não fez qualquer comentário. Pousou-os em cima da cama. A seguir tirou um fato. Era um fato de tecido leve, que ele devia usar no tempo quente. Não me era familiar, mas ela devia conhecê-lo bem. Estava amarrotado por ter ficado dobrado no baú. Ela colocou-o em cima da cama, ao lado do roupão. — Precisa de ser passado a ferro — observou. De repente começou a tirar as peças do baú muito depressa e a empilhá-las na cama, uma a seguir à outra, mal lhes tocando.

— Acho que se não quer nada disto, Philip, as pessoas aqui da propriedade, que o amavam, gostariam de as receber. Saberá melhor do que eu o que dar e a quem.

Penso que ela nem olhava para o que fazia. Esvaziava o baú numa espécie de frenesim, enquanto eu me limitava a observá-la.

— E o baú? Um baú é sempre útil. O baú dá-lhe jeito? — Ergueu os olhos para mim, de voz estrangulada.

Subitamente estava nos meus braços, a cabeça encostada ao meu peito.

— Oh, Philip, perdoe-me — pediu. — Eu devia tê-lo deixado fazer isto com Seecombe. Fui louca em ter subido.

Era esquisito. Era como abraçar uma criança, ou um animal ferido. Toquei-lhe no cabelo e encostei a face à sua cabeça.

— Está tudo bem — acalmei-a eu —, não chore. Volte para a biblioteca. Eu posso acabar isto sozinho.

— Não — retorquiu ela —, sou demasiado fraca, demasiado idiota. É tão penoso para si como para mim. O Philip amava-o tanto...

Eu continuava a mover os lábios contra o seu cabelo. Era uma sensação estranha. E ela era muito pequena, encostada a mim.

— Não me importo — afirmei eu —, um homem pode suportar estas coisas. Mas para uma mulher não é fácil. Deixe-me fazer isto, Rachel, vá para baixo.

Ela afastou-se levemente e enxugou os olhos ao lenço.

— Não, agora já estou melhor. Não voltará a acontecer. E desempacotei a roupa, mas ficar-lhe-ia grata se a distribuísse pelas pessoas da propriedade. E se houver alguma coisa que queira para si, use-a. Nunca receie usá-la. Não me magoará, dar-me-á satisfação.

As caixas de livros encontravam-se mais perto da lareira. Coloquei uma cadeira para ela junto ao lume e, ajoelhando-me diante das caixas, abri-as uma a uma.

Esperava que ela não tivesse notado — eu próprio mal dera por isso — que, pela primeira vez, eu não lhe chamara «prima», mas «Rachel». Não sei como tal acontecera. Creio que foi porque, de pé diante dela, abraçando-a, a sentira muito mais pequena do que eu.

Os livros não possuíam o toque pessoal característico das roupas. Havia velhos favoritos que eu conhecia, que ele levava sempre nas suas viagens e que ela me deu para eu ter à cabeceira da cama. Havia também os seus botões de punho, as suas abotoaduras de camisa, o seu relógio, a sua caneta — tudo isso ela insistiu em me oferecer, o que me deu muita satisfação. Alguns livros eram-me completamente desconhecidos. Ela explicou-mos, pegando primeiro num volume, depois noutro, e a tarefa já não era triste; este livro, dizia ela, comprara ele em Roma, uma pechincha, ele ficara feliz, e aquele outro, com uma encadernação antiga, e o outro ao lado vinham de Florença. Descreveu a loja onde ele os comprara e o velhote que lhos vendera, e enquanto ela falava comigo dir-se-ia que a tensão desaparecera, dissipando-se nas lágrimas que ela derramara. Fomos pousando os livros no chão, um após outro, eu fui buscar um espanador e ela limpou-os. Por vezes, lia-me uma passagem, dizendo-me quanto aquele parágrafo

agradara a Ambrose; ou mostrava-me uma imagem, uma gravura, e eu via-a deter-se perante uma página cuja lembrança a fazia sorrir.

Chegou a um volume de desenhos dedicados ao planeamento de jardins. — Este ser-nos-á muito útil — disse ela; e, erguendo-se da sua cadeira, levou-o até à janela para melhor o ver à luz.

Eu abri outro livro ao acaso. De entre as suas folhas caiu um papel com a letra de Ambrose. Parecia um fragmento de carta, rasgado e esquecido. *«É uma doença, evidentemente, de que já ouvi falar muitas vezes, como a cleptomania ou qualquer outra desordem, e foi-lhe sem dúvida transmitida pelo seu perdulário pai, Alexander Coryn. Há quanto tempo é vítima dela, não sei, talvez desde sempre; isso explica certamente muita coisa que até aqui me tem perturbado em todo este assunto. O que eu sei, meu caro rapaz, é que não posso, ou antes, não ousa, continuar a deixá-la controlar as minhas finanças, sob pena de me arruinar, o que se refletiria na propriedade. É imperativo que previnas Kendall, para o caso de...»* A frase interrompia-se ali. Não tinha fim. O pedaço de papel não estava datado. A letra estava normal. Nesse momento, ela voltou da janela e eu amarrotei o papel na mão.

— O que tem aí? — perguntou-me.

— Nada — respondi eu.

Atirei o bocado de papel para o lume. Ela viu-o arder. Viu a letra no papel enrolar-se e tremeluzir nas chamas.

— Aquilo era a letra de Ambrose — disse ela. — O que era? Era uma carta?

— Era apenas um apontamento que ele tomara num velho pedaço de papel — redargui eu. Senti as faces escaldarem à luz do fogo.

Depois tirei outro volume da caixa. Ela fez o mesmo. Continuámos a separar livros, lado a lado, juntos; mas o silêncio instalara-se entre nós.

CAPÍTULO XV

Ao meio-dia tínhamos acabado de escolher os livros. Seecombe enviou-nos John e o jovem Arthur para saber se queríamos mandar alguma coisa para baixo antes de eles irem jantar.

— Deixa as roupas em cima da cama, John — disse eu —, e põe uma cobertura sobre elas. Pedirei a Seecombe que depois me ajude a fazer embrulhos com elas. Leva esta pilha de livros para a biblioteca.

— E esta para o *boudoir*, Arthur, por favor — disse a minha prima Rachel.

Eram as primeiras palavras que pronunciava desde que eu queimara o pedaço de papel.

— Não se importará que eu guarde os livros sobre jardins no meu quarto, pois não, Philip? — perguntou ela.

— Certamente que não — respondi eu. — Todos os livros são seus, sabe isso.

— Não — contrapôs ela —, não, Ambrose desejaria que os outros fossem para a biblioteca. — Levantou-se, alisou a saia e entregou o espanador a John.

— Está servido lá em baixo um almoço frio, Mrs. Ashley — informou ele.

— Obrigada, John. Não tenho fome.

Eu hesitei junto da porta aberta, depois de os rapazes terem desaparecido com os livros.

— Não desce à biblioteca para me ajudar a arrumar os livros? — quis saber.

— Não creio — retorquiu ela; deteve-se um instante, como se fosse acrescentar algo, mas arrependeu-se. Depois afastou-se pelo corredor que levava ao seu quarto.

Almocei sozinho, olhando pelas janelas da sala de jantar. Continuava a chover torrencialmente. Era inútil tentar sair, não havia nada a fazer. Mais valia terminar a tarefa de separar as roupas com

a ajuda de Seecombe. Agradar-lhe-ia ser consultado. O que conviria ir para Barton, para Trenant ou para East Lodge; tudo cuidadosamente escolhido para que ninguém pudesse ofender-se com o que recebera. Isso ocupar-nos-ia a ambos a tarde toda. Tentei concentrar-me nesse trabalho; mas, atormentando-me como numa dor de dentes que surge subitamente e volta a acalmar, os meus pensamentos desviavam-se para o pedaço de papel. O que faria entre as folhas daquele livro, e quanto tempo ali teria ficado, rasgado, esquecido? Seis meses, um ano, mais? Ambrose teria começado uma carta para mim que nunca chegara ao seu destino? Ou haveria outros pedaços de papel, fragmentos da mesma carta que, por qualquer razão desconhecida, repousavam ainda entre as páginas de um livro? A carta devia ter sido escrita antes da sua doença. A letra era firme e clara. Portanto, no inverno anterior, no outono anterior possivelmente... Invadiu-me uma espécie de vergonha. Que direito tinha eu de me intrometer nesse passado, de me interrogar acerca de uma carta que nunca me chegara? Não era da minha conta. Desejei ardentemente nunca a ter encontrado.

Durante toda a tarde, Seecombe e eu separámos as roupas, e ele fez os embrulhos enquanto eu escrevia bilhetes de explicação para os acompanhar. Ele sugeriu que os embrulhos fossem dados pelo Natal, o que me pareceu uma boa ideia e que sensibilizaria os rendeiros. Quando terminámos, eu descí de novo para a biblioteca e arrumei os livros nas prateleiras. Dei por mim a sacudir as folhas de cada volume, antes de o colocar no sítio; e ao fazê-lo sentia algo de furtivo, como alguém culpado de um crime menor.

«... uma doença, evidentemente, como a cleptomania ou qualquer outra desordem...» Por que motivo havia eu de recordar aquelas palavras? O que teria Ambrose querido dizer?

Peguei num dicionário e procurei a palavra «cleptomania». «Uma irresistível tendência para o roubo em pessoas que não são levadas a isso pela necessidade.» Não era disso que ele a acusava. Ele acusava-a de prodigalidade, de extravagância. Como podia a extravagância ser uma desordem? Não era absolutamente nada o

gênero de Ambrose, o mais generoso dos homens, acusar alguém de tal hábito. Devolvia eu o dicionário à prateleira quando a porta se abriu e a minha prima Rachel entrou.

Senti-me tão culpado como se ela me tivesse apanhado a mentir. — Acabei justamente de arrumar os livros — expliquei, perguntando-me se a minha voz soava de modo tão falso aos seus ouvidos como aos meus.

— Estou a ver — respondeu ela, aproximando-se e sentando-se junto à lareira. Já estava vestida para o jantar. Eu não me apercebera de que era tão tarde.

— Separámos as roupas — prossegui eu. — Seecombe ajudou imenso. Achamos um bom plano, caso o aprove, distribuir as coisas pelo Natal.

— Sim, foi o que ele me contou mesmo agora — concordou ela. — Acho muito apropriado.

Não sei se a culpa era minha ou dela, mas havia nas nossas maneiras uma espécie de constrangimento.

— Não parou de chover durante todo o dia — comentei eu.

— Não.

Olhei para as minhas mãos, sujas do pó dos livros. — Se me dá licença — disse —, vou lavar-me e mudar-me para o jantar. — Subi e vesti-me e, quando voltei a descer, o jantar estava servido. Sentámo-nos em silêncio. Seecombe sempre tivera o hábito de se envolver na nossa conversa à mesa quando tinha qualquer coisa a dizer; nessa noite, estávamos prestes a terminar, perguntou à minha prima Rachel: — Mostrou os tecidos novos a Mr. Philip, minha senhora?

— Não, Seecombe — respondeu ela —, ainda não houve tempo. Mas se ele os quiser ver, mostrar-lhos-ei depois do jantar. Talvez John possa trazê-los para a biblioteca.

— Tecidos? — repeti eu, surpreendido. — Tecidos para quê?

— Não se lembra? Eu disse-lhe que tinha encomendado tecidos para o quarto azul. Seecombe já os viu e está muito impressionado.

— Ah, sim, sim, já me lembro.

— Nunca vi nada de semelhante em toda a minha vida, Mr. Philip — elogiou Seecombe —, não há um solar nos arredores cuja decoração possa comparar-se-lhes.

— Ah, mas é que estes tecidos são importados de Itália, Seecombe — elucidou a minha prima Rachel. — Só há um sítio em Londres onde se podem encontrar. Tinham-me falado dele em Florença. Gostaria de os ver, Philip, ou isto não lhe interessa?

Fez a pergunta com uma mescla de esperança e ansiedade, como se desejasse conhecer a minha opinião, mas receasse entender-me.

Não sei porquê, senti-me ruborizar. — Pois sim — afirmei —, terei todo o prazer em vê-los.

Levantámo-nos da mesa e passámos à biblioteca. Seecombe seguiu-nos e, alguns instantes mais tarde, John e ele trouxeram os tecidos e estenderam-nos diante de nós.

Seecombe tinha razão. Não podia haver nada de semelhante na Cornualha. Eu nunca vira nada assim, nem em Oxford nem em Londres. Havia muitos. Ricos brocados e pesados cetins. Era o género de estofos que se vê nos museus.

— Isto é que é qualidade, Mr. Philip — comentou Seecombe. Falava em voz baixa, como se estivesse na igreja.

— Pensei neste azul para as cortinas da cama — explicou a minha prima Rachel —, no azul mais forte com dourados para os reposteiros e no acolchoado para a coberta. O que acha, Philip?

Fitava-me, ansiosa. Eu não sabia o que responder.

— Não gosta deles? — perguntou ela.

— Gosto muito deles — disse eu —, mas... — Senti-me de novo corar. — Não são muito caros?

— Oh, sim, são caros — concordou ela —, os tecidos deste género são obviamente caros; mas duram anos, Philip. O seu neto e o seu bisneto poderão dormir no quarto azul com esta colcha na cama e estas cortinas. Não é verdade, Seecombe?

— Sim, minha senhora — assentiu Seecombe.

— A única coisa que importa é que eles lhe agradem, Philip — insistiu ela.

— Mas com certeza — afirmei eu. — Quem poderia não gostar disto?

— Então são seus — disse-me ela —, são um presente meu para si. Leve-os, Seecombe. Escreverei amanhã para a loja de Londres informando de que ficamos com eles.

Seecombe e John dobraram os tecidos e levaram-nos. Eu sentia os olhos da minha prima Rachel postos em mim e, para evitar encontrá-los, peguei no meu cachimbo e acendi-o mais lentamente do que era costume.

— Passa-se alguma coisa — observou ela. — O que é?

Eu não sabia bem como responder-lhe. Não queria magoá-la.

— Não devia oferecer-me um presente destes — murmurei constrangido —, vai custar-lhe uma fortuna.

— Mas eu quero oferecer-lhos — contrapôs ela —, o Philip tem feito muito por mim. Este presente é bem pouco como agradecimento.

A sua voz era doce e quase suplicante e, quando levantei a cabeça e a fitei, vi nos seus olhos uma expressão magoada.

— É muito amável da sua parte — cedi —, mas ainda assim acho que não devia fazê-lo.

— Deixe-me ser eu o juiz — retorquiu ela. — E sei que, quando vir o quarto concluído, ficará satisfeito.

Eu sentia-me contrafeito e pouco à vontade; não por ela desejar dar-me um presente, o que da sua parte era generoso e impulsivo, e que eu teria aceitado sem pensar duas vezes ainda na véspera. Mas esta noite, desde que lera aquele infernal pedaço de carta, perseguia-me a dúvida de que aquilo que ela desejava fazer por mim pudesse de qualquer maneira reverter em sua desvantagem, e de que ao ceder-lhe cedia a algo que não compreendia totalmente.

Após um momento, ela falou de novo: — Aquele livro dos jardins ser-nos-á muito útil para os planos daqui. Tinha-me esquecido de que o havia oferecido a Ambrose. Tem de ver as gravuras. É

evidente que não são adequados a este sítio, mas alguns pormenores resultarão bem. Um terraço em socacos, por exemplo, virado para o mar através dos campos, e, do outro lado, um jardim de repuxos em plano inferior, como numa das *villas* de Roma em que eu costumava instalar-me. Há uma gravura dele neste livro. Sei exatamente o lugar certo para o construir: onde havia aquele velho muro.

Não sei bem como consegui, mas dei por mim a perguntar-lhe, num tom de voz desprendido: — Viveu sempre em Itália, desde que nasceu?

— Sim — respondeu ela. — Ambrose nunca lhe contou? A família da minha mãe era romana, e o meu pai, Alexander Coryn, era desses homens que têm dificuldade em se fixar onde quer que seja. Nunca suportou a Inglaterra, creio que se não dava bem com a sua família daqui, da Cornualha. Gostava da vida em Roma, e ele e a minha mãe estavam bem um para o outro. Mas levavam uma existência precária, sempre sem dinheiro, sabe como é. Em criança eu estava habituada, mas quando cresci isso fez-me sofrer muito.

— Já morreram ambos? — indaguei.

— Oh, sim, o meu pai morreu tinha eu dezasseis anos. A minha mãe e eu estivemos sozinhas durante cinco anos. Até eu me casar com Cosimo Sangalletti. E foram cinco anos horríveis, de cidade em cidade, sempre na incerteza de onde viria a nossa próxima refeição. Eu não tive uma juventude protegida, Philip. Ainda no domingo passado pensei como ela fora diferente da de Louise.

Portanto, ela tinha vinte e um anos quando se casara pela primeira vez. A mesma idade de Louise. Perguntei-me como teriam sobrevivido, ela e a mãe, até encontrarem Sangalletti. Talvez dando lições de italiano, como ela sugerira fazer aqui. Talvez fosse por isso que tal lhe ocorrera.

— A minha mãe era muito bela — prosseguiu —, muito diferente de mim exceto no tom de pele. Era alta, quase maciça. E, como muitas mulheres do seu tipo, desmoronou-se de repente, perdeu a sua beleza, engordou e tornou-se descuidada; senti-me satisfeita

por o meu pai não ser vivo para ver essa mudança. Senti-me satisfeita por ele não ser vivo para ver muitas coisas que ela fez, e eu própria também, deve dizer-se.

A sua voz era simples e natural, falava sem azedume; contudo, contemplando-a assim, sentada em frente à lareira da minha biblioteca, pensei que sabia realmente muito pouco acerca dela e que nunca saberia muito dessa sua vida passada. Ela dissera que Louise tinha uma vida protegida, o que era verdade. E pensei de súbito que o mesmo se aplicava a mim. Ali estava eu, com vinte e quatro anos, e, excluindo os convencionais anos em Harrow e Oxford, não sabia nada do mundo para lá dos meus próprios duzentos hectares. Quando uma pessoa como a minha prima Rachel se deslocava de cidade em cidade, abandonava um lar por outro e depois por um terceiro, se casava uma vez e voltava a casar-se, que efeito lhe provocaria isso? Fecharia ela o passado atrás de si como uma porta e nunca mais pensaria nele, ou seria perseguida por recordações constantes?

— Ele era muito mais velho?

— Cosimo? Não, apenas um ano ou dois. A minha mãe foi-lhe apresentada em Florença, sempre desejara conhecer os Sangalletti. Ele levou quase um ano a decidir-se entre a minha mãe e eu. Depois ela perdeu a sua beleza, pobre querida, e perdeu-o também a ele. O bom negócio que eu aparentemente fiz revelou-se deficitário. Mas é claro que Ambrose deve ter-lhe escrito a contar toda esta história. Que não foi feliz.

Preparava-me para dizer: «Não, Ambrose era mais reservado do que poderá imaginar. Se havia qualquer coisa que o magoava, que o chocava, ele afetava ignorá-la, fazia de conta que nunca existira. Nunca me contou nada da sua vida antes de se ter casado com ele, exceto que Sangalletti tinha sido morto em duelo.» Mas fiquei calado. Percebi de repente que também eu não queria saber. Nem o que se referia a Sangalletti, nem o que se referia à mãe dela e à sua vida em Florença. Queria fechar a porta sobre tudo isso. E trancá-la.

— Sim — disse eu —, sim, Ambrose escreveu-me a contar.

Ela suspirou e ajeitou a almofada por trás da cabeça.

— Ah — fez ela —, tudo isso parece agora muito distante. A rapariga que suportou esses anos era outra pessoa. Vivi quase dez anos assim, casada com Cosimo Sangalletti. Não queria voltar a ser jovem, nem que me oferecessem o mundo. Mas eu sou suspeita.

— Fala como se tivesse noventa e nove anos — comentei eu.

— Tenho trinta e cinco, o que, para uma mulher, é quase o mesmo.

Fitou-me e sorriu.

— Ah sim? — Pensei que era mais velha.

— O que a maioria das mulheres tomaria por um insulto, mas que eu aceito como um cumprimento. Obrigada, Philip. — E, antes de eu ter tempo para formular uma resposta, prosseguiu: — O que havia realmente naquele pedaço de papel que atirou para o lume esta manhã?

O ataque foi tão repentino que me apanhou desprevenido. Fiquei a olhá-la engolindo em seco.

— O papel? — repeti, tentando esquivar-me. — Que papel?

— Sabe perfeitamente — insistiu ela. — O pedaço de papel com a letra de Ambrose e que o Philip queimou para eu não ver.

Decidi então que uma meia-verdade era melhor do que uma mentira. Embora sentisse o sangue a subir-me ao rosto, sustive-lhe o olhar.

— Era um fragmento de uma carta rasgada — respondi —, uma carta que, penso eu, ele estaria a escrever-me. Mostrava-se simplesmente preocupado com as despesas. Era apenas uma ou duas linhas, nem sequer me lembro das palavras. Atirei-o para o fogo porque encontrá-lo, naquele momento preciso, poderia entristecê-la.

Vi com surpresa, mas também com alívio, os olhos que me fixavam tão atentamente suavizarem-se. As mãos, crispadas sobre os anéis, assentaram no colo.

— Era só isso? — indagou ela. — Interroguei-me tanto... Não conseguia compreender.

Graças a Deus, ela aceitara a minha explicação.

— Pobre Ambrose! Eu era uma constante fonte de preocupações para ele, devido àquilo a que chamava a minha «extravagância». Admiro-me que não tenha ouvido falar disso mais frequentemente. A vida lá era tão completamente diferente da que ele levava aqui. Nunca conseguiu adaptar-se. E depois (céus, não posso censurá-lo) sei que, no fundo do seu coração, ele alimentava um certo ressentimento em relação à vida que eu fora obrigada a levar antes de o conhecer. Aquelas terríveis dívidas que ele pagou todas.

Eu conservei-me silencioso, mas, enquanto a observava fumando, senti o espírito mais leve, não mais ansioso. A meia-verdade resultara, e ela falava-me agora sem reservas.

— Ele foi muito generoso durante aqueles primeiros meses — continuou ela. — Não pode imaginar, Philip, o que isso significou para mim; finalmente alguém em quem eu podia confiar e, ainda mais maravilhoso, alguém que eu também podia amar. Creio que se lhe tivesse pedido a Lua ele ter-ma-ia oferecido... Foi por isso que, quando adoeceu... — Interrompeu-se, de olhos embaciados. — Foi por isso que tive tanta dificuldade em compreender a forma como ele mudou.

— Quer dizer que ele deixou de ser generoso?

— Ele era generoso, sim — admitiu ela —, mas não da mesma maneira. Comprava-me coisas, presentes, joias, quase como se tentasse pôr-me à prova de alguma maneira; não consigo explicar. E se eu lhe pedia dinheiro para pequenas despesas da casa, qualquer coisa de que precisávamos, ele não mo dava. Costumava fitar-me, com uma espécie de desconfiança estranha, hostil; perguntava-me para que queria eu o dinheiro, como tencionava usá-lo, se o ia dar a alguém... Por fim, fui obrigada a dirigir-me a Rainaldi, fui obrigada a pedir dinheiro a Rainaldi, Philip, para pagar os salários dos criados.

Interrompeu-se de novo e olhou para mim.

— Ambrose descobriu que fazia isso?

— Sim. Ele nunca gostara de Rainaldi, creio já lho ter dito. Mas quando soube que eu lhe ia pedir dinheiro... foi o fim, não conseguiu

suportar que ele voltasse à *villa*. Talvez não acredite, Philip, mas eu tinha de sair furtivamente, enquanto Ambrose descansava, para me encontrar com Rainaldi a fim de arranjar dinheiro para as despesas da casa. — De repente fez um gesto com as mãos e ergueu-se da sua poltrona.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela. — Não tencionava contar-lhe tudo isto.

Aproximou-se da janela, afastou os cortinados e contemplou a chuva a cair.

— Porque não?

— Porque quero que o recorde tal como o conheceu aqui — respondeu ela. — O Philip tem a sua imagem dele, nesta casa. Ele era então o seu Ambrose. Deixemo-la assim. Os últimos meses foram meus, e não quero que ninguém os partilhe comigo. Muito menos o Philip.

Também eu não desejava partilhá-los com ela. Queria que ela fechasse todas essas portas pertencentes ao passado, uma a uma.

— Sabe o que aconteceu? — perguntou ela, virando-se para me fitar. — Fizemos mal em abrir aquelas caixas lá de cima. Devíamos tê-las deixado ficar no quarto. Fizemos mal em tocar nas coisas dele. Senti isso desde o primeiro instante, quando abri o baú e vi o seu roupão e os chinelos. Soltámos qualquer coisa que não estava connosco antes. Uma espécie de amargura. — Empalidecera imenso e tinha as mãos enclavinadas diante de si. — Eu não esqueci aquelas cartas que o Philip queimou. Afastei-as do pensamento, mas hoje, desde que abrimos os baús, é como se tivesse voltado a lê-las.

Levantei-me da minha poltrona e virei as costas à lareira. Não sabia o que dizer-lhe, e ela andava de um lado para o outro da sala.

— Na sua carta, ele dizia que eu o vigiava — recomeçou ela. — Evidentemente que o vigiava, não fosse ele magoar-se a si próprio. Rainaldi queria que eu chamasse as freiras do convento para me ajudar, mas eu não quis; se o tivesse feito, Ambrose teria dito que eram guardas, trazidas por mim para o espiar. Ele não confiava em

ninguém. Os médicos eram homens bons e pacientes, mas a maior parte das vezes ele recusava-se a recebê-los. Pediu-me para despedir os criados, um após outro. No final, ficou apenas Giuseppe. Ambrose confiava nele. Dizia que ele tinha olhos de cão...

Calou-se e voltou-me as costas. Recordei-me do criado junto aos portões da *villa* e do seu desejo de me poupar ao sofrimento. Era estranho como também Ambrose acreditara naqueles olhos honestos e fiéis. E eu apenas os vi uma vez.

— Não há necessidade de falar dessas coisas agora — intervim eu. — Não adianta nada a Ambrose, e só serve para a torturar. Quanto a mim, o que aconteceu entre vós não me diz respeito. Tudo isso acabou e está esquecido. A *villa* não era o lar dele. E também deixou de ser o seu quando se casou com Ambrose. O seu lar é aqui.

Ela virou-se e fitou-me. — Às vezes — proferiu lentamente —, o Philip parece-se tanto com ele que me faz medo. Vejo os seus olhos fitos em mim com aquela mesma expressão; e é como se ele não tivesse morrido e tudo o que foi sofrido tenha de o ser uma vez mais. Eu não conseguiria suportar de novo aquela suspeita, aquele azedume, continuamente, dia após dia, noite após noite.

Enquanto ela falava, a imagem da Villa Sangalletti enchia-me a mente. Vi o pequeno pátio, e o laburno como ele devia estar na primavera, coberto de flores amarelas. Vi o cadeirão, com Ambrose sentado nele, de bengala ao lado. Senti o silêncio sombrio daquele local. Respirei o ar bafiento, contemplei o gotejar da fonte. E, pela primeira vez, a mulher que se debruçava da varanda não era o fruto da minha imaginação, mas Rachel. Olhava para Ambrose com o mesmo olhar implorante, aquele olhar de sofrimento, de súplica. Senti-me de repente muito velho e muito sábio, e pleno de uma força nova que não compreendia bem. Estendi-lhe as mãos.

— Rachel. Venha cá — pedi.

Ela aproximou-se e pousou as mãos nas minhas.

— Não há azedume nesta casa — disse-lhe eu. — Esta casa é minha. O azedume acompanha as pessoas quando elas morrem. As roupas estão todas empacotadas e guardadas. Já não têm mais nada que ver com qualquer um de nós. Daqui em diante, vai recordar Ambrose como eu o recordo. Conservaremos o seu velho chapéu além, em cima do banco do vestíbulo. E a bengala, junto com as outras, no bengaleiro. A Rachel agora pertence aqui, como ele pertencia, como eu pertenço. Nós os três fazemos parte deste lugar, juntos. Compreende?

Ela ergueu os olhos para mim. Não retirou as mãos.

— Sim.

Senti-me estranhamente comovido, como se tudo o que fizera e dissera tivesse sido escrito antes e planeado, ao mesmo tempo que uma vozinha silenciosa me segredava em alguma célula obscura do cérebro: «Nunca poderás trair este momento. Nunca... Nunca...» Continuávamos a segurar as mãos um do outro, e ela disse-me: — Por que razão é tão bom para mim, Philip?

Lembrei-me de que, de manhã, quando chorara, ela apoiara a cabeça no meu peito. Eu abraçara-a durante um momento e encostara a minha face ao seu cabelo. Desejava que isso se repetisse. Mais do que tudo no mundo. Mas esta noite ela não chorou. Esta noite ela não veio apoiar a cabeça no meu peito. Permaneceu diante de mim, a segurar-me as mãos.

— Eu não sou bom para si — respondi —, só quero que seja feliz.

Ela afastou-se e pegou no castiçal para ir deitar-se. Ao sair da sala, disse-me: — Boa noite, Philip, e Deus o abençoe. Um dia, talvez venha a conhecer essa felicidade que eu em tempos conheci.

Ouvi-a subir e sentei-me a contemplar o lume. Parecia-me que, se algum azedume permanecia na casa, não emanava dela, nem de Ambrose, mas de uma semente cravada no meu próprio coração, de que eu nunca deveria falar-lhe e que ela não precisava de saber. O velho pecado do ciúme que eu julgava enterrado, esquecido, invadia-me de novo. Mas desta vez eu não sentia ciúmes de Rachel,

mas de Ambrose, o ser que, até esse momento, melhor conhecera e mais amara no mundo.

CAPÍTULO XVI

Novembro e dezembro passaram muito depressa, ou pelo menos assim me pareceu. Em geral, quando os dias diminuía e o tempo piorava, na altura em que havia pouco a fazer lá fora e às quatro e meia era noite, as longas tardes em casa arrastavam-se, monótonas. Nunca fora grande leitor e, sendo pouco sociável, não gostava de ir caçar com os meus vizinhos, nem de sair para jantar com eles. Assim, aguardava ansiosamente o virar do ano, quando, com o Natal e os dias mais pequenos para trás de mim, podia aguardar a primavera. E a primavera chega cedo, nestas terras de oeste. Mesmo antes do dia de Ano Novo, os primeiros arbustos começam a florir. Todavia, esse outono passou sem monotonia. As folhas caíram e as árvores ficaram despojadas, todos os campos de Barton se tornaram castanhos e lamacentos com as chuvadas, e um vento agreste fustigava o mar, tornando-o cinzento. Mas eu encarei tudo isso sem desânimo.

A minha prima Rachel e eu tínhamos adotado uma rotina que raramente variava e que parecia convir-nos. Quando o tempo o permitia, ela passava a manhã no parque a dirigir Tamlyn e os jardineiros nas plantações, ou a observar os progressos do terraço em socacos por que nos havíamos decidido, o qual obrigara a contratar mais homens além dos que trabalhavam nos bosques. Entretanto, eu dava as minhas voltas habituais pela propriedade, cavalgando de uma quinta para outra ou visitando alguma nos condados vizinhos, onde também possuía terras. Encontrávamo-nos ao meio-dia e meia para uma refeição leve, em geral fria, fiambre ou uma empada, com bolo. Dado ser a hora do almoço dos criados, servíamo-nos nós próprios. Era essa a primeira vez que a via, pois ela tomava sempre o pequeno-almoço no quarto.

Quer andasse a cavalo pela propriedade, quer me achasse no meu escritório, quando ouvia o relógio da torre indicar o meio-dia, quase imediatamente seguido do grande sino que chamava os

homens para comer, sentia crescer em mim a excitação, o coração parecia-me mais leve.

Aquilo em que estava ocupado perdia, de súbito, todo o interesse. Se me encontrava no exterior, por exemplo no parque, nos bosques ou nos campos adjuntos, e o som do relógio e do sino ressoava através do ar — pois alcançava longe, e já o ouvira a mais de quatro quilómetros quando o vento estava de feição —, virava com impaciência a cabeça de *Gypsy* na direção de casa, quase como se receasse, ao atardar-me, poder perder um instante da hora do almoço. E o mesmo ocorria quando estava no escritório. Fitava os papéis pousados diante de mim, mordida a caneta, inclinava a cadeira para trás; e o que estivera a escrever tornava-se de repente absolutamente insignificante. Aquela carta podia esperar, aqueles números não precisavam de ser verificados, aquele negócio em Bodmin podia ser decidido noutra altura; e, afastando tudo, saía do escritório e atravessava o pátio rumo a casa e à sala de jantar.

Em geral, ela já se encontrava aí para me acolher e desejar um bom dia. Colocava frequentemente um pequeno ramo junto ao meu prato, à guisa de oferenda, e eu enfiava-o na botoeira; ou então era um novo cordial para eu provar, uma dessas tisanas de que ela parecia possuir centenas de receitas que fazia o cozinheiro experimentar incessantemente. Haviam já decorrido várias semanas desde que ela habitava o solar quando Seecombe me confidenciou, em grande segredo e resguardando a boca com a mão, que o cozinheiro ia todos os dias pedir-lhe ordens, e era por isso que devíamos andar agora tão bem alimentados.

— A senhora — disse Seecombe — não quis que Mr. Ashley soubesse, não fosse achar que era um atrevimento da parte dela.

Eu ri e não lhe contei que sabia, mas divertia-me, por vezes, fazendo comentários acerca de um prato. «Não sei o que lhes aconteceu na cozinha. Os rapazes estão a transformar-se em verdadeiros *chefs* franceses», exclamava eu. Ao que ela respondia com ar inocente: «Gosta? É realmente melhor do que aquilo que lhe serviam antes?»

Todos a tratavam agora por «a senhora», e eu não me importava. Creio mesmo que me agradava, inspirando-me também uma espécie de orgulho.

Terminado o almoço, ela subia para descansar ou, por vezes, se fosse terça-feira ou quinta-feira, eu mandava preparar-lhe a carruagem e Wellington levava-a a retribuir as visitas da vizinhança. Ocasionalmente, se eu tinha que fazer na mesma direção, acompanhava-a durante um ou dois quilómetros, depois descia e deixava-a prosseguir o seu caminho. Ela arranjava-se com grande esmero quando ia fazer visitas. A sua melhor capa, o véu e a touca novos. Eu sentava-me na carruagem de costas para os cavalos, a fim de poder olhá-la; e ela, penso que para me arreliar, recusava erguer o véu.

— Agora deixo-a entregue às vossas bisbilhotices — dizia eu —, aos vossos pequenos choques e escândalos. Muito daria para poder ser uma mosca na parede.

— Venha comigo — era a resposta. — Far-lhe-ia muito bem.

— Nem morto. Conta-me tudo ao jantar.

E ficava na estrada vendo a carruagem afastar-se, enquanto um minúsculo lenço se agitava à janela para me provocar. Não voltava a vê-la até jantarmos, às cinco, e as horas intermédias tornavam-se em algo que era preciso passar para usufruir do serão. Quer estivesse em negócios, quer na propriedade, quer a conversar com alguém, sentia permanentemente uma sensação de urgência, uma impaciência em terminar. Que horas eram? Consultava o relógio de Ambrose. Ainda só quatro e meia? Como as horas se arrastavam. Regressando a casa pelos estábulos, sabia imediatamente se ela já voltara, pois via a carruagem arrumada e os cavalos a beberem e a serem alimentados. Entrava em casa, atravessava a biblioteca e o salão e, vendo que ambos se achavam vazios, percebia que ela subira para descansar. Descansava sempre antes do jantar. Eu ia então tomar banho ou lavar-me, mudava de fato e descia à biblioteca para a esperar. A minha impaciência crescia à medida que

os ponteiros do relógio se aproximavam das cinco. Deixava a porta da biblioteca aberta para poder ouvir-lhe os passos.

Primeiro chegava-me o ruído das patas dos cães — eu agora já não contava nada para eles, seguiam-na como sombras — e depois o roçar da saia dela varrendo os degraus. Era, creio, o momento de que eu mais gostava no dia inteiro. Havia nesse som qualquer coisa que me provocava um tal choque de expectativa, um tal sentimento de antecipação, que mal sabia o que fazer ou dizer quando ela entrava na sala. Ignoro de que tecido eram feitos os seus vestidos, se de seda, cetim ou brocado, mas pareciam deslizar no soalho, soerguer-se e voltar a deslizar; ignoro também se tal se devia ao próprio vestido que flutuava ou ao porte dela que o usava com tanta graciosidade, mas a biblioteca, escura e austera um momento antes, iluminava-se à sua entrada.

À luz das velas, rodeava-a uma auréola de doçura que não possuía durante o dia. Dir-se-ia que a claridade da manhã e os tons mais sombrios da tarde eram consagrados ao trabalho, às coisas práticas, originando uma vivacidade de movimentos definida e fria; mas depois, instalada a noite, as persianas corridas, as intempéries banidas e a casa fechada sobre si mesma, ela brilhava com um novo fulgor, que até então permanecera oculto na sua pessoa. Havia mais cor nas suas faces e no seu cabelo, mais profundidade nos seus olhos e, quer virasse a cabeça para falar quer se aproximasse da estante para pegar num volume, ou mesmo se se curvasse para afagar *Don* estendido diante da lareira, havia em tudo o que fazia uma graça natural que tornava fascinantes todos os seus movimentos. Nesses instantes, eu perguntava-me como pudera alguma vez achá-la insignificante.

Seecombe anunciava o jantar, nós passávamos à sala e ocupávamos os nossos lugares, eu à cabeceira da mesa, ela à minha direita, e parecia-me que sempre assim acontecera, que não havia nada de novo nisso, nada de estranho, que eu nunca me sentara ali sozinho, com o meu velho casaco que não mudara para jantar, com um livro aberto à minha frente para não ter de conversar

com Seecombe. E no entanto, se tivesse sido sempre assim, eu não teria sentido aquela excitação que transformava o mero processo de comer e beber numa nova aventura.

A excitação não diminuía com o passar das semanas, pelo contrário, aumentava, de maneira que eu dava por mim a arranjar desculpas para permanecer em casa, esperando uns hipotéticos minutos em que poderia avistá-la, aumentando assim o tempo dos nossos encontros regulares ao almoço e ao jantar.

Ela estava na biblioteca, ou atravessava o vestíbulo, ou esperava visitas no salão, e sorrindo-me perguntava, algo surpreendida, «Philip, o que o traz a casa a esta hora?», obrigando-me a inventar qualquer coisa. Quanto aos jardins, eu que bocejara e me impacientara antigamente, quando Ambrose tentara interessar-me, fazia agora questão de estar presente sempre que se discutiam assuntos relativos ao viveiro ou aos terraços em socacos, e à noite, após o jantar, folheávamos juntos os seus livros italianos, comparando gravuras e debatendo, com grande profusão de argumentos, o que melhor se poderia copiar. Creio que, se ela tivesse sugerido a construção de uma réplica do próprio Fórum Romano nos campos de Barton, eu teria concordado. Eu dizia «sim», «não», «é realmente muito bonito», e abanava a cabeça, mas de facto nunca escutava. O que me dava prazer era o interesse dela por aquelas coisas, vê-la ponderar cuidadosamente entre uma gravura e outra, de sobancelhas franzidas, empunhando uma caneta para marcar a página, e depois observar as mãos que passavam de um volume para outro.

Nem sempre passávamos o serão na biblioteca. Por vezes, ela convidava-me a acompanhá-la ao *boudoir* da tia Phoebe, e espalhávamos no chão os livros e planos de jardins. Lá em baixo, na biblioteca, era eu o anfitrião, mas ali, no seu *boudoir*, era ela quem recebia. Não sei se isso não me agradava ainda mais. Abandonávamos toda a cerimónia. Seecombe não nos interrompia — com um tato infinito, ela conseguira dissuadi-lo da solenidade do serviço de chá no tabuleiro de prata — e ela preparava-nos antes

uma tisana, afirmando ser esse um costume continental e muito mais salutar para os olhos e a pele.

Esses momentos a seguir ao jantar passavam demasiado depressa e eu esperava sempre que ela se esquecesse de me perguntar as horas, mas o malfadado relógio da torre, demasiado perto das nossas cabeças para dar as dez sem ser ouvido, vinha sempre perturbar a paz.

«Não fazia ideia de que fosse tão tarde», costumava ela dizer, erguendo-se e fechando os livros. Eu sabia que aquilo era o sinal para me despedir. Nem a tentativa de me atardar à porta prolongando a conversa resultava. Tinham soado as dez e eu devia retirar-me. Por vezes, ela dava-me a mão a beijar. Outras, oferecia-me a face. Outras ainda, dava-me uma palmadinha no ombro, como faria a um cãozito. Nunca mais voltou a aproximar-se de mim, nem a tomar o meu rosto entre as suas mãos como fizera naquela noite em que a encontrara na cama. Eu não procurava, não esperava tal, mas, depois de lhe ter desejado uma boa noite e percorrido o corredor para regressar ao meu quarto, abria as persianas e ficava a contemplar o jardim silencioso, ouvindo o murmúrio distante do mar a bater na pequena baía para lá do bosque, sentindo-me estranhamente só, como uma criança no fim das férias.

A noite, que se fora construindo hora a hora ao longo do dia num sonho impaciente, terminara. O tempo ia parecer-me longo até ao seu regresso. E nem o meu corpo nem o meu espírito se achavam prontos para repousar. Antigamente, no inverno, antes de ela ter entrado naquela casa, eu costumava dormir em frente à lareira após o jantar e depois, espreguiçando-me e bocejando, subir pesadamente a escada, feliz por me deixar cair na cama e dormir até às sete horas. Agora, já não era assim. Eu teria podido caminhar a noite inteira, teria podido conversar até amanhecer. O primeiro caso seria insensato; o segundo era impossível. Assim, atirava-me para uma poltrona em frente da janela aberta e fumava fixando o relvado; e, às vezes, era uma ou duas da madrugada quando finalmente me despia e deitava, sem ter feito mais do que ficar ali

sentado na minha poltrona sem pensar em nada, deixando correr as horas silenciosas.

Em dezembro, as primeiras geadas chegaram com a lua cheia, e então as minhas vigílias noturnas tornaram-se mais duras de suportar. Havia nessas noites uma espécie de beleza fria e cristalina, que me tocava o coração e me maravilhava. Da minha janela, os longos relvados iam perder-se nos campos, e os campos no mar, e toda essa extensão ficava branca da geada e branca do luar. As árvores que bordejavam o relvado erguiam-se negras e imóveis. Coelhos surgiam, mordiscavam a relva e depois corriam para as suas tocas; e de súbito, daquela calma e daquele silêncio, eu escutava o grito agudo de uma raposa e o pequeno soluço que o segue, inconfundível, único entre os apelos noturnos, e via o esguio corpo rastejar pelo relvado e correr a esconder-se de novo onde as árvores o ocultassem. Mais tarde, ouvia de novo o seu grito, longe, no parque, e então a lua cheia dominava as árvores e possuía o céu, e nada se movia nos relvados sob a minha janela. Perguntava-me se Rachel dormiria, no quarto azul, ou se, tal como eu, deixaria as cortinas abertas. O relógio que me levava para o quarto pelas dez horas batia a uma, batia as duas, e eu pensava que havia ali tesouros de beleza que teríamos podido partilhar.

Os medíocres que se ficassem com o mundo tumultuoso. Mas aquilo não era o mundo, era um encantamento; e pertencia-me inteiramente. Eu não queria guardá-lo apenas para mim.

Assim, semelhante a um barómetro, eu oscilava da exultação a estados de abatimento e depressão, quando, recordando a sua promessa de fazer em minha companhia apenas uma curta estada, me interrogava durante quanto tempo mais ela permaneceria. Ou se, depois do Natal, ela se viraria para mim dizendo: «Bem, Philip, na próxima semana vou para Londres.» O período de mau tempo interrompera todas as plantações e pouco mais poderia fazer-se até à primavera. E embora os trabalhos dos terraços exigissem tempo seco, como havia já um plano traçado, os homens dispensariam perfeitamente a sua presença para os concluir. Ela poderia decidir

partir de um dia para o outro e eu não conseguia encontrar um pretexto para a reter.

Antigamente, no Natal, quando estava em casa, Ambrose oferecia um jantar aos rendeiros. Eu não o fizera durante os últimos invernos em que ele se encontrava ausente, porque no regresso das suas viagens Ambrose organizava o jantar no dia do solstício de verão. Decidi retomar esse velho costume, pela única razão de Rachel estar presente.

Em criança, isso fora o ponto alto do meu Natal. Os homens traziam um abeto alto uma semana antes da véspera de Natal e colocavam-no na longa sala por cima das cocheiras, onde era servido o jantar. Eu não devia saber que ele lá se encontrava, mas, quando não havia ninguém à vista, geralmente ao meio-dia, enquanto os criados comiam, eu costumava escapar-me para as traseiras e subir a escada da porta lateral que conduzia à longa sala, para ver a grande árvore assente no seu barril lá ao fundo e, encostadas à parede, prontas para serem colocadas em filas, as compridas mesas de cavalete para o jantar. Eu não ajudei nas decorações até às minhas primeiras férias de Harrow. Era uma promoção formidável. Nunca me sentira tão feliz. Em garoto, sentara-me com Ambrose na mesa de honra, mas depois dessa promoção presidia eu próprio a uma mesa.

Agora, uma vez mais, dei as minhas ordens aos lenhadores e fui eu mesmo escolher a árvore aos bosques. Rachel andava encantada. Nenhuma celebração lhe poderia ter agradado mais. Tinha graves reuniões com Seecombe e o cozinheiro, visitava as despensas, as câmaras de armazenagem e as reservas de caça; conseguiu até convencer o meu pessoal masculino a permitir a presença de duas raparigas de Barton para confeccionarem pastelaria francesa sob a sua supervisão. Tudo era excitação e mistério, porque eu decidira que ela não veria a árvore e ela insistira em que eu ignorasse o que nos seria servido ao jantar.

Chegaram embrulhos para ela que foram prontamente levados para cima. Quando eu batia à porta do seu *boudoir*, escutava ruídos

de papel e depois, parecia-me que passadas horas, a sua voz respondia-me: «Entre.» E encontrava-a ajoelhada no chão, de olhos brilhantes, faces coradas, uma manta atirada para cima de vários objetos espalhados pela carpete e que ela me dizia para não olhar.

Eu regressara à infância, à febre de ficar em bicos de pés nas escadas, em camisa de noite, escutando o murmúrio das vozes lá em baixo, com Ambrose surgindo subitamente da biblioteca e gritando-me a rir: «Vai-te deitar, meu malandro, ou ferro-te uma surra.»

Uma coisa me preocupava. Que presente oferecer a Rachel? Passei um dia em Truro, vasculhando as livrarias à procura de um livro sobre jardins, mas em vão. E, além disso, os livros que ela trouxera de Itália eram mais belos do que todos os que eu pudesse encontrar. Não fazia a menor ideia do que poderia agradar a uma mulher. O meu padrinho, quando escolhia um presente para Louise, dava-lhe em geral tecido para um vestido, mas Rachel estava de luto. Não podia oferecer-lhe isso. Recordava-me que, uma vez, Louise ficara encantada com um medalhão que ele lhe trouxera de Londres. Usava-o por vezes ao domingo, quando vinham jantar connosco. E então ocorreu-me a solução.

Devia haver alguma coisa, entre as joias pertencentes à minha família, que eu pudesse oferecer a Rachel. Não estavam no cofre de casa, junto com os documentos dos Ashleys, mas sim no banco. Ambrose achara isso mais prudente para o caso de um incêndio. Eu ignorava o que lá havia. Recordava-me vagamente de ter um dia acompanhado Ambrose ao banco, quando era muito jovem, e de ele ter pegado num colar e me dizer, sorrindo, que pertencera à nossa avó, e que a minha mãe o usara no dia do seu casamento, mas apenas nesse dia, emprestado, porque o meu pai não se achava na linha direta de sucessão. Acrescentara que um dia, se me portasse bem, ele me autorizaria a dá-lo à minha mulher. Apercebi-me de que, presentemente, tudo o que se encontrava no banco me pertencia. Ou pertenceria, dentro de três meses, mas isso era capcioso.

O meu padrinho saberia certamente que joias lá havia, mas ele fora a Exeter tratar de negócios e só voltaria a casa na véspera de Natal, a tempo do jantar para que ele e Louise estavam convidados. Resolvi ir eu próprio ao banco e pedir para ver as joias.

Mr. Couch recebeu-me com a sua habitual cortesia e, levando-me para o seu gabinete que dava para o porto, ouviu o meu pedido.

— Suponho que Mr. Kendall não se oporia — disse ele.

— É claro que não — retorqui eu com impaciência —, o assunto foi tratado. — O que era falso, mas aos vinte e quatro anos, a poucos meses do meu aniversário, ter de pedir autorização ao meu padrinho para a mais pequena insignificância era ridículo. E irritava-me.

Mr. Couch mandou buscar as joias aos cofres. Chegaram, em caixas seladas. Ele quebrou o selo e, estendendo um pano em cima da secretária, tirou-as e pousou-as uma a uma.

Eu não fazia ideia de que a coleção fosse tão bela. Havia anéis, pulseiras, brincos e broches; e muitas das peças faziam conjunto, como uma tiara de rubis com brincos a condizer, ou uma pulseira de safiras, um berloque e um anel. Contudo, ao olhá-las, sem querer sequer tocar-lhes, recordei, desapontado, que Rachel estava de luto e não usava pedras de cor. Não faria portanto sentido oferecer-lhe aquelas; não teriam para ela qualquer utilidade.

Então Mr. Couch abriu a última caixa e tirou de lá um colar de pérolas. Tinha quatro voltas que rodeavam o pescoço como uma fita, e um fecho com um único diamante. Reconheci-o imediatamente. Era o colar que Ambrose me mostrara em criança.

— Gosto deste — disse eu —, é a peça mais bela de toda a coleção. Lembro-me de o meu primo Ambrose mo ter mostrado.

— Bom, as opiniões divergem — disse Mr. Couch. — Pessoalmente, prefiro os rubis. Mas o colar de pérolas está repleto de sentimentos familiares. A sua avó, Mrs. Ambrose Ashley, foi quem o usou primeiro, recém-casada, na corte de St. James. Depois a sua tia, Mrs. Philips, recebeu-o naturalmente quando a propriedade passou para o seu tio. Várias damas da família o usaram no dia do

casamento. A sua mãe foi uma delas; de facto, creio que foi a última a fazê-lo. O seu primo, Mr. Ambrose Ashley, nunca permitia que ele saísse do condado quando se celebrava um casamento noutro lado. — Pegou no colar, e a luz da janela tombou sobre as pérolas redondas e lisas.

— Sim — continuou ele —, é uma coisa muito bela. E nenhuma mulher o usou nos últimos vinte e cinco anos. Eu assisti ao casamento de sua mãe. Era uma criatura encantadora. Ficava-lhe muito bem.

Estendi a mão e tirei-lhe o colar.

— Bom, agora quero ficar com ele — declarei, colocando o colar no seu estojo e depois na caixa. Ele pareceu um pouco desconcertado.

— Não sei se será prudente, Mr. Ashley. Se se perdesse ou transviasse seria terrível.

— Não se perderá — afirmei eu secamente.

Ele não pareceu satisfeito, e eu apressei-me a partir, não fosse apresentar qualquer argumento mais forte.

— Se está preocupado com o que dirá o meu tutor, tranquilize-se — disse-lhe eu. — Entender-me-ei com ele logo que regresse de Exeter.

— Espero bem que sim — observou Mr. Couch —, mas preferiria que ele tivesse estado presente. É claro que em abril, quando entrar legalmente na posse da propriedade, poderá à vontade levar a coleção inteira e fazer com ela o que quiser. Eu não o aconselharia, mas seria perfeitamente legal.

Apertei-lhe a mão desejando-lhe um feliz Natal e regressei a casa, eufórico. Se tivesse corrido todo o país não teria encontrado melhor presente para ela. Felizmente as pérolas eram brancas. E o facto de a minha mãe ter sido a última mulher a usá-las constituía um laço. Dir-lho-ia. Podia agora encarar a perspectiva da véspera de Natal de coração leve.

Dois dias de espera... O tempo estava bom, a geada ligeira, e tudo prometia um final de tarde luminoso e seco para o jantar. Os

criados andavam muito excitados, e na manhã da véspera de Natal, com as mesas e os bancos instalados na sala, os talheres e os pratos postos, com ramos de sempre-verdes suspensos das traves, pedi a Seecombe e aos rapazes para me ajudarem a decorar a árvore. Seecombe arvorou-se em mestre de cerimónias. Colocou-se um pouco à parte, para ter uma melhor visão de conjunto, e à medida que íamos rodando a árvore, erguendo um ramo ou outro para equilibrar as pinhas prateadas e as bolas de azevinho, ele agitava a mão parecendo um maestro a dirigir um sexteto de cordas.

— Esse ângulo não me agrada, Mr. Philip — dizia ele —, a árvore faria melhor efeito se a deslocassem um nadinha para a esquerda. Ah! Demasiado... Sim, assim está melhor. John, o quarto ramo do lado direito está inclinado. Levanta-o um pouco. *Tss, tss...* Tens a mão pesada. Espalha os ramos, Arthur, espalha-os. A árvore deve ter um aspeto natural. Não pises as bagas, Jim. Mr. Philip, deixe-a ficar tal qual está. Um movimento mais e arruína-se o conjunto.

Eu nunca pensara que ele possuísse tal sentido artístico.

Recuou, as mãos sob as abas da farda, os olhos semicerrados. — Mr. Philip — declarou ele —, atingimos a perfeição. — Vi o jovem John dar uma cotovelada nas costas de Arthur e virar a cara.

O jantar estava marcado para as cinco horas. Os Kendalls e os Pascoes seriam as únicas pessoas «de carruagem», como se dizia. O resto viria de charrete ou tipoia, e os que viviam perto vinham mesmo a pé. Eu escrevera todos os nomes em cartões e colocara-os em cima do prato para indicar os lugares. Os que tinham dificuldade em ler, ou não liam de todo, tinham vizinhos que os ajudariam. Havia três mesas. Eu presidiria a uma, com Rachel na cabeceira oposta. A segunda era presidida por Billy Rowe, de Barton, e a terceira por Peter Johns, de Coombe.

Era costume os convidados reunirem-se na longa sala e estarem sentados à mesa pouco depois das cinco; e nós fazíamos a nossa entrada quando todos se encontravam instalados. Após o jantar, Ambrose e eu distribuíamos os presentes da árvore: dinheiro para os homens, xales para as mulheres e cestos com géneros para

todos. Os presentes nunca variavam. Qualquer alteração da rotina os teria chocado. Nesse Natal, contudo, eu pedira a Rachel para distribuir comigo os presentes.

Antes de me vestir para o jantar, mandara levar o colar de pérolas ao quarto de Rachel. Deixara-o no seu estojo, mas juntara um bilhete com as seguintes palavras: «A minha mãe foi a última a usá-lo. Agora pertence-lhe. Desejo que o use esta noite e sempre. Philip.»

Tomei banho, vesti-me e estava pronto antes das cinco menos um quarto.

Os Kendalls e os Pascoes não entrariam pela casa; era hábito dirigirem-se diretamente para a longa sala, onde conversavam com os rendeiros ajudando a quebrar o gelo. Ambrose sempre achara isso uma bela ideia. Os criados estariam igualmente lá, e Ambrose e eu, atravessando os corredores de pedra nas traseiras da casa, e depois o pátio, subíamos o lanço de escadas que conduzia à sala por cima das cocheiras. Esta noite, Rachel e eu faríamos o caminho sozinhos.

Desci e esperei-a no salão. Sentia uma certa ansiedade porque nunca na vida oferecera um presente a uma mulher. Talvez tivesse sido uma quebra de etiqueta, talvez apenas flores fossem adequadas, ou livros, ou quadros. E se ela se irritasse, como acontecera com aquele assunto da pensão trimestral, e imaginasse, vá-se lá saber porquê, que eu quisera insultá-la? Era um pensamento desesperante. Os minutos que passavam eram uma tortura lenta. Por fim, ouvi o seu passo na escada. Esta noite, os cães não a precediam. Tinham sido trancados cedo nos canis.

Ela desceu lentamente; o familiar roçar do seu vestido aproximava-se. A porta abriu-se e ela surgiu diante de mim. Vestia de preto, como eu esperava, mas não conhecia aquele vestido. Era amplo, e só lhe cingia o busto e a cintura. O tecido brilhante parecia captar a luz. Trazia os ombros nus. Apanhara o cabelo mais alto do que o habitual, enrolando-o atrás e descobrindo as orelhas. O colar de pérolas rodeava-lhe o pescoço. Era a sua única joia. Luzia

docemente sobre a sua pele. Eu nunca a vira com ar tão radioso, tão feliz. Louise e as Pascoes afinal tinham razão: Rachel era bela.

Ela permaneceu um instante a olhar-me, depois estendeu as mãos e disse: — Philip. — Aproximei-me. Parei diante dela. Ela pousou os braços nos meus ombros e apertou-me a si. Havia lágrimas nos seus olhos, mas esta noite não me importei. Ela largou-me os ombros, ergueu as mãos para a minha nuca e tocou-me no cabelo.

Depois beijou-me. Mas não como fizera antes. E, enquanto a abraçava, eu pensei: «Não foi por saudades de casa, nem doença de sangue, nem febre cerebral que Ambrose morreu; foi por isto.»

Retribuí o beijo. Na torre, o relógio bateu as cinco. Ela não disse nada e eu também não. Deu-me a mão e percorremos juntos os sombrios corredores da cozinha, atravessámos o pátio e dirigimo-nos para a longa sala por cima das cocheiras, cujas janelas se achavam profusamente iluminadas, e para as vozes risonhas e os rostos brilhantes de expectativa.

CAPÍTULO XVII

Toda a gente se levantou à nossa entrada. As mesas foram afastadas, ouviu-se o arrastar de pés, o murmúrio de vozes abafadas; todas as cabeças se viraram a fim de olharem para nós. Rachel deteve-se um momento no limiar da porta; creio que não esperara aquele mar de rostos. Depois avistou a árvore de Natal ao fundo e soltou uma exclamação de prazer. A pausa quebrou-se, e um murmúrio de simpatia e satisfação pela sua surpresa percorreu a sala.

Dirigimo-nos para os nossos lugares nos dois extremos da mesa, e Rachel sentou-se. Seguimos-lhe o exemplo e imediatamente se elevou um clamor de conversas misturado aos ruídos dos talheres e dos pratos, com toda a gente a acotovelar o seu vizinho no meio de risos e desculpas. Eu tinha à minha direita Mrs. Billy Rowe, de Barton, vestida de musselinas e arranjada para eclipsar todas as outras, e reparei que Mrs. Johns, de Coombe, à minha esquerda, a observava com desagrado. No meu desejo de respeitar o protocolo, esquecera que elas «não se falavam»; uma discussão, devida a um mal-entendido por causa de ovos em dia de mercado, durava há quinze anos. Não importava, eu mostrar-me-ia galante com ambas e dissiparia qualquer perturbação. Jarros de sidra viriam em meu auxílio e, pegando no mais próximo, servi-as a ambas e a mim próprio com toda a prodigalidade, e depois virei a minha atenção para o menu. As cozinhas tinham-nos honrado. Nunca, nas minhas longas memórias de jantares de Natal, nos fora oferecida uma tal abundância. Gansos assados, perus assados, quartos de vaca e carneiro, grandes fiambres fumados decorados com rufos, empadas e bolos de todas as formas e feitios, pudins a abarrotar de frutos secos e, entre essas iguarias mais pesadas, pratos de pastelaria delicada e frágil, leve como penugem, que Rachel havia preparado com as raparigas de Barton.

Sorrisos de expectativa e gula emolduravam os rostos dos convidados, e também o meu, e já nos chegavam grandes gargalhadas das outras mesas, onde, mais afastados da intimidante presença do «patrão», os meus rendeiros mais expansivos se deixavam ir, alargando os cintos e os colarinhos. Ouvi Jack Libby, de olhos raiados, dizer em voz rouca para o seu vizinho (penso que já teria bebido um ou dois copos de sidra pelo caminho): — Por Deus... Depois de tudo isto, eles podiam deitar-nos aos porcos que nem daríamos por nada.

À minha esquerda, a pequena Mrs. Johns, de lábios cerrados, espetava a sua asa de ganso com um garfo que empunhava à laia de pena de escrever, enquanto um vizinho lhe segredava, piscando o olho na minha direção: — Atira-te a ela, rapariga, mete-lhe os dedos e ferra-lhe o dente.

Reparei nessa altura que todos nós tínhamos, ao lado do prato, um pequeno embrulho com o nome, escrito na letra de Rachel. Toda a gente pareceu aperceber-se disso ao mesmo tempo e, por um breve instante, a comida foi esquecida na excitação de rasgar os papéis. Eu observei e esperei para abrir o meu embrulho. Senti o coração inundado de ternura ao perceber o que ela fizera: oferecera um presente a cada um dos homens e mulheres presentes. Embrulhara-os ela própria, juntando-lhes um pequeno bilhete. Nada de importante ou requintado, mas uma insignificância que lhes daria prazer. Então era esse o motivo dos misteriosos embrulhos para lá da porta do *boudoir*. Compreendi tudo.

Quando todos os meus vizinhos se concentraram de novo nos seus pratos, abri o meu embrulho. Desembrulhei-o em cima dos joelhos, debaixo da mesa, decidido a que apenas eu próprio visse o que me fora oferecido. Era uma corrente de ouro para as minhas chaves, terminando num disco com as nossas iniciais, «P. A. R. A.», e a data. Apertei-a nas mãos durante um instante e depois, furtivamente, enfiei-a no bolso do colete. Ergui os olhos para Rachel e sorri-lhe. Ela fitava-me. Levantei o copo na sua direção, e ela correspondeu. Céus! Eu estava feliz.

O jantar prosseguiu, ruidoso e alegre. Pratos carregados de virtualhas eram esvaziados, nem sei como. Os copos enchiam-se e voltavam a encher-se. Alguém, a meio da nossa mesa, começou a cantar, e os que se encontravam nas outras mesas pegaram na canção e juntaram-se-lhe em coro. As botas marcavam a cadência no soalho, as facas e os garfos batiam nos pratos, os corpos balouçavam numa alegre celebração rítmica e Mrs. Johns, de Coombe, com os lábios comprimidos, disse-me que eu tinha as pestanas demasiado compridas para homem. Eu servi-lhe mais sidra.

Finalmente, recordando a precisão com que Ambrose escolhia esse momento, tamborilei longa e fortemente na mesa. As vozes calaram-se. — Quem desejar — disse eu — pode agora sair e depois voltar. Dentro de cinco minutos, Mrs. Ashley e eu distribuiremos os presentes da árvore. Obrigado, minhas senhoras e meus senhores.

A corrida para a porta foi a que eu esperava. E, de sorriso nos lábios, observei Seecombe, que caminhava hirto e direito mas pisando o chão como se este fosse ceder sob os seus passos, fechar a fila. Os que permaneceram empurraram os bancos e os cavaletes contra a parede. Após a distribuição dos presentes e a nossa partida, os que estivessem em estado de o fazer convidariam os seus pares para dançar. A festa duraria até à meia-noite. Em garoto, eu ia para a janela do quarto de brinquedos escutar o barulho do baile. Esta noite, dirigi-me para o pequeno grupo reunido junto à árvore. Aí se encontravam o vigário e Mrs. Pascoe, três filhas e um coadjutor, bem como o meu padrinho e Louise. Louise parecia bem, embora um pouco pálida. Apertei-lhes as mãos. Mrs. Pascoe sorriu-me com os dentes todos. — Excedeu-se. Nunca nos divertimos tanto. As pequenas estão em êxtase.

Tinham bem ar disso, com um coadjutor para três.

— Fico satisfeito por achar que correu bem — retorqui eu e, virando-me para Rachel, acrescentei: — Sente-se feliz?

Os seus olhos encontraram os meus e sorriram. — O que acha? — disse ela. — Tão feliz que era capaz de chorar.

Cumprimentei o meu padrinho. — Muito boa noite, senhor, e votos de feliz Natal — saudei. — Como achou Exeter?

— Frio — respondeu ele secamente —, frio e enfadonho.

Os seus modos eram abruptos. Tinha uma das mãos atrás das costas e, com a outra, puxava o bigode branco. Perguntei-me se alguma coisa, durante o jantar, o teria perturbado. Teria a sidra corrido demasiado livremente para seu gosto? Então vi-o fitar Rachel. Os seus olhos estavam fixos no colar de pérolas que lhe rodeava o pescoço. Ele viu-me a observá-lo e desviou o olhar. Por um momento senti-me de volta ao quarto ano em Harrow, quando o professor descobrira o jogo de *cribbage* escondido debaixo do meu livro de latim. Depois encolhi os ombros. Eu era Philip Ashley e tinha vinte e quatro anos. E ninguém no mundo, muito menos o meu padrinho, me ia dizer a quem eu podia, ou não, dar presentes de Natal. Perguntei-me se Mrs. Pascoe já teria feito algum comentário viperino. Possivelmente a boa educação impedi-la-ia. E, aliás, ela não podia reconhecer o colar. A minha mãe falecera antes de Mr. Pascoe vir consolar os vivos. Louise reparara. Isso era óbvio. Vi os seus olhos azuis virarem-se para Rachel, e depois baixarem de novo.

As pessoas reentraram na sala com passos pesados. Aproximaram-se da árvore rindo, murmurando, acotovelando-se, enquanto Rachel e eu ocupávamos os nossos lugares diante dela. Depois eu curvei-me para os presentes e, lendo os nomes em voz alta, passei os embrulhos a Rachel; eles vieram um a um recebê-los. Ela manteve-se de pé, as faces coradas, alegre e sorridente. Eu sentia dificuldade em ler os nomes em vez de olhar para ela. — Obrigado. Deus o abençoe, senhor — diziam-me eles; e depois a ela: — Obrigado, minha senhora. Deus a abençoe também.

Demorámos uma boa meia hora a distribuir os presentes, dizendo uma palavra a cada pessoa. Quando tudo terminou e o derradeiro presente foi recebido com uma vénia, fez-se de repente silêncio. As

peessoas, reunidas num grande grupo encostado à parede, esperavam por mim. — Feliz Natal para todos vós — desejei eu. — Feliz Natal para o senhor e para Mrs. Ashley — gritaram eles em coro.

Depois Billy Rowe, a sua madeixa de cabelo fixada na testa para a ocasião, gritou na sua voz aguda: — Três vivas, então, para eles os dois! — E os vivas que ressoaram sob as traves da longa sala quase fizeram tremer o soalho, precipitando-nos a todos nas carruagens lá em baixo. Relanceei um olhar a Rachel. Havia agora lágrimas nos seus olhos. Fiz-lhe um sinal de cabeça. Ela sorriu, pestanejou para as esmagar e estendeu-me a mão. Vi o meu padrinho fitar-nos de rosto fechado. Recordei-me, o que é imperdoável, daquela resposta que os colegas davam uns aos outros para silenciar as críticas: «Se não gostas, podes ir para...» A explosão seria adequada, mas eu limitei-me a sorrir e, puxando a mão de Rachel para o meu braço, conduzia-a para fora da sala e até casa.

Alguém, suponho que o jovem John, porque Seecombe se movia com uma lentidão calculada, correria ao salão enquanto se distribuía os presentes para aí colocar bolos e vinho. Nós estávamos repletos, e ambos permaneceram intactos, embora eu tenha visto o coadjutor esfarelar um biscoito. Talvez ele coma por três. Depois Mrs. Pascoe, que, Deus a abençoe, fora decerto posta neste mundo para perturbar toda a harmonia com a sua tagarelice, virou-se para Rachel e disse: — Perdoe-me, Mrs. Ashley, mas não posso deixar de o admirar. Que maravilhoso colar de pérolas. Não tive olhos para mais nada durante toda a noite.

Rachel sorriu-lhe, tocando com os dedos no colar. — Sim — respondeu ela —, é algo de que me orgulho muito.

— De facto — comentou o meu padrinho secamente —, vale uma pequena fortuna.

Creio que apenas Rachel e eu reparámos no seu tom de voz. Ela fitou-o, perplexa, depois virou-se para mim e preparava-se para falar

quando eu avancei e intervim. — Penso que as carruagens chegaram.

Fui colocar-me à porta do salão. Até Mrs. Pascoe, geralmente surda às sugestões de partida, compreendeu pela minha atitude que a noite chegara ao fim. — Vamos, meninas — chamou ela —, devem estar cansadas e temos à nossa frente um dia fatigante. Não há repouso para a família de um vigário no dia de Natal, Mr. Ashley. — Acompanhei a família Pascoe à porta de entrada. Felizmente a minha conjectura estava correta e a carruagem aguardava-os. Os Pascoes levaram consigo o coadjutor, que se aninhou, como um passarinho, entre duas raparigas muito ornamentadas. Quando a sua carruagem se afastou, a dos Kendalls avançou por sua vez. Regressei ao salão e, excetuando o meu padrinho, encontrei-o vazio.

— Onde estão os outros? — indaguei.

— Louise e Mrs. Ashley foram lá acima — disse ele —, descerão dentro de instantes. Agrada-me ter oportunidade de te dar uma palavra, Philip.

Aproximei-me da lareira e parei aí, de mãos atrás das costas.

— Sim? — disse eu. — O que se passa?

Ele não respondeu de imediato. Estava visivelmente embaraçado.

— Não tive ocasião de estar contigo antes de partir para Exeter — começou ele —, senão teria falado nisto antes. O facto, Philip, é que recebi uma comunicação do banco que acho francamente preocupante.

O colar, evidentemente, pensei eu. Bom, isso era assunto meu.

— De Mr. Couch, suponho? — observei.

— Sim — respondeu ele. — Avisa-me, como é seu dever, de que a conta de Mrs. Ashley está já com um descoberto de várias centenas de libras.

Senti-me a gelar. Fitei-o fixamente; depois a tensão estalou e o sangue afluíu-me ao rosto.

— Ah? — disse eu.

— Não compreendo — prosseguiu ele, percorrendo a sala de um lado ao outro. — Ela não pode ter muitas despesas aqui. É tua convidada, e as suas necessidades devem ser mínimas. A única coisa que me ocorre é que esteja a enviar dinheiro para fora do país.

Eu continuava de pé em frente à lareira e sentia o coração a bater-me contra as costelas. — Ela é muito generosa — afirmei —, deve ter reparado esta noite. Um presente para cada um de nós. Isso não se faz com meia dúzia de xelins.

— Várias centenas de libras dariam para os pagar uma dúzia de vezes — retorquiu ele. — Não duvido da sua generosidade, mas só os presentes não explicam um tal descoberto.

— Ela decidiu gastar dinheiro a embelezar a casa. Comprou coisas para o quarto azul. Deve ter-se tudo isso em atenção.

— É possível — admitiu o meu padrinho —, mas ainda assim o facto é que a quantia que decidimos conceder-lhe trimestralmente já foi duplicada, quase triplicada, pela soma que foi retirada. O que havemos de decidir para o futuro?

— Duplicar, triplicar, a quantia que lhe damos agora — disse eu. — É óbvio que foi insuficiente.

— Mas isso é ridículo, Philip! — exclamou ele. — Nenhuma mulher, levando a vida que ela leva aqui, poderá gastar tanto. Uma senhora de classe a viver em Londres teria dificuldade em dissipar tanto.

— Ela pode ter dívidas que ignoramos. Pode haver credores de Florença a pressioná-la. Não nos diz respeito. Desejo que lhe aumente a pensão e cubra o descoberto.

Ele parou diante de mim, de lábios franzidos. Eu queria o assunto arrumado de vez. Apurava os ouvidos para o ruído de passos na escada.

— Outra coisa — continuou ele, pouco à vontade. — Não tinhas o direito de tirar aquele colar do banco, Philip. Não compreendes que faz parte da coleção, dos bens da propriedade, e que não tens o direito de lhe tocar?

— É meu — afirmei —, posso fazer dos meus bens o que quiser.

— Os bens ainda não são teus — contrapôs ele —, só daqui a três meses.

— E então? — Fiz um gesto. — Três meses passam depressa. Não acontecerá nada ao colar nas mãos dela.

Ele ergueu os olhos para mim.

— Não estou assim tão certo — disse.

A cólera invadiu-me perante o que essas palavras implicavam.

— Santo Deus! — exclamei eu. — O que quer insinuar? Que ela pode pegar no colar e vendê-lo?

Durante um momento ele não respondeu. Cofiava o bigode.

— Desde que estive em Exeter — disse ele —, fiquei a saber um pouco mais acerca da tua prima Rachel.

— Que diabo quer dizer com isso?

O seu olhar foi de mim para a porta, e voltou a fixar-me.

— Encontrei por acaso uns velhos amigos — explicou ele —, pessoas que não conheces e que viajam muito. Há vários anos que passam o inverno em Itália e em França. Parece que conheceram a tua prima quando estava casada com o seu primeiro marido, Sangalletti.

— E então?

— Ambos davam que falar. Pela sua extravagância desenfreada e, devo acrescentar, também pela sua vida dissoluta. O duelo em que Sangalletti morreu deu-se por causa de outro homem. Estas pessoas disseram que haviam ficado horrorizadas ao saber que Ambrose Ashley tinha desposado a condessa Sangalletti. Predisseram então que ela lhe dissiparia inteiramente a sua fortuna em poucos meses. Felizmente, tal não aconteceu. Ambrose faleceu antes de ela ter possibilidade de o fazer. Lamento, Philip. Mas estas notícias inquietaram-me muito. — Recomeçou a andar de um lado para o outro.

— Nunca pensei que descesse ao ponto de dar ouvidos a histórias de viajantes — atirei-lhe eu. — E, aliás, quem é essa

gente? Como se atreve a repetir mexericos datados de há mais de dez anos? Não ousariam fazê-lo em frente da minha prima Rachel.

— Isso agora não interessa — replicou ele. — A minha preocupação agora são as pérolas. Lamento, mas como teu tutor durante mais três meses devo solicitar que lhe peças para devolver o colar. Voltarei a colocá-lo no banco, junto com as outras joias.

Era agora a minha vez de percorrer o salão. Já nem sabia o que fazia.

— Devolver o colar? — perguntei. — Mas como posso pedir-lhe tal coisa? Ofereci-lho esta noite, como presente de Natal. É a última coisa no mundo que poderia fazer.

— Nesse caso, terei de o fazer eu por ti — respondeu ele.

Odiei de repente o seu rosto obstinado, a sua postura rígida, a sua sólida indiferença a todo o sentimento.

— Diabos me levem se o fizer! — gritei eu.

Desejei vê-lo a quilómetros dali. Desejei vê-lo morto.

— Vá lá, Philip — disse ele, mudando de tom. — Tu és muito jovem, muito impressionável, e compreendo perfeitamente que desejasses dar à tua prima uma prova de estima. Mas joias de família são bastante mais do que isso.

— Ela tem direito a elas — contrapus eu. — Deus sabe que se alguém tem o direito de usar essas joias é ela.

— Se Ambrose fosse vivo, sim — retificou ele —, mas agora não. Essas joias ficam reservadas para a tua mulher, Philip, quando te casares. E há ainda outra coisa. Esse colar tem um significado especial, que poderá levar a comentários de alguns dos rendeiros mais velhos presentes no jantar desta noite. Quando um Ashley se casa, permite que a sua noiva use o colar no dia da cerimónia, como único ornamento. É o género de superstição de família que encanta as pessoas daqui, e, como te disse, os mais velhos conhecem-na. É lamentável e presta-se a mexericos. Tenho a certeza de que Mrs. Ashley, na sua situação, é a última pessoa a desejar tal coisa.

— As pessoas que cá estavam esta noite — retorqui com impaciência — pensarão, se é que estavam sequer em estado de

pensar, que o colar pertence à minha prima. Nunca ouvi nada tão disparatado como acreditar que o facto de ela o usar possa provocar mexericos.

— Isso não me compete afirmar — declarou ele. — Se houver falatório, sabê-lo-ei sem dúvida demasiado depressa. Mas há uma coisa em que devo mostrar-me firme, Philip: é que o colar seja devolvido em segurança ao banco. Ainda não é teu para poderes dá-lo, e não tinhas o menor direito de ir buscá-lo sem a minha autorização. Repito que, se não pedires a Mrs. Ashley para o devolver, sou eu a fazê-lo.

Com o calor da discussão, não ouvíramos o roçar dos vestidos na escada. Agora, era demasiado tarde. Rachel, seguida de Louise, estava à porta.

Deteve-se, a cabeça virada para o meu padrinho, que, plantado no meio do salão, me confrontava.

— Peço desculpa — proferiu ela —, mas não pude deixar de ouvir o que disse. Por favor, não quero causar embaraços nem a um nem a outro. Foi amoroso da parte de Philip deixar-me usar as pérolas esta noite, e o senhor tem toda a razão em pedir que sejam devolvidas, Mr. Kendall. Aqui as tem. — Ergueu as mãos e abriu o fecho.

— Não — insurgi-me eu —, por que diabo há de fazer isso?

— Por favor, Philip — murmurou ela.

Tirou o colar e entregou-o ao meu padrinho. Ele teve a cortesia de parecer embaraçado, mas também aliviado.

Vi Louise olhar-me com piedade. Voltei-me.

— Obrigado, Mrs. Ashley — agradeceu o meu padrinho com a sua brusquidão habitual. — Compreende que este colar faz realmente parte dos bens da propriedade, e que Philip não estava autorizado a tirá-lo do banco. Foi um gesto ligeiro e impensado. Mas os jovens são obstinados.

— Compreendo perfeitamente — afirmou ela —, não falemos mais nisso. Precisa de algo para o embrulhar?

— Não, muito obrigado — respondeu ele —, o meu lenço serve.

Tirou um lenço do bolso de cima do casaco e, com todo o cuidado, colocou o colar no meio dele.

— E agora — disse — é tempo de Louise e eu nos despedirmos. Obrigado pelo jantar delicioso, que foi um completo êxito, Philip. Desejo-vos a ambos um feliz Natal.

Eu não respondi. Saí para o vestibulo, acompanhei-os à porta de entrada e, sem uma palavra, ajudei Louise a entrar para a carruagem. Ela apertou-me a mão em sinal de solidariedade, mas eu estava demasiado agitado para corresponder. O meu padrinho subiu para o lado dela e partiram.

Regressei lentamente ao salão. Rachel estava de pé, fixando o lume. O seu pescoço parecia nu sem o colar. Detive-me a observá-la em silêncio, irritado, infeliz. Ao ver-me, ela estendeu os braços e eu aproximei-me. Tinha o coração demasiado pesado para poder falar. Sentia-me como um garotinho de dez anos, e não seria preciso muito para me fazer chorar.

— Não — disse ela com aquela voz calorosa e terna que lhe era tão característica —, não deve importar-se. Por favor, Philip, por favor. Sinto muito orgulho em o ter usado por esta vez.

— Eu queria que o usasse — afirmei eu —, queria que o conservasse sempre. Maldito seja ele e que arda no inferno.

— Silêncio, querido — disse ela —, não diga coisas dessas.

Eu estava tão rancoroso e encolerizado que teria sido capaz de cavalgar até ao banco nesse instante e ir aos cofres buscar todas as peças de joalharia que lá se encontravam, todas as pedras, todas as gemas, e de lhas dar, e todo o ouro e prata do banco igualmente. Ter-lhe-ia dado o mundo.

— Ficou tudo arruinado agora — observei —, toda a noite, todo o Natal. Tudo em vão.

Ela apertou-me contra si, rindo. — O Philip é como uma criança que corre para mim de mãos vazias. Pobre Philip. — Recuei e fitei-a.

— Não sou nenhuma criança, tenho vinte e cinco anos menos três malditos meses. A minha mãe usou essas pérolas no dia do seu

casamento, e antes dela a minha tia, e antes dela a minha avó. Não compreende por que razão desejava que as usasse igualmente?

Ela pousou-me as mãos nos ombros e beijou-me de novo.

— Certamente — respondeu —, foi por isso que me senti tão feliz, tão orgulhosa. Queria que eu as usasse porque sabia que, se me tivesse casado aqui e não em Florença, Ambrose mas teria dado no dia do nosso casamento.

Fiquei calado. Ela dissera-me, algumas semanas antes, que me faltava intuição. Esta noite, eu poderia dizer o mesmo dela. Instantes depois, deu-me uma palmadinha no ombro e subiu para se deitar.

Toquei, no fundo do meu bolso, na corrente que ela me oferecera. Isso, pelo menos, era unicamente meu.

CAPÍTULO XVIII

O nosso dia de Natal foi feliz. Ela encarregou-se disso. Percorremos as quintas da propriedade, os chalés e os pavilhões, para distribuir as roupas que haviam pertencido a Ambrose. E, sob cada teto, éramos obrigados a provar um pouco de empada ou de pudim, de maneira que, chegados à tarde, estávamos demasiado cheios para poder jantar, e deixámos os criados acabar os gansos e perus da véspera, enquanto ela e eu assávamos castanhas na lareira do salão.

Depois, como se eu tivesse andado para trás uns vinte anos, ela mandou-me fechar os olhos e, rindo, subiu ao seu *boudoir*; quando voltou, pousou-me nas mãos uma pequena árvore. Tinha-a enfeitado de forma extravagante, com presentes embrulhados em papel colorido brilhante, e cada presente era um absurdo. Compreendi que fizera aquilo para mim porque desejava que eu esquecesse o drama da véspera e o fiasco das pérolas. Eu não conseguia esquecer. Nem conseguia perdoar. E a partir do Natal instalou-se entre mim e o meu padrinho uma certa frieza. Que ele tivesse dado ouvidos a falsos mexericos já era suficientemente mau, mas eu ficara ainda mais ressentido com a sua insistência em agarrar-se àquele artigo risível do testamento que me deixava sob a sua jurisdição durante mais três meses. Que importava que Rachel tivesse gasto mais do que prevíamos? Não conhecíamos as suas necessidades. Nem Ambrose nem o meu padrinho haviam compreendido o género de vida que se leva em Florença. Talvez ela fosse perdulária, mas isso seria um crime assim tão grande? Quanto à sociedade de lá, não podíamos julgá-la. O meu padrinho passara toda a sua vida numa cuidadosa poupança e concluía que, como Ambrose nunca se dera ao trabalho de gastar muito consigo, esse estado de coisas continuaria quando eu tomasse posse da herança. As minhas necessidades eram modestas, e não tinha mais desejos de despesas pessoais do que Ambrose no seu tempo, mas aquela

avareza da parte do meu padrinho provocava-me uma cólera que me incitava a fazer a minha vontade e a usar o dinheiro que era meu.

Ele acusara Rachel de dissipar a sua mesada. Pois bem, poderia acusar-me de um desperdício extravagante na minha casa. Resolvi, após o dia de Ano Novo, fazer melhoramentos na propriedade que ia ser minha. Mas não apenas nos jardins. O terraço em socacos ao longo dos campos de Barton prosseguiria, tal como as escavações e a preparação dos terrenos adjacentes que iam transformar-se num jardim de repuxos, copiado de uma gravura do livro de Rachel.

Estava igualmente determinado a fazer obras no solar. Contêntamo-nos demasiado tempo com as visitas mensais de Nat Dunn, o pedreiro da propriedade, que trepava de escada em escada até ao telhado para substituir telhas levadas por uma rajada de vento, e aí se atardava a fumar o seu cachimbo encostado a uma chaminé. Chegara o momento de refazer todo o telhado, pôr telhas novas, goteiras novas, e reforçar também as paredes danificadas por longos anos de vento e chuva. Há muito tempo que se não cuidava devidamente da casa, desde há duzentos anos, quando os senhores do Parlamento tinham provocado a desordem e os meus antepassados se haviam visto em dificuldades só para impedir que o solar tombasse em ruínas. Eu repararia as negligências do passado, e que o meu padrinho fosse para o diabo se arvorasse um ar carrancudo ao adicionar somas no seu mata-borrão.

Assim, prossegui como decidira e antes do fim de janeiro tinha quinze a vinte homens a trabalhar no telhado, ou no resto do edifício, bem como no interior, redecorando tetos e paredes segundo as minhas ordens. Dava-me profunda satisfação imaginar a cara do meu padrinho quando lhe fossem apresentadas as contas.

As obras na casa serviram-me de pretexto para não receber, pondo termo, durante algum tempo, aos jantares de domingo. Poupava-me assim à visita regular dos Pascoes e dos Kendalls, e deixei de ver o meu padrinho, como era minha intenção. Fiz igualmente espalhar a notícia, através dos tambores da selva de

Seecombe, de que Mrs. Ashley tinha dificuldade em receber visitas de momento, dada a presença de trabalhadores no salão. Vivemos, portanto, como eremitas durante esses dias de inverno e início de primavera, o que muito me agradava. O *boudoir* da tia Phoebe, como Rachel insistia em lhe chamar, tornou-se no nosso refúgio. Era aí que, ao final do dia, Rachel se sentava a costurar ou a ler, e eu a observá-la. Desde o incidente das pérolas, na véspera de Natal, havia nas suas maneiras uma nova doçura que, embora extraordinariamente reconfortante, era por vezes quase insuportável.

Creio que ela não se apercebia do seu efeito em mim. Aquelas mãos, pousadas um instante no meu ombro, ou afagando-me a cabeça ao passar junto da minha poltrona, enquanto ela continuava a falar acerca do jardim ou de qualquer outro assunto de ordem prática, faziam-me bater o coração de tal maneira que não conseguia acalmá-lo. Seguir os seus movimentos era um encanto, e às vezes eu chegava mesmo a perguntar-me se era de propósito que ela deixava a sua cadeira, se aproximava da janela, levantava a cortina e ficava um momento de mão erguida a observar o relvado, porque sabia que os meus olhos a contemplavam. Pronunciava o meu nome, Philip, com uma entoação só dela. Para os outros, fora sempre uma palavra curta e abreviada, com uma certa ênfase na letra final, mas ela atardava-se no «l», lenta e deliberadamente, proporcionando ao meu ouvido um som novo que me encantava. Em criança, eu tinha desejado chamar-me Ambrose, e creio que esse desejo permanecera até ao presente. De momento, estava satisfeito por o meu nome remontar ainda a mais longe do que o dele. Quando os homens trouxeram os tubos novos para encostar às paredes, a servir de goteiras do telhado até ao solo, senti uma estranha sensação de orgulho ao ver a pequena placa marcada com as minhas iniciais, «P. A.», por cima da data, e, mais abaixo, o leão das armas de minha mãe. Tinha a impressão de que dava algo de mim próprio ao futuro. Rachel, de pé a meu lado, tomou-me o braço

e comentou: — Até hoje nunca pensara que fosse orgulhoso, Philip. Gosto ainda mais de si por isso.

Sim, eu era orgulhoso... Mas o orgulho não enchia o vazio que sentia.

As obras continuaram, portanto, no solar e no parque, e os primeiros dias de primavera anunciaram-se com uma mescla de tormento e prazer. Os melros e os tentilhões cantavam sob as nossas janelas de manhãzinha e despertavam-nos, a Rachel e a mim. Falávamos disso ao meio-dia, quando nos encontrávamos. O sol chegava primeiro ao quarto dela, no lado oriental da casa, e, através das amplas janelas, projetava um raio de luz sobre a sua almofada. Eu recebia-o mais tarde, enquanto me vestia. Debruçava-me para contemplar os campos que se estendiam até ao mar, e via os cavalos e a charrua subirem a colina ao longe, com as gaivotas a sobrevoá-los, e, nas pastagens mais próximas de casa, as ovelhas e os cordeiros, costas com costas para se aquecerem. Abibes passavam numa pequena nuvem alada. Em breve acasalariam e o macho elevar-se-ia e desceria no seu voo de êxtase. Lá em baixo, na costa, as tarambolas assobiavam, e os ostreiros, pretos e brancos como curas, debicavam solenemente as algas em busca de pequeno-almoço. O ar tinha um gosto vivo e salgado sob o sol.

Foi numa dessas manhãs que Seecombe veio dizer-me que Sam Bate, de East Lodge, que se encontrava de cama achacado, me pedia que o fosse ver, pois tinha uma coisa importante para me dar. Seecombe deduzia que se tratasse de algo demasiado precioso para ser confiado ao filho ou à filha. Eu não liguei muito. A gente do campo gosta imenso de fazer mistérios das coisas mais insignificantes. Ainda assim, nessa tarde, subi a alameda que conduz aos portões do cruzamento dos quatro caminhos e entrei no pavilhão para lhe dar uma palavra. Sam estava sentado na cama, e estendido no cobertor diante dele via-se um dos casacos de Ambrose que nós havíamos distribuído no dia de Natal. Reconheci-o: era um casaco claro com que eu não estava familiarizado e que

Ambrose devia ter comprado no continente para os dias de muito calor.

— Bem, Sam — saudei-o eu —, lamento encontrá-lo de cama. O que se passa?

— Sempre esta velha tosse, Mr. Philip, que me ataca todas as primaveras — respondeu o homem. — Já o meu pai sofria disto, e uma primavera enterrar-me-á, como fez a ele.

— Que disparate, Sam — contrariei eu —, isso são histórias que se espalham, mas o que matou o pai não mata forçosamente o filho.

Sam Bate abanou a cabeça. — Há nisso muita verdade, Mr. Philip, e o senhor bem o sabe. Então é Mr. Ambrose e o pai dele, o velho senhor seu tio? Foi uma doença do cérebro que acabou com os dois. Não se pode nada contra a natureza. Já vi o mesmo acontecer com gado.

Não respondi, perguntando-me, ao mesmo tempo, como saberia Sam de que doença morrera Ambrose. Eu não contara a ninguém. Era incrível a maneira como os rumores se espalhavam por ali.

— Tem de mandar a sua filha pedir a Mrs. Ashley um cordial para lhe curar a tosse — aconselhei eu. — Ela tem grandes conhecimentos dessas coisas. O óleo de eucalipto é um dos seus remédios.

— Mandarei, Mr. Philip, mandarei — afirmou ele —, mas primeiro achei por bem pedir-lhe que viesse o senhor cá, por causa da carta.

Baixou a voz, e adotou um ar devidamente preocupado e solene.

— Que carta, Sam? — perguntei eu.

— Mr. Philip — começou ele —, no dia de Natal, o senhor e Mrs. Ambrose tiveram a bondade de dar a alguns de nós roupas pertencentes ao falecido patrão. E todos nós estamos muito orgulhosos delas. Ora o casaco que aqui vê em cima da cama foi-me dado a mim. — Interrompeu-se e tocou no casaco ainda com a mesma espécie de fervor com que o recebera no dia de Natal. — Eu trouxe o casaco para aqui nessa mesma noite — continuou Sam — e disse à minha filha que, se tivesse uma caixa de vidro, o meteria lá dentro, mas ela respondeu-me que me deixasse de disparates, que

o casaco fora dado para usar. Mas eu não consegui usá-lo, Mr. Philip. Parecia-me presunção da minha parte, se é que compreende o que quero dizer. Portanto guardei-o no armário, ali ao fundo, e tirava-o de vez em quando a fim de olhar para ele. Depois, quando esta tosse me atacou, e estava para aqui de cama, não sei porquê veio-me a vontade de vestir o casaco. Assim sentado na cama, tal qual me vê. É um casaco leve que não me pesa nas costas. Pu-lo portanto ontem, Mr. Philip, pela primeira vez. Foi então que encontrei a carta.

Deteve-se e, procurando debaixo da almofada, tirou de lá um sobrescrito. — O que aconteceu foi isto, Mr. Philip — explicou ele. — A carta deve ter deslizado para dentro do forro. Não se terá dado por isso ao dobrá-lo, nem ao fazer o embrulho. Só que eu, ao acariciar o casaco com as mãos, maravilhado por o ter vestido, senti um ruído e tive a ousadia de abrir o forro com um canivete. E aqui está, patrão. Uma carta, nem mais nem menos. Selada e endereçada ao senhor pelo próprio Mr. Ambrose. Conheço bem a letra dele. Fiquei muito abalado, Mr. Philip, por encontrar isto. Foi, se é que me compreende, como encontrar uma mensagem do morto.

Entregou-me a carta. Tinha razão, fora-me dirigida, e por Ambrose. Olhei para a letra tão familiar e senti um súbito aperto no coração.

— Agiu muito sensatamente, Sam — elogiei eu. — E teve razão em pedir-me para vir pessoalmente. Agradeço-lhe.

— Não tem de quê, Mr. Philips, não tem de quê, mas pensei que a carta andara ali todos estes meses e já devia estar há muito nas suas mãos. No entanto, com o pobre patrão morto, perturbou-me muito encontrá-la. E o mesmo lhe acontecerá ao lê-la, talvez. Por isso achei melhor contar-lhe eu próprio em vez de mandar a minha filha ao solar.

Agradei-lhe novamente e, depois de meter a carta no bolso de cima do casaco, conversei mais alguns minutos com ele antes de partir. Uma intuição que não sei explicar levou-me a dizer-lhe que não falasse do assunto a ninguém, nem sequer à filha. A razão que

lhe dei foi a mesma que ele citara: o respeito pelos mortos. Ele prometeu e eu saí do pavilhão.

Não regressei imediatamente a casa. Subi através dos bosques até um caminho que corre ao longo dessa parte da propriedade, contornando as terras de Trenant e a alameda arborizada. Ambrose preferia aquele passeio a qualquer outro. Era o ponto mais alto das nossas terras, se excetuarmos o farol a sul, e tinha uma bela vista sobre os bosques e o vale até ao mar. As árvores que ladeiam o caminho, plantadas por Ambrose e antes dele pelo seu pai, abrigam o passeio mas não são ainda suficientemente altas para obstruir a vista, e no mês de maio os jacintos atapetam o solo. No fim do caminho, sobranceiro aos bosques, antes de mergulhar na descida para a casa do guarda na baía, Ambrose mandara colocar um bloco de granito. «Isto», dissera-me ele, meio a rir, meio a sério, «pode servir-me de pedra tumular quando eu morrer. Pensa em mim aqui, em vez de no jazigo de família com os outros Ashleys.»

Mal sabia ele, quando o colocara ali, que também não repousaria no jazigo da família, mas sim no cemitério protestante de Florença. Tinha mandado gravar nesse granito o nome dos países por onde viajara, e um verso jocoso que nos fazia rir quando o líamos juntos. Apesar de todas as brincadeiras, creio que era essa a vontade do seu coração; e, durante o último inverno em que ele estivera ausente, eu subira com frequência o caminho dos bosques para me atardar ao lado do bloco de granito e contemplar a paisagem que ele amava tanto.

Quando ali cheguei nesse dia, parei um instante com as mãos no granito, sem conseguir tomar uma decisão. Por baixo de mim, o fumo subia encaracolado da casa do guarda, e o seu cão, acorrentado durante a sua ausência, ladrava de vez em quando sem motivo, ou talvez porque o som dos seus ganidos lhe fizesse companhia. O esplendor do dia fora-se e arrefecera. Tinham surgido nuvens no céu. Ao longe, eu via o gado regressando das colinas de Lankelly para ir beber aos pântanos. Para lá dos pântanos, na baía, o mar, abandonado pelo sol, adquirira um tom cinzento de ardósia.

Um vento ligeiro soprava do largo, agitando as folhas das árvores aos meus pés.

Sentei-me ao lado do bloco e, tirando a carta de Ambrose do bolso, pousei-a no joelho, virada para baixo. O selo vermelho olhava-me, marcado pelo seu anel com uma cabeça de gralha. O sobrescrito não era pesado. Não continha nada. Nada senão uma carta que eu não desejava abrir. Não sei que pressentimento me retinha, que instinto cobarde me incitava a esconder a cabeça na areia como uma avestruz. Ambrose estava morto e o passado morrera com ele. Eu tinha a minha própria vida a viver, a minha própria vontade a seguir. Porventura haveria novamente nesta carta menção a esse outro assunto que eu optara por esquecer. Se Ambrose acusara Rachel de ser perdulária, poderia agora, talvez com maioria de razão, usar o mesmo epíteto em relação a mim. Eu devia ter gasto mais no solar em poucos meses do que ele durante anos. Não sentia que o tivesse traído.

Mas não ler a carta... O que diria ele disso? Se eu agora a rasgasse em pedaços, os espalhasse ao vento e nunca tomasse conhecimento do seu conteúdo, condenar-me-ia ele? Balucei-a na mão. Ler ou não ler; desejei ardentemente não ter de fazer essa escolha. Dentro de casa, a minha lealdade pertencia a Rachel. No *boudoir*, os olhos pousados no seu rosto, nas suas mãos, contemplando aquele sorriso, ouvindo a sua voz, não havia carta que me pesasse na consciência. Todavia ali, nos bosques, junto ao bloco de granito onde tantas vezes havíamos estado juntos, ele e eu, Ambrose apoiado na mesma bengala que eu trazia agora, usando este mesmo casaco, ali prevalecia ele. Semelhante a um garoto que reza para que esteja bom tempo no seu aniversário, pedi a Deus que a carta não contivesse nada que me perturbasse e abri-a. Estava datada de abril do ano anterior, e fora portanto escrita três meses antes da sua morte.

«Meu querido rapaz,

Se as minhas cartas têm sido pouco frequentes, não é porque não pense em ti. Talvez mais do que nunca, nestes últimos meses, tens estado

nos meus pensamentos. Mas uma carta pode perder-se ou ser lida por outros, e eu não desejaria que tal acontecesse; portanto não escrevi ou, quando o fiz, sei que pouco disse. Estive doente, com febre e fortes dores de cabeça. Estou melhor. Mas durante quanto tempo, não sei. A febre pode voltar e as dores de cabeça também, e quando elas me assaltam não sou responsável pelo que digo ou faço. Isso é certo.

O que ainda não é certo é a causa delas. Philip, meu querido rapaz, estou muito apouquentado. É dizer pouco. Estou numa agonia de espírito. Escrevi-te este inverno, creio, mas adoeci pouco depois e não recordo o que aconteceu à carta; posso bem, com o humor que me possuía, tê-la destruído. Creio que aí te falava do defeito que nela descobri e tanta preocupação me causa. Se é ou não hereditário, não sei, mas assim creio, e creio igualmente que a perda do nosso filho, apenas com alguns meses de gestação, lhe fez um mal irreparável.

Isto, a propósito, não o mencionara eu nas minhas cartas; estávamos ambos ainda muito abalados na altura. Pela minha parte, tenho-te a ti e estou consolado. Mas estas coisas tocam mais fundo numa mulher. Ela fizera planos e projetos, como podes imaginar, e quando, após quatro meses e meio, tudo se desmoronou e o médico lhe disse que não poderia ter outro, ficou gravemente transtornada, mais profundamente do que eu. Poderia jurar que foi a partir daí que as suas maneiras se alteraram. A irresponsabilidade com dinheiro aumentou de forma progressiva, e apercebi-me de uma tendência para a evasiva, para mentiras, um certo afastamento de mim totalmente oposto à sua natureza calorosa de quando nos casámos. À medida que os meses passavam, apercebi-me de que ela se virava cada vez mais para esse homem que já referi nas minhas cartas, o signor Rainaldi, um amigo e suponho que advogado de Sangalletti, pedindo-lhe conselhos em vez de os pedir a mim. Estou convencido de que este homem exerce nela uma influência perniciosa. Desconfio que está apaixonado por ela há anos, mesmo quando Sangalletti vivia, e, embora não acredite nem por um momento que ela tenha jamais pensado nele dessa maneira até há pouco tempo, agora, desde que alterou a sua atitude para comigo, não posso ter tanta certeza. Há uma sombra no seu olhar, um tom na sua voz, quando se pronuncia o nome desse homem, que desperta em mim a mais terrível suspeita.

Educada como foi por pais sem princípios, tendo levado, antes e mesmo durante o seu primeiro casamento, uma vida de que ambos preferimos não falar, tenho sentido com frequência que as suas regras de conduta são

diferentes daquelas por que nós nos regemos. Os laços do casamento não são talvez tão sagrados. Desconfio, de facto tenho provas disso, que ele lhe dá dinheiro. O dinheiro, Deus me perdoe por dizer isto, é de momento o único caminho para o seu coração. Acredito que, se não tivéssemos perdido a criança, nada disto aconteceria; e lamento do fundo do coração ter dado ouvidos ao médico que na época desaconselhou as viagens, não a tendo levado para casa. Estaríamos presentemente contigo, e satisfeitos os três.

Em certos momentos, ela parece voltar à sua verdadeira natureza e tudo corre bem, tão bem que tenho a impressão de ter tido um pesadelo e de despertar para a felicidade dos primeiros meses do nosso casamento. Depois, com uma palavra ou um gesto, tudo se perde de novo. Desço ao terraço e encontro aí Rainaldi. Ao verem-me, calam-se ambos. Não posso deixar de interrogar-me sobre o que fariam. Uma vez em que ela entrou na villa, deixando-me só com Rainaldi, ele fez-me uma pergunta abrupta acerca do meu testamento, que vira por acaso aquando do nosso casamento. Disse-me que, tal como estava, caso eu morresse deixaria a minha mulher desprotegida. O que eu sabia, tendo aliás, para corrigir essa lacuna, redigido um novo testamento que teria assinado perante testemunhas caso tivesse a certeza de que o seu esbanjamento era fruto de uma disposição passageira e não algo profundamente enraizado.

A propósito, esse novo testamento dar-lhe-ia apenas o usufruto vitalício do solar e da propriedade, os quais voltariam para ti por ocasião da sua morte, com a cláusula de que deixava inteiramente nas tuas mãos a administração da propriedade.

Continua por assinar, pelas razões que te disse.

Note-se que foi Rainaldi quem me fez perguntas acerca do testamento, foi Rainaldi quem me chamou a atenção para as omissões do que é válido atualmente. Ela, a mim, não fala nisso. Mas falarão quando estão juntos? O que dizem um ao outro quando eu não estou presente?

Esta questão do testamento deu-se em março. É facto que eu estava doente, e quase cego com dores de cabeça, e pode ser que Rainaldi tenha abordado o assunto, à sua maneira fria e calculista, pensando que eu ia morrer. É possível. É possível que não discutam isso entre eles. Não tenho maneira de descobrir. Atualmente, surpreendo com demasiada frequência os seus olhos pousados em mim, vigilantes e estranhos. E, quando a abraço, dir-se-ia que ela tem medo. Medo de quê, de quem?

Há dois dias — e chegamos assim à razão desta carta — tive um novo acesso daquela mesma febre que me debilitou em março. O ataque é súbito. Assaltam-me dores e náuseas, às quais se sucede rapidamente uma grande excitação do meu cérebro que me arrasta quase à violência, e mal me posso ter de pé devido ao torpor de corpo e espírito. Isso passa por sua vez, e sou invadido por uma intolerável sonolência que me faz cair por terra, ou na cama, completamente prostrado. Não me lembro que tal tenha acontecido ao meu pai. As dores de cabeça, sim, e certos acessos de mau humor, mas não os outros sintomas.

Philip, meu rapaz, o único ser no mundo em quem posso confiar, diz-me o que significa isto e, se puderes, vem ter comigo. Não digas nada a Nick Kendall. Não digas nada a ninguém. Acima de tudo, nem uma palavra de resposta; vem apenas.

Um pensamento me persegue, não me deixando ter paz. Estarão eles a tentar envenenar-me?

Ambrose.»

Voltei a dobrar a carta pelos mesmos vincos. No jardim, lá em baixo, o cão parara de ladrar. Ouvi o guarda abrir a cancela e o cão acolhê-lo com latidos. Ouvi vozes no chalé, o ruído de um balde, o fechar de uma porta. Das árvores que cobriam as colinas à minha frente, ergueram-se gralhas que descreveram um círculo, crocitando, deslocando-se como uma nuvem escura para os cumes de outras árvores, para lá dos pântanos.

Não rasguei a carta. Cavei um buraco junto ao bloco de granito. Meti-a dentro da minha carteira e enterrei esta bem fundo na terra negra. Depois alisei o solo com as mãos. Afastei-me, desci a colina e atravessei os bosques até à alameda. Ao subir do outro lado em direção a casa, ouvi os risos e conversas dos operários que regressavam do trabalho. Detive-me um momento, vendo-os afastarem-se através do parque. Os andaimes colocados nas paredes onde eles tinham trabalhado todo o dia pareciam sombrios e nus.

Entrei pela porta das traseiras atravessando o pátio e, ao ressoar dos meus passos no pavimento, Seecombe veio ao meu encontro da sala do intendente, com a consternação estampada no rosto.

— Ainda bem que voltou, Mr. Philip — disse ele. — A senhora já perguntou por si várias vezes. O pobre *Don* teve um acidente. Ela está muito preocupada.

— Um acidente? — repeti eu. — O que aconteceu?

— Soltou-se uma grande ardósia do telhado e esta caiu-lhe em cima — respondeu ele. — O patrão sabe como ele se tornou surdo e como detestava deixar o seu lugar ao sol, debaixo da janela da biblioteca. A telha deve ter-lhe caído nas costas. Não consegue mover-se.

Dirigi-me à biblioteca. Rachel estava ajoelhada no chão, com a cabeça de *Don* no colo. Ergueu os olhos à minha entrada. — Eles mataram-no — exclamou ela —, está moribundo. Por que razão ficou fora tanto tempo? Se aqui estivesse, isto não teria acontecido.

As suas palavras despertaram na minha mente como que o eco de uma coisa há muito esquecida. Mas não consegui recordar o quê. Seecombe saiu, deixando-nos sós. As lágrimas que enchiam os olhos de Rachel escorreram-lhe pelas faces. — *Don* pertencia-lhe — disse ela —, era particularmente seu. Cresceram juntos. Não suporto vê-lo morrer.

Fui sentar-me no soaio, a seu lado, e apercebi-me de que não pensava na carta enterrada sob a rocha de granito, nem no pobre *Don* moribundo, ali estendido entre nós, inerte e silencioso. Só pensava numa coisa. Era a primeira vez desde a sua chegada a minha casa que ela chorava não por Ambrose, mas por mim.

CAPÍTULO XIX

Velámos *Don* durante todo o serão. Eu jantei, mas Rachel não quis comer nada. Pouco antes da meia-noite, ele morreu. Levei-o e tapei-o com uma manta; enterrá-lo-íamos de manhã no viveiro. Quando regressei, a biblioteca estava vazia e Rachel fora para cima. Percorri o corredor até ao *boudoir* e encontrei-a sentada em frente à lareira, de olhos húmidos.

Sentei-me ao lado dela e peguei-lhe nas mãos. — Penso que ele não sofreu — tentei eu consolá-la. — Creio que não teve dores.

— Passaram quinze longos anos — murmurou ela — desde que o rapazinho abriu a empada no dia do seu décimo aniversário. Não deixei de pensar na história durante todo o tempo em que ele ali esteve com a cabeça no meu colo.

— Dentro de três semanas será de novo o meu aniversário. Farei vinte e cinco anos. Sabe o que acontece nesse dia?

— Todos os desejos lhe serão concedidos — retorquiu ela —, pelo menos era o que a minha mãe me dizia quando eu era criança. O que vai desejar, Philip?

Não respondi imediatamente. Fixava o lume, tal como ela.

— Não posso saber antes de o dia chegar — disse eu.

A sua mão, ornada de anéis, repousava, branca e imóvel, na minha.

— Quando eu fizer vinte e cinco anos — prossegui —, o meu padrinho deixará de ter qualquer controlo sobre a herança. Será minha e poderei fazer dela o que me apetecer. O colar de pérolas, as outras joias que estão no banco, poderei dar-lhas todas.

— Não — interrompeu ela —, eu não as aceitaria, Philip. Devem ficar guardadas para a sua mulher, para quando se casar. Sei que, por enquanto, não deseja casar-se, mas talvez um dia mude de opinião.

Eu sabia perfeitamente o que ansiava por dizer-lhe, mas não ousei. Inclinei-me, beijei-lhe a mão e depois afastei-me.

— É apenas devido a um erro que essas joias não lhe pertencem — observei eu. — E não só as joias, mas tudo: esta casa, o dinheiro, a propriedade. Sabe-o perfeitamente.

Ela pareceu perturbada. Desviou o olhar do lume e recostou-se na poltrona. A sua mão começou a brincar com os anéis.

— Não serve de nada discutirmos isso — comentou ela. — Se houve um erro, aceitei-o.

— A Rachel talvez, mas eu não.

Levantei-me, de costas para a lareira, e baixei os olhos para ela. Sabia agora o que queria fazer, e ninguém poderia impedir-me.

— O que quer dizer? — indagou ela, com aquela mesma sombra de perturbação ainda no olhar.

— Não interessa — respondi —, saberá daqui a três semanas.

— Daqui a três semanas — disse ela —, depois do seu aniversário, terei de o deixar, Philip.

Proferira-as finalmente, aquelas palavras que eu receava. Mas, agora que a minha mente formulara um plano, talvez elas não tivessem importância.

— Porquê? — perguntei-lhe.

— Já permaneci demasiado tempo — respondeu ela.

— Diga-me uma coisa — pedi eu. — Supondo que Ambrose fizera um testamento deixando-lhe o usufruto vitalício de todos os seus bens, com uma cláusula estipulando que fosse eu a administrar a propriedade, o que teria feito?

O seu olhar desviou-se de mim e fixou-se novamente no lume.

— O que teria eu feito? O que quer dizer com isso?

— Ficaria a viver aqui? — perguntei eu. — Expulsar-me-ia?

— Expulsá-lo? — exclamou ela. — Da sua própria casa? Philip, como pode perguntar-me uma coisa dessas?

— Então teria ficado? Viveria aqui, nesta casa, e, em certo sentido, empregar-me-ia para gerir os seus negócios? Habitaríamos juntos no solar, como acontece neste momento?

— Sim — disse ela —, sim, suponho que sim. Nunca pensei nisso. Mas seria muito diferente. Não pode fazer comparações.

— Diferente em quê?

Ela fez um gesto de mãos. — Como poderei explicar-lhe? Não compreende que a minha posição atual é insustentável, simplesmente porque sou mulher? O seu padrinho seria o primeiro a concordar comigo. Ele não disse nada, mas tenho a certeza de que acha que chegou a altura de eu partir. Seria muito diferente se a casa fosse minha e o Philip, no sentido em que o diz, meu empregado. Eu seria Mrs. Ashley e o Philip o meu herdeiro. Presentemente, é Philip Ashley e eu sou uma parente que vive da sua bondade. Há um mundo de diferença, querido, entre as duas situações.

— Precisamente — concordei eu.

— Então não falemos mais disto — rematou ela.

— Falemos, sim — contrapus eu —, porque o assunto é tremendamente importante. O que aconteceu ao testamento?

— Que testamento?

— O testamento que Ambrose redigiu, mas nunca assinou, e em que lhe legava todos os seus bens?

Vi a ansiedade aumentar nos seus olhos.

— Como sabe da existência desse testamento? Eu nunca lhe falei nisso.

Teria de arranjar uma mentira como desculpa, e foi o que fiz.

— Sempre soube que deveria haver um — respondi —, mas que não chegara a ser assinado e, portanto, de um ponto de vista legal, seria nulo. Vou mesmo mais longe. Estou convencido de que o tem consigo.

Era um tiro no escuro, mas atingiu o alvo. O seu olhar desviou-se instintivamente para a pequena escrivaninha encostada à parede, depois voltou a pousar em mim.

— O que tenta levar-me a dizer?

— Apenas que confirme a sua existência — declarei eu.

Ela hesitou e depois encolheu os ombros.

— Sim, efetivamente — retorquiu —, mas isso não altera nada. O testamento nunca foi assinado.

— Posso vê-lo? — pedi.

— Para quê, Philip?

— Tenho as minhas razões. Acho que pode confiar em mim.

Ela olhou-me longamente. Estava visivelmente perplexa, e também, creio, ansiosa. Levantou-se, dirigiu-se à escrivaninha e depois, hesitante, voltou a fitar-me.

— Porquê tudo isto assim de repente? Porque não podemos deixar o passado em paz? O Philip prometeu que o faríamos, naquela noite na biblioteca.

— A Rachel prometeu que ficaria — retorqui eu.

Entregar-mo ou não, a escolha pertencia-lhe. Recordei a escolha que eu fizera nessa tarde, junto ao bloco de granito. Eu escolhera, para o melhor e para o pior, ler a carta. Era o momento de também ela tomar uma decisão. Aproximou-se da escrivaninha e, pegando numa pequena chave, abriu uma gaveta. Tirou de lá um papel que me estendeu.

— Leia, se quer — disse.

Levei o papel até à luz das velas. Era a letra de Ambrose, clara e firme, mais firme do que na carta que eu lera nessa tarde. Estava datado de novembro de um ano antes, sete meses após o seu casamento com Rachel. Tinha, à laia de título, «Últimas Vontades e Testamento de Ambrose Ashley». O conteúdo era exatamente o que ele me dissera na carta. Os seus bens eram deixados a Rachel, em usufruto vitalício, passando por ocasião da sua morte para o mais velho dos filhos que pudessem vir a ter e, no caso de não existirem filhos, para mim, com a cláusula de que eu administraria a propriedade enquanto ela fosse viva.

— Posso fazer uma cópia disto?

— Faça o que quiser — acedeu ela. Parecia pálida e ausente, como que indiferente. — Tudo isso está arrumado, Philip, não adianta falar mais no assunto.

— Vou ficar com ele um tempo, e fazer também uma cópia — declarei eu. Sentei-me à escrivaninha, peguei em papel e pena e

comecei a copiá-lo. Ela permaneceu na sua poltrona, com a cara apoiada na mão.

Precisava de confirmar tudo o que Ambrose me contara na carta e, embora odiando as palavras que proferia, forcei-me a interrogá-la. Continuei a escrever apressadamente com a pena: copiar o testamento era mais um pretexto do que outra coisa, e servia o seu objetivo permitindo-me não a olhar.

— Vejo que Ambrose datou isto de novembro — disse eu. — Faz alguma ideia da razão por que ele escolheu esse mês para redigir um novo testamento? Tinham-se casado em abril.

A sua resposta veio lentamente; e eu imaginei de súbito como deve sentir-se um cirurgião ao sondar uma ferida ainda mal cicatrizada.

— Não sei por que razão ele o redigiu em novembro. Nenhum de nós pensava em morte nesse momento. Muito pelo contrário. Foi a época mais feliz dos dezoito meses que passámos juntos.

— Sim — assenti eu, pegando noutra folha de papel —, ele escreveu a contar-me — Ouvi-a mexer-se na poltrona e virar-se para me fitar. Mas continuei a escrever.

— Ambrose contou-lhe? — admirou-se ela. — Mas eu pedi-lhe que não o fizesse, receei que não compreendesse e pudesse sentir-se de algum modo lesado, o que seria muito natural. Ele prometeu guardar segredo. E depois acabou por não ter importância.

A voz era neutra, sem expressão. Afinal, talvez quando o cirurgião sondasse a ferida o doente lhe dissesse nesse tom que não lhe doía. Na carta enterrada sob o granito, Ambrose dissera: «Estas coisas tocam mais fundo numa mulher.» Apercebi-me de súbito que escrevera as palavras «acabou por não ter importância... acabou por não ter importância...» Rasguei a folha e recomecei.

— E afinal — observei eu — o testamento acabou por não ser assinado.

— Não — disse ela —, Ambrose deixou-o tal como o vê.

Eu terminara de escrever. Dobrei o testamento e a cópia que fizera, e meti os dois no bolso onde, horas antes, estivera a carta

dele. Depois fui ajoelhar-me ao lado da poltrona de Rachel e abracei-a, não como a uma mulher, mas como a uma criança.

— Rachel — perguntei —, porque é que Ambrose não assinou o testamento?

Ela manteve-se imóvel, mas não se afastou. Só a mão, pousada no meu ombro, se crispou bruscamente.

— Diga-me — insisti —, diga-me, Rachel.

A voz que me respondeu era fraca e longínqua, não mais do que um murmúrio ao meu ouvido.

— Nunca soube — disse ela —, não voltámos a falar nisso. Mas penso que, quando ele compreendeu que eu, afinal, não poderia ter filhos, perdeu a confiança em mim. Embora Ambrose nunca se desse conta disso, houve uma espécie de fé que morreu.

Ajoelhado assim, abraçado a ela, pensei na carta encerrada na minha carteira sob o bloco de granito, com aquela mesma acusação feita por outras palavras, e perguntei-me como era possível a dois seres que se haviam amado enganarem-se assim a respeito um do outro e, sofrendo um desgosto comum, afastarem-se um do outro. Devia haver qualquer coisa na natureza do amor entre um homem e uma mulher que os impelia ao tormento e à desconfiança. — Então sentiu-se infeliz?

— Infeliz? — repetiu ela. — O que acha? Quase enlouqueci.

E eu imaginei-os, sentados no terraço da *villa*, tendo entre eles aquela estranha sombra provocada unicamente pelas suas próprias dúvidas e pelos seus próprios receios, e pareceu-me que os germes dessa sombra remontavam além de todo o conhecimento e nunca se lhes encontraria a origem. Talvez, inconscientemente, ele condenasse o seu passado com Sangalletti e mesmo antes, censurando-lhe essa vida que não partilhara, enquanto ela, com igual ressentimento, receava que ele deixasse de a amar por não poder ter filhos. Que pouco ela compreendera afinal Ambrose. E como ele a conhecera mal. Eu poderia falar-lhe do conteúdo da carta sob a rocha, mas seria inútil. O mal-entendido era demasiado profundo.

— Portanto, o facto de o testamento ter sido posto de lado e nunca assinado deveu-se a um erro? — observei eu.

— Pode chamar-lhe «um erro», se quiser — retorquiu ela —, agora já não interessa. Mas, pouco depois, os seus modos alteraram-se e ele próprio mudou. Começaram aquelas enxaquecas que quase o cegavam. Levaram-no, uma ou duas vezes, quase à violência. Eu perguntava-me até que ponto seria eu a causa disso, e tinha medo.

— E não tinha amigos?

— Apenas Rainaldi. E ele nunca soube o que eu lhe contei esta noite.

Aquele rosto duro e frio, aqueles olhos sombrios e penetrantes. Não podia censurar Ambrose por desconfiar dele. Todavia, como era possível Ambrose, que era seu marido, sentir-se tão pouco seguro de si? Decerto um homem devia saber quando uma mulher o amava. Mas talvez nem sempre se percebesse.

— E quando Ambrose adoeceu — prossegui eu — deixou de convidar Rainaldi para vossa casa?

— Não ousava — respondeu ela. — O Philip nunca compreenderá como Ambrose se transformou e não desejo contar-lho. Por favor, Philip, não me pergunte mais nada.

— Ambrose desconfiava... de quê?

— De tudo. De infidelidade, e pior ainda.

— O que pode ser pior do que a infidelidade?

De súbito ela afastou-me, levantou-se e dirigiu-se para a porta, que abriu. — Nada — afirmou —, nada no mundo. Agora vá-se embora, deixe-me só.

Ergui-me lentamente e parei à porta, junto dela.

— Peço-lhe que me desculpe. Não queria fazer com que se zangasse.

— Não estou zangada — disse ela.

— Nunca mais lhe farei perguntas — prometi. — Estas foram as últimas. Dou-lhe a minha palavra.

— Obrigada.

Tinha o rosto muito pálido, as feições contraídas. A voz era fria.

— Tive uma razão para as fazer — elucidei eu. — Sabê-la-á dentro de três semanas.

— Eu não lhe peço razões, Philip — disse ela —, tudo o que lhe peço é que saia.

Não me beijou, nem me ofereceu a mão. Curvei-me e saí. Contudo, um instante antes, ela permitira que me ajoelhasse a seu lado e a abraçasse. Porquê essa mudança súbita? Se Ambrose conhecia mal as mulheres, eu ainda as conhecia pior. Aquela ternura inesperada que apanha um homem desprevenido e o ergue ao sétimo céu, e depois, bruscamente e sem motivo, a alteração de humor que o atira de novo para o seu lugar. Que sequência de pensamentos confusos e indiretos lhes atravessa as mentes, turvando-lhes o raciocínio? Que vagas de impulsos as invade, levando-as à cólera e ao recuo, ou a uma repentina generosidade? Nós somos sem dúvida diferentes, com a nossa compreensão mais obtusa, os nossos movimentos lentos e precisos, enquanto elas, erráticas e instáveis, giram segundo os ventos da fantasia.

Na manhã seguinte, ao descer para o pequeno-almoço, ela mostrou-se de novo amável e doce; não fez qualquer referência à nossa conversa da véspera. Enterrámos o pobre *Don* no viveiro, num local um pouco à parte, à entrada da álea de camélias, e eu contornei a sepultura com um círculo de pedras. Não falámos daquele décimo aniversário em que Ambrose mo oferecera, nem do vigésimo quinto que se aproximava. Mas, no dia seguinte, levantei-me cedo, mandei selar *Gypsy* e dirigi-me a Bodmin. Fui ao escritório de um advogado, um homem chamado Wilfred Tewin, que tratava dos assuntos de grande parte das pessoas do condado mas nunca se encarregara de negócios para os Ashleys, uma vez que o meu padrinho recorria aos seus advogados, em St. Austell. Expliquei-lhe que me surgira um assunto extremamente urgente e privado e que desejava que redigisse um documento com a linguagem adequada e forma legal que me permitisse transmitir toda a minha fortuna para

a minha prima, Mrs. Rachel Ashley, a partir do dia 1 de abril, data em que a dita fortuna seria legalmente minha.

Mostrei-lhe o testamento que Ambrose não assinara e expliquei que apenas uma doença súbita, seguida da sua morte, impedira Ambrose de o assinar. Disse-lhe para incorporar no documento muito do que Ambrose escrevera, nomeadamente que por ocasião da morte de Rachel os bens passariam para mim, e que durante a sua vida eu ficaria encarregado de administrar a propriedade. Caso eu morresse primeiro, a herança passaria, como de direito, para os meus segundos primos de Kent, mas apenas após a morte de Mrs. Rachel Ashley, e nunca antes. Tewin apreendeu rapidamente aquilo que eu desejava e creio que, não sendo grande amigo do meu padrinho — o que era em parte a razão pela qual eu o procurara —, se sentiu lisonjeado por um assunto tão importante lhe ter sido confiado.

— Deseja incluir uma cláusula salvaguardando as terras? — perguntou ele. — Com a presente redação, Mrs. Ashley poderia vender qualquer parte que quisesse, o que me parece imprudente se o senhor deseja passar o legado intacto aos seus herdeiros.

— Sim — anuí, lentamente —, é melhor incluir uma cláusula proibindo a venda. Isso, como é evidente, aplicar-se-á igualmente ao solar.

— Há joias de família e outros objetos pessoais, não é verdade? — perguntou ele. — Quais as disposições quanto a isso?

— Isso — declarei eu — será dela, podendo dispor deles como lhe aprouver.

Ele leu-me o rascunho do documento e eu não achei nada que devesse alterar.

— Outra coisa — retomou ele. — Não previmos nada para o caso de Mrs. Ashley voltar a casar-se.

— É pouco provável que isso aconteça.

— Talvez — anuiu ele —, mas ainda assim tal eventualidade devia ser prevista.

Fitou-me interrogativamente, a pena suspensa no ar.

— A sua prima é uma senhora ainda relativamente jovem, não é?
— insistiu. — Isso deve ser tido em conta.

Pensei de repente, com horror, no velho St. Ives, que habitava no outro extremo do condado e nas observações jocosas que Rachel fizera.

— No caso de ela voltar a casar-se — disse eu vivamente —, os bens reverterem de novo para mim. Isso é muito claro.

Ele tomou um apontamento no papel e releu o rascunho.

— E deseja que o documento esteja pronto e em devida forma no dia 1 de abril, Mr. Ashley?

— Agradeço-lhe. É o meu aniversário e os bens passam a pertencer-me inteiramente nesse dia. Ninguém poderá levantar objeções.

Ele dobrou o papel e sorriu-me.

— Está a fazer uma coisa muito generosa — observou —, dando tudo no momento em que se torna seu.

— Nunca teria sido meu — contrariei — se o meu primo, Ambrose Ashley, tivesse assinado esse documento.

— Mesmo assim — insistiu ele —, duvido que alguma vez se tenha feito uma coisa semelhante. Certamente não na minha vida profissional, nem que eu tenha conhecimento. Presumo que não queira que se saiba nada acerca disto antes desse dia?

— Absolutamente nada. O assunto é um grande segredo.

— Muito bem, então, Mr. Ashley. E agradeço-lhe a confiança que depositou em mim. Estou ao seu inteiro dispor caso decida consultar-me no futuro acerca de qualquer assunto.

Acompanhou-me à saída com grandes vénias, prometendo que o documento me seria entregue no dia 31 de março.

Regressei a casa com um sentimento de exaltação profundo. Perguntei-me se o meu padrinho teria uma apoplexia ao saber a novidade. Não me importava. Não lhe desejava mal nenhum, uma vez liberto da sua jurisdição, mas dera-lhe bem a volta. Quanto a Rachel, já não poderia abandonar a sua propriedade e ir instalar-se em Londres. O seu argumento da noite anterior não faria sentido. Se

ela pusesse objeções à minha presença no solar, muito bem, instalar-me-ia no pavilhão e visitá-la-ia diariamente para receber instruções. Apresentar-me-ia diante dela de boné na mão, com Wellington, Tamlyn e os outros, esperando ordens. Creio que se fosse um garotinho teria dado uma cambalhota por pura alegria de viver. Assim, limitei-me a lançar *Gypsy* por cima de um talude, e quase levava um tombo ao aterrar do outro lado com um baque surdo. Os ventos de março punham-me louco; teria querido cantar alto, mas fui incapaz de recordar uma canção. As sebes estavam verdes e os salgueiros em botão, e toda a massa dos tojos florescia em tons de ouro e mel. Era um dia de embriaguez e exaltação.

Quando regressei, a meio da tarde, e cavalguei pela alameda das carruagens até casa, vi uma diligência parada diante da porta. Era um espetáculo inusitado, porque quando alguém visitava Rachel vinha sempre na sua própria carruagem. As rodas e a diligência estavam cobertas de pó, como após uma longa viagem por estrada, e nem o veículo nem o condutor me eram familiares. Virei a montada ao avistá-los e dei a volta até aos estábulos, mas o rapaz que veio pegar em *Gypsy* não sabia mais do que eu acerca dos visitantes, e Wellington não se achava presente.

Não vi ninguém no vestíbulo mas, avançando silenciosamente para o salão, ouvi vozes por trás da porta fechada. Decidi não subir por ali para o meu quarto e usar antes a escada de serviço, nas traseiras. Mas, justamente quando ia retroceder, a porta abriu-se e Rachel, rindo ainda meio virada para dentro, saiu para o vestíbulo. Parecia animada e feliz, e trazia aquele ar radioso que lhe era tão característico quando estava alegre.

— Philip, já chegou! — exclamou ela. — Venha até ao salão, tenho uma visita a que não escapará. Veio de muito longe para nos ver aos dois. — Sorridente, tomou-me o braço e arrastou-me, relutante, para dentro. Ao ver-me, um homem que ali estava sentado ergueu-se da sua poltrona e avançou para mim de mão estendida.

— Não me esperava — disse ele — e apresento-lhe as minhas desculpas. Mas eu também não o esperava quando o vi pela primeira vez.

Era Rainaldi.

CAPÍTULO XX

Não sei se o meu rosto mostrou os meus sentimentos tão claramente como o meu coração os sentiu, mas creio que sim, porque Rachel apressou-se a intervir, dizendo a Rainaldi que eu passava o tempo fora de casa, a cavalo ou a pé, sem ela nunca saber onde, e que não tinha horas certas para regressar. — Philip trabalha mais arduamente do que os seus próprios camponeses — declarou ela —, e conhece muito melhor do que eles cada metro da sua propriedade.

Mantivera a mão no meu braço, como que a exhibir-me ao visitante, da maneira que uma professora faria com uma criança amuada.

— Cumprimento-o pela sua bela propriedade — elogiou Rainaldi. — Não me admira que a sua prima Rachel se tenha prendido tanto a ela. Nunca a vi com tão bom aspeto.

Os seus olhos, aqueles olhos que eu recordava tão nitidamente, inexpressivos e de pálpebras pesadas, detiveram-se nela um momento e depois voltaram a mim.

— O ar aqui deve ser mais favorável ao repouso do espírito e do corpo do que o nosso ar mais ardente de Florença — comentou ele.

— A minha prima — observei eu — tem as suas origens nesta região. Apenas regressou ao lugar a que pertence.

Ele sorriu, se tal se poderia chamar ao leve movimento que perpassou pelo seu rosto, e dirigiu-se a Rachel. — Depende de qual o laço de sangue que é mais forte, não é verdade? O seu jovem parente esquece que a sua mãe era originária de Roma. E, posso acrescentar, que cada vez se parece mais com ela.

— Apenas no rosto, espero — retorquiu Rachel —, não na figura nem no carácter. Philip, Rainaldi pretende instalar-se numa hospedaria, na que lhe aconselharmos, não é difícil de contentar, mas eu já lhe disse que tal não fazia sentido. Podemos certamente oferecer-lhe quarto aqui, não é verdade?

O coração caiu-me aos pés perante tal sugestão, mas não podia recusar.

— Com certeza — anuí. — Vou imediatamente dar ordens e também mandar embora a diligência, uma vez que não necessitará mais dela.

— Trouxe-me de Exeter — informou Rainaldi. — Vou pagar ao homem, e depois alugarei outra para regressar a Londres.

— Tem muito tempo para resolver isso — disse Rachel. — Agora que aqui está, tem de ficar pelo menos alguns dias, para poder ver tudo. Além disso, temos muitas coisas a discutir.

Abandonei o salão a fim de dar ordens para prepararem um quarto — havia um, grande e despojado, no lado ocidental da casa, que lhe conviria perfeitamente — e subi lentamente ao meu quarto a fim de tomar banho e vestir-me para jantar. Da minha janela, vi Rainaldi sair e pagar ao cocheiro e depois, com ar aprovador, atardar-se um momento no meio do caminho, olhando em volta. Tive a sensação de que, com um olhar, calculara o preço da madeira, avaliara o valor das árvores e dos arbustos, e vi-o igualmente examinar as figuras gravadas na porta de entrada, afagando-as com a mão. Rachel devia ter ido juntar-se-lhe, pois ouvi o seu riso antes de começarem ambos a falar italiano. A porta fechou-se. Eles tinham entrado.

Quase me apeteceu ficar no quarto e não descer, mandar John trazer-me uma bandeja com o jantar. Se tinham tanto que conversar, estariam mais à vontade sem mim. Todavia, eu era o anfitrião e não podia mostrar-me indelicado. Tomei banho lentamente, vesti-me relutantemente e, ao descer, encontrei Seecombe e John atarefados na sala de jantar, que nós não havíamos usado desde que os painéis tinham sido limpos e o teto reparado. As melhores pratas encontravam-se sobre a mesa, e toda a parafernália reservada às visitas de cerimónia havia saído dos armários.

— Não havia necessidade desta tralha toda — disse eu a Seecombe —, poderíamos muito bem ter comido na biblioteca.

— A senhora deu ordens, Mr. Philip — respondeu Seecombe, muito digno, e ouvi-o dizer a John para ir buscar a toalha de renda que não usávamos nem sequer nos jantares de domingo.

Acendi o cachimbo e saí para o parque. A tarde primaveril continuava luminosa, e o crepúsculo não chegaria antes de passar uma hora ou mais. No entanto, as velas estavam acesas no salão, embora as cortinas ainda não tivessem sido corridas. Também no quarto azul as velas estavam acesas, e vi Rachel passar várias vezes diante da janela enquanto se arranjava. Teria sido um serão no *boudoir* se estivéssemos sozinhos, eu embalando-me com o conhecimento do que fizera em Bodmin, e ela, de bom humor, contando-me o seu dia. Agora não haveria nada disso. Haveria luzes no salão, animação na sala de jantar, conversas entre os dois acerca de coisas que não me diziam respeito; e, sobrepondo-se a tudo, o sentimento instintivo de repulsa que me inspirava aquele homem, e a desconfiança de que ele não se achava ali para passar o tempo, mas com um objetivo determinado. Saberia Rachel que ele chegara a Inglaterra e a viria visitar? Todo o prazer da minha expedição a Bodmin me abandonara. A partida de estudante terminara. Entrei em casa, abatido e pleno de suspeitas. Rainaldi estava só no salão, de pé junto à lareira. Trocara o fato de viagem por vestuário adequado a um jantar, e examinava o retrato da minha avó, pendurado num dos painéis.

— Tem um rosto encantador — comentou ele —, belos olhos e tez. Vem de uma família atraente. O retrato em si não tem grande valor.

— Provavelmente não — concordei eu. — Os Lelys e os Knellers estão na escadaria, se desejar vê-los.

— Reparei neles ao descer — respondeu ele. — O Lely está bem colocado, mas o Kneller não. Diria, aliás, que este último não pertence ao seu melhor período e terá sido executado num dos seus momentos mais excessivos. Possivelmente foi terminado por um aluno. — Eu não disse nada, espiava os passos de Rachel na escada. — Em Florença, antes da minha partida — continuou ele —,

consegui vender um Furini do início, para a sua prima, uma peça da coleção de Sangalletti, agora infelizmente dispersa. Uma coisa primorosa. Costumava estar pendurado no cimo da escadaria, onde a luz o fazia sobressair melhor. Muito possivelmente não terá reparado nele quando esteve na *villa*.

— Muito possivelmente não — retorqui eu.

Rachel entrou na sala. Usava o vestido da véspera de Natal, mas vi que pusera um xale sobre os ombros. Fiquei satisfeito com isso. O seu olhar foi de um ao outro de nós, como se quisesse adivinhar pela nossa expressão como nos estávamos a entender.

— Acabei de dizer ao seu primo Philip que tive a sorte de vender a madona de Furini. Mas que era uma tragédia ter de se desfazer dela — elucidou ele.

— Mas nós já estamos habituados a isso, não é verdade? — respondeu-lhe ela. — Tantos tesouros que não puderam ser salvos. — Dei por mim a ressentir-me com o uso da palavra «nós» em tal aceção.

— Conseguiu vender a *villa*? — perguntei bruscamente.

— Ainda não — disse Rainaldi. — De facto, é em parte por isso que vim ver a sua prima Rachel; estamos praticamente decididos a arrendá-la antes, por um período de três ou quatro anos. Seria mais vantajoso, e arrendar não é tão definitivo como vender. A sua prima pode querer regressar a Florença um destes dias. Foi a sua casa durante muito tempo.

— Não tenciono regressar por enquanto — declarou Rachel.

— Talvez não — replicou ele —, mas veremos.

Os seus olhos seguiam-na enquanto ela ia e vinha pela sala, e eu desejei de todo o coração que ela se sentasse a fim de ele parar com aquilo. A poltrona em que ela se sentava habitualmente ficava um pouco afastada da luz, deixando-lhe o rosto na sombra. Não havia razão para ela continuar a movimentar-se pela sala, a menos que fosse para exhibir o vestido. Puxei-lhe uma cadeira, mas ela não se sentou.

— Imagine que Rainaldi se encontra em Londres há mais de uma semana e não me disse nada — comentou Rachel. — Nunca na vida fiquei tão admirada como quando Seecombe me anunciou que ele aqui estava. Acho que foi um descuido imperdoável da sua parte não me prevenir. — Sorriu-lhe, meio virada para ele, e Rainaldi encolheu os ombros.

— Esperava que a surpresa de uma chegada súbita lhe desse mais prazer — disse ele. — O inesperado pode ser encantador ou o contrário, tudo depende das circunstâncias. Lembra-se do dia em que estava em Roma e Cosimo e eu aparecemos justamente quando se vestia para uma festa em casa dos Casteluccis? Ficou nitidamente aborrecida connosco.

— Ah, mas eu tinha uma razão para isso — retorquiu ela, a rir. — Se a esqueceu, não serei eu a lembrar-lha.

— Não esqueci — negou ele. — Recordo até a cor do seu vestido. Parecia âmbar. E Benito Castelucci tinha-lhe enviado flores. Eu vi o cartão dele, mas Cosimo não.

Seecombe veio anunciar que o jantar estava servido e Rachel atravessou o vestíbulo em direção à sala de jantar, ainda a rir e lembrando a Rainaldi acontecimentos passados em Roma. Nunca me sentira mais taciturno e deslocado. Eles continuaram a falar de pessoas e de lugares variados; de vez em quando, Rachel estendia-me a mão por cima da mesa, como faria a uma criança, e dizia «Tem de desculpar-nos, querido Philip. Há tanto tempo que eu não via Rainaldi», enquanto ele me observava com aqueles olhos sombrios, semicerrados, e sorria lentamente.

Falaram italiano uma ou duas vezes. Ele estava a contar-lhe qualquer coisa e de repente, procurando uma palavra que não lhe ocorria, fazia um gesto de desculpas na minha direção e prosseguia na sua língua. Ela respondia-lhe e, ouvindo as palavras desconhecidas brotarem-lhe dos lábios, muito mais rapidamente do que quando falávamos os dois em inglês, parecia-me que toda a sua postura se alterava: ela ficava mais animada, mais espirituosa, mas

em certo sentido também mais dura e com um brilho novo que me agradava menos.

Parecia-me que eles os dois se encontravam deslocados à minha mesa, na sala de jantar apainelada; deveriam estar alhures, em Florença ou em Roma, a ser servidos por criados sombrios e silenciosos, rodeados pelo fulgor de uma sociedade que me era estranha e que tagarelava e sorria daquelas frases que eu não entendia. Não deviam estar ali, a ouvir o passo pesado de Seecombe e um dos cães mais novos a coçar-se debaixo da mesa. Eu afundava-me na cadeira, irritado, desencorajado, como uma caveira à minha própria mesa, e, servindo-me de nozes, partia-as entre as mãos para dar largas aos meus sentimentos. Rachel fez-nos companhia enquanto passávamos ao porto e ao brande, ou melhor, enquanto eu lhos passava, pois não bebi nada, ao passo que ele bebeu dos dois.

Rainaldi acendeu um charuto, que tirou de um estojo que trazia consigo, e observou-me, com ar indulgente, a acender o cachimbo.

— Todos os jovens ingleses fumam cachimbo, segundo me parece — comentou ele. — Tem-se a ideia de que isso ajuda a digestão, mas, ao que me dizem, dá cabo do hálito.

— Como beber brande — retorqui eu —, que pode além disso toldar o juízo.

Recordei de repente o pobre *Don*, agora morto e enterrado no viveiro, e a maneira como, quando era mais novo, ao deparar com um cão que lhe desagradava, o pelo se lhe eriçava, a cauda se erguia rígida e, de um salto, ele o filava pelo pescoço. Eu sabia agora o que *Don* devia sentir.

— Se nos desculpar, Philip — disse Rachel, erguendo-se —, Rainaldi e eu temos muitos assuntos a discutir, e ele trouxe-me papéis para assinar. Estaremos melhor para isso lá em cima, no *boudoir*. Virá juntar-se a nós mais tarde?

— Não creio — respondi eu. — Estive fora o dia inteiro e tenho cartas à minha espera no escritório. Desejo-vos uma boa noite a ambos.

Ela abandonou a sala de jantar e ele seguiu-a. Ouvi-os subir. Eu continuava ali sentado quando o jovem John veio levantar a mesa.

Saí então e fui para o parque. Vi a luz no *boudoir*, mas tinham corrido as cortinas. Agora que estavam juntos, fariam italiano. Ela sentar-se-ia na cadeira baixa junto da lareira e ele a seu lado. Perguntei-me se ela lhe contaria a nossa conversa da noite anterior e que eu levara o testamento e fizera uma cópia. Perguntei-me que conselhos lhe daria ele e que papéis trouxera dos seus arquivos para ela ver e assinar. Terminados os negócios, recomeçariam a falar de pessoas e locais que ambos conheciam? E preparar-lhe-ia ela uma tisana, como fazia para mim, deslocando-se pelo quarto para que ele pudesse contemplá-la? Perguntei-me a que horas se despediria ele e se iria deitar e se, nesse momento, ela lhe ofereceria a mão. Permaneceria ele um instante junto à porta, arranjando pretextos para se demorar como eu próprio fazia? Ou, conhecendo-o tão bem, ela permitir-lhe-ia que ficasse até mais tarde?

Prossigui o meu passeio pelo parque até aos novos terraços, desci o caminho quase até à praia e voltei pela longa alameda onde haviam sido plantados os jovens cedros; repeti o mesmo percurso várias vezes, até ouvir o relógio da torre bater as dez. Era a hora de despedida para mim: sê-lo-ia também para ele? Fui plantar-me no extremo do relvado, a observar a janela de Rachel. A luz continuava acesa no *boudoir*. Esperei. A luz não se extinguia. O passeio aquecera-me, mas o ar estava já fresco sob as árvores. Arrefeceram-me os pés e as mãos. A noite estava escura e sem qualquer melodia. Esta noite, não havia Lua para aureolar de branco os cumes das árvores. Às onze, logo após ter soado a última badalada no relógio, a luz do *boudoir* extinguiu-se e acendeu-se a do quarto azul. Detive-me um instante e depois, num impulso, rodeei a casa, passei pelas cozinhas, atingi a fachada oeste e levantei os olhos para a janela do quarto de Rainaldi. Invadiu-me um sentimento de alívio. Também aí havia luz. Podia ver-lhe o tremeluzir, embora ele mantivesse as persianas cerradas. A janela

estava igualmente bem fechada. Tive a certeza, com um sentimento de satisfação insular, de que ele não as abriria durante a noite.

Regressei a casa e subi para o meu quarto. Acabara de tirar o casaco e a gravata e de os lançar para uma cadeira quando ouvi o roçar do seu vestido no corredor e depois uma leve pancada na porta. Fui abrir. Ela estava à minha frente, ainda toda vestida, com o mesmo xale sobre os ombros.

— Vim desejar-lhe uma boa noite — disse ela.

— Obrigado — agradei. — Igualmente.

Ela baixou os olhos e viu a lama nos meus sapatos.

— Por onde é que andou toda a noite? — perguntou.

— A passear pelo parque — respondi-lhe.

— Por que motivo não veio tomar a sua tisana ao *boudoir*?

— Não me apeteceu.

— Está a ser ridículo — comentou ela. — Portou-se durante todo o jantar como um colegial amuado a precisar de castigo.

— Lamento.

— Sabe perfeitamente que Rainaldi é um velho amigo — continuou ela. — Tínhamos muito que conversar. Decerto compreende.

— É por ele ser um velho amigo e eu não que o autoriza a permanecer no *boudoir* até às onze horas? — perguntei.

— Eram onze horas? Não me apercebera — disse ela.

— Quanto tempo vai ele ficar cá?

— Isso depende de si. Se for delicado e o convidar, ele ficará talvez uns três dias. Mais não será possível. Tem de regressar a Londres.

— Uma vez que me pede para o convidar, fá-lo-ei.

— Obrigada, Philip. — De repente, ergueu os olhos para mim, o seu olhar suavizou-se e vi-lhe a sombra de um sorriso ao canto da boca. — O que se passa? Porque é tão pateta? Em que pensava, enquanto percorria o parque?

Poderia ter-lhe respondido mil coisas. Como abominava Rainaldi, como me era odiosa a sua presença na minha casa, como desejava

que tudo fosse como dantes e ela estivesse sozinha comigo. Em vez disso, sem qualquer razão especial, apenas porque detestara tudo o que fora dito essa noite, atirei-lhe: — Quem era Benito Castelucci para precisar de lhe enviar flores?

Subiu-lhe aos lábios uma cascata de riso e, estendendo os braços, passou-mos em volta do pescoço. — Era velho, muito gordo e o seu hálito cheirava a charuto. E eu amo-o muito, demasiado — disse-me ela, e partiu.

Estou certo de que estaria a dormir passados vinte minutos após ter-me deixado, ao passo que eu ouvi o relógio da torre bater todas as horas até às quatro, e depois, caindo naquele sono inquieto da madrugada que se torna mais pesado pelas sete, fui impiedosamente acordado por John à minha hora habitual.

Rainaldi não ficou três dias, mas sete, e nesses sete dias não descobri qualquer motivo para alterar a minha opinião acerca dele. Creio que o que mais detestava era o seu ar de tolerância para comigo. Sempre que me fitava pairava-lhe nos lábios um meio-sorriso, como se eu fosse uma criança a quem houvesse que fazer as vontades, e, qualquer que tivesse sido a minha ocupação durante o dia, ele interrogava-me acerca dela e comentava-a como se se tratasse de uma escapadela de garoto. Eu fazia questão de não ir tomar a refeição do meio-dia a casa e, quando regressava, pouco depois das quatro, encontrava-os juntos no salão, falando o seu inevitável italiano, em conversas que se interrompiam à minha chegada.

— Ah, eis o trabalhador de regresso! — exclamava Rainaldi, sentado, diabos o levassem, na poltrona onde eu me instalava sempre quando estávamos sós. — E enquanto ele percorria os seus campos e zelava, sem dúvida, para que os seus arados abrissem na terra os sulcos necessários, a Rachel e eu estivemos a quilómetros de distância em pensamentos e sonho. Não nos mexemos daqui o dia inteiro, exceto para dar alguns passos no novo terraço em socalcos. A meia-idade tem muitas compensações.

— Tem uma má influência em mim, Rainaldi — comentava ela. — Desde que cá está, negligenciei todos os meus deveres. Não fiz visitas, não orientei as plantações. Philip vai ralhar-me pela minha ociosidade.

— Não tem estado ociosa intelectualmente — era a resposta dele. — Nesse sentido, percorremos mais terreno do que o seu jovem primo com os seus pés. Ou hoje não foi a pé, mas na sela? Os jovens ingleses levam constantemente os seus corpos à exaustão.

Eu percebia que ele troçava de mim, uma mula de trabalho sem miolos, e a maneira como Rachel vinha em meu auxílio, uma vez mais a professora e o aluno, ainda me irritava mais.

— É quarta-feira — dizia ela — e às quartas-feiras Philip não sai, nem a pé nem a cavalo; faz contas no seu escritório. Tem uma ótima cabeça para números e sabe exatamente aquilo que gasta, não é verdade, Philip?

— Nem sempre — retorqui eu. — Hoje, por exemplo, fui substituir um vizinho ao tribunal e tivemos de julgar um rapaz acusado de roubo. Escapou com uma multa, não foi parar à prisão.

Rainaldi observou-me com o mesmo ar de tolerância.

— É um jovem Salomão, além de ser um jovem agricultor — comentou. — Ouço continuamente falar de novos talentos. Rachel, o seu primo não lhe recorda o retrato de Batista da autoria de Del Sarto? Tem muito daquela encantadora mescla de arrogância e inocência.

— Talvez — disse Rachel —, nunca tinha pensado nisso. Para mim, ele parece-se com uma única pessoa.

— Ah, isso sem dúvida — concordou Rainaldi —, mas há indiscutivelmente nele um certo toque de Del Sarto. Um dia, tem de o arrancar aos seus campos e ir mostrar-lhe o nosso país. Viajar abre a mente, e gostaria de o ver deambular numa galeria ou numa igreja.

— Ambrose achava ambos um tédio — declarou Rachel —, e duvido que Philip se mostre mais impressionado. Então, viu o seu

padrinho no tribunal? Gostaria de levar Rainaldi a Pelyn, a fazer-lhe uma visita.

— Sim, estava lá e manda-lhe os seus respeitos.

— Mr. Kendall tem uma filha absolutamente encantadora — disse Rachel a Rainaldi —, um pouco mais nova do que Philip.

— Uma filha? Hum, palavra? — perguntou Rainaldi. — Então o seu jovem primo não está totalmente afastado da sociedade feminina?

— Longe disso. — Rachel riu. — Todas as mães num raio de cinquenta quilómetros o mantêm debaixo de olho.

Lembro-me de a ter fulminado com o olhar, o que a levou a redobrar o riso, e, passando por mim para subir a vestir-se para o jantar, deu-me aquela exasperante palmadinha no ombro que se tornara um hábito seu. À maneira da tia Phoebe, dissera eu anteriormente, e isso encantara-a, como se fosse um cumprimento.

Foi nessa ocasião que Rainaldi me disse, após ela se ter retirado: — Foi muito generoso da sua parte e do seu tutor dar uma pensão à sua prima Rachel. Ela escreveu a contar-me. Ficou profundamente comovida.

— Era o mínimo que a propriedade podia fazer — declarei, esperando que o meu tom o dissuadisse de mais conversa. Não tencionava dizer-lhe o que aconteceria daí a três semanas.

— Talvez saiba — prosseguiu Rainaldi — que, além dessa pensão, ela não tem quaisquer meios de subsistência, exceto aquilo que eu consigo vender em seu nome de vez em quando. Esta mudança de ares fez maravilhas por ela, mas creio que não tardará a sentir necessidade de convívio com a sociedade a que estava habituada em Florença. É esse o verdadeiro motivo por que não me desfiz da *villa*. Prendem-na lá laços muito fortes.

Eu não respondi. Se os laços eram fortes, era apenas porque ele assim os fazia. Ela não falara de laços antes da sua chegada. Perguntei-me se teria fortuna pessoal e se lhe daria dinheiro das suas próprias finanças, não apenas do que vendia da coleção de

Sangalletti. Como Ambrose tivera razão em desconfiar dele. Mas que fraqueza levava Rachel a mantê-lo como conselheiro e amigo?

— É claro — prosseguiu Rainaldi — que talvez fosse mais sensato vender a *villa* e Rachel comprar um pequeno apartamento em Florença ou mandar construir uma casa mais pequena em Fiesole. Tem lá muitos amigos que não desejam perdê-la, e eu sou um deles.

— O senhor disse-me no nosso primeiro encontro — observei eu — que a minha prima Rachel era uma mulher impulsiva. Continuará, sem dúvida, a sê-lo, e viverá onde lhe aprouver.

— Sem dúvida — retorquiu Rainaldi. — Mas os seus impulsos nem sempre lhe trouxeram felicidade.

Suponho que ele desejava insinuar com aquilo que o seu casamento com Ambrose se contava entre esses últimos, e que portanto fora infeliz, e que a sua vinda para Inglaterra se deveria igualmente a um impulso cujas consequências não podia prever. Ele dispunha de um certo poder sobre ela, pois geria-lhe os negócios, e era esse poder que poderia levá-la a regressar a Florença. Creio que era esse o objetivo da sua visita: insistir com ela em que a sua presença era indispensável, e talvez em que a pensão que lhe era concedida não chegaria para a manter indefinidamente. Eu tinha o trunfo, e ele não sabia. Dentro de três semanas ela ficaria independente de Rainaldi para o resto da sua vida. Teria sentido vontade de sorrir se não o detestasse demasiado para fazer tal gesto na sua presença.

— Deve ser muito estranho, dada a educação que teve, receber de repente uma mulher em casa, e durante tantos meses — comentou Rainaldi, o seu olhar velado sobre mim. — Isso não o importunou de todo?

— Pelo contrário, acho até muito agradável.

— Não deixa de ser uma droga potente para um jovem e inexperiente, como é o seu caso. Tomada em tal dose, pode provocar danos.

— Tenho quase vinte e cinco anos — respondi eu —, creio saber muito bem que drogas me convêm.

— Com quarenta e cinco anos, o seu primo Ambrose também assim cria — disse Rainaldi —, mas os acontecimentos provaram que estava enganado.

— Isso é um aviso ou um conselho?

— Os dois — afirmou ele —, se souber recebê-los. E agora, se me dá licença, tenho de ir vestir-me para o jantar.

Penso que era aquela a sua técnica para cavar um fosso entre mim e Rachel: deixar cair uma palavra, não malévola só por si e, contudo, suficiente para envenenar o ambiente. Se sugeria que eu devia acautelar-me com ela, o que não lhe insinuaria a meu respeito? Contentar-se-ia em encolher os ombros quando conversavam no salão durante a minha ausência, comentando a inevitabilidade de os jovens ingleses terem membros longos e cérebro curto, ou isso seria uma abordagem demasiado suave? Ele possuía definitivamente uma reserva de comentários, sempre na ponta da língua, para lançar uns salpicos de maledicência.

— O problema dos homens demasiado altos — observou ele um dia — é a fatal tendência para se curvarem. — Quando ele disse isso, eu encontrava-me de pé sob o lintel da porta e inclinara-me para dizer uma palavra a Seecombe. — E os mais musculados tornam-se gordos.

— Ambrose não era gordo — retorquiu vivamente Rachel.

— Não fazia o exercício que faz este rapaz. É o excesso de caminhadas, de equitação e de natação que desenvolve as partes do corpo erradas. Tenho notado isso com frequência e quase sempre em ingleses. Nós, em Itália, somos de menor estatura e levamos vidas mais sedentárias. Assim, mantemos as nossas figuras. Também a nossa dieta é menos pesada para o fígado e o sangue. Não tem tanta dessa pesada carne de vaca e carneiro. E quanto a pastelaria... — Agitou as mãos em desaprovação. — Este rapaz encharca-se em bolos. Ontem ao jantar, vi-o demolir, sozinho, uma tarte inteira.

— Está a ouvir, Philip? — chamou Rachel. — Rainaldi acha que come demasiado. Seecombe, vamos ter de cortar a ração de Mr. Philip.

— Nem pensar, minha senhora — disse Seecombe, profundamente chocado. — Comer menos do que ele faz seria mau para a sua saúde. É preciso não esquecermos que, segundo todas as probabilidades, Mr. Philip ainda está a crescer.

— Deus nos livre — murmurou Rainaldi. — Se ele ainda está a crescer aos vinte e quatro anos, é de temer graves perturbações glandulares.

Saboreava o seu brande, que ela lhe permitia tomar no salão, com ar meditativo e o olhar pousado em mim até eu não poder deixar de me sentir com mais de dois metros de altura, como o pobre Jack Trevose, de espírito obtuso, que a mãe passeava na feira de Bodmin para as pessoas lhe darem moedas.

— Suponho — disse Rainaldi — que goza de boa saúde. Não teve nenhuma grave doença na infância que justifique um crescimento indevido?

— Não me lembro de alguma vez ter estado doente — respondi eu.

— Isso é mau — comentou ele. — As pessoas que nunca tiveram qualquer doença são as primeiras a ir-se abaixo quando a natureza as ataca. Não tenho razão, Seecombe?

— É possível, senhor. Não sei — respondeu Seecombe; mas vi que, ao sair da sala, me fitava com ar duvidoso, como se eu já tivesse apanhado varicela.

— Este brande deveria ter envelhecido pelo menos mais trinta anos — declarou Rainaldi. — Estará bebível quando os filhos do jovem Philip atingirem a maioridade. Recorda-se, Rachel, daquela noite na *villa* em que recebia, com Cosimo, Florença inteira (pelo menos era o que parecia) e ele insistiu em que todos usássemos dominós e máscaras, como no carnaval de Veneza? A sua lamentosa e querida mãe portou-se muito mal com o príncipe não-sei-quê. Creio que era Lorenzo Ammanati, não?

— Poderia ter sido com qualquer um — respondeu Rachel —, mas não foi Lorenzo, esse andava demasiado ocupado a correr atrás de mim.

— Que noites de loucura — disse Rainaldi, sonhador. — Éramos todos absurdamente jovens e totalmente irresponsáveis. São muito preferíveis as nossas atuais sobriedade e serenidade. Creio que nunca dão festas desse género em Inglaterra. O clima, claro, não seria muito propício. Se não fosse isso, aqui o jovem Philip talvez achasse divertido disfarçar-se de máscara e dominó e jogar às escondidas entre os arbustos com Miss Kendall.

— Tenho a certeza de que Louise não pediria mais — retorquiu Rachel, e vi o seu olhar deter-se em mim e a sua boca tremer, divertida.

Abandonei a sala e ouvi-os retomar quase de imediato a conversa em italiano, ele em voz interrogativa e ela respondendo a rir à sua pergunta. Percebi que falavam de mim, e talvez também de Louise e dos malfadados rumores, que supostamente corriam o condado, relativos às nossas futuras núpcias. Céus! Quanto tempo mais iria ele ficar? Quantos mais dias e noites daquele género teria eu de suportar?

No último dia da sua visita, recebemos o meu padrinho e Louise para jantar. A noite passou-se bem, pelo menos aparentemente. Vi que Rainaldi se esforçava para ser delicado com o meu padrinho, e eles os dois e Rachel formaram de certo modo um grupo de conversa à parte, deixando-nos, a mim e a Louise, entregues um ao outro. De vez em quando, via Rainaldi olhar na nossa direção e sorrir com uma tolerância amável, e ouvi-o mesmo murmurar, *sotto voce*, para o meu padrinho: — Os meus cumprimentos pela sua filha e o seu afilhado. Fazem um par encantador. — Louise também o ouviu. A pobre rapariga corou violentamente, e eu corri em seu socorro perguntando-lhe quando contava ir a Londres, esperando assim serená-la, mas pareceu-me ter sido ainda pior.

Após o jantar, surgiu de novo a questão de Londres, e Rachel declarou: — Eu também espero ir em breve a Londres. Se lá

estivermos ao mesmo tempo — isto para Louise —, tem de me mostrar a cidade, porque eu nunca lá estive.

A estas palavras, o meu padrinho arrebitou as orelhas.

— Está então a pensar em deixar o condado? — perguntou ele. — Deve dizer-se que suportou muito bem os rigores de um inverno na Cornualha. Achará Londres mais divertida. — Virou-se para Rainaldi: — Ainda lá estará?

— Os meus negócios retêm-me ali durante mais algumas semanas — replicou Rainaldi —, mas, se Rachel resolver ir, colocar-me-ei naturalmente à sua disposição. A vossa capital não me é estranha. Conheço-a muito bem. Espero que o senhor e a sua filha nos deem o prazer de jantar connosco quando lá estiverem.

— Teremos muito gosto — agradeceu o meu padrinho. — Londres na primavera pode ser encantadora.

Senti vontade de lhes bater com as cabeças todas umas contra as outras pela calma com que encaravam esse encontro, mas o que mais me enfureceu foi o uso que Rainaldi fez da palavra «nos». Percebia o seu plano. Atraí-la a Londres, distraí-la lá enquanto tratava dos seus outros negócios e depois persuadi-la a regressar a Itália. E o meu padrinho, por razões pessoais, favoreceria tal plano.

Mal sabiam eles que eu tinha um plano mais sagaz que todos. O serão decorreu assim, com muitas manifestações de amizade de ambos os lados, e Rainaldi chamou mesmo o meu padrinho à parte durante uns vinte minutos, para lhe instilar, imagino bem, mais uma dose de veneno.

Após a partida dos Kendalls, não voltei para o salão. Fui deitar-me, deixando a porta entreaberta a fim de ouvir subir Rachel e Rainaldi. Tardaram muito tempo. Bateu a meia-noite e eles ainda estavam lá em baixo. Levantei-me e parei um momento no patamar, à escuta. A porta do salão estava entreaberta e eu distinguia o murmúrio das suas vozes. Apoiando a mão no corrimão para aligeirar o meu peso, descí descalço até meio da escada. Assaltaram-me recordações de infância. Eu fizera aquilo, em garoto, quando Ambrose recebia convidados para o jantar. Tal como então,

sentia-me culpado. As vozes continuavam. Mas escutar Rachel e Rainaldi não me servia de nada, dado que a conversa era em italiano. Ocasionalmente, captava o meu nome, Philip, e várias vezes o do meu padrinho, Kendall. Falavam de mim ou dele, ou de ambos. Havia no tom de Rachel uma espécie de intensidade bizarra, e Rainaldi parecia interrogá-la. Perguntei-me, com súbita repugnância, se o meu padrinho teria falado a Rainaldi dos seus amigos viajantes chegados de Florença, e se, por sua vez, Rainaldi mencionara o assunto a Rachel. Como fora inútil a minha educação em Harrow e os estudos de latim e grego. Duas pessoas conversavam em italiano na minha própria casa, discutindo talvez assuntos de grande importância para mim, e eu não conseguia perceber nada excetuando o som do meu nome.

De repente fez-se silêncio. Calaram-se os dois. Eu não ouvia qualquer movimento. E se ele se tivesse aproximado dela, a tivesse tomado nos braços, e ela o beijasse agora como me beijara a mim na véspera de Natal? Perante este pensamento, invadiu-me uma tal onda de ódio por ele que quase perdia toda a prudência e me precipitava escada abaixo para escancarar a porta. Depois ouvi de novo a voz dela e o roçar do vestido aproximando-se da porta. Vi o bruxulear da sua vela acesa. A longa sessão terminara finalmente. Eles subiam a deitar-se. Tal como a criança de outrora, esgueirei-me para o meu quarto.

Ouvi Rachel percorrer o corredor até aos seus aposentos e Rainaldi virar para o outro lado na direção dos seus. Segundo todas as probabilidades, nunca saberia o que tinham discutido durante tantas horas, mas, pelo menos, era a última noite que ele passava sob o meu teto e amanhã eu dormiria de coração leve. Na manhã seguinte mal consegui engolir o pequeno-almoço, na ânsia de o ver partir. As rodas da diligência que o levaria a Londres soaram na gravilha da alameda e Rachel, que eu julgaria ter podido despedir-se dele na véspera, desceu, já vestida para a jardinagem, a fim de desejar-lhe boa viagem.

Rainaldi pegou-lhe na mão e beijou-a. Por cortesia para comigo, o seu anfitrião, fez as suas despedidas em inglês. — Portanto, escrever-me-á informando dos seus planos? — perguntou-lhe ele. — Lembre-se, quando estiver disposta a ir, que eu a esperarei lá, em Londres.

— Não farei quaisquer planos — respondeu ela — antes do primeiro de abril. — E, olhando-me por cima do ombro, sorriu-me.

— Não é o aniversário do seu primo? — perguntou Rainaldi, subindo para a diligência. — Espero que ele se divirta e não coma uma tarte demasiado grande. — Depois, debruçando-se da janela, disparou-me uma última flecha. — Deve ser esquisito fazer anos numa data tão singular. É o Dia das Mentiras, não é? Mas talvez aos vinte e cinco anos se ache demasiado velho para tais graças. — A diligência afastou-se pelo caminho rumo aos portões e ele desapareceu. Olhei para Rachel.

— Talvez eu devesse tê-lo convidado para voltar nesse dia, a fim de celebrar connosco — comentou ela. Então, com aquele sorriso repentino que me tocava o coração, pegou nas primaveras que lhe ornavam o vestido e colocou-as na minha boteira. — O Philip foi muito bom durante estes sete dias — murmurou ela. — E eu negligenciei os meus deveres. Sente-se feliz por estarmos outra vez sozinhos? — Sem esperar pela minha resposta, afastou-se em direção ao viveiro, ao encontro de Tamlyn.

CAPÍTULO XXI

As restantes semanas de março escoaram-se rapidamente. A cada dia que passava, eu sentia-me mais confiante no futuro e de coração mais leve. Rachel parecia adivinhar a minha disposição e partilhava-a.

— Nunca vi uma pessoa que se mostrasse tão absurda acerca do seu aniversário — comentou ela. — O Philip é como uma criança que, ao despertar, acha o mundo mágico. Significa assim tanto para si libertar-se da tutela do pobre Mr. Kendall? Estou certa de que não poderia ter encontrado tutor mais indulgente. Que planos fez para esse dia?

— Nenhuns — respondi eu —, exceto que terá de lembrar-se do que me disse há pouco tempo: nesse dia, todos os desejos devem ser concedidos ao aniversariante.

— Só até aos dez anos — retorquiu ela —, nunca depois.

— Isso não é justo — declarei. — Não fez qualquer reserva acerca da idade.

— Se está a pensar num piquenique junto ao mar ou num passeio de barco, não o acompanharei. Ainda faz demasiado frio para nos sentarmos na praia e, quanto a entrar para um barco, ainda percebo menos de navegação do que de cavalos. Terá de levar Louise.

— Não levarei Louise e não faremos nada de desadequado à sua dignidade — afirmei. Na realidade, eu não pensara no programa para o dia, decidira apenas que ela encontraria o documento da doação no seu tabuleiro de pequeno-almoço e, quanto ao resto, entregava-me ao acaso. Contudo, chegado o dia 31 de março, apercebi-me de que havia outra coisa que desejava fazer. Recordei-me das joias guardadas no banco e achei-me um idiota completo por as não ter ido buscar antes. Tinha, portanto, dois encontros em perspetiva para esse dia: um com Mr. Couch e o outro com o meu padrinho.

Comecei por Mr. Couch. Pensei que os embrulhos poderiam ser demasiado pesados para *Gypsy* transportar, e não queria mandar preparar a carruagem com receio de que Rachel ouvisse e resolvesse aproveitar para tratar de qualquer coisa. Além disso, era algo de inusitado eu servir-me da carruagem. Assim, achei um pretexto para me deslocar à cidade a pé e dei ordem ao moço de estrebaria para me ir buscar na charrete. Infelizmente, parecia que a vizinhança inteira resolvera fazer compras nessa manhã e, como é preciso ocultarmo-nos numa porta ou atirarmo-nos ao mar se não quisermos ser vistos no nosso pequeno porto, passei o tempo a esconder-me pelas esquinas para evitar dar de caras com Mrs. Pascoe e o seu rebanho de filhas. A minha atitude furtiva deve ter chamado a atenção de todos e dado origem ao rumor de que Mr. Ashley se comportava de maneira singular, entrando a correr por uma porta do mercado de peixe para sair por outra, e precipitando-se para o Rose and Crown antes das onze, quando a esposa do vigário da paróquia surgia à entrada da rua. Correriam sem dúvida boatos de que Mr. Ashley bebia.

Encontrei por fim santuário no interior das paredes do banco. Mr. Couch recebeu-me tão amavelmente como na minha visita anterior.

— Desta vez — disse-lhe eu —, venho para levar tudo. — Ele fitou-me com ar de surpresa magoada.

— Mr. Ashley — disse ele —, não tenciona passar a sua conta bancária para outro estabelecimento, pois não?

— Não — acalmei-o eu —, referia-me às joias de família. Faço amanhã vinte e cinco anos, e elas tornam-se legalmente propriedade minha. Quero tê-las sob a minha custódia quando acordar no dia do meu aniversário.

Ele deve ter-me julgado excêntrico, ou pelo menos um pouco estranho.

— Quer dizer — retomou ele — que deseja satisfazer um capricho durante um dia apenas? Já fez algo deste género na véspera de Natal, não foi? O seu tutor, Mr. Kendall, trouxe-nos logo o colar outra vez.

— Não se trata de um capricho, Mr. Couch — afirmei eu. — Quero as joias em casa, na minha posse. Não sei como falar mais claro.

— Compreendo — disse ele. — Bom, espero que o solar tenha um cofre, ou pelo menos algum lugar seguro para as guardar.

— Isso, Mr. Couch, só a mim diz respeito. Agradeço-lhe que mande buscar as joias imediatamente. E não apenas o colar, desta vez. A coleção toda.

Dir-se-ia que eu o despojara dos seus próprios bens.

— Muito bem — anuiu ele relutantemente. — Vai demorar um certo tempo a tirá-las do cofre e a embrulhá-las com o maior cuidado. Se tem mais alguma coisa a tratar na cidade...

— Mais nada — interrompi. — Esperarei aqui e levá-las-ei comigo. — Ele compreendeu que não adiantava protelar e deu instruções para que trouxessem os embrulhos dos cofres. Felizmente, eu levara para os transportar algo de um tamanho onde cabia tudo; de facto, era um cesto de palha que usávamos em casa para transportar couves, e Mr. Couch estremeceu ao arrumar ali, uma a uma, as preciosas caixas.

— Teria sido preferível eu mandar-lhe ao solar as caixas devidamente acondicionadas, Mr. Ashley — observou ele. — O banco possui uma berlinda que seria muito mais adequada a este transporte.

Sim, pensei eu, e quantos mexericos isso não provocaria! A berlinda do banco dirigindo-se à residência de Mr. Ashley, com um diretor de chapéu alto lá dentro. Era muito melhor o cesto dos legumes na charrete.

— Está tudo muito bem, Mr. Couch — retorqui eu. — Não preciso de ajuda.

Saí triunfalmente do banco, com o cesto ao ombro, e dei de caras com Mrs. Pascoe, ladeada por duas das suas filhas.

— Valha-me Deus, Mr. Ashley — exclamou ela —, como vem carregado!

Segurando o cesto com uma das mãos, tirei o chapéu com um floreado.

— Surpreendem-me num momento difícil — disse eu. — Desci tão baixo que necessito de vender couves a Mr. Couch e aos seus empregados. A reparação do telhado do solar arruinou-me completamente e vejo-me obrigado a oferecer os meus produtos pela cidade.

Ela fitou-me, de boca aberta, e as duas filhas arregalaram os olhos. — Infelizmente — prossegui eu —, o conteúdo deste cesto já está prometido a outro cliente. Senão, teria muito gosto em vender-lhe algumas cenouras. Mas de futuro, quando precisarem de legumes na reitoria, lembre-se de mim.

Prossegui ao encontro da charrete que me esperava e, enquanto içava o cesto e subia para tomar as rédeas, e o moço saltava para o meu lado, via-a ainda à esquina da rua a fixar-me com ar atônito. Agora iria dizer-se que Philip Ashley não só era excêntrico, bêbedo e louco, mas ainda por cima estava arruinado.

Regressámos a casa pela longa alameda que parte dos Quatro Caminhos e, enquanto o rapaz levava a charrete, esgueirei-me pelas traseiras — era hora da refeição dos criados —, subi pela escada de serviço e, dirigindo-me em bicos de pés para a parte da frente, alcancei o meu quarto. Tranquei o cesto de legumes no meu roupeiro e descí para almoçar.

Rainaldi teria fechado os olhos de aversão. Devorei uma empada de pombo e empurrei-a com uma grande caneca de cerveja.

Rachel esperara por mim para almoçar — deixara um bilhete informando-me disso —, mas, pensando que eu já não viria, retirara-se para o seu quarto. Por uma vez, a sua ausência não me aborreceu. Creio que a minha satisfação culposa devia ler-se demasiado claramente no meu rosto.

Terminado o repasto, parti de novo, desta vez a cavalo, para Pelyn. Tinha no bolso o documento que o advogado, Mr. Trewin, fiel à sua palavra, me enviara por um mensageiro especial. Levava

também o testamento. A perspectiva desta conversa não era tão agradável como fora a da manhã; mas não me metia medo.

O meu padrinho encontrava-se em casa, e no seu escritório.

— Bem, Philip — saudou ele —, deixa que te deseje um feliz aniversário, embora o faça com alguma antecipação.

— Obrigado e, em contrapartida, queria igualmente agradecer-lhe o seu afeto por mim e por Ambrose, e a sua tutela nestes últimos anos.

— A qual — disse ele — termina amanhã.

— Sim, ou melhor, à meia-noite de hoje. E, como não quero despertá-lo do seu sono a essa hora, gostaria que testemunhasse a minha assinatura num documento que mandei preparar e que entrará em vigor nesse preciso momento.

— Hum — disse ele, pegando nos óculos —, um documento. Que documento?

Tirei o testamento do bolso do casaco.

— Primeiro — pedi —, gostaria que lesse isto. Não me foi dado sem relutância, apenas após muita discussão. Eu sentia há muito que deveria existir um papel deste género, e ei-lo aqui.

Estendi-lho. Ele colocou os óculos no nariz e leu-o todo. — Está datado, Philip — observou —, mas não está assinado.

— Certo — respondi eu —, mas é a letra de Ambrose, não é verdade?

— Sim — respondeu ele —, sem dúvida. O que não percebo é por que motivo ele o não legalizou e não mo enviou. Eu estava à espera de um testamento assim desde os primeiros dias do seu casamento, e tinha-te dito.

— Teria sido assinado não fora a sua doença e o facto de ele esperar regressar a qualquer altura e entregar-lho pessoalmente. Eu sei isso.

Ele pousou-o em cima da secretária.

— Enfim, é a vida — comentou. — Estas coisas já têm acontecido noutras famílias. É lamentável para a sua viúva, mas não

podemos fazer por ela mais do que já fazemos. Um testamento sem assinatura não é válido.

— Eu sei — concordei —, e ela não esperava que fosse. Como acabo de dizer-lhe, apenas recorrendo a muita persuasão consegui arrancar-lhe este papel. Tenho de o devolver, mas está aqui uma cópia.

Guardei o testamento e entreguei-lhe a cópia que fizera.

— Então e agora? — indagou ele. — Surgiu mais alguma coisa?

— Não — respondi eu —, apenas a minha consciência dizendo-me que ando a desfrutar de algo que me não pertence por direito. Ambrose tinha a intenção de assinar esse testamento, e a morte, ou, para começar, a doença, impediu-o. Peço-lhe que leia este documento que preparei.

E estendi-lhe o papel redigido por Trewin em Bodmin.

Ele leu-o lentamente, atentamente, enquanto o seu rosto se tornava grave, e só após um longo silêncio tirou os óculos e me fitou.

— A tua prima Rachel não tem conhecimento deste documento, pois não?

— Absolutamente nenhum — retorqui. — Nunca ela expressou, por palavras ou insinuações, ter qualquer pensamento relacionado com o que aqui está ou o que tenciono fazer. Está completa e totalmente ignorante do meu propósito. Nem sequer sabe que me encontro aqui ou que lhe mostrei o testamento. Como a ouviu dizer há algumas semanas, tenciona partir em breve para Londres.

Imóvel à sua secretária, ele mantinha os olhos pousados em mim.

— Estás absolutamente decidido a fazer isto? — perguntou-me.

— Absolutamente — respondi.

— Dás-te conta de que isto poderá dar origem a abusos, de que há poucas salvaguardas e de que a fortuna, que deve eventualmente passar para ti e para os teus herdeiros, pode ser dissipada na sua totalidade?

— Sim — disse eu —, e estou disposto a correr esse risco.

Ele abanou a cabeça e suspirou. Levantou-se da cadeira, olhou pela janela e voltou a sentar-se.

— O *signor* Rainaldi, conselheiro dela, está ao corrente deste documento?

— Com certeza que não — respondi.

— Lamento que não me tenhas falado disto, Philip. Eu poderia tê-lo discutido com ele. Pareceu-me um homem sensato. Trocámos algumas palavras na outra noite. Eu fui a ponto de lhe confiar a minha inquietação acerca do descoberto no banco e Rainaldi admitiu que ela era perdulária e sempre fora. Que isso provocara aborrecimentos, não só com Ambrose, mas também com o seu primeiro marido, Sangalletti. Deu-me a entender que ele, o *signor* Rainaldi, era a única pessoa que sabe como lidar com ela.

— Não me interessa nada aquilo que ele lhe disse. Detesto o homem, e penso que ele usa esse argumento para servir os seus próprios fins. Espera convencê-la a regressar a Florença.

O meu padrinho olhou-me de novo.

— Philip — começou ele —, perdoa-me por te fazer esta pergunta, pessoal, sei-o, mas conheço-te desde que nasceste. Estás completamente babado pela tua prima, não é verdade?

Senti as faces a arder, mas continuei a suster o seu olhar.

— Não sei o que quer dizer com isso. «Babado» é uma palavra fútil e vulgar. Eu respeito e honro a minha prima Rachel mais do que qualquer outra pessoa que conheço.

— Há algo que tenho andado para te dizer — prosseguiu ele. — Fala-se muito da sua prolongada estada em tua casa, sabias? Iria mesmo mais longe: o condado inteiro não fala de outra coisa.

— Deixe-os continuar — disse eu. — A partir de amanhã terão ainda mais que discutir. A transferência da propriedade e da fortuna não poderá conservar-se em segredo.

— Se a tua prima Rachel for minimamente sensata e desejar manter a sua boa reputação, irá para Londres ou pedir-te-á que vás habitar para outro lado. A situação presente está muito errada para os dois.

Eu permaneci calado. Apenas uma coisa interessava: que ele assinasse o papel.

— Evidentemente — observou ele —, só há, a longo prazo, uma maneira de fazer cessar os mexericos. E, segundo este documento, só há uma maneira de invalidar a transferência dos bens. Ou seja, que ela volte a casar-se.

— Creio que isso é muito pouco provável — comentei eu.

— Suponho — indagou ele — que não pensaste em pedi-la tu próprio em casamento.

Uma vez mais, o sangue subiu-me ao rosto.

— Não ousaria fazer tal. Ela nunca me aceitaria.

— Nada disto me agrada, Philip — disse ele. — Quem dera que ela nunca tivesse vindo a Inglaterra. Contudo, é demasiado tarde para lamentos. Bom, então assina. E aceita as consequências do teu ato.

Peguei numa pena e inscrevi o meu nome no documento. Ele observava-me, de rosto impassível e grave.

— Há mulheres, Philip — declarou ele —, boas mulheres, muito possivelmente, que, sem que a culpa seja sua, atraem a fatalidade. Tudo o que tocam se transforma em tragédia. Não sei por que motivo te digo isto, mas sinto que é meu dever dizê-lo. — Depois assinou, por sua vez, a longa folha de papel.

— Não desejas esperar para ver Louise?

— Acho que não — retorqui. Depois, abrandando um pouco: — Se estiverem ambos livres amanhã à noite, por que motivo não vêm jantar e beber à minha saúde?

Ele não respondeu logo. — Não tenho a certeza de estarmos livres — disse. — De qualquer maneira, mando-te uma palavra até ao meio-dia. — Percebi perfeitamente que não tinha o menor desejo de nos ver, mas que se sentia embaraçado por recusar o meu convite. Aceitara o assunto da transferência melhor do que eu esperava, não houvera protestos violentos nem longos sermões, mas talvez ele já me conhecesse demasiado bem para saber que nada desse género faria qualquer efeito. Que ficara chocado e

profundamente perturbado, via-se pelo seu ar grave. Senti-me satisfeito por não ter sido feita menção às joias de família. Saber que estavam escondidas num cesto de legumes no fundo do meu guarda-roupa talvez tivesse sido a última gota.

Retomei o caminho de casa, recordando a tremenda exultação com que o percorrera da última vez, após a minha visita ao advogado Trewin, em Bodmin, e o balde de água fria ao encontrar Rainaldi à chegada. Hoje não haveria visita semelhante. Passadas três semanas, a primavera apoderara-se dos campos e fazia calor como em maio. Como todos os profetas do tempo, os meus rendeiros abanavam as cabeças e previam calamidades. Chegariam geadas tardias que crestariam os frutos em botão e destruiriam o trigo ainda na terra. Creio que, nesse derradeiro dia de março, nem fome, nem inundações, nem um tremor de terra teriam empanado a minha alegria.

O Sol afundava-se por trás da baía, a ocidente, incendiando o céu sereno e escurecendo a água, enquanto a face redonda da Lua quase cheia se erguia por cima das colinas a oriente. «Isto», disse eu para comigo, «é o que um homem deve sentir no auge da embriaguez, este completo abandono à hora que passa.» Via as coisas, não numa bruma vaga, mas com a clareza dos muito bêbedos. O parque tinha, à minha entrada, toda a graça de um conto de fadas; até o gado, que descia para os seus bebedouros junto ao pântano, era composto de animais encantados, possuídos de uma beleza própria. As gralhas voavam alto, construindo os seus ninhos desorganizados no cume das árvores da alameda, e, vindo da casa e dos estábulos, eu via o fumo azul subindo em espirais das chaminés, e pressentia o ruído dos baldes nos pátios, os assobios dos homens, os latidos dos cachorros nos seus canis. Tudo aquilo me era familiar, conhecido e amado desde há muito, possuído desde a infância; e, no entanto, irradiava agora uma magia nova.

Comera demasiado ao almoço para ter fome, mas vinha sedento e bebi longamente da água fresca e límpida do poço situado no pátio.

Brinquei com os rapazes enquanto eles aferrolhavam as portas das traseiras e fechavam as persianas. Eles sabiam que o meu aniversário era no dia seguinte. Confiaram-me que Seecombe mandara, no maior segredo, pintar o seu retrato para me oferecer, e lhes havia dito que eu decerto o penduraria num painel do vestíbulo junto aos retratos dos antepassados. Prometi-lhes solenemente que faria exatamente isso. Depois, com muitos acenos de cabeça e murmúrios pelos cantos, retiraram-se os três para os alojamentos dos criados e reapareceram quase de seguida, com um pacote. John, feito porta-voz, entregou-mo dizendo: — É de todos nós, Mr. Philip. E nenhum de nós aguenta esperar para lho oferecer.

Era uma caixa de cachimbos. Devia ter-lhes custado um mês de salário a cada. Apertei-lhes a mão, dei-lhes palmadas nas costas afirmando que fazia justamente tenções de comprar aquilo da próxima vez que fosse a Bodmin ou a Truro, e eles olharam-me tão encantados que quase chorei como um idiota vendo a sua satisfação. Na realidade, eu nunca fumava nenhum cachimbo além do que Ambrose me oferecera aos dezassete anos, mas decidi que, de futuro, teria de me lembrar de fumar todos aqueles para não os desapontar.

Tomei banho e mudei de roupa. Rachel esperava-me na sala de jantar.

— Cheira-me a travessura — disse ela imediatamente. — Não estive em casa durante todo o dia. Por onde andou?

— Isso, Mrs. Ashley, não lhe diz respeito — respondi eu.

— Ninguém lhe pôs a vista em cima desde manhã cedo — continuou ela. — Eu vim almoçar a casa e não tive companhia.

— Devia ter almoçado com Tamlyn — sugeri eu. — A mulher dele é uma excelente cozinheira e tê-la-ia tratado muito bem.

— Foi à cidade? — insistiu ela.

— Sim, fui à cidade.

— E encontrou alguém que conheçamos?

— Sim — respondi, quase a romper em gargalhadas. — Vi Mrs. Pascoe e as pequenas, que ficaram muito chocadas com a minha

aparência.

— Então porquê?

— Porque eu transportava um cesto ao ombro e disse-lhes que andara a vender couves.

— E era verdade ou estivera no Rose and Crown e bebera demasiada sidra?

— Nem era verdade nem estivera no Rose and Crown a beber sidra.

— Então de que se tratava?

Limitei-me a sorrir, sem lhe responder.

— Creio que, depois do jantar, quando a Lua se tiver erguido completamente, irei nadar — comentei eu. — Esta noite sinto em mim toda a energia do mundo e toda a loucura.

Ela lançou-me um olhar grave por cima do copo de vinho.

— Se deseja passar o seu aniversário de cama com uma cataplasma no peito, bebendo xarope de amoras de hora a hora, sob cuidados de saúde (não meus, aviso-o, mas de Seecombe), vá nadar, não se acanhe. Não serei eu quem o impedirá.

Estiquei os braços acima da cabeça e suspirei de puro prazer. Pedi autorização para fumar, que me foi concedida.

Exibi a minha caixa de cachimbos. — Veja o que os rapazes me ofereceram — disse-lhe. — Não conseguiram esperar até amanhã.

— O Philip é tão garoto como eles — comentou ela. E depois acrescentou, a meia-voz: — Não sabe o que Seecombe lhe prepara.

— Sei, pois — retorqui eu no mesmo tom —, os rapazes contaram-me. Estou extremamente lisonjeado. Já o viu?

Ela aquiesceu. — Está perfeito. A sua melhor casaca, a verde, o seu lábio inferior saliente, tudo. Foi pintado pelo seu genro de Bath.

Terminado o jantar, passámos à biblioteca, mas eu não mentira ao dizer que sentia toda a energia do mundo. Encontrava-me num tal estado de exultação que não conseguia ficar quieto na minha poltrona, ansiando por que a noite acabasse e o dia chegasse.

— Philip — disse ela por fim —, pelo amor de Deus, vá lá dar o seu passeio. Corra até ao farol e volte, se isso o acalma. De

qualquer maneira, acho que enlouqueceu.

— Se isto é loucura — respondi eu —, então gostaria de ficar eternamente assim. Não sabia que era tão delicioso ser lunático.

Beijei-lhe a mão e saí para o parque. Estava uma bela noite para passear, clara e serena. Não corri, como ela me aconselhara, mas ainda assim cheguei à colina do farol. A Lua, quase cheia, pairava sobre a baía, e as suas faces inchadas conferiam-lhe o aspeto de um feiticeiro que partilhava o meu segredo. Os bois, abrigados para a noite no prado murado de pedra, no fundo do vale, levantaram-se e dispersaram quando me aproximei.

Distinguia, para lá dos prados, uma luz na quinta de Barton e, ao atingir a ponta do farol, com as baías estendendo-se de ambos os lados, vi cintilar as luzes das pequenas cidades ao longo da costa oeste, e as do nosso porto. Contudo, depressa se extinguíram, tal como a de Barton, e não houve nada em meu redor senão aquela claridade pálida da Lua, traçando um caminho prateado sobre o mar. Era uma noite para passear, mas era igualmente uma noite para nadar. Nenhuma ameaça de emplastos ou de cordiais me impediria de o fazer. Desci até ao meu ponto favorito, onde as rochas entravam pelo mar, e, rindo sozinho daquela sublime loucura, mergulhei nas águas. Céus! Estavam glaciais. Sacudi-me como um cão, batendo os dentes, dei umas braçadas pela baía e, após menos de cinco minutos, regressei ao rochedo para me vestir.

Loucura. Pior do que loucura. Mas não me importava, e era escravo da minha euforia.

Sequei-me à camisa o melhor que pude e regressei a casa através dos bosques. O luar abria-me um caminho fantasmagórico, e sombras sem substância escondiam-se atrás das árvores. No local onde o caminho se dividia em dois, um que conduzia à alameda dos cedros e outro que subia até ao novo terraço, ouvi uma restolhada onde as árvores eram mais densas e chegou-me de súbito às narinas aquele odor almiscarado da raposa, pairando no ar, impregnando as folhas sob os meus pés; contudo, não vi nada, e

os junquinhos nos taludes de ambos os lados permaneceram imóveis e direitos, sem que um sopro os agitasse.

Cheguei finalmente a casa e ergui os olhos para a sua janela. Estava toda aberta, mas não percebi se a sua vela arderia ainda ou se ela a apagara já. Consultei o meu relógio. Faltavam cinco minutos para a meia-noite. Senti de repente que, se os rapazes não haviam sido capazes de esperar para me dar o presente deles, eu também não podia esperar para dar a Rachel o seu. Lembrei-me de Mrs. Pascoe e das couves, e assaltou-me de novo uma vaga de euforia. Parei debaixo da janela do quarto azul e chamei-a. Repeti o seu nome três vezes antes de obter resposta. Ela chegou à janela, vestida com o seu roupão branco de freira, de mangas largas e gola de renda.

— O que quer? — perguntou. — Eu estava quase a dormir e acordou-me.

— É capaz de esperar aí apenas um instante? — pedi eu. — Quero dar-lhe uma coisa. O embrulho que Mrs. Pascoe me viu transportar.

— Eu não sou tão curiosa como Mrs. Pascoe — respondeu ela. — Esperemos até de manhã.

— Eu não posso esperar até de manhã — repliquei. — Tem de ser agora.

Entrei pela porta lateral, subi ao meu quarto e voltei a descer, levando o cesto dos legumes. Atei um grande pedaço de corda em volta das asas. Tinha também comigo o documento da doação, que meti no bolso do casaco. Ela continuava à espera, junto à janela.

— Mas o que traz o Philip nesse cesto? — exclamou ela suavemente. — Olhe que, se isto é uma das suas partidas, não acharei graça. São caranguejos ou lagostas que tem aí escondidos?

— Mrs. Pascoe crê que são couves — retorqui. — De qualquer maneira, asseguro-lhe que não mordem. Agora, apanhe a corda.

Atirei a ponta da longa corda para a janela.

— Ice-o — disse eu. — Atenção, com as duas mãos. O cesto está um bocado pesado. — Ela puxou, como lhe era pedido, e o

cesto subiu dando encontrões à parede e raspando o arame ali colocado para servir de apoio à trepadeira. Eu fiquei em baixo a ver, sacudido por um riso silencioso.

Ela pousou o cesto no parapeito da janela e seguiu-se uma pausa.

Após alguns instantes, ela debruçou-se de novo. — Não confio em si, Philip. Estes embrulhos têm formas estranhas. Sei que me vão morder.

Como única resposta, comecei a trepar a pulso pelo ferro da trepadeira, até alcançar a sua janela.

— Tenha cuidado — lançou ela —, vai cair e partir o pescoço.

No momento seguinte eu estava dentro do quarto, uma perna no soalho, a outra ainda no parapeito.

— Porque tem os cabelos tão molhados? — admirou-se ela. — Não está a chover.

— Fui nadar — respondi eu. — Disse-lhe que o faria. Agora, quer abrir os embrulhos ou abro-os eu?

Uma vela brilhava no interior do quarto. Ela estava descalça e teve um arrepio.

— Pelo amor de Deus — pedi eu —, embrulhe-se a qualquer coisa.

Agarrei na cobertura da cama e atirei-lha para cima dos ombros; depois, pegando-lhe ao colo, sentei-a nos cobertores.

— Creio — disse ela — que ficou completamente louco.

— Louco não, mas acabo, neste preciso momento, de fazer vinte e cinco anos. Escute. — Levantei a mão. O relógio bateu a meia-noite. Meti a mão no bolso. — Isto — declarei, pousando o documento em cima da mesa, junto à vela — poderá ler mais tarde, com toda a calma. Mas quero dar-lhe o resto já.

Despejei os embrulhos em cima da cama e arremessei o cesto para o chão. Rasguei o papel, abri os estojos, espalhei os invólucros macios por toda a parte. Surgiu a tiara e o anel de rubis. Surgiram as safiras e as esmeraldas. Além era o colar de pérolas e as pulseiras, tudo tombando em desordem em cima dos lençóis. — Isto

— disse eu — é seu. E isto, e isto... — Numa louca euforia amontoei-os sobre ela, pressionando-lhos para as mãos, os braços, o peito.

— Philip — gritou ela —, está fora de si! O que foi fazer?

Não respondi. Peguei no colar e coloquei-lho ao pescoço. — Tenho vinte e cinco anos — declarei —, ouviu o relógio bater as doze. Já nada me retém. Tudo isto é para si. Se eu possuísse o mundo, oferecer-lho-ia igualmente.

Nunca vi olhos tão estupefactos ou perplexos. Ela fitou-me, depois aos colares e pulseiras espalhados, depois de novo a mim. E então, penso que por eu estar a rir, ela passou-me de súbito os braços em volta do pescoço e riu também. Abraçámo-nos e foi como se a minha loucura se lhe tivesse pegado, como se partilhasse a minha embriaguez e todas as delícias insensatas da fantasia nos assaltassem a ambos.

— É isto que anda a planear há semanas? — perguntou ela.

— Sim. Deveriam ter vindo com o seu pequeno-almoço. Mas, tal como os rapazes com a caixa de cachimbos, eu não pude esperar.

— E eu não tenho nada para si — lamentou-se ela —, exceto um alfinete de gravata de ouro. O aniversário é seu e embaraça-me. Não há mais nada que deseje? Diga-me e tê-lo-á. O que quer que peça.

Baixei os olhos para ela, no meio de todos os rubis e esmeraldas espalhados à sua volta, o colar de pérolas ao pescoço, e fiquei de repente sério, recordando o significado do colar.

— Há uma coisa, sim — respondi —, mas é inútil pedir isso.

— Porquê?

— Porque me mandaria deitar com um puxão de orelhas.

Ela olhou-me, acariciando-me a face.

— Diga-me — pediu. E a sua voz era doce.

Eu não sabia como é que um homem pede a uma mulher para se tornar sua esposa. Há, em geral, pais cujo consentimento é preciso obter primeiro. Ou, na falta deles, um período em que se faz a corte, todo o entendimento de conversas prévias. Nada disso se aplicava a

ela ou a mim. Era meia-noite, e nunca entre nós se trocara uma palavra sobre amor ou casamento. Podia dizer-lhe sem rodeios, simplesmente: «Rachel, eu amo-a, quer ser minha mulher?» Recordei aquela manhã no jardim, em que ela gracejara acerca do meu desagrado no que dizia respeito a todo esse assunto, e em que eu lhe dissera que a minha casa chegava para me confortar. Perguntei-me se ela compreenderia e também se recordaria.

— Eu disse-lhe uma vez — comecei — que tinha dentro destas quatro paredes todo o calor e o conforto de que precisava. Esqueceu-se?

— Não — retorquiu ela —, não me esqueci.

— Enganava-me — disse eu. — Sei agora o que me falta.

Ela acariciou-me a cabeça, a ponta da orelha e o queixo.

— Sabe? Está assim tão seguro disso?

— Mais seguro do que de qualquer outra coisa no mundo — afirmei eu.

Ela olhava-me. Os seus olhos pareciam mais escuros à luz da vela.

— Estava muito seguro de si nessa manhã — comentou —, e obstinado também. O calor das casas...

Estendeu a mão para apagar a vela, e continuava a rir.

Quando, ao nascer do Sol, me encontrei no relvado, antes de os criados acordarem e descerem a abrir as persianas ao novo dia, perguntei-me se algum homem antes de mim teria sido aceite em casamento de maneira tão franca. Se fosse sempre assim poupar-se-iam muitos noivados entediantes. O amor e todas as suas armadilhas não me haviam preocupado até então; os homens e as mulheres podiam fazer o que lhes apetecesse, não me interessava. Fora cego e surdo, estivera adormecido. Mas não mais.

O que aconteceu nessas primeiras horas do meu aniversário permanecerá. Se houve paixão, esqueci-a. Se houve ternura, continua comigo. É para mim um eterno motivo de assombro compreender que uma mulher, ao aceitar o amor, fica indefesa.

Talvez seja esse o seu segredo para nos prender a elas. E guardam-no, até ao fim.

Não posso saber, pois não possuo termo de comparação. Ela foi para mim a primeira e a última.

CAPÍTULO XXII

Recordo-me da casa a despertar com o sol, e de ver a sua bola redonda aparecer sobre as árvores que orlam o relvado. O orvalho fora abundante e a relva estava prateada, como que tocada de gelo. Um melro começou a cantar e um tentilhão imitou-o; passado pouco tempo ouvia-se todo o coro da primavera. O cata-vento foi o primeiro a captar o sol e, erguido sobre a torre, faiscando contra o céu, girou para noroeste e aí ficou, enquanto as paredes cinzentas do solar, escuras e sombrias à primeira vista, se adoçavam sob a luz matinal adquirindo um novo esplendor.

Entrei e subi para o meu quarto; depois aproximei uma cadeira da janela e instalei-me a contemplar o mar. A minha mente encontrava-se vazia, sem pensamentos. O meu corpo, apaziguado e calmo. Nenhuma questão aflorou à superfície, nenhuma ansiedade subiu das profundezas ocultas a perturbar aquela bendita paz. Dir-se-ia que todos os problemas da vida se achavam resolvidos e o meu caminho se estendia claro diante de mim. Os anos passados não contavam para nada. Os anos que viriam não seriam mais do que a continuação de tudo o que eu acabava de descobrir e detinha, do que possuía; e seria assim para todo o sempre, como o «ámen» numa litania. De futuro, apenas isto: Rachel e eu. Um homem e a sua mulher, vivendo virados para si mesmos, com a casa envolvendo-nos, o mundo exterior passando diante da nossa porta sem nos perturbar. Dia após dia, noite após noite, enquanto vivêssemos os dois. Disso me recordava eu do livro de orações.

Fechei os olhos e ela permanecia comigo; depois devo ter adormecido imediatamente, porque quando acordei o sol entrava a jorros pela janela aberta, e John já fora colocar a minha roupa na cadeira e levar-me água quente, e voltara a sair sem que eu o ouvisse. Barbeei-me, vesti-me e descí para o pequeno-almoço que me aguardava, já frio, no aparador — Seecombe pensava que eu descera há muito —, mas ovos cozidos e presunto chegaram-me

perfeitamente. Teria comido qualquer coisa nesse dia. Assobieei aos cães e saí para o parque e, sem me importar com Tamlyn e as suas queridas flores, apanhei todos os botões de camélias que vi e meti-os no cesto que tão bem me servira na véspera para transportar as joias. Depois regressei a casa, subi a escada e percorri o corredor que levava ao seu quarto.

Ela estava sentada na cama, a tomar o pequeno-almoço, e, antes que tivesse tempo de gritar um protesto e correr as cortinas, espalhei as camélias por cima dos lençóis, cobrindo-a de flores.

— Bom dia, mais uma vez — disse eu. — E devo lembrar-lhe que continua a ser o meu aniversário.

— Aniversário ou não — respondeu ela —, é costume bater-se à porta antes de entrar. Vá-se embora.

Era difícil manter um ar sério, com as camélias cobrindo-lhe os cabelos e os ombros, tombando na chávena de chá e no pão com manteiga, mas eu compus o rosto e retirei-me para o fundo do quarto.

— Desculpe-me — pedi. — Desde que entrei pela janela tornei-me algo descuidado quanto a portas. De facto, tornei-me muito indelicado.

— É melhor ir-se embora antes que Seecombe suba para vir buscar o meu tabuleiro — disse ela. — Creio que ele ficaria chocado por o encontrar aqui, sendo o seu aniversário ou não.

A sua frieza arrefeceu um pouco o meu humor, mas reconheci a lógica das suas palavras. Era talvez um bocadinho ousado irromper pelo quarto de uma mulher que tomava o seu pequeno-almoço, ainda que ela devesse ser em breve minha esposa — algo que Seecombe ignorava ainda.

— Vou — anuí. — Perdoe-me. Quero apenas dizer-lhe uma coisa. Amo-a.

Virei-me e saí, e lembro-me de haver notado que ela já não tinha o colar de pérolas. Devia tê-lo tirado após a minha partida de madrugada, e as joias não se encontravam espalhadas pelo chão, fora tudo arrumado.

Mas no tabuleiro do pequeno-almoço, a seu lado, vi o documento que eu assinara na véspera.

Em baixo, Seecombe esperava-me, empunhando um embrulho.

— Mr. Philip — disse ele —, esta é uma ocasião excecional. Posso tomar a liberdade de lhe desejar muitas felicidades e muitos, muitos aniversários mais?

— Pode, Seecombe, e muito obrigado.

— Isto é apenas uma ninharia, Mr. Philip — continuou ele. — Uma pequena recordação de muitos anos de dedicado serviço à família. Espero que não se ofenda e que não tenha sido atrevimento da minha parte imaginar que lhe agradaria receber este presente.

Retirei o papel do embrulho e surgiu diante de mim o rosto de Seecombe, de perfil, pouco favorecido talvez, mas inconfundível.

— Está muito bom — disse eu gravemente. — Tão bom, de facto, que vou pendurá-lo em lugar de honra, junto à escadaria. Tragame um martelo e um prego. — Ele puxou o cordão com dignidade, a fim de transmitir a ordem a John.

Auxiliando-nos mutuamente, pendurámos o retrato no painel junto à porta da sala de jantar. — Acha que a semelhança me faz justiça, senhor? — perguntou Seecombe. — O artista não deu uma certa dureza às feições, particularmente ao nariz? Não estou inteiramente satisfeito.

— É impossível atingir a perfeição num retrato, Seecombe — respondi eu. — Este está o mais próximo que poderemos desejar. Falando por mim, estou absolutamente encantado.

— Então isso é o que importa — rematou ele.

Sentia-me quase a explodir de felicidade e alegria, e apeteceu-me dizer-lhe imediatamente que Rachel e eu íamos casar, mas reteve-me uma certa hesitação; o assunto era demasiado solene e demasiado delicado para lhe ser assim atirado de chofre, e talvez lhe devêssemos dar a notícia juntos.

Fui até ao meu escritório, num simulacro de trabalho, mas tudo o que ali fiz foi ficar sentado à secretária olhando em frente. Revia-a, incessantemente, encostada às almofadas, tomando o pequeno-

almoço, com os botões de camélia espalhados pelo tabuleiro. A paz da madrugada abandonara-me e toda a febre da noite anterior me assaltava novamente. Quando estivéssemos casados, pensei eu, inclinando a cadeira para trás e mordiscando a ponta da pena, ela não me afastaria da sua presença tão facilmente. Tomaria o pequeno-almoço com ela. Acabavam-se as descidas solitárias para a sala de jantar. Instauraríamos uma nova rotina.

O relógio bateu as dez e ouvi os homens movendo-se no pátio diante da janela do escritório. Considerei um maço de contas e voltei a pousá-las, comecei uma carta para um colega do tribunal e rasguei-a. As palavras não me ocorriam ou nada do que escrevia fazia sentido, e faltavam ainda duas horas para que Rachel descesse. Nat Bray, o rendeiro de Penhale, veio ver-me com uma longa história de gado que se tresmalhara para Trenant, culpando disso o vizinho que não cuidava das cercas, e eu acenei e concordei mal ouvindo os seus argumentos, pois nesse momento certamente Rachel já estaria vestida e andaria pelo parque falando com Tamlyn.

Interrompi bruscamente o pobre homem e despedi-o; mas, vendo o seu ar magoado, disse-lhe que fosse até à sala do intendente tomar uma cerveja com Seecombe. — Hoje, Nat — expliquei-lhe —, não trato de negócios, faço anos e sou o mais feliz dos homens. — Dei-lhe uma palmadinha nas costas e deixei-o de boca aberta a pensar o que quisesse do meu comentário.

Depois pus a cabeça fora da janela e gritei através do pátio para a cozinha, mandando preparar um cesto de piquenique, pois desejei de súbito estar só com ela sob o sol, sem as cerimónias da casa, da sala de jantar, dos talheres sobre a mesa. Dada essa ordem, dirigi-me aos estábulos a fim de dizer a Wellington que queria *Solomon* selado para a senhora.

Ele não estava lá. As portas da cocheira estavam escancaradas e a carruagem partira. O rapaz varria as lajes. Fez um ar perplexo face à minha pergunta.

— A senhora mandou aprontar a carruagem pouco depois das dez — disse ele. — Não sei aonde foi. Talvez à cidade.

Regressei a casa e toquei a chamar Seecombe, mas ele não soube dizer-me nada senão que Wellington levava a carruagem à porta um pouco depois das dez e que Rachel aguardava no vestíbulo, pronta para sair. Nunca antes ela havia pedido a carruagem de manhã. A minha exultação desvaneceu-se de repente. O dia estendia-se diante de nós e não fora aquilo que eu planeava.

Sentei-me e esperei. Chegou o meio-dia e o sino tocou para a refeição dos criados. O cesto de piquenique encontrava-se a meu lado, *Solomon* estava selado. Mas a carruagem não vinha. Por fim, às duas horas, levei eu próprio *Solomon* aos estábulos e mandei o rapaz tirar-lhe a sela. Desci através dos bosques até à nova alameda, mas a excitação da manhã transformara-se em apatia. Ainda que ela regressasse agora, seria demasiado tarde para um piquenique. O calor do sol de abril desapareceria pelas quatro horas.

Achava-me quase no cimo da alameda, nos Quatro Caminhos, quando vi o moço de estrebaria abrir os portões e a carruagem passar. Esperei no meio da alameda que os cavalos se aproximassem e, ao avistar-me, Wellington puxou as rédeas e deteve-os. O peso do desapontamento, tão duro durante as últimas horas, dissipou-se assim que a vislumbrei sentada na carruagem e, mandando Wellington prosseguir, subi e sentei-me em frente dela, no estreito banco duro.

Rachel vinha embrulhada na sua capa escura e trazia o véu descido, o que me impedia de lhe ver o rosto.

— Desde as onze horas que a procuro — disse eu. — Onde é que esteve?

— Em Pelyn — respondeu ela. — Fui ver o seu padrinho.

Todas as preocupações e perplexidades, cuidadosamente enterradas nas profundezas do meu pensamento, se precipitaram para a superfície e, com um agudo sentimento de desconfiança, perguntei-me o que poderiam eles os dois fazer para destruir os meus planos.

— Porquê? — perguntei. — Para que precisava de o ver com tanta pressa? Tudo está definido há muito.

— Não sei bem o que entende por «tudo» — comentou ela.

A carruagem deu um solavanco num sulco da berma, e ela estendeu a mão enluvada de preto para se agarrar à pega. Como parecia longínqua ali sentada com os seus trajos de luto e por trás do véu, a um mundo de distância da Rachel que me apertara ao coração.

— O documento — retorqui eu. — Está a pensar no documento. Não pode opor-se-lhe. Atingi a maioridade legal. O meu padrinho não pode fazer nada. Está assinado, selado e testemunhado. É tudo seu.

— Sim — disse ela —, compreendo-o agora. Os termos eram um pouco obscuros, só isso. Quis certificar-me do seu significado.

Ainda aquela voz distante, fria e desprendida, enquanto eu guardava na memória e nos ouvidos a outra, que me murmurara ao ouvido à meia-noite.

— E agora está claro para si? — perguntei.

— Absolutamente claro — respondeu ela.

— Então não há mais nada a dizer sobre o assunto?

— Nada — concordou ela.

No entanto, permanecia-me no coração uma inquietude e uma estranha desconfiança. Toda a espontaneidade desaparecera, assim como a alegria e o riso partilhados quando eu lhe dera as joias. Diabos levassem o meu padrinho se tinha dito alguma coisa que a magoara.

— Levante o véu — pedi-lhe.

Durante um momento ela não se moveu. Depois lançou um olhar às largas costas de Wellington e do moço sentado ao lado dele. As curvas do caminho deram lugar à alameda direita e ele chicoteou os cavalos para lhes apressar o andamento.

Ela ergueu o véu e os olhos que fitaram os meus não estavam sorridentes, como eu esperara, nem chorosos, como receara, mas calmos, serenos, impassíveis, os olhos de alguém que saiu para se ocupar de um negócio e o resolveu de maneira satisfatória.

Sem saber bem porquê, senti-me desconcertado, enganado até. Queria rever aqueles olhos como os recordava ao nascer do Sol. Pensara, talvez idiotamente, que fora por eles permanecerem os mesmos que ela os ocultara atrás do véu. Mas não. Ela devia ter-se sentado assim em frente do meu padrinho, por trás da sua secretária, objetiva, prática, fria e segura de si, enquanto eu a esperava, num suplício, sentado nos degraus da entrada do solar.

— Eu teria regressado mais cedo — elucidou ela — se não tivessem insistido para que ficasse para o almoço; não podia recusar. Tinha feito planos? — Virou a cara para contemplar a paisagem, e eu perguntei-me como podia ela comportar-se assim, como se fôssemos duas pessoas com um conhecimento fortuito, enquanto eu mal podia conter-me para não estender os braços e a apertar a mim. Desde a véspera, tudo mudara. Ela, contudo, não dava qualquer sinal disso.

— Tinha um plano, sim, mas já não interessa.

— Os Kendalls jantam hoje na cidade — informou ela —, mas passarão a ver-nos em seguida, antes de voltarem para casa. Acho que fiz alguns progressos com Louise. A sua atitude não foi tão glacial.

— Fico satisfeito — comentei eu —, gostaria que fossem amigas.

— De facto — continuou ela —, volto à minha primeira ideia. Ela convir-lhe-ia perfeitamente.

Riu, mas eu não ri com ela. Pareceu-me pouco caridoso troçar da pobre Louise. Deus sabia que eu só lhe desejava bem e que encontrasse um marido adequado.

— Penso que o seu padrinho me vê com reprovação, e está no seu pleno direito, mas creio que para o final do almoço nos entendíamos perfeitamente um ao outro. O ambiente ficou menos tenso e a conversa fluiu com facilidade. Fizemos mais planos para nos encontrarmos em Londres.

— Em Londres? — repeti. — Não continua a tencionar ir a Londres?

— Claro que sim — retorquiu ela. — Porque não?

Calei-me. Decerto que ela tinha o direito de ir a Londres se tal lhe aprouvesse. Poderia desejar ir a lojas e fazer compras, especialmente agora que dispunha de dinheiro, e contudo... com certeza podia esperar até que pudéssemos ir juntos. Tínhamos tantas coisas a discutir, mas eu hesitava em começar. Atingiu-me de repente, com um impacto súbito, um pensamento que não me ocorrera antes: Ambrose morrera havia apenas nove meses. O mundo acharia errado casarmo-nos antes de meados do verão. De dia surgiam problemas que a noite ocultara e de que eu não queria lembrar-me.

— Não entremos já — pedi-lhe eu. — Venha passear comigo pelo bosque.

— Está bem — acedeu ela.

Parámos no pavilhão do guarda e apeámo-nos, mandando Wellington prosseguir. Metemos por um dos caminhos que ladeavam o ribeiro e serpenteavam colina acima. Aqui e além, sob as árvores, viam-se tufos de primaveras que ela se detinha a colher, regressando ao assunto de Louise e afirmando que a pequena tinha dedo para jardinagem e, com tempo e instruções, aprenderia mais. Quanto a mim, Louise bem podia ir para o fim do mundo dedicar-se à jardinagem que isso me era indiferente. Não fora para falar de Louise que eu trouxera Rachel até ao bosque.

Tirei-lhe as primaveras das mãos, pousei-as no chão e, estendendo o meu casaco sob uma árvore, pedi-lhe que se sentasse.

— Não estou cansada — afirmou ela. — Estive sentada na carruagem mais de uma hora.

— Também eu, mais de quatro horas, esperando por si à porta de entrada.

Descalcei-lhe as luvas e beijei-lhe as mãos; depois, pousando a touca e o véu entre as primaveras, beijei-a profusamente como desejava há longas horas, e ela não se defendeu. — Era este o meu plano — disse eu —, que estragou indo almoçar com os Kendalls.

— Já desconfiava disso — retorquiu ela —, e essa foi uma das razões da minha ida.

— Tinha prometido não me negar nada no dia do meu aniversário, Rachel.

— Há limites para a indulgência — declarou ela.

Eu não via que houvesse. Estava de novo feliz, liberto de toda a ansiedade.

— Se este caminho é frequentado pelo guarda, ficaremos com um ar algo idiota — comentou ela.

— E ele ainda mais, quando eu lhe pagar o salário no sábado — respondi. — Ou também se encarregará disso juntamente com o resto? Agora sou um seu servidor, outro Seecombe, e aguardo ordens.

Estava estendido, a cabeça no seu colo, e ela passou-me os dedos pelo cabelo. Fechei os olhos, desejando que continuássemos assim. Até ao fim dos tempos, nada mais do que aquele momento.

— Pergunta-se a si próprio por que motivo não lhe agradei — observou ela. — Vi o seu olhar perplexo na carruagem. Não há nada que eu possa dizer. Sempre acreditei ser impulsiva, mas o Philip ultrapassa-me. Levarei algum tempo a assimilar a extensão da sua generosidade.

— Não se tratou de generosidade — contrapus eu —, mas do que lhe era devido. Deixe-me beijá-la mais uma vez. Tenho de compensar as horas passadas no degrau da entrada.

Após alguns instantes, ela disse: — Pelo menos aprendi uma coisa. Nunca mais vir passear consigo para o bosque. Philip, deixe-me levantar.

Ajudei-a a erguer-se e estendi-lhe as luvas e a touca com uma profunda vénia. Ela procurou na bolsa e tirou um pequeno pacote, que desembulhou. — Isto é a sua prenda de anos, que já lhe devia ter dado. Se tivesse sabido que ia tomar posse de uma fortuna, a pérola seria maior. — Pegou no alfinete e espetou-mo na gravata.

— Agora permitir-me-á que regresse a casa? — perguntou.

Deu-me a mão, e eu lembrei-me de que não almoçara nesse dia e sentia um apetite prodigioso para o jantar. Iniciámos o percurso de regresso, comigo a pensar em galinha cozinhada com *bacon* e na noite que se seguiria, quando de repente nos encontrámos diante do bloco de granito que dominava o vale e que eu esquecera que nos esperava no fim do caminho. Virei rapidamente para o meio do bosque a fim de o evitar, mas era demasiado tarde. Ela já o vira, sombrio e quadrado entre as árvores, e, largando-me a mão, deteve-se a olhá-lo.

— O que é aquilo, Philip? Aquela forma, semelhante a uma pedra tumular, que se ergue de repente do solo?

— Não é nada — respondi vivamente —, apenas um pedaço de granito. Uma espécie de marco. Há aqui um caminho, por entre as árvores, muito menos íngreme. Por aqui, à esquerda. Não se passa pela pedra.

— Espere um momento — disse ela —, quero vê-lo. Nunca vim para estes lados.

Subiu até ao bloco e parou diante dele. Vi os seus lábios moverem-se lendo a inscrição, e observei-a apreensivo. Talvez fosse efeito da minha imaginação, mas pareceu-me ver o seu corpo empertigar-se, e ela permaneceu ali mais tempo do que seria necessário. Deve ter relido as palavras. Depois voltou para junto de mim, mas, desta vez, não me pegou na mão, prosseguiu sozinha. Não fez comentários ao monumento e eu tampouco, mas aquele grande bloco de granito acompanhava-nos. Eu revi os versos cómicos, a data e as iniciais «A. A.» gravados na pedra, e vi também aquilo que ela não podia ver: a carteira com a carta enterrada profundamente debaixo da pedra, na terra húmida. E senti que, de certo modo, fora desprezível e os traíra a ambos. O seu próprio silêncio mostrava que ela estava comovida. «A não ser que eu fale agora, neste momento», pensei, «o bloco de granito permanecerá uma barreira entre nós, e aumentará cada vez mais.»

— Já tencionara trazê-la aqui — disse eu, numa voz que soou alta e forçada após tão longo silêncio. — Era a vista preferida de

Ambrose em toda a propriedade. É por isso que a pedra está ali.

— Mas não fazia parte dos seus planos de aniversário mostrarmos hoje. — As palavras saíram-lhe claras e duras; eram palavras de uma estranha.

— Não — murmurei eu —, não fazia parte dos planos. — Continuámos o nosso caminho sem voltar a conversar e, ao entrar em casa, ela subiu diretamente para o seu quarto.

Eu tomei o meu banho e mudei de fato, já não de coração leve mas pesado, melancólico. Que demónio nos conduzira até àquela pedra de granito, que lapso de memória? Ela não sabia, como eu, quantas vezes Ambrose se detivera ali, sorridente, apoiado na sua bengala, mas os versos evocavam o humor que os haviam inspirado, simultaneamente brincalhão e melancólico, o pensamento doce por trás dos olhos trocistas. O bloco de granito, alto e orgulhoso, parecia conter a substância do homem que o destino não permitira que regressasse a casa para morrer, e jazia a muitos milhares de quilómetros dali, naquele cemitério protestante de Florença.

Eis uma sombra para a noite do meu aniversário.

Pelo menos ela não sabia da carta, nem nunca saberia, e, enquanto me vestia para jantar, perguntei-me que outro demónio me impelira a enterrá-la ali em vez de a queimar, como se obedecesse ao instinto de um animal que regressaria um dia para a desenterrar. Esquecera tudo o que ela continha. A doença devastava-o quando a escrevera. Taciturno, desconfiado, com a mão da morte tão próxima, ele não refletia no que dizia. E de súbito, como se dançasse diante de mim na parede, vi a frase: «O dinheiro, Deus me perdoe por dizer isto, é de momento o único caminho para o seu coração.»

As palavras saltaram para o espelho enquanto eu escovava o cabelo à sua frente. Mantiveram-se ali enquanto pus o seu alfinete na gravata. Seguiram-me escada abaixo até ao salão, onde se transformaram na própria voz dele, na voz de Ambrose, grave, amada, familiar, inesquecível: «O único caminho para o seu coração.»

Quando desceu para o jantar, ela trazia o colar de pérolas ao pescoço, como que em sinal de perdão, como que em homenagem ao meu aniversário; e, no entanto, não sei porquê, isso não a fazia mais próxima de mim, mas mais distante. Nessa noite, ainda que apenas nessa noite, eu teria preferido que o seu pescoço permanecesse nu.

Sentámo-nos à mesa, servidos por John e Seecombe, e, em honra do meu aniversário, com o estadão completo de candelabros e pratas na toalha de renda. Houve galinha cozinhada com *bacon*, como era hábito desde os meus tempos de escola e que Seecombe trouxe orgulhosamente, de olhos fitos em mim. Rimos, sorrimos, bebemos à saúde deles e à nossa, e aos vinte e cinco anos que haviam ficado para trás de mim; mas eu tinha continuamente a impressão de que forçávamos a nossa alegria para dar prazer a Seecombe e a John e de que, deixados sozinhos, teríamos mantido silêncio.

Invadiu-me uma espécie de desespero que tornava imperativo festejar, obrigatório estar alegre, e portanto a solução era beber mais, enchendo também o copo dela, a fim de atenuar a acuidade dos nossos sentimentos e nos levar a esquecer o bloco de granito e aquilo que ele representava nas profundezas do nosso íntimo. Na véspera, eu caminhara até à ponta do farol sob uma lua cheia, exultante, num sonho encantado. Esta noite, apesar de ter, nessas horas intermédias, despertado para todas as riquezas do mundo, despertara igualmente para as sombras.

De olhos toldados, observava-a do outro lado da mesa; ela ria, meio virada para Seecombe, e pareceu-me que nunca estivera mais encantadora. Se eu conseguisse recuperar a minha disposição dessa madrugada, a quietude e a paz, e misturá-las com o ardor da tarde entre as primaveras sob as altas faias, seria de novo feliz. Ela seria também feliz. E reteríamos para sempre essa disposição, preciosa e sagrada, que nos acompanharia pelo futuro.

Seecombe voltou a encher o meu copo e as sombras recuaram um pouco, as dúvidas apaziguaram-se; «quando estivermos

sozinhos», pensei, «tudo ficará bem, e pedir-lhe-ei esta noite mesmo para nos casarmos depressa, mas mesmo depressa, dentro de algumas semanas, talvez um mês», pois queria que toda a gente soubesse — Seecombe, John, os Kendalls, todos — que Rachel usaria o seu nome por causa de mim.

Seria Mrs. Ashley; a esposa de Philip Ashley.

O jantar deve ter-se prolongado porque ainda estávamos à mesa quando ouvimos o rodar da carruagem na alameda. A campainha soou e os Kendalls foram introduzidos na sala de jantar, onde nos encontraram no meio da confusão de migalhas, restos de sobremesa e copos meio vazios que se seguem a uma refeição. Levantei-me, recordo-me que vacilante, e puxei duas cadeiras para a mesa, enquanto o meu padrinho protestava que já tinham jantado e entravam apenas por um momento para me desejarem muitas felicidades.

Seecombe trouxe copos e vi Louise, de vestido azul, fitar-me com um olhar interrogativo, pensando, senti-o intuitivamente, que eu já bebera demasiado. Tinha razão, mas isso não acontecia muitas vezes, era o meu aniversário e mais do que tempo de ela saber, de uma vez por todas, que nunca teria o direito de me criticar, exceto como amiga de infância. Era preciso que o meu padrinho também o soubesse. Isso poria cobro aos seus projetos acerca dela, acabaria com todos os mexericos e traria paz de espírito a alguém que resolvesse preocupar-se com o assunto.

Sentámo-nos todos de novo, num murmúrio de conversas, o meu padrinho, Rachel e Louise já mais à vontade uns com os outros devido às horas passadas juntos ao almoço, enquanto eu, na minha extremidade da mesa, me calava, sem assimilar uma única palavra, repetindo mentalmente o anúncio que resolvera fazer.

Por fim, o meu padrinho inclinou-se para mim de copo erguido e, sorrindo, disse: — Aos teus vinte e cinco anos, Philip. Longa vida e felicidades.

Olharam os três para mim e, não sei se por efeito do vinho que bebera ou do coração que me saltava no peito, senti que tanto o

meu padrinho como Louise eram amigos queridos e dedicados que eu amava, e pareceu-me que Rachel, o meu amor, já de lágrimas nos olhos, me fazia um aceno de cabeça encorajando-me com o seu sorriso.

Era então este o momento oportuno e adequado. Os criados haviam deixado a sala, pelo que o segredo permaneceria entre nós os quatro.

Levantei-me e agradei-lhes. Depois, com o meu copo cheio, anunciei: — Também eu tenho um brinde a propor-lhes esta noite. Desde esta manhã sou o mais feliz dos homens. Peço-lhe, padrinho, e a ti, Louise, que bebam à saúde de Rachel, que vai tornar-se minha mulher.

Esvaziei o copo e olhei-os, sorridente. Ninguém respondeu, ninguém se moveu, vi a perplexidade na expressão do meu padrinho e, virando-me para Rachel, vi que o seu sorriso se extinguiu e que me fitava fixamente, a cara uma máscara gelada.

— Perdeu completamente a razão, Philip? — perguntou ela.

Pousei o copo em cima da mesa. Eu não tinha a mão firme e ficou demasiado perto da beira. Desequilibrou-se e foi estilhaçar-se no chão. O meu coração galopava. Não conseguia afastar os olhos do seu rosto imóvel e branco.

— Desculpe-me — pedi — se anunciei a novidade prematuramente. Lembre-se de que é o meu aniversário e de que são ambos os meus mais velhos amigos.

Agarrei-me à mesa com ambas as mãos para me equilibrar, sentia os ouvidos a latejar. Ela não parecia compreender. Desviou os olhos de mim e dirigiu-se ao meu padrinho e a Louise:

— Creio que o aniversário e o vinho subiram à cabeça de Philip. Perdoem esta loucura de garoto e esqueçam-na, se puderem. Ele desculpar-se-á quando voltar a si. Passamos ao salão?

Levantou-se e saiu da sala à frente deles. Eu continuei ali de pé, fixando os restos do jantar, as migalhas de pão, o vinho derramado na toalha, as cadeiras afastadas, e não sentia nada, absolutamente nada, exceto uma espécie de vazio no sítio onde tivera o coração.

Esperei um instante e depois saí vacilantemente da sala antes que Seecombe e John voltassem para levantar a mesa. Dirigi-me à biblioteca e ali me sentei, às escuras, junto à lareira apagada. As velas não tinham sido acesas e as achas haviam-se transformado em cinza. Pela porta entreaberta, ouvia o murmúrio de vozes no salão. Apertei com as mãos a cabeça, que me andava à roda; sentia na língua o gosto acre do vinho. Talvez se eu ficasse ali imóvel, sentado no escuro, recuperasse o meu sentido de equilíbrio e aquela sensação de vazio desaparecesse. Fora por culpa do vinho que eu falara de mais. Mas por que motivo havia ela de se aborrecer tanto com o que eu dissera? Podíamos ter pedido a ambos que promettessem guardar segredo. Eles teriam compreendido. Permaneci sentado na biblioteca, aguardando a sua partida. Por fim — pareceu-me um tempo infinito, mas não pode ter sido muito mais de dez minutos —, as vozes aproximaram-se e eles passaram ao vestíbulo. Ouvi Seecombe abrir a porta de entrada desejando-lhes uma boa noite, o som das rodas a afastar-se e a porta a ser fechada e trancada.

Tinha agora o cérebro mais desanuviado. Escutei. Ouvi o roçar do seu vestido. Aproximou-se da porta entreaberta, deteve-se um instante e prosseguiu; e depois o seu passo na escada. Levantei-me e segui-a. Alcancei-a na esquina do corredor, onde ela parara para soprar as velas do patamar. Fitámo-nos à luz vacilante.

— Pensei que se tinha ido deitar — disse ela. — É melhor que o faça, imediatamente, antes de provocar mais danos.

— Agora que eles partiram, perdoa-me? — pedi. — Creia em mim, pode confiar nos Kendalls. Eles não trairão o nosso segredo.

— Céus, espero bem que não, uma vez que não o conhecem — retorquiu ela. — Faz-me sentir uma criadita que se esgueirou para o sótão com o moço de estrebaria. Já me senti envergonhada antes, mas nunca assim.

Ainda aquele rosto branco e gelado que não era o seu.

— Não se sentiu envergonhada ontem à meia-noite — lembrei eu. — Fez-me então a sua promessa, e não estava zangada. Eu

teria partido imediatamente se o tivesse ordenado.

— A minha promessa? — repetiu ela. — Que promessa?

— De casar-se comigo, Rachel.

Ela empunhava o castiçal. Ergueu-o para que a chama nua incidisse no meu rosto. — Tem a ousadia de afirmar na minha cara que eu prometi casar-me consigo ontem à noite, Philip? — perguntou ela. — Eu disse ao jantar, aos Kendalls, que o Philip perdera a razão, e é verdade. Sabe muito bem que não lhe prometi tal coisa.

Fixei-a por minha vez. Não era eu quem perdera a razão, mas sim ela. Senti o sangue a subir-me à face.

— Perguntou-me o que eu queria pelo meu aniversário — afirmou eu. — Então, como agora, há apenas uma coisa no mundo que eu poderia pedir: que se casasse comigo. Que mais poderia eu pedir?

Ela não respondeu. Continuou a olhar-me, incrédula, estupefacta, como alguém que escuta palavras intraduzíveis e incompreensíveis de uma língua estrangeira, e eu apercebi-me subitamente, com angústia e desespero, que entre nós era de facto assim; tudo acontecera por erro. Ela não compreendera o que eu lhe pedira à meia-noite, nem eu, no meu encantamento cego, o que ela me dera. O que eu acreditara ser um penhor de amor era algo diferente, sem significado, a que ela dera a sua própria interpretação.

Se ela se sentia envergonhada, então eu estava-o duplamente, por ela ter podido enganar-se tanto a meu respeito.

— Deixe-me falar claramente agora — disse eu. — Quando se casará comigo?

— Ora, Philip, nunca — retorquiu ela, com um gesto de mão, como se me afastasse. — Tome isto como uma resposta definitiva. Se esperava outra coisa, lamento. Não foi minha intenção iludi-lo. E agora, boa noite.

Virou-se para se afastar, mas eu agarrei-lhe na mão e retive-a.

— Então não me ama? — insisti. — Foi tudo fingimento? Pelo amor de Deus, porque é que não me disse a verdade a noite passada e não me mandou retirar?

Uma vez mais aquele olhar atônito; ela não compreendia. Éramos dois estranhos, sem qualquer laço entre nós. Ela vinha de outra terra, de outra raça.

— Ousa censurar-me pelo que aconteceu? — perguntou. — Eu quis agradecer-lhe, é tudo. O Philip tinha-me dado as joias.

Creio que soube, nesse instante, tudo o que também Ambrose soubera. Soube o que ele vira nela, pelo que ansiava, mas nunca obtivera. Soube o tormento e a dor, e o enorme abismo entre eles aumentando cada vez mais. Os seus olhos, tão escuros e diferentes dos nossos, examinavam-nos aos dois sem compreender. Ambrose encontrava-se a meu lado nas sombras, sob a luz vacilante da vela. Fitávamo-la, torturados, sem esperança, enquanto o seu olhar nos acusava. O seu rosto era igualmente estranho naquela penumbra. Pequeno e estreito, um rosto de moeda. A mão que eu segurava já não tinha calor. Fria, seca, os dedos debatiam-se para se libertar e os anéis arranhavam-me a palma. Larguei-a e, no mesmo instante, desejei retê-la de novo.

— Porque me olha assim? — murmurou ela. — Que lhe fiz eu? O seu rosto modificou-se.

Esforcei-me por encontrar algo mais para lhe oferecer. Ela tinha a propriedade, o dinheiro e as joias. Tinha a minha mente, o meu corpo e o meu coração. Havia apenas o meu nome, e esse já ela usava. Não restava nada. A não ser o medo. Tirei-lhe o castiçal da mão e pousei-o na prateleira por cima da escada. Deitei-lhe as mãos ao pescoço, rodeando-o; ela já não podia mover-se e observava-me de olhos arregalados. Eu tinha a impressão de segurar entre mãos um pássaro assustado, que se eu apertasse um pouco mais freiria um instante e morreria, e se eu soltasse voaria para a liberdade.

— Não me deixe nunca — disse eu. — Jure, nunca, nunca.

Ela tentou mover os lábios para responder, mas a pressão das minhas mãos impediu-a. Abrandei um pouco. Ela recuou, os dedos na garganta. Havia duas marcas vermelhas no sítio onde eu pusera as mãos, por cima do colar de pérolas.

— E agora, casar-se-á comigo? — insisti.

Ela não respondeu, mas afastou-se, recuando ao longo do corredor, de olhos fixos na minha cara, os dedos ainda na garganta. Vi a minha sombra na parede, uma coisa monstruosa, sem forma nem substância. Vi Rachel desaparecer sob o arco. Ouvi a porta fechar-se e a chave rodar na fechadura. Fui para o meu quarto e, avistando o meu reflexo no espelho, detive-me. Era sem dúvida Ambrose que ali se erguia, o suor na fronte, o rosto exangue. Depois mexi-me e reencontrei a minha própria imagem: ombros curvados, membros desajeitados e demasiado compridos, hesitante, incapaz de se comportar, o Philip que se permitira a loucuras de garoto de escola. Rachel pedira aos Kendalls para me perdoarem e esquecerem.

Escancarei a janela, mas esta noite não havia luar e chovia torrencialmente. O vento enfunou as cortinas e, agitando as folhas do almanaque pousado na cornija da lareira, deitou-o ao chão. Curvei-me para o apanhar e arranquei-lhe a página amarrotada, que atirei para o lume. Era o fim do meu aniversário. Terminara o Dia das Mentiras.

CAPÍTULO XXIII

De manhã, quando me sentei para tomar o pequeno-almoço, contemplando o dia de vendaval com olhos que não viam nada, Seecombe entrou na sala trazendo um bilhete numa salva. O meu coração deu um salto ao avistá-lo. Talvez ela me pedisse para ir vê-la ao seu quarto. Mas não era de Rachel. A letra era maior, mais redonda. O bilhete era de Louise. — O moço de estrebaria de Mr. Kendall acaba de trazer isto, senhor — elucidou Seecombe —, e está à espera da resposta.

Li-o. «Querido Philip, estou muito incomodada com o que se passou ontem à noite. Creio compreender o que sentiste, muito melhor do que o meu pai. Por favor, lembra-te de que sou tua amiga e de que o serei sempre. Tenho de ir à cidade esta manhã. Se precisares de alguém com quem falar, posso encontrar-me contigo em frente à igreja, um pouco antes do meio-dia. Louise.»

Meti o bilhete no bolso e pedi a Seecombe para me trazer papel e pena. O meu primeiro impulso, como sempre perante a sugestão de me encontrar fosse com quem fosse, mas particularmente esta manhã, foi rabiscar uma palavra de agradecimento e recusar. Todavia, quando Seecombe regressou com o papel e a pena, já decidira o contrário. Uma noite insone e uma agonia de solidão fizeram-me de súbito ansiar por companhia. Louise era a pessoa que eu melhor conhecia. Escrevi-lhe, portanto, a dizer que iria à cidade nessa manhã e a esperaria diante da igreja.

— Entregue isto ao moço de Mr. Kendall — ordenei eu — e diga a Wellington que quero *Gypsy* selada às onze horas.

Após o pequeno-almoço fui para o escritório, ordenei as contas e escrevi a carta que começara na véspera. Não sei porquê, mas pareceu-me mais simples nesse dia. Parte do meu cérebro funcionava de forma apática, registando factos e números, assentando-os como que impelido pela força do hábito. Terminado o trabalho, dirigi-me aos estábulos, impaciente por deixar a casa e

tudo o que ela representava para mim. Não tomei a alameda através dos bosques, carregada com as recordações da véspera, mas atravessei o parque até à estrada principal. A égua estava nervosa, tímida e retraída como uma corça; assustando-se com qualquer coisa, empinava-se e recuava para as sebes, enquanto o vento cortante nos fustigava aos dois.

As borrascas esperadas em fevereiro e março tinham por fim chegado. Acabara-se a doçura morna das últimas semanas, o mar calmo e o sol. Grandes nuvens de longas caudas, cercadas de negro e inchadas de chuva, corriam vindas de oeste e, de vez em quando, em súbitas explosões de fúria, despejavam torrentes de granizo. O mar rugia tumultuosamente na baía. Nos campos de ambos os lados da estrada, as gaivotas gritavam e mergulhavam na terra arada de fresco, procurando os rebentos verdes nascidos de uma primavera precoce. Nat Bray, que eu mandara embora tão bruscamente na manhã anterior, estava junto aos portões, com uma saca molhada sobre os ombros para se proteger do granizo; levantou a mão quando eu passei e gritou-me uma saudação, mas o som da sua voz perdeu-se no vento.

Mesmo da estrada principal, eu continuava a ouvir o mar. Para oeste, onde se perde sobre as areias, as ondas eram curtas e direitas, tombando para trás sobre si próprias e enrolando-se em espuma; mas para leste, em frente ao estuário, as longas vagas atiravam-se contra os rochedos à entrada do porto, e os seus rugidos misturavam-se aos do vento glacial que varria as sebes e curvava as árvores carregadas de botões.

Havia poucas pessoas nas ruas quando desci a colina e entrei na cidade, e as que vi caminhavam de lado a favor do vento, os rostos contraídos pelo frio súbito. Deixei *Gypsy* no Rose and Crown e subi a pé o caminho até à igreja. Louise estava abrigada no pórtico. Abri a pesada porta e entrámos juntos. O interior pareceu-nos sombrio e tranquilo, depois da tormenta lá fora, mas sentia-se também aquele frio inconfundível, opressivo e pesado, e aquele odor a mofo característico das igrejas. Fomos sentar-nos junto à estátua de

mármore do meu antepassado, com todos os filhos em lágrimas a seus pés, e eu pensei nos numerosos Ashleys dispersos pelo condado, alguns ali, outros na minha paróquia, que tinham amado e sofrido e prosseguido o seu caminho.

Calámo-nos instintivamente na igreja silenciosa, e depois falámos a meia-voz.

— Ando preocupada contigo há muito tempo — murmurou Louise —, desde o Natal, e mesmo antes. Mas não podia dizer-to. Não me terias escutado.

— Não era preciso — respondi eu. — Tudo ia muito bem até ontem à noite. O que aconteceu foi culpa minha, não devia ter dito o que disse.

— Não o terias dito se não acreditasses ser verdade — respondeu ela. — Houve impostura desde o primeiro dia, e tu estavas preparado para isso, a princípio, antes de ela chegar.

— Não houve impostura — disse eu — até estas últimas horas. Se me enganei, só posso culpar-me a mim próprio.

Uma chuvada súbita fustigou os vitrais da igreja do lado sul, e a longa nave com os seus altos pilares escureceu ainda mais.

— Porque veio ela para cá em setembro passado? — continuou Louise. — Porque viajou até tão longe para te procurar? Não foi o sentimento que a trouxe, nem a simples curiosidade. Ela veio a Inglaterra e à Cornualha com um objetivo, que alcançou agora.

Virei-me e fitei-a. Os seus olhos azuis eram simples e diretos.

— Que queres dizer?

— Ela tem o dinheiro — retorquiu Louise. — Era esse o seu plano ao empreender a viagem.

O meu professor do quinto ano, em Harrow, dissera-nos uma vez que a verdade era algo intangível, invisível, em que tropeçávamos às vezes sem a reconhecer, mas que é descoberta, assimilada e compreendida apenas pelos idosos perto da sua morte ou, às vezes, por seres muitos jovens e muito puros.

— Estás enganada — contrapus —, não sabes nada sobre ela. É uma mulher impulsiva, emotiva, e Deus sabe que tem humores

imprevisíveis e estranhos. Mas é assim a sua natureza. Um impulso arrancou-a de Florença. A emoção trouxe-a aqui. Ficou porque se sentia feliz e porque tinha o direito de ficar.

Louise olhou-me com piedade. Pousou a mão no meu joelho.

— Se tu tivesses sido menos vulnerável — disse ela —, Mrs. Ashley não teria ficado. Ter-se-ia encontrado com o meu pai, concluído um acordo justo e depois partido. Tu enganaste-te desde o princípio sobre as suas intenções.

Enquanto avançava pela nave aos tropeções, pensei que teria suportado melhor se Louise esbofeteasse Rachel ou lhe cuspiasse em cima, lhe puxasse os cabelos ou lhe rasgasse o vestido. Isso seria primitivo e animal. Isso seria uma luta justa. Mas estas afirmações, na quietude da igreja, na ausência de Rachel, eram uma calúnia, quase uma blasfémia.

— Não posso continuar aqui sentado a ouvir-te — declarei. — Desejava o teu consolo e a tua amizade. Se não podes dá-los, tanto pior.

Ela estava a meu lado e agarrou-me no braço.

— Não vês que procuro ajudar-te? — suplicou. — Mas tu estás tão cego a tudo que é inútil. Se não é da natureza de Mrs. Ashley planear o futuro com antecedência, porque mandou a sua pensão para fora do país todas as semanas, todos os meses, durante o inverno inteiro?

— Como sabes isso?

— O meu pai teve maneira de saber — explicou ela. — Estas coisas não se podem esconder, nem a Mr. Couch, nem ao meu pai como teu tutor.

— Bom, e se ela o fez? Tinha as suas dívidas em Florença, eu sempre soube disso. Tinha credores que a pressionavam.

— De um país para outro? — contrapôs ela. — Isso é possível? Eu acharia que não. É mais provável que Mrs. Ashley tenha tentado amealhar algo para o seu regresso, e que só tenha passado o inverno aqui porque sabia que tu entravas legalmente de posse do teu dinheiro e da propriedade no dia dos teus vinte e cinco anos, ou

seja, ontem. Então, cessando o meu pai de ser teu tutor, ela poderia sangrar-te à vontade. Mas de repente nem foi necessário. Tu ofereceste-lhe tudo o que possuías.

Eu não conseguia acreditar que uma rapariga que conhecia e em quem confiava pudesse ter uma mente tão abominável e — isso era o pior — falar com tanta lógica e bom senso para destruir outra mulher.

— É o espírito jurídico do teu pai que fala por ti ou és mesmo tu? — interpelei-a.

— Não é o meu pai, sabes como é reservado. Pouco me disse. Mas eu tenho opinião própria.

— Tu estás contra ela desde o primeiro dia — acusei eu. — Um domingo, não foi, na igreja? Vieram jantar connosco e tu não disseste uma palavra, ficaste ali sentada à mesa, de rosto fechado e orgulhoso. Decidiste detestá-la.

— E tu? — atirou-me ela. — Lembras-te do que disseste dela antes da sua chegada? Não consigo esquecer a aversão que sentias por ela. E com toda a razão.

OuvIU-se um rangido vindo da porta lateral, perto do coro. Abriu-se e a empregada da limpeza, Alice Tabb, uma mulher pequenina e tímida, entrou de vassoura na mão para varrer a nave. Lançou-nos um olhar furtivo e desapareceu por trás do púlpito; mas a sua presença sentia-se, a solidão fora-se.

— É inútil, Louise — disse eu —, não podes fazer nada por mim. Tenho-te muito afeto e tu a mim. Mas se continuarmos a falar assim acabaremos por nos odiar.

Louise fitou-me e a sua mão deslizou do meu braço.

— Quer dizer que a amas assim tanto? — perguntou ela.

Desviei o olhar. Ela era mais nova do que eu, uma rapariga, e não podia compreender. Ninguém podia compreender exceto Ambrose, e esse estava morto.

— O que vos reserva agora o futuro a ambos?

Os nossos passos ressoavam na nave. A chuvada, que fustigara os vitrais, tinha cessado. Um raio de sol caprichoso iluminou a

auréola de São Pedro, no vitral sul, e depois deixou-o escuro uma vez mais.

— Pedi-lhe que se casasse comigo — respondi eu. — Pedi-lhe uma vez, duas vezes. Continuarei a pedir-lhe. Tens aí o meu futuro.

Chegámos à porta. Abri-a e encontrámo-nos de novo no pórtico. Um melro, indiferente à chuva, cantava na árvore junto ao portão da igreja, e um moço do talho que passava, de tabuleiro ao ombro e avental a cobrir a cabeça, respondeu-lhe assobiando.

— Quando é que lho pediste pela primeira vez? — quis saber Louise.

Senti novamente a ternura calorosa à luz das velas, os risos; e a luz subitamente extinta, e os risos que subitamente se calam. Apenas Rachel e eu. Quase como que a troçar dessa meia-noite, o relógio da igreja bateu as doze.

— Na manhã do meu aniversário — disse eu.

Ela esperou pela última badalada do sino que ressoava fortemente por cima das nossas cabeças.

— O que te respondeu ela?

— Falámos por alusões, eu pensei que ela aceitara quando ela recusara.

— Ela já lera o documento nessa altura?

— Não. Leu-o mais tarde. Mais tarde, nessa mesma manhã.

Um pouco abaixo dos portões da igreja, vi o moço de estrebaria dos Kendalls e a charrete. Ele ergueu o chicote ao avistar a filha do patrão e desceu do assento. Louise apertou a capa e cobriu a cabeça com o capuz. — Então despachou-se a lê-lo e a dirigir-se a Pelyn para ver o meu pai — comentou ela.

— Não o compreendera muito bem — elucidei eu.

— Quando deixou Pelyn já compreendera — declarou Louise. — Enquanto esperávamos pela carruagem no degrau da entrada, lembro-me bem de o meu pai lhe ter dito: «A cláusula sobre voltar a casar-se pode parecer um pouco dura. Terá de permanecer viúva se deseja conservar a sua fortuna.» E Mrs. Ashley sorriu-lhe e respondeu: «Isso convém-me perfeitamente.»

O moço subia o caminho trazendo o grande guarda-chuva. Louise abotoou as luvas. Uma nova nuvem negra atravessou o céu.

— A cláusula foi introduzida a fim de proteger a propriedade — continuei eu —, para impedir a sua dissipação por parte de um estranho. Se ela fosse minha mulher, não se aplicaria.

— É nisso que te enganas — disse Louise. — Se ela se casasse contigo, tudo voltaria à tua posse. Não pensaste nisso.

— E se assim fosse? — repliquei. — Eu partilharia até ao último cêntimo com ela. Rachel não recusaria casar-se comigo por causa dessa cláusula. É isso que queres insinuar?

O capuz sombreava-lhe o rosto, mas, embora o resto das feições estivesse oculto, os olhos azuis fitavam-me a direito.

— Uma esposa não pode mandar o dinheiro do marido para o estrangeiro, nem regressar ao seu próprio país — declarou Louise. — Eu não insinuo nada.

O moço tocou no boné e segurou o chapéu sobre a cabeça de Louise. Eu descí o caminho atrás dela e ajudei-a a entrar na charrete.

— Não te fiz bem nenhum — observou ela —, e achas-me dura e implacável. Às vezes, uma mulher vê mais claramente do que um homem. Perdoa-me ter-te magoado. Apenas desejo que voltes a ser tu. — Inclinou-se para o moço e disse: — Bem, Thomas, vamos regressar a Pelyn. — Ele fez virar o cavalo e afastaram-se colina acima em direção à estrada principal.

Fui sentar-me na pequena sala do Rose and Crown. Louise falara verdade ao dizer que não me fizera bem nenhum. Eu viera em busca de consolo e não o encontrara. Apenas factos secos e distorcidos. Tudo aquilo que ela dissera faria sentido para a mente de um homem de leis. Eu sabia como o meu padrinho pesava as coisas na sua balança, sem ter em atenção o coração humano. Louise não era culpada de ter herdado a sua maneira de ver, arguta e seca, e de fazer o raciocínio próprio.

Eu sabia melhor do que ela o que se intrometera entre mim e Rachel. O bloco de granito no bosque, dominando o vale, e todos

aqueles meses que eu não tinha partilhado. «A sua prima Rachel», dissera Rainaldi, «é uma mulher impulsiva.» Fora num impulso que ela me deixara amá-la. E fora num impulso que me repelira. Ambrose conhecera essas alterações. Ambrose compreendera. E nem para ele, nem para mim, poderia jamais haver outra mulher, ou outra esposa.

Permaneci durante muito tempo na sala gélida do Rose and Crown. O proprietário trouxe-me carneiro frio e cerveja, mas eu não tinha fome. Mais tarde, saí e parei no cais contemplando a maré alta a marulhar nos degraus. Os barcos de pesca balouçavam presos às suas boias, e um velhote, escarranchado num banco, esvaziava o fundo da sua embarcação, de costas viradas para os borrifos que o enchiam de novo a cada onda que quebrava.

As nuvens, mais baixas do que antes, transformaram-se em bruma, envolvendo as árvores da margem oposta. Se queria chegar a casa sem me encharcar e sem que *Gypsy* apanhasse um resfriado, era melhor despachar-me, antes que o tempo piorasse. Já não se via ninguém nas ruas. Montei, subi a colina e, para evitar os quilómetros a mais da estrada principal, virei nos Quatro Caminhos e meti pela alameda. Estávamos mais abrigados ali, mas não percorrera sequer cem metros quando *Gypsy* começou de repente a coxear e eu, em vez de parar no pavilhão e me dar ao trabalho de retirar a pedra que lhe entrara na ferradura, tendo de conversar com os rendeiros, decidi desmontar e conduzi-la devagar pelas rédeas. A tempestade derrubara ramos que juncavam o nosso caminho, e as árvores, ontem tão imóveis, curvavam-se agora, balouçando e estremecendo sob a chuva e a névoa.

Do vale ergueu-se uma nuvem de vapor branca e eu, com um arrepio, apercebi-me de que sentira frio durante todo o dia, desde que me sentara na igreja com Louise até ao tempo que passara na sala sem lareira do Rose and Crown. Este mundo não era o mesmo de ontem.

Atravessei com *Gypsy* o caminho que na véspera seguira com Rachel. As marcas dos nossos passos ainda lá estavam, em redor

das faias perto das quais tínhamos colhido primaveras. No musgo, viam-se ainda tufos delas já murchas. A alameda pareceu-me interminável; *Gypsy* coxeava, eu guiava-a pelo freio e a chuva entrava-me pela gola do casaco gelando-me as costas.

Cheguei a casa demasiado cansado para dar as boas-tardes a Wellington; limitei-me a atirar-lhe as rédeas sem uma palavra e afastei-me seguido pelo seu olhar surpreendido. Deus sabe que, depois da noite anterior, não me apetecia beber nada senão água, mas, gelado e encharcado, achei que um gole de brande talvez pudesse aquecer-me um pouco. Entrei na sala de jantar, onde encontrei John a preparar a mesa. Enquanto esperava que ele me fosse buscar um copo, reparei que pusera três lugares.

Quando voltou, apontei-lhos. — Porquê três? — perguntei.

— Miss Pascoe está cá desde a uma hora — explicou ele. — A senhora foi à reitoria esta manhã, pouco depois de Mr. Philip ter saído, e trouxe com ela Miss Pascoe. Veio para ficar.

Olhei-o, perplexo. — Miss Pascoe veio para ficar? — repeti.

— Isso mesmo — respondeu ele. — A menina Mary Pascoe, a que ensina catequese. Temos andado ocupados a preparar o quarto cor-de-rosa para ela. Estão agora no *boudoir*, ela e a senhora.

Continuou a pôr a mesa e eu, pousando o copo no aparador sem sequer me servir de brande, dirigi-me ao andar de cima. Na mesa do meu quarto havia um bilhete com a letra de Rachel. Rasguei o sobrescrito. Não estava endereçado, tinha apenas o dia e a data. «Pedi a Mary Pascoe que viesse viver cá para casa para me fazer companhia. Depois da noite passada, não posso voltar a ficar sozinha consigo. Pode juntar-se a nós no *boudoir*, se quiser, antes e depois do jantar. Peço-lhe que seja cortês. Rachel.»

Não era possível que ela estivesse a falar a sério. Aquilo não era verdade. Quantas vezes não havíamos nós rido das meninas Pascoe, e especialmente da tagarela Mary, eternamente agarrada aos seus bordados, visitando pobres que teriam preferido que ela os deixasse em paz; Mary, uma versão da sua mãe ainda mais corpulenta e mais feia. Como brincadeira, sim, Rachel podia tê-la

convidado à laia de brincadeira, apenas para jantar, a fim de observar o meu rosto sombrio na extremidade da mesa — mas o bilhete não fora escrito como se de uma brincadeira se tratasse.

Saí para o patamar e vi a porta do quarto cor-de-rosa aberta. Não havia engano possível. As chamas crepitavam na lareira, em cima de uma cadeira estavam sapatos e um roupão, escovas, livros e todos os objetos pessoais de uma estranha espalhados pelo quarto, cuja outra porta, comunicando com os aposentos de Rachel e habitualmente fechada, se encontrava escancarada. Eu ouvia mesmo o murmúrio distante de vozes no *boudoir*. Então era aquele o meu castigo, a minha desgraça. Mary Pascoe fora convidada para erguer uma barreira entre mim e Rachel, para nunca mais podermos ficar sozinhos, tal como ela escrevera no seu bilhete.

O meu primeiro sentimento foi uma tal cólera que nem soube como me contive de ir direito ao *boudoir*, agarrar em Mary Pascoe pelos ombros e dizer-lhe que fizesse a mala porque ia mandar Wellington levá-la a casa imediatamente. Como ousara Rachel convidá-la para minha casa sob o pretexto miserável, inconsistente, insultuoso, de que não podia mais ficar sozinha comigo? Estaria eu condenado a Mary Pascoe em todas as refeições, a Mary Pascoe na biblioteca e no salão, a Mary Pascoe passeando no parque, a Mary Pascoe no *boudoir* e, eternamente, à interminável tagarelice entre mulheres que eu apenas suportava aos jantares de domingo pela força do hábito?

Avancei corredor fora. Não me mudara, continuava com a roupa molhada. Abri a porta do *boudoir*. Rachel estava sentada na sua poltrona, com Mary Pascoe a seu lado, no tamborete, vendo ambas as ilustrações do grande volume sobre jardins italianos.

— Então está de volta? — comentou Rachel. — Escolheu um estranho dia para ir passear a cavalo. O vento quase atirou a carruagem para fora da estrada quando eu fui à reitoria. Como vê, temos a felicidade de contar com a presença de Mary. Ela sente-se já completamente à vontade. Estou encantada.

Mary Pascoe soltou uma risadinha aguda.

— Que surpresa, Mr. Ashley — disse ela —, quando a sua prima me foi buscar. As outras ficaram verdes de inveja. Ainda mal consigo acreditar que aqui estou. E como este *boudoir* é simpático e acolhedor. É ainda mais agradável do que lá em baixo. A sua prima disse-me que costumam passar aqui o serão. Jogam *cribbage*? Eu sou louca por *cribbage*. Se não souberem, terei todo o prazer em vo-lo ensinar a ambos.

— Philip — interveio Rachel — não aprecia jogos de azar. Prefere sentar-se a fumar, calado. Jogaremos as duas, Mary.

Olhou-me por cima da cabeça de Mary Pascoe. Não, não era uma brincadeira. Via pelo seu olhar duro que ela agira de forma deliberada.

— Posso falar-lhe em particular? — pedi bruscamente.

— Não vejo necessidade disso — respondeu ela. — Esteja à vontade para dizer tudo o que lhe aprouver diante de Mary.

A filha do vigário ergueu-se apressadamente. — Oh, por favor — escusou-se ela —, não quero de forma alguma impor-me. Posso perfeitamente ir para o meu quarto.

— Deixe as portas bem abertas, Mary, para me ouvir se eu chamar — disse Rachel. O seu olhar hostil continuava fixo em mim.

— Com certeza, Mrs. Ashley — anuiu Mary Pascoe. Passou por mim, de olhos esbugalhados, e deixou todas as portas escancaradas.

— Porque fez isto? — perguntei eu a Rachel.

— Sabe perfeitamente porquê — respondeu ela —, disse-lho no meu bilhete.

— Por quanto tempo vai ela ficar?

— O tempo que me apetecer.

— Não conseguirá suportar a sua companhia durante mais do que um dia. Dará consigo em doida, e comigo também.

— Está enganado — contrapôs ela. — Mary Pascoe é uma boa rapariga. Se não me apetecer conversar, não falarei com ela. Em todo o caso, com Mary cá em casa, sinto-me um pouco mais segura. Além disso, já era tempo. As coisas não podiam continuar

como estavam depois da sua explosão à mesa. O seu padrinho bem que o disse antes de partir.

— O que disse ele?

— Que a minha presença aqui já dava origem a mexericos que o seu alarde sobre um casamento não terá ajudado a atenuar. Não sei com quem mais poderá o Philip ter falado assim. Mary Pascoe silenciará tais mexericos. Zelarei por isso.

Seria possível que o meu gesto da noite anterior pudesse ter provocado uma tal mudança, um tão terrível antagonismo?

— Rachel, isto não pode ser resolvido em alguns instantes de conversa, de portas abertas. Suplico-lhe que me escute, que me deixe falar consigo a sós, depois do jantar, quando Mary Pascoe for deitar-se.

— O Philip ameaçou-me na noite passada — disse ela. — Uma vez chegou. Não há nada a resolver. Agora pode retirar-se, se quiser. Ou ficar e jogar *cribbage* aqui com Mary Pascoe. — Retomou a apreciação do seu livro sobre jardins.

Saí. Não havia mais nada a fazer. Era então este o meu castigo por aquele breve instante da noite anterior, em que lhe pusera as mãos em volta do pescoço. Tal ato, de que imediatamente me arrependera e que imediatamente lamentara, era imperdoável, e a punição era esta. A minha cólera desvaneceu-se tão depressa como surgira, dando lugar a um pesado abatimento, ao desespero. Meu Deus, o que fizera eu?

Muito pouco tempo antes, algumas horas apenas, éramos felizes. A exultação da véspera do meu aniversário, com toda a sua magia, havia agora desaparecido, dissipada por minha culpa. Sentado na sala fria do Rose and Crown, parecia-me que talvez dentro de algumas semanas a sua recusa em se tornar minha mulher pudesse ser vencida. Se não imediatamente, pelo menos mais tarde. E, se não mais tarde, que importava, desde que pudéssemos continuar juntos, amando-nos como na manhã do meu aniversário? A decisão era dela, a escolha era dela, mas decerto não iria recusar. Ao regressar a casa, sentia-me quase esperançado. Mas encontrara ali

uma estranha, uma terceira pessoa, que não compreenderia nada das nossas relações. Pouco depois, ouvi do meu quarto as suas vozes aproximando-se da escada e o roçar dos vestidos varrendo os degraus. Era mais tarde do que eu pensara, deviam estar já vestidas para o jantar. Sabia que não conseguiria sentar-me à mesa com elas. Teriam de jantar sozinhas. De qualquer maneira, não tinha fome; sentia-me gelado e hirto, provavelmente apanhara um resfriado e estaria melhor no meu quarto. Toquei e disse a John que apresentasse as minhas desculpas, pois não desceria para o jantar, ia deitar-me imediatamente. Isso, como eu já calculara, provocou inquietação; Seecombe subiu, a ansiedade estampada no rosto.

— Não está bem, Mr. Philip? Posso aconselhar-lhe um banho de mostarda e um grogue quente? É o que dá sair a cavalo com um tempo destes.

— Não quero nada, Seecombe, obrigado — respondi. — Estou um pouco fatigado, só isso.

— Nem janta, Mr. Philip? — insistiu ele. — Temos veado e tarte de maçã. Tudo pronto a servir. As senhoras estão no salão.

— Não, Seecombe. Dormi mal a noite passada. Amanhã estarei melhor.

— Vou dizer à senhora. Ela ficará muito preocupada.

Pelo menos, conservando-me no meu quarto, talvez tivesse hipótese de ver Rachel a sós. Talvez ela viesse, depois do jantar, saber notícias minhas.

Despi-me e meti-me na cama. Tinha indubitavelmente apanhado um resfriado. Os lençóis pareciam-me gelados, afastei-os e enfiei-me entre cobertores. Sentia-me hirto, entorpecido, a cabeça a latejar, tudo coisas que me eram desconhecidas. Ali estendido, aguardei que elas acabassem de jantar. Ouvi-as passar do vestíbulo para a sala de jantar, numa tagarelice contínua — ao menos isso era-me poupado —, e depois, após um longo intervalo, regressarem ao salão.

Um pouco depois das oito horas, ouvi-as subir. Sentei-me na cama e pus o casaco às costas. Era talvez este o momento que ela

escolheria. Apesar dos cobertores junto ao corpo, continuava com frio e as dores das pernas e do pescoço tinham-me atingido em força a cabeça, que parecia em fogo.

Esperei, mas ela não veio. Deviam estar no *boudoir*. Ouvi o relógio bater as nove, depois as dez, depois as onze. Depois das onze compreendi que ela não tencionava vir ver-me nessa noite. Ignorar-me fazia então parte do meu castigo.

Levantei-me e saí para o corredor. Elas tinham-se recolhido, pois ouvia Mary Pascoe deslocar-se no quarto cor-de-rosa e, de vez em quando, um pequeno tossicar irritante para aclarar a garganta — outro hábito que herdara da mãe.

Segui o corredor até ao quarto de Rachel. Pousei a mão na maçaneta e rodei. Mas a porta não se abriu. Estava fechada à chave. Bati, muito levemente. Ela não atendeu. Regressei lentamente ao meu quarto e deitei-me, completamente gelado.

Lembro-me de me ter vestido de manhã, mas não tenho memória de John me ir chamar, nem de ter tomado o pequeno-almoço, nem de mais nada além de uma estranha rigidez no pescoço e de uma lancinante dor de cabeça. Fui sentar-me na minha cadeira do escritório. Não escrevi cartas, não recebi ninguém. Pouco depois do meio-dia, Seecombe veio informar-me de que as senhoras me esperavam para o almoço. Eu disse-lhe que não almoçaria. Ele aproximou-se e perscrutou-me o rosto.

— Mr. Philip, o senhor está doente — disse ele. — O que tem?

— Não sei — respondi. Ele pegou-me na mão para a tatear. Saiu do escritório e ouvi-o atravessar o pátio em passo apressado.

Depois a porta abriu-se uma vez mais. Rachel surgiu na ombreira, com Mary Pascoe atrás dela, assim como Seecombe. Dirigiu-se a mim.

— Seecombe diz que está doente. O que tem? — perguntou ela.

Eu olhava-a fixamente. Nada do que se passava era real. Não sabia sequer que estava sentado na cadeira do meu escritório, julgava-me ainda lá em cima, no meu quarto, na minha cama gelada, como na noite anterior.

— Quando é que a mandará embora? — disse eu. — Não lhe farei qualquer mal. Dou-lhe a minha palavra de honra.

Ela pousou-me a mão na testa. Observou os meus olhos e virou-se bruscamente para Seecombe. — Chame John — ordenou ela. — Ajudem os dois Mr. Philip a meter-se na cama. Diga a Wellington que mande imediatamente o moço chamar o médico...

Eu não via senão o seu rosto branco e os seus olhos; e, para lá do seu ombro, de certa forma ridículo, deslocado e absurdo, o olhar espantado e chocado de Mary Pascoe fixo em mim. Depois, nada. Apenas a rigidez e a dor.

De novo na minha cama, apercebi-me da presença de Seecombe junto da janela, a fechar as persianas, a correr os cortinados, mergulhando o quarto na escuridão por que eu ansiava. Talvez isso me aliviasse as dores atrozes. Não conseguia mover a cabeça na almofada, dir-se-ia que os músculos do meu pescoço estavam retesados e hirtos. Senti a mão dela na minha. Repeti: — Prometo não lhe fazer mal. Mande embora Mary Pascoe.

Ela respondeu: — Não fale mais. Fique calmo.

O quarto enchera-se de murmúrios. A porta abria-se, fechava-se, abria-se de novo. Passos abafados deslizavam no soalho. Raios de luz filtravam-se do patamar, e sempre aqueles sussurros furtivos, de maneira que me parecia, no agudo delírio que me avassalara de repente, que a casa estava repleta de gente, um convidado em cada quarto, e o solar era demasiado pequeno para os conter a todos; comprimiam-se no salão e na biblioteca, com Rachel circulando no meio deles, sorrindo, conversando, apertando-lhes as mãos. Eu repetia sem cessar: «Mande-os embora.»

Depois vi o rosto redondo do Dr. Gilbert, que me olhava por trás dos óculos; então ele também fazia parte da multidão. Quando eu era pequeno, ele viera tratar-me da varicela. Desde essa altura, não voltara a encontrá-lo.

— Então foi tomar banho de mar à meia-noite? — comentou ele. — Que coisa mais pateta. — Abanou a cabeça como se eu fosse

ainda uma criança e afagou a barba. Eu fechei os olhos, incomodado com a luz.

Ouvi Rachel dizer-lhe: — Conheço demasiado bem este tipo de febre para me enganar. Vi crianças morrerem dela em Florença. Ataca a espinha e depois o cérebro. Faça qualquer coisa, pelo amor de Deus...

Afastaram-se. E os murmúrios recomeçaram. Foram seguidos pelo barulho de rodas na alameda e de uma carruagem a partir. Mais tarde, ouvi alguém respirar junto às cortinas da minha cama. Percebi então o que se passara. Rachel tinha partido. Fizera-se conduzir a Bodmin, a fim de apanhar a diligência para Londres. Deixara Mary Pascoe lá em casa para tomar conta de mim. Os criados, Seecombe, John, todos tinham partido; ficara apenas Mary Pascoe.

— Vá-se embora, peço-lhe — balbuciei eu —, não preciso de ninguém.

Uma mão avançou para me tocar a testa. A mão de Mary Pascoe. Sacudi-a. Mas ela voltou firme, fria, e eu gritei-lhe que se fosse embora, mas a mão desceu com força sobre mim, dura, glacial, transformando-se em gelo na minha testa, no meu pescoço, prendendo-me à almofada, aprisionando-me. Depois ouvi Rachel segredar-me ao ouvido: — Querido, não se mexa. Isto aliviar-lhe-á a cabeça. Irá melhorando aos poucos.

Tentei virar-me, mas não consegui. Então ela não fora para Londres?

Pedi: — Não me deixe. Prometa que não me deixa.

E ela disse: — Prometo. Estarei sempre consigo.

Abri os olhos, mas não pude vê-la; o quarto estava mergulhado em escuridão. A forma era diferente, não era o quarto que eu conhecia. Era longo e estreito, como uma cela. O colchão era duro como ferro. Uma vela brilhava algures, por trás de um biombo. Num nicho, na parede oposta, uma madona estava ajoelhada. Chamei alto: — Rachel... Rachel...

Ouvi passos que corriam, uma porta que se abria, e depois a sua mão na minha e ela a dizer: — Estou aqui. — Fechei de novo os olhos.

Eu estava numa ponte no Arno, fazendo o voto de destruir uma mulher que nunca vira. As águas engrossadas passavam sob a ponte, borbulhando, castanhas, e Rachel, a mendiga, aproximava-se de mim de mãos vazias. Estava nua, excetuando o colar de pérolas ao pescoço. De súbito, ela apontou para o rio e Ambrose passou por nós, debaixo da ponte, as mãos cruzadas no peito. Afastou-se a flutuar sobre a água e desapareceu, e depois, lentamente, majestosamente, com as patas hirtas e levantadas, o cadáver do cão seguiu na sua esteira.

CAPÍTULO XXIV

A primeira coisa que notei foi que a árvore diante da minha janela estava coberta de folhas. Contemplei-a, perplexo. Quando me deitara, os rebentos mal tinham começado a despontar. Era muito estranho. É verdade que os cortinados estavam corridos, mas lembrava-me perfeitamente de ter reparado no ramo despido quando, na manhã do meu aniversário, me debruçara da janela a fim de olhar para o relvado. Já não tinha dores de cabeça e a rigidez desaparecera. Devia ter dormido muitas horas, talvez um dia inteiro ou mais. Perde-se a noção do tempo quando se está doente.

Contudo, decerto vira muitas vezes esse velho barbudo, o Dr. Gilbert, e também um outro homem, um estranho. O quarto estava sempre mergulhado na escuridão. Agora havia luz. Sentia a cara áspera; devia precisar imenso de me barbear. Levei a mão ao queixo. Mas isto já era loucura: eu também tinha barba. Olhei para a minha mão. Não a reconheci. Estava branca e fina, as unhas com um belo comprimento; eu partia-as com muita frequência, a cavalgar. Virei a cabeça e vi Rachel numa poltrona perto da minha cama, a sua poltrona do *boudoir*. Ela não sabia que eu a observava. Trabalhava num bordado e usava um vestido que eu não conhecia, preto como todos os seus, mas de mangas curtas, acima do cotovelo, e de tecido leve, fresco. Faria assim tanto calor no quarto? As janelas estavam completamente abertas. Não havia lume na lareira.

Levei novamente a mão ao queixo e apalpei a barba. Tinha um toque agradável. Pus-me a rir e, ouvindo-me, Rachel ergueu a cabeça e olhou para mim.

— Philip — disse ela, sorrindo. E de repente estava ajoelhada a meu lado, abraçando-me.

— Tenho barba — disse eu.

Não conseguia parar de rir dessa extravagância, mas o riso passou a tosse e logo ela me estendeu um copo cheio de um líquido

amargo, que aproximou dos meus lábios para eu beber, ajudando-me depois a recostar outra vez nas almofadas.

Esse gesto despertou algo na minha memória. Não houvera, durante muito tempo, uma mão empunhando um copo e obrigando-me a beber, que surgia nos meus sonhos e depois desaparecia? Eu crera ser a mão de Mary Pascoe e repelia-a continuamente. Fitei Rachel e estendi-lhe a minha mão. Ela pegou-lhe e apertou-a com força. Passei o polegar pelas veias azul-claras sempre visíveis nas costas da sua mão e rodei os anéis. Continuei assim durante muito tempo, sem falar.

Por fim indaguei: — Mandou-a embora?

— Mandei embora quem? — perguntou ela.

— Ora, Mary Pascoe — respondi eu.

Ouvi-a suster a respiração e, erguendo os olhos, vi que o sorriso se desvanecera e que havia uma sombra nos seus olhos.

— Há cinco semanas que Mary partiu — disse ela. — Não pense mais nisso. Tem sede? Preparei-lhe uma bebida fresca com limas enviadas de Londres. — Bebi, e soube-me bem após o gosto amargo do remédio que ela me dera.

— Penso que devo ter estado doente — comentei eu.

— Quase morreu — retorquiu ela.

Moveu-se, como que para sair, mas eu retive-a.

— Conte-me tudo — pedi. Sentia a curiosidade de alguém que, tendo dormido durante anos, como Rip van Winkle, descobria que o mundo continuara sem ele.

— Se pretende que eu reviva todas essas semanas de ansiedade, conto — respondeu ela —, de outra maneira, não. Esteve muito doente. Que lhe chegue saber isso.

— O que tive eu?

— Não sinto grande consideração pelos vossos médicos ingleses — proferiu ela. — No continente, chamamos a essa doença «meningite»; aqui ninguém a conhecia. É quase um milagre que ainda esteja vivo.

— O que me aguentou?

Ela sorriu e apertou a minha mão com mais força. — Creio que a sua resistência de cavalo — respondeu-me — e certas coisas que os mandei fazer-lhe. Uma punção da medula para retirar fluidos, entre outras. E injetar na corrente sanguínea um soro preparado com sucos de ervas. Eles chamaram-lhe «veneno». Mas o Philip sobreviveu.

Recordei-me dos cordiais que ela preparara durante o inverno para alguns dos rendeiros doentes, e da maneira como eu brincara com isso, chamando-lhe «parteira» e «boticária».

— Como sabe essas coisas? — perguntei.

— Aprendi com a minha mãe. Nós, os naturais de Florença, somos muito velhos e muito sábios.

Aquelas palavras tocaram uma corda na minha memória, mas não consegui lembrar-me do que era. Pensar ainda representava um esforço. E eu sentia-me satisfeito ali estendido na cama, com a sua mão na minha.

— Porque está a árvore diante da minha janela coberta de folhas?

— Porque estamos na segunda semana de maio — disse ela.

Custava-me compreender como pudera eu ter jazido ali durante semanas sem saber nada. Também não me lembrava dos acontecimentos que me tinham levado à cama. Rachel zangara-se comigo, por alguma razão que me escapava, e convidara Mary Pascoe lá para casa, não sei porquê. Que nos tínhamos casado na véspera do meu aniversário era certo, embora eu não tivesse uma visão muito clara da igreja, nem da cerimónia; estava apenas convencido de que o meu padrinho e Louise haviam sido as únicas testemunhas, além de Alice Tabb, a empregada da limpeza. Lembrava-me de me ter sentido muito feliz e de repente, sem razão, completamente desesperado. Depois caíra doente. Não importava, estava tudo bem outra vez. Eu não morrera, e era maio.

— Creio que estou suficientemente forte para me levantar — observei eu.

— De maneira nenhuma — retorquiu ela. — Dentro de uma semana talvez possa ir sentar-se numa poltrona à janela, para ver se se aguenta em pé. E um pouco depois caminhará até ao *boudoir*. Lá para o fim do mês, experimentaremos levá-lo para baixo a fim de ir sentar-se no jardim. Mas veremos.

De facto, a minha convalescença passou-se praticamente como ela dissera. Nunca na vida me sentira tão tolo como a primeira vez que me sentei na borda da cama e pousei os pés no chão. O quarto inteiro girou à minha volta. Seecombe amparava-me de um lado, John do outro; eu estava fraco como um recém-nascido.

— Justos céus, minha senhora, ele cresceu de novo! — exclamou Seecombe, com tal consternação estampada no rosto que fui obrigado a sentar-me para rir.

— Afinal sempre poderão exhibir-me na feira de Bodmin — disse eu. Então vi-me no espelho, pálido e descarnado, com uma barba castanha cobrindo o queixo, em tudo semelhante a um apóstolo.

— Estou quase decidido a ir pregar pelo condado — comentei. — As pessoas seguir-me-iam aos milhares. O que acha? — virei-me para Rachel.

— Prefiro-o barbeado — afirmou ela, muito séria.

— Traz-me uma navalha, John — pedi. Mas, terminado o trabalho e com o rosto de novo liso, tive a impressão de haver perdido uma certa dignidade e de estar novamente reduzido ao estatuto de colegial.

Esses dias de convalescença foram muito agradáveis. Rachel fazia-me companhia. Não falávamos muito porque conversar fadava-me mais do que qualquer outra coisa, fazendo surgir uma sombra de enxaqueca. Eu gostava principalmente de me sentar junto da janela e, para me distrair, Wellington trazia os cavalos e exercitava-os fazendo-os rodar no terreiro de gravilha diante de mim, como animais de circo. Depois, quando as minhas pernas ficaram mais fortes, andava até ao *boudoir* e tomávamos aí as nossas refeições, com Rachel a servir-me e a mimar-me como uma ama a uma criança; de facto, em dada ocasião, disse-lhe até que,

se ela estava condenada a cuidar de um marido doente para o resto da sua vida, só podia culpar-se a si própria. Ela olhou-me com ar estranho ao ouvir isso e pareceu prestes a responder, mas depois deteve-se e passou a outro assunto.

Eu lembrava-me de que, por qualquer razão, o nosso casamento fora mantido em segredo dos criados, penso que para permitir que decorressem os doze meses completos desde a morte de Ambrose antes de o anunciar; talvez ela receasse alguma indiscrição da minha parte em frente de Seecombe, portanto eu calava-me. Dentro de dois meses poderíamos declará-lo ao mundo e até lá eu seria paciente. Creio que a amava cada dia mais; e ela mostrava-se mais doce e mais terna ainda do que nos meses do inverno passado.

Fiquei surpreendido, quando desci pela primeira vez e saí para o parque, ao ver quanto fora feito durante a minha doença. O terraço em socacos estava concluído e o jardim no nível inferior, profundamente escavado, estava pronto a ser pavimentado com pedra e as margens revestidas. De momento, era uma boca escancarada, escura e assustadora, um abismo largo e profundo, mas os homens que o escavavam ergueram os olhos para mim e sorriram, enquanto eu os olhava do alto do terraço.

Tamlyn escoltou-me, orgulhoso, numa volta pelo viveiro — Rachel tinha ido ao chalé ver a mulher dele —, e, embora o tempo das camélias tivesse passado, os rododendros e as bérberis ainda se encontravam em plena floração, enquanto os cachos pendentes das flores dos laburnos espalhavam sobre o campo as suas pétalas amarelo-pálidas.

— Vai ser preciso transplantá-los no ano que vem — declarou Tamlyn. — À velocidade a que crescem, os ramos inclinar-se-ão demasiado sobre os campos e as sementes matarão o gado. — Pegou num ramo e eu vi que, no lugar das flores desfolhadas, começavam já a formar-se vagens, contendo as pequenas sementes. — Houve um rapaz, para lá de St. Austell, que morreu por ter comido disto — elucidou Tamlyn, atirando a vagem por cima do ombro.

Eu esquecera como era breve a sua floração, como todas as florações, e como era bela. De repente, lembrei-me da árvore inclinada no pequeno pátio da *villa* italiana, e da mulher do guarda a pegar na vassoura para afastar as vagens.

— Havia uma bela árvore desta espécie em Florença — comentei eu —, onde Mrs. Ashley tinha a sua *villa*.

— Ah sim, senhor? Bem, ao que consta, parece que tudo se dá nesse clima. Deve ser um lugar maravilhoso. Compreendo que a senhora deseje regressar para lá.

— Não creio que ela tenha a menor intenção de regressar — afirmei eu.

— Muito me alegro, senhor — respondeu ele —, mas não foi isso que ouvi dizer. Parece que ela só espera que o patrão esteja completamente curado para partir.

Era incrível como se compunham histórias com pedaços de mexericos, e pensei que o anúncio do nosso casamento seria a única maneira de lhes pôr cobro. Contudo, hesitava em abordar o assunto com ela. Tinha a impressão de que já havíamos discutido por causa disso antes de eu cair doente, e que ela até se encolerizara.

Nessa noite, sentado no *boudoir* a beber a minha tisana, como se tornara hábito antes de me ir deitar, disse-lhe: — Há mexericos novos pelo condado.

— O que é agora? — perguntou ela, levantando a cabeça para me fitar.

— Dizem que vai voltar para Florença — respondi eu.

Ela não reagiu de imediato e curvou-se de novo sobre o bordado.

— Temos muito tempo para decidir essas coisas — observou ela.
— Primeiro, é necessário pôr-se bom e ganhar forças.

Eu fitei-a, perplexo. Então Tamlyn não se enganara completamente. A ideia de regressar a Florença continuava a pairar-lhe no espírito.

— Ainda não vendeu a *villa*? — indaguei.

— Ainda não, nem tenciono vendê-la afinal, nem sequer arrendá-la. Agora as coisas mudaram e possuo os meios necessários para a manter.

Fiquei em silêncio. Não queria magoá-la, mas a ideia de ter duas casas não me agradava muito. Na verdade, eu odiava até a imagem dessa *villa* que conservava na cabeça, e pensava que nesta altura também ela a odiaria.

— Quer dizer que pretende passar lá o inverno?

— Possivelmente — retorquiu ela —, ou o fim do verão; mas não é preciso falar agora disso.

— Há demasiado tempo que estou ocioso — comentei eu. — Não creio poder deixar a propriedade sem supervisão durante o inverno nem, na realidade, ausentar-me sequer.

— Decerto que não — concordou ela. — De facto, eu própria não gostaria de deixar a propriedade a menos que o Philip ficasse a ocupar-se de tudo. Talvez gostasse de ir fazer-me uma visita na primavera e eu mostrar-lhe-ia Florença.

A doença que me atacara deixara-me de compreensão lenta; nada do que ela dizia fazia sentido.

— Fazer-lhe uma visita? — repeti. — É assim que sugere que vivamos? Separados um do outro durante longos meses?

Ela pousou o trabalho e olhou para mim. O seu olhar exprimia uma certa ansiedade e pelo seu rosto perpassou uma sombra.

— Querido Philip — disse ela —, já declarei que não quero falar do futuro por enquanto. O Philip está a recuperar de uma grave doença, e não é bom começar a fazer planos com antecedência. Prometo-lhe que não o deixarei até estar completamente restabelecido.

— Mas qual é a necessidade de ir? A Rachel agora pertence aqui. É esta a sua casa.

— Também tenho a minha *villa* — refutou ela —, e muitos amigos, e uma vida diferente desta, sem dúvida, mas à qual estou habituada. Há oito meses que me encontro em Inglaterra, e começo

a sentir de novo necessidade de mudar. Seja razoável e tente compreender.

— Devo ser muito egoísta — disse eu lentamente. — Não havia pensado nisso. — Teria, portanto, de me habituar à ideia de que ela desejava dividir o seu tempo entre Inglaterra e Itália, e nesse caso eu deveria fazer o mesmo e começar a procurar um intendente que ficasse encarregado da propriedade. A ideia da separação era, evidentemente, absurda.

— O meu padrinho talvez conheça alguém — comentei, pensando em voz alta.

— Alguém para quê? — perguntou ela.

— Ora, para se ocupar da propriedade quando nós estivermos ausentes — respondi.

— Não vejo necessidade disso — contrapôs ela. — O Philip não passará mais do que algumas semanas em Florença, se lá for. Embora possa gostar tanto da cidade que resolva ficar mais tempo. É encantadora na primavera.

— Diabos levem a primavera — exclamei eu. — Seja qual for a data em que resolva ir, eu irei também.

Novamente aquela sombra no rosto, aquela inquietação no olhar.

— Deixemos isso agora — propôs ela. — Veja só, são nove horas. Ainda não tinha ficado a pé até tão tarde. Toco a chamar John, ou consegue deitar-se sozinho?

— Não chame ninguém — pedi. Levantei-me lentamente da poltrona, pois ainda sentia as pernas muito fracas, e fui ajoelhar-me junto dela, passando os braços em seu redor.

— Acho a solidão do meu quarto muito dura — disse eu —, sabendo-a tão perto, ao fundo do corredor. Podemos contar-lhes em breve?

— Contar-lhes o quê?

— Que somos casados.

Ela estava completamente imóvel nos meus braços. Era quase como se tivesse ficado rígida, uma coisa sem vida.

— Oh, meu Deus... — murmurou. Depois pousou-me as mãos nos ombros e olhou-me a direito. — O que quer dizer, Philip?

Uma veia na minha cabeça começou a latejar, como um eco da dor que a assolara durante as últimas semanas. O pulsar aumentou mais e mais ainda, trazendo com ele uma sensação de medo.

— Contar aos criados — expliquei eu. — Então será correto e natural que eu fique consigo, porque somos casados... — Mas a minha voz perdeu-se devido à expressão dos seus olhos.

— Mas nós não somos casados, querido Philip — disse ela.

Qualquer coisa pareceu explodir no interior do meu crânio.

— Somos casados, sim — insisti —, é claro que somos casados. Aconteceu no dia do meu aniversário. Esqueceu-se?

Mas como acontecera? Em que igreja? Quem fora o pastor? A tremenda dor recomeçou, latejando, e a salapôs-se a girar à minha volta.

— Diga-me que é verdade! — supliquei eu.

E depois, subitamente, soube que era tudo fantasia, que a felicidade que me inundara durante semanas não passava de imaginação. O sonho quebrara-se.

Enterrei a cabeça no seu peito, a soluçar; nunca as lágrimas me haviam corrido assim dos olhos, nem sequer em criança. Ela apertou-me a si e afagou-me os cabelos, sempre calada. Por fim, consegui dominar-me e deixei-me cair na poltrona, exausto. Ela trouxe-me de beber e depois sentou-se no tamborete, a meu lado. As sombras da noite estival tombavam sobre o quarto. Os morcegos abandonavam os seus esconderijos, sob as traves do telhado, e, ao crepúsculo, descreviam círculos diante da janela.

— Teria sido preferível deixar-me morrer.

Ela suspirou e pousou a mão na minha face. — Se disser isso — respondeu — destruir-me-á igualmente. Sente-se infeliz agora porque ainda está fraco. Mas, quando tiver recuperado as forças, nada disto lhe parecerá importante. Dedicar-se-á de novo ao seu trabalho na propriedade; haverá tantas coisas que, devido à sua

doença, foram negligenciadas e terão de ser tratadas. Será o auge do verão. Poderá recomeçar a nadar, a navegar na baía.

Percebi pela sua voz que ela falava para se convencer a si mesma, não a mim.

— E que mais? — perguntei.

— Sabe perfeitamente que é feliz aqui — continuou ela —, esta é a sua vida e continuará a sê-lo. Deu-me a propriedade, mas eu considerá-la-ei sempre sua. Será como se ambos tivéssemos a sua custódia.

— Quer dizer — insisti eu — que trocaremos cartas, de Itália para Inglaterra, mês após mês, ao longo do ano. Eu dir-lhe-ei: «Querida Rachel, as camélias estão em flor.» E responder-me-á: «Querido Philip, alegra-me sabê-lo. O meu roseiral vai muito bem.» Será esse o nosso futuro?

Via-me a percorrer a alameda de manhã, após o pequeno-almoço, aguardando que o rapaz chegasse com a mala do correio, sabendo perfeitamente que ela não conteria outras cartas além de uma qualquer fatura de Bodmin.

— Eu voltarei todos os verões, muito provavelmente, para ver se tudo correu bem — disse ela.

— Como as andorinhas, que vêm apenas passar a estação e partem de novo na primeira semana de setembro — comentei eu.

— Já sugeri que me fosse visitar na primavera — prosseguiu ela. — Há muitas coisas em Itália que lhe agradarão. O Philip nunca viajou, exceto daquela única vez. Conhece muito pouco do mundo.

Assemelhava-se a uma professora acalmando uma criança refratária. Talvez fosse assim que me encarava.

— Aquilo que vi — respondi eu — leva-me a não gostar do resto. Que queria que eu fizesse? Que vagueasse pelas igrejas ou pelos museus, de guia na mão? Que conversasse com estranhos para alargar os meus horizontes? Prefiro cismar em casa vendo a chuva cair.

A minha voz era dura e amarga, mas não conseguia evitá-lo. Ela voltou a suspirar e pareceu procurar um novo argumento para me

provar que estava tudo bem.

— Repito-lhe — insisti — que, quando estiver melhor, todo o futuro lhe parecerá diferente. Nada mudou muito. Quanto ao dinheiro... — interrompeu-se e olhou-me.

— Que dinheiro?

— O dinheiro para a propriedade — especificou ela. — Tudo será devidamente regulado, e terá o suficiente para gerir a propriedade sem perdas, enquanto eu levarei do país o que necessitar. Tudo isso já está a ser tratado.

Podia levar até o último cêntimo, pouco me importava. O que tinha tudo isso a ver com os meus sentimentos por ela? Mas Rachel prosseguiu.

— Deve continuar a fazer todos os melhoramentos que ache necessários — disse ela rapidamente. — Sabe que não discutirei nada, nem sequer precisará de me enviar as contas, confio no seu bom senso. O seu padrinho estará sempre por perto para o aconselhar. Dentro de pouco tempo, tudo lhe parecerá exatamente igual ao que era antes da minha vinda.

O crepúsculo invadira completamente o quarto. Eu não conseguia sequer distinguir-lhe o rosto, engolido pelas sombras que nos rodeavam.

— Acredita realmente nisso? — perguntei.

Ela não respondeu logo. Procurava alguma desculpa para a minha existência, algo que pudesse acrescentar às que já me dera. Não havia nenhuma e ela sabia-o. Virou-se para mim e estendeu-me a mão. — Tenho de acreditar — proferiu — ou não terei paz de espírito.

Durante todos aqueles meses em que a conhecera, ela tinha-me dado muitas respostas, graves ou não, às perguntas que eu lhe fizera. Umas risonhas, outras evasivas, mas todas adornadas por um qualquer subterfúgio feminino. Esta era finalmente uma resposta franca, saída diretamente do coração. Ela tinha de acreditar que eu era feliz para ter paz de espírito. Eu deixara o país da fantasia para que ela aí entrasse. Portanto, duas pessoas não podiam partilhar

um sonho. Exceto na escuridão, como num fingimento em que cada figura não passa de um fantasma.

— Regresse, se é o que deseja — disse eu —, mas não já. Dê-me algumas semanas mais para guardar como recordação. Eu não sou um viajante, o meu mundo é a Rachel.

Procurava iludir o futuro e escapar-lhe. Mas quando a abracei já não era a mesma coisa; a fé tinha-se desvanecido, e o primeiro êxtase também.

CAPÍTULO XXV

Não voltámos a falar na sua partida. Era um espectro que ambos tínhamos amordaçado. Por causa dela, esforcei-me por aparentar alegria, despreocupação. Ela fez o mesmo, por mim. O verão começara a envolver-nos e em breve recuperei as minhas forças, pelo menos aparentemente; mas as dores de cabeça voltavam às vezes, não com toda a sua violência, mas penetrantes, sem qualquer aviso e sem razão válida.

Não lhe falei nisso — de que adiantava? Elas não surgiam devido a fadiga física, nem quando me encontrava ao ar livre, mas apenas quando me obrigava a pensar. Simples problemas que os rendeiros me apresentavam no escritório bastavam para provocar uma enxaqueca, de maneira que parecia abater-se sobre mim um nevoeiro e eu ficava incapaz de tomar uma decisão.

Mas o mais frequente era isso acontecer por causa dela. Eu estava a contemplá-la após o jantar, sentados no jardim, diante das janelas do salão — pois o belo tempo de junho permitia-nos passar serões lá fora até depois das nove horas —, e de súbito perguntava-me o que se passaria nela, no seu espírito, ali sentada a beber a sua tisana, vendo o crepúsculo avançar sobre as árvores que bordejavam o relvado. Avaliaria ela, no fundo de si mesma, quanto tempo ainda teria de suportar aquela vida de solidão? Pensaria, em segredo: «Agora que ele está curado, posso seguramente partir para a semana»?

A Villa Sangalletti, em Florença, tomava para mim uma outra forma, uma outra atmosfera. Em vez da penumbra de persianas cerradas da minha única visita, via-a agora brilhantemente iluminada, com todas as janelas abertas. Aqueles desconhecidos a quem ela chamava «amigos» circulavam de sala em sala; havia animação e risos, muito barulho de conversas. Pairava sobre a casa uma espécie de resplendor e a água jorrava em todas as fontes. Ela ia de um convidado a outro, sorrindo, à vontade, senhora do seu

reino. Tal era a vida que ela conhecia, que ela amava e compreendia. Os meses passados comigo eram um intervalo. Ela regressaria ao lar a que pertencia, suspirando de alívio. Eu imaginava a sua chegada, com Giuseppe e a mulher escancarando os grandes portões de ferro para deixar entrar a *carrozza*, depois o seu passo feliz, impaciente, percorrendo as salas que conhecia tão bem e não via há tanto tempo, interrogando os criados, ouvindo as suas respostas, abrindo as numerosas cartas que a aguardavam, contente, serena, com as miríades de fios de uma existência a retomar que eu nunca poderia conhecer, e nunca partilhar. Tantos dias e noites que deixariam de ser meus.

Às vezes, ela sentia o meu olhar pousado nela e perguntava: — O que é, Philip?

— Nada — respondia eu.

E, vendo passar-lhe pelo rosto uma sombra de dúvida e perturbação, sentia-me um peso nos seus ombros. Ela ficaria melhor livre de mim. Tentei despender energias, como antigamente, a gerir a propriedade, nas vulgares tarefas quotidianas, mas nada daquilo significava já o mesmo para mim. As terras de Barton estavam secas devido à falta de chuva? Isso não me importava muito. E se o nosso gado ganhava prémios no concurso e era o campeão do condado, seria isso glória? No ano passado, talvez fosse. Mas, agora, que triunfo oco.

Via-me a perder prestígio aos olhos de todos os que me chamavam «patrão». «Ainda está fraco da sua doença, Mr. Ashley», comentou Billy Rowe, o rendeiro de Barton; e havia na sua voz um mundo de desapontamento porque eu não mostrara entusiasmo pelos seus feitos. O mesmo acontecia com tudo o resto. Até See-combe me repreendeu:

— Não está a recuperar como devia, Mr. Philip. Ainda ontem à noite falámos disso na sala do intendente. «O que aconteceu ao patrão?», perguntou-me Tamlyn. «Anda silencioso como um fantasma no Dia das Bruxas, e não olha para nada.» Eu

aconselharia marsala de manhã. Não há nada como um copo de marsala para fortificar o sangue.

— Diga a Tamlyn que se ocupe dos seus assuntos — respondi eu a Seecombe. — Estou perfeitamente bem.

A rotina dos jantares dominicais com os Pascoes e os Kendalls não fora ainda retomada, o que era uma bênção. Suponho que, depois de eu ter caído doente, a pobre Mary Pascoe regressara à reitoria contando que eu estava louco. Surpreendi-a a olhar-me de soslaio, na igreja, na primeira manhã em que estive suficientemente bem para ir; e a família inteira examinou-me com uma espécie de piedade, informando-se sobre a minha saúde em voz baixa e desviando os olhos.

O meu padrinho veio ver-me, tal como Louise. Também eles adotaram uma atitude inusitada, uma mescla de boa disposição e cordialidade, adequada a uma criança que esteve doente; e senti que haviam sido avisados para não tocarem em qualquer assunto que pudesse preocupar-me. Sentávamo-nos os quatro no salão, como estranhos. «O meu padrinho», pensava eu, «está constrangido, desejando não ter vindo, mas achando que era seu dever visitar-me; enquanto Louise, com o seu obscuro instinto feminino, sabe o que se passou aqui e treme só de pensar nisso.» Rachel, como sempre, dominava a situação, mantendo o teor da conversa no nível desejado. O concurso do condado, o noivado da segunda filha dos Pascoes, a doçura do tempo presente, a perspectiva de uma mudança no Governo — tudo assuntos fáceis. Mas o que aconteceria se todos disséssemos o que realmente pensávamos?

«Saia de Inglaterra o mais depressa possível, antes que se destrua a si própria e a este rapaz», diria o meu padrinho.

«Tu ama-la mais do que nunca. Vejo-o nos teus olhos», diria Louise.

«Tenho de impedir a todo o custo que perturbem Philip», diria Rachel.

E eu: «Deixem-me só com ela. Vão-se embora...»

Em vez disso, limitávamo-nos a trocar delicadezas e mentiras. Cada um de nós suspirava de alívio no fim da visita e, vendo-os passar os portões, sem dúvida satisfeitos por partir, eu desejava poder erguer uma cerca em volta da propriedade, como nos velhos contos de fadas da infância, para manter afastadas todas as visitas e também a infelicidade.

Parecia-me que, embora não falasse disso, ela começara a preparar a sua partida. Encontrei-a uma noite a separar os seus livros, dispondo-os como alguém que deseja escolher entre os volumes que quer levar consigo e os que ficam. Outras vezes, achava-a sentada à escrivaninha, arrumando os seus papéis, enchendo o cesto com folhas rasgadas e velhas cartas, e atando o resto com fitas. Toda essa atividade cessava à minha entrada no *boudoir*; instalando-se na sua poltrona, ela pegava no bordado ou ia sentar-se junto à janela, mas não me iludia. Porquê esse desejo súbito de arrumação, se não tencionasse em breve deixar o *boudoir* vazio?

Dava-me a impressão de que a sala estava mais nua do que dantes. Faltavam ninharias. Um cesto de trabalho que passara a primavera e o inverno num canto, um xale atirado sobre o braço de uma cadeira, um esboço a craião do solar, presente de um visitante num dia de inverno e que ela tinha na cornija da lareira — tudo isso desaparecera. Aquilo transportava-me de volta à infância, antes da minha primeira partida para o colégio. Seecombe fizera uma limpeza no quarto dos brinquedos, atando em maços os livros que eu levaria e pondo os outros, os que não eram os meus preferidos, numa caixa para distribuir pelas crianças da propriedade. Havia casacos, muito usados, que tinham deixado de me servir, e lembro-me de que ele insistira em que os desse a rapazinhos menos afortunados do que eu, o que me desagradara. Parecia-me que ele me despojava de um passado feliz. Atualmente, algo dessa atmosfera pairava no *boudoir* de Rachel. Aquele xale, tê-lo-ia ela dado por lhe ser desnecessário num clima mais quente? A caixa de costura estaria desmanchada e repousaria no fundo de uma mala? Mas ainda não se viam malas.

Isso seria o aviso final. Passos pesados no sótão, os rapazes descendo com caixas, e um odor a pó e teias de aranha misturado com cânfora. Eu saberia então o pior e, como os cães que farejam misteriosamente qualquer mudança, esperaria pelo fim. E outra coisa: ela começara a pedir a carruagem de manhã, o que não acontecia antes. Dizia-me que tinha compras a fazer, assuntos a tratar no banco. Era possível. Eu teria pensado que uma viagem chegaria para regularizar tudo. Mas ela fora à vila três manhãs na semana anterior, na verdade de dois em dois dias, e na presente semana já era a segunda vez que lá se fazia conduzir. A primeira fora de manhã, a segunda de tarde. — Tem um montão de compras a fazer de repente — comentei eu. — E quantos assuntos...

— Teria tratado disto antes — respondeu ela —, mas não pude fazê-lo durante todas as semanas em que estive doente.

— Encontra alguém na cidade?

— Não, ninguém em particular. Sim, agora que penso nisso, vi Belinda Pascoe e o jovem cura de quem está noiva. Mandam-lhe cumprimentos.

— Mas — insisti eu — estive ausente toda a tarde. Comprou toda a mercadoria de todos os vendedores?

— Não — disse ela. — O Philip é realmente muito curioso e intrometido. Não posso mandar preparar a carruagem quando me apetece, ou receia que fatigue os cavalos?

— Vá a Bodmin ou a Truro, se desejar — retorqui eu —, encontrará aí melhores lojas e mais coisas para ver.

Mas ela não se sentiu tentada pela minha sugestão. Deviam ser assuntos bem pessoais e particulares os seus, para se mostrar tão reservada.

Quando voltou a pedir a carruagem, o moço de estrebaria não os acompanhou. Wellington conduziu-a sozinho. Parece que Jimmy tinha dores de ouvidos. Eu estivera no escritório e, ao sair, vi-o sentado no estábulo, agarrado à face.

— Tens de pedir à senhora que te dê óleo — aconselhei-o. — Consta que é um bom remédio.

— Sim, senhor — concordou ele em tom desolado —, ela prometeu tratar disso assim que voltasse. Acho que apanhei isto ontem. Soprava um vento frio no cais.

— O que fazias tu no cais? — perguntei eu.

— Esperámos muito tempo pela senhora — respondeu ele —, por isso Mr. Wellington achou melhor meter os cavalos no estábulo do Rose and Crown, deixando-me ir dar uma volta e ver os barcos ao cais.

— Então a senhora passou a tarde inteira nas compras?

— Não, senhor, nem sequer foi às compras. Esteve na sala do Rose and Crown, como sempre.

Fitei-o, incrédulo. Rachel na sala do Rose and Crown? Tomaria chá com o hospedeiro e a mulher? Pensei por um momento em interrogá-lo mais, mas depois decidi não o fazer. Talvez ele tivesse cometido uma indiscrição contando-me aquilo, e Wellington repreendê-lo-ia pela sua tagarelice. Atualmente, parecia que tudo me era escondido. A casa inteira estava unida contra mim numa conspiração de silêncio. — Bem, Jim — rematei eu —, espero que o teu ouvido melhore depressa. — E deixei o estábulo. Mas havia ali um mistério. Estaria Rachel tão ávida de companhia que a ia procurar à hospedaria da cidade? Conhecendo o meu desagrado pelas visitas, teria alugado a sala uma manhã, ou uma tarde, convidando as pessoas a visitá-la ali? Não falei no assunto quando ela regressou, limitando-me a perguntar-lhe se passara uma tarde agradável, ao que ela respondeu afirmativamente.

No dia seguinte, ela não mandou preparar a carruagem. Disse-me, ao almoço, que tinha cartas a escrever, e subiu para o *boudoir*. Eu disse que tinha de ir a Coombe ver o rendeiro, o que era verdade e fiz. Mas fui mais longe. À cidade, também eu. Era sábado e, como estava bom tempo, havia muita gente pelas ruas, pessoas de pequenas vilas vizinhas, que não me conheciam de vista, pelo que passei despercebido entre elas. Não vi ninguém conhecido. As pessoas «de qualidade», como lhes chamava Seecombe, nunca iam à cidade à tarde, e ainda menos a um sábado.

Encostei-me ao muro do porto, perto do cais, a observar alguns rapazes que pescavam num barco, algo emaranhados nos seus fios. Após um bocado, vieram acostar diante dos degraus e saíram do barco. Reconheci um deles: era o rapaz que ajudava a servir ao bar no Rose and Crown. Trazia três ou quatro belas percas presas num cordel.

— Saíste-te bem — comentei eu. — São para o teu jantar?

— Não para o meu, senhor — riu ele —, mas aposto que serão bem recebidas na hospedaria.

— Então agora servem percas com a sidra?

— Não — respondeu ele —, este peixe é para o cavalheiro que come na sala. Ontem teve salmão, da parte de cima do rio.

Um cavalheiro na sala. Tirei algumas moedas do bolso.

— Bom, espero que ele seja generoso a pagar-te. Toma, para te dar sorte. Quem é esse vosso hóspede?

Ele fez uma nova careta sorridente. — Não sei o nome dele, senhor. É italiano, dizem. De terras estrangeiras.

Correu pelo cais fora, os peixes a balouçar na ponta do fio atirado sobre o ombro. Consultei o meu relógio. Passava das três horas. O cavalheiro das terras estrangeiras jantaria sem dúvida às cinco. Atravessei a cidade e descí a estreita viela que conduzia ao barracão onde Ambrose guardava as velas e a adriça do seu barco. O pequeno escaler estava aí amarrado. Puxei-o, subi e depois, empunhando os remos, cheguei ao porto e parei ao largo, a certa distância do cais.

Havia vários indivíduos a entrar e a sair dos navios ancorados no canal para os degraus da cidade; mas não repararam em mim ou, se o fizeram, não ligaram, tomando-me por um pescador. Atirei a âncora à água e, apoiando-me aos remos, observei a entrada do Rose and Crown. A porta para o bar era na rua lateral. Ele não entraria por ali. Se aparecesse, seria diante da fachada principal. Passou uma hora. O relógio da igreja bateu as quatro. Continuei à espera. Às cinco menos um quarto, vi a mulher do hospedeiro sair pela porta da sala e olhar em volta como se procurasse alguém. O

seu visitante estava atrasado para o jantar. O peixe estava pronto. Ouvi-a gritar qualquer coisa a um homem que se encontrava de pé na escada onde vinham acostar os botes, mas não distingi as palavras. Ele respondeu-lhe e, virando-se, apontou para o porto. Ela anuiu com um aceno de cabeça e voltou para dentro. Então, às cinco e dez, vi um barco aproximar-se dos degraus. Impelido por um rapaz robusto remando à proa, o barco em si, envernizado de fresco, tinha todo o aspeto de uma dessas embarcações alugadas a estrangeiros que se distraem a passear pelo porto.

Um homem, usando um chapéu de abas largas, vinha sentado à popa. Acostaram. O homem desceu e, após uma pequena discussão, deu dinheiro ao marinheiro; depois dirigiu-se à hospedaria. Antes de entrar no Rose and Crown, deteve-se uns instantes, tirou o chapéu e olhou em redor com aquele ar inconfundível de quem põe um preço em tudo quanto vê. Era impossível enganar-me. Eu estava tão perto que poderia ter-lhe atirado um biscoito. Depois entrou. Era Rainaldi.

Icei a âncora e regressei ao barracão, amarrei o escaler, atravessei a cidade e subi o estreito carreiro até às falésias. Creio que fiz os seis quilómetros até casa em quarenta minutos. Rachel estava na biblioteca à minha espera. O jantar fora atrasado por minha causa. Ela avançou para mim, ansiosa.

— Finalmente voltou — exclamou ela. — Tenho estado muito preocupada. Por onde é que andou?

— A remar no porto — respondi eu. — Está um belo tempo para passeios. Muito melhor na água do que no interior do Rose and Crown.

A expressão de surpresa chocada que lhe perpassou no olhar bastava-me como prova final.

— Tudo bem, conheço o seu segredo — prossegui. — Não procure mentiras.

Seecombe veio perguntar se podia servir o jantar.

— Imediatamente — disse-lhe eu. — Nem mudarei de roupa.

Olhei-a em silêncio e passámos à sala de jantar. Seecombe, pressentindo que alguma coisa estava errada, desdobrava-se em atenções. Mantinha-se junto de mim como um médico, incitando-me a provar os pratos que me apresentava.

— Sobrestimou as suas forças, senhor — observou ele. — Isso não pode ser. Vai adoecer-nos outra vez.

Olhou para Rachel à espera de confirmação e apoio. Ela permaneceu calada. Mal terminou o jantar, em que tanto eu como ela mal havíamos tocado, Rachel levantou-se e foi diretamente para cima. Eu segui-a. Ao chegar à porta do *boudoir*, ela ia fechar-me na cara, mas eu fui mais rápido e entrei primeiro, encostando-me à porta. De novo o mesmo olhar de apreensão. Ela recuou e estacou junto à lareira.

— Há quanto tempo está Rainaldi alojado no Rose and Crown? — interroguei eu.

— Isso é assunto meu — retorquiu ela.

— E também meu. Responda.

Ela deve ter percebido que não havia qualquer esperança de me fazer calar, nem de me iludir com fábulas. — Muito bem, então. Há duas semanas — respondeu.

— Porque se encontra ele aqui? — continuei eu.

— Porque eu lhe pedi. Porque é meu amigo. Porque eu preciso dos seus conselhos e, conhecendo a sua antipatia, não podia convidá-lo para esta casa.

— Para que precisa dos seus conselhos?

— Isso também é assunto meu. E não seu. Pare de se comportar como uma criança, Philip, e tenha um pouco de compreensão.

Eu sentia-me satisfeito por a ver tão perturbada. Demonstrava que ela estava em falta.

— Pede-me compreensão — disse eu. — Espera que eu compreenda a duplicidade? Há duas semanas que me mente todos os dias, e não pode negá-lo.

— Se lhe menti, não foi de bom grado — respondeu ela. — Fi-lo apenas para o poupar. O Philip detesta Rainaldi. Se tivesse sabido

que eu me ia encontrar com ele, esta cena ter-se-ia dado mais cedo e provocar-lhe-ia uma recaída. Oh, meu Deus, terei de voltar a passar por tudo isto? Primeiro com Ambrose e agora consigo?

Tinha o rosto pálido e crispado, mas era difícil dizer se de medo ou de cólera. Eu continuava encostado à porta e observava-a.

— Sim — concordei —, odeio Rainaldi, tal como Ambrose o odiava. E com razão.

— Que razão, por piedade?

— Ele está apaixonado por si, e há largos anos.

— Mas que perfeito disparate... — Percorria a pequena sala, indo da lareira à janela, as mãos enclavinadas diante de si. — Eis um homem que me apoiou em todos os meus problemas e desgraças. Que nunca se enganou a meu respeito, nem tentou ver-me de maneira diferente do que eu sou. Conhece os meus defeitos, as minhas fraquezas, e não os condena, mas aceita-me pelo que eu valho. Sem o seu auxílio ao longo de todos estes anos (anos de que o Philip não sabe nada), eu teria ficado completamente perdida. Rainaldi é meu amigo. O meu único amigo.

Interrompeu-se e fitou-me. Sem dúvida, era verdade, ou algo tão distorcido na sua mente que, para ela, era verdade. Isso, no entanto, não influía no que eu pensava de Rainaldi. Ele recebera já uma parte da sua recompensa. Esses anos dos quais, como ela acabava de dizer, eu não sabia nada. O resto viria a seu tempo. No próximo mês, talvez, no próximo ano, mas seguramente. Ele tinha reservas de paciência. Mas eu não, nem Ambrose.

— Mande-o embora, para o lugar onde ele pertence — disse eu.

— Ele irá quando lhe aprover — replicou ela —, mas, se eu precisar dele, ficará. De facto, se tentar ameaçar-me novamente, convidá-lo-ei para esta casa, para me proteger.

— Não ousaria fazer tal coisa — disse eu.

— Ousar? Porque não? A casa é minha.

Portanto, estávamos em plena batalha. As suas palavras eram um desafio a que eu não podia responder. O seu cérebro feminino funcionava de maneira diferente do meu. Todos os argumentos

eram válidos, todos os golpes eram sujos. Apenas a força física desarmava uma mulher. Dei um passo para ela, mas ela continuava diante da lareira e segurava o cordão da campainha.

— Fique onde está — gritou ela — ou toco a chamar Seecombe. Quer sofrer a vergonha de me ouvir dizer-lhe que tentou atacar-me?

— Não ia atacá-la — retorqui. Virei-me e escancarei a porta. — Muito bem, chame Seecombe, se quiser. Diga-lhe tudo o que se passou aqui, entre nós. Se se trata de violência e vergonha, então vamos até ao fim.

Ela estava de pé junto do cordão, eu junto da porta aberta. Deixou cair o cordão. Eu não me movi. Depois, com lágrimas nos olhos, ela fitou-me e disse: — Uma mulher não pode sofrer duas vezes pelas mesmas coisas. Já passei por tudo isto antes. — E, levando as mãos à garganta, acrescentou: — Até as mãos em volta do pescoço. Mesmo isso. Compreende agora?

Eu olhava por cima da cabeça dela, diretamente para o retrato sobre a lareira, e o rosto jovem de Ambrose que me fixava era o meu. Ela derrotara-nos aos dois.

— Sim — disse eu —, compreendo. Se quer ver Rainaldi, convide-o para aqui. Prefiro isso a vê-la ir às escondidas encontrar-se com ele no Rose and Crown.

Deixei-a no *boudoir* e voltei para o meu quarto.

No dia seguinte, ele veio jantar. Ela mandara-me um bilhete ao pequeno-almoço, pedindo a minha permissão para o convidar, o seu desafio da noite anterior esquecido sem dúvida, ou sagazmente afastado para me devolver a autoridade. Respondi com uma nota dizendo que daria ordem a Wellington para o ir buscar de carruagem.

Aconteceu eu encontrar-me sozinho na biblioteca quando ele chegou e, por engano de Seecombe, foi introduzido para junto de mim e não para o salão. Levantei-me e cumprimentei-o. Ele parecia muito à vontade e estendeu-me a mão.

— Espero que esteja restabelecido — saudou-me. — Na realidade, encontro-o com melhor aspeto do que pensava. Todas as

notícias a seu respeito eram más. Rachel preocupou-se muito.

— De facto, estou muito bem — respondi.

— A fortuna da juventude — comentou ele. — Eis o que é ter bons pulmões e uma boa digestão, de maneira que no espaço de algumas semanas todos os sinais de doença desaparecem. Sem dúvida anda já de novo a galopar pelos campos. Ao passo que nós, pessoas de mais idade, como a sua prima e eu, temos de ter muito cuidado para evitar esforços. Pessoalmente, considero uma sesta a seguir ao almoço essencial à meia-idade.

Convidei-o a sentar-se, o que ele fez, sorrindo levemente ao olhar em volta. — Ainda não houve alterações nesta sala? — observou. — Talvez Rachel tencione deixá-la como está, para dar ambiente. Antes assim. O dinheiro pode ser melhor empregado noutras coisas. Ela diz-me que se fizeram grandes transformações no parque desde a minha última visita. Conhecendo Rachel, acredito piamente. Mas tenho de ver antes de dar a minha aprovação. Considero-me fiduciário, para manter o equilíbrio.

Tirou do estojo um fino charuto e acendeu-o, ainda sorrindo. — Escrevi-lhe uma carta, em Londres — continuou ele —, depois de ter doado os seus bens, mas não a enviei porque entretanto recebi a notícia da sua doença. Pouco havia nela que não lhe possa dizer de viva voz. Agradecia-lhe, em nome de Rachel, e assegurava-lhe que zelaria com o maior cuidado para que não perdesse demasiado com a transação. Vigiarei todos os gastos. — Soprou uma nuvem de fumo para o ar e fixou o teto. — Este lustre não foi escolhido com grande gosto. Fazemos melhor em Itália. Tenho de me lembrar de dizer a Rachel que tome nota destas coisas. Bons quadros e boas peças de mobiliário são investimentos seguros. Verá que acabaremos por lhe devolver a propriedade com valor duplicado. Mas isso será num futuro distante. E nessa altura já terá filhos adultos, enquanto Rachel e eu seremos velhotes em cadeiras de rodas. — Soltou uma risada e depois sorriu-me novamente. — Como vai a encantadora Miss Louise? — perguntou.

Disse-lhe que pensava que ela ia bem. Observei-o a fumar o seu charuto, notando quanto ele tinha as mãos macias para um homem. Possuíam algo de feminino que não condizia com o resto da figura, e o grande anel do dedo mindinho parecia deslocado.

— Quando regressa a Florença? — quis eu saber.

Ele sacudiu para a lareira a cinza que lhe caíra no casaco.

— Depende de Rachel — respondeu. — Vou voltar a Londres para pôr em ordem os meus negócios, e depois partirei à frente a fim de preparar a *villa* e os criados para a acolherem, ou então esperarei para viajar com ela. Sabe que ela tenciona partir, não sabe?

— Sei.

— Sinto-me satisfeito por não ter feito pressão para que ela fique — prosseguiu ele. — Compreendo perfeitamente que, com a sua doença, se tenha habituado a depender muito dela; Rachel disse-me. E ela esforça-se imenso por lhe evitar qualquer contrariedade. Mas, tal como eu lhe expliquei, o primo dela é presentemente um homem e não uma criança. Se não é capaz de tomar conta de si próprio, deve aprender. Não tenho razão?

— Absolutamente.

— As mulheres, especialmente Rachel, agem segundo as suas emoções. Nós homens, em geral, embora não sempre, agimos segundo a razão. Alegra-me vê-lo tão sensato. Talvez na primavera, quando nos for visitar a Florença, me permita mostrar-lhe alguns dos seus tesouros. Não ficará desapontado. — Soprou outra nuvem de fumo para o teto.

— Quando diz «nos» — arrisquei eu — fá-lo no sentido régio, como se possuísse a cidade, ou em sentido jurídico?

— Perdoe-me — disse ele —, estou tão habituado a agir por Rachel, e mesmo a pensar por ela em tantos aspetos, que nunca consigo dissociar-me completamente dela e, assim, acontece-me usar esse pronome pessoal. — Olhou-me de esguelha. — Com o tempo, tenho bons motivos para pensar que virei a usá-lo num

sentido mais íntimo. Mas isso — fez um gesto largo, o charuto na mão — está nas mãos dos deuses. Ah, ei-la!

Levantámo-nos ambos quando Rachel entrou na sala; ela estendeu-lhe a mão, que ele beijou, e saudou-o em italiano. Não sei se foi por os observar ao jantar — os olhos dele nunca se desviando da cara de Rachel, o sorriso dela, a sua atitude diferente para com ele —, mas senti subir em mim uma espécie de náusea. A comida sabia-me a pó. Até a tisana, que ela preparara para bebermos os três após o jantar, tinha um toque amargo desusado. Deixei-os instalados no jardim e subi para o meu quarto. Assim que parti, ouvi as suas vozes passarem ao italiano. Sentei-me diante da janela, como fizera nos primeiros dias e semanas da minha convalescença, com ela a meu lado; dir-se-ia que o mundo inteiro se tornara de repente maligno, apodrecido. Não fui capaz de descer para me despedir dele. Ouvi a carruagem chegar, ouvi-a partir. Permaneci na minha poltrona. Depois Rachel subiu e bateu à minha porta. Eu não respondi. Ela abriu-a, entrou no quarto e, aproximando-se de mim, pousou-me a mão no ombro.

— O que foi agora? — perguntou ela. Havia na sua voz uma espécie de suspiro, como se tivesse atingido os limites do suportável. — Ele não podia ter sido mais cortês, mais amável. De que se queixa esta noite?

— De nada — retorqui eu.

— Ele diz-me tão bem de si — prosseguiu ela. — Se pudesse ouvi-lo perceberia que ele tem muita consideração por si. Esta noite não pode decerto ter-se ofendido com nenhuma das suas palavras, Philip. Se ao menos se mostrasse menos difícil, menos ciumento...

Correu os cortinados do quarto, pois a noite tombava. Até mesmo no seu gesto, na maneira como tocava no tecido, havia impaciência.

— Vai ficar aí curvado nessa poltrona até à meia-noite? — insistiu. — Nesse caso, ponha um abafo pelas costas, senão apanha frio. Pela minha parte, estou exausta e vou deitar-me.

Tocou-me na cabeça e saiu. Não era uma carícia. Antes o gesto rápido de alguém para uma criança que se portou mal, de um adulto

demasiado cansado para continuar a ralhar e que põe o assunto de lado. «Pronto... pronto... Por amor de Deus, acabou-se.»

Nessa noite, a febre voltou-me. Não com a anterior força, mas algo semelhante. Se era de ter estado na véspera sentado ao frio no barco, não sei, mas de manhã sentia-me demasiado aturdido para me aguentar de pé, com vômitos e percorrido por arrepios, de forma que fui obrigado a deitar-me outra vez. Chamou-se o médico, e eu perguntava-me, na minha dorida cabeça, se todas as desgraças da doença iriam repetir-se. O médico declarou que o meu fígado funcionava mal e receitou remédios. Mas quando, à tarde, Rachel veio instalar-se ao pé de mim, pareceu-me ver-lhe no rosto a mesma expressão da noite anterior, uma espécie de lassitude. Imaginava os seus pensamentos: «Isto irá recomeçar? Estarei condenada a ficar eternamente aqui a fazer de enfermeira?» Mostrava-se mais brusca ao estender-me os remédios e eu, ao sentir sede mais tarde e desejando beber, não lhe pedi o copo com medo de a incomodar.

Ela segurava nas mãos um livro que não lia, e a sua presença na poltrona a meu lado parecia encerrar uma reprovação muda.

— Se tem outra coisa a fazer — disse eu por fim —, não se sinta obrigada a fazer-me companhia.

— Que mais imagina que eu possa ter de fazer? — retorquiu ela.

— Poderia querer ir visitar Rainaldi.

— Rainaldi partiu — disse ela.

Senti o coração mais leve com a notícia. Fiquei quase curado.

— Regressou a Londres? — perguntei.

— Não — respondeu ela —, embarcou ontem em Plymouth.

O meu alívio foi tão intenso que virei a cabeça com receio de o espelhar no rosto, aumentando assim a sua irritação.

— Pensei que ele ainda tinha negócios a tratar em Inglaterra?

— É verdade, mas nós decidimos que poderiam ser igualmente tratados por correspondência. Assuntos mais urgentes esperam-nos na nossa terra. Ele teve conhecimento de um navio que levantaria âncora à meia-noite e partiu. Agora já está satisfeito?

Rainaldi abandonara o país, com isso eu estava satisfeito. Mas não com o pronome «nós» nem de a ouvir dizer «nossa terra». Sabia o que ele fora fazer — prevenir os criados da *villa* para prepararem a chegada da dona da casa. Era essa a urgência que o esperava. O meu tempo escoava-se.

— Quando o seguirá?

— Depende de si — respondeu ela.

Suponho que, se quisesse, poderia ter continuado a fazer-me doente. Queixar-me de dores e desculpar-me com elas. Ganhar, fingindo, algumas semanas mais. E depois? As caixas fechadas, o *boudoir* vazio, o seu leito no quarto azul coberto com o guarda-pó que aí permanecera durante tantos anos antes da sua vinda, e silêncio.

— Se ao menos — suspirou ela — o Philip conseguisse mostrar-se um pouco menos amargo, menos cruel, estes últimos dias podiam ser felizes.

Eu mostrava-me amargo? Era cruel? Não me parecia. Achava que a dureza vinha dela. Não havia remédio. Estendi a mão e ela entregou-me a sua. Contudo, enquanto a beijava, eu pensava em Rainaldi...

Nessa noite, sonhei que subia até ao bloco de granito e relia a carta ali enterrada. O sonho era tão nítido que não se desvaneceu ao acordar, permanecendo durante toda a manhã na minha mente. Levantei-me e senti-me suficientemente bem para descer ao meio-dia, como de costume. Por mais que tentasse, não conseguia arrancar de mim o desejo de voltar a ler a carta. Não me lembrava do que ela continha acerca de Rainaldi. Precisava de saber exatamente o que Ambrose dissera dele. À tarde, Rachel foi para o seu quarto descansar e, assim que ela subiu, eu esgueirei-me para fora de casa, atravessei os bosques, descí a alameda e subi o caminho por cima do pavilhão do guarda. Invadido pela repulsa por aquilo que ia fazer, cheguei à rocha de granito. Ajoelhei-me a seu lado e, cavando a terra com as mãos, senti de súbito o couro empapado da minha carteira. Uma lesma fizera dela a sua morada

de inverno. O rasto gomoso atravessava a frente. Sacudi-a, abri a carteira e tirei a carta amarrotada. O papel estava húmido e mole, a letra estava mais desvanecida do que dantes, mas ainda legível. Reli a carta toda. A primeira parte mais apressadamente, embora fosse estranho notar que a sua doença, devida a outra causa, tivesse sintomas tão similares aos meus. Quanto a Rainaldi...

«À medida que os meses passavam», escrevera Ambrose, «apercebi-me de que ela se virava cada vez mais para esse homem que já referi nas minhas cartas, o *signor* Rainaldi, um amigo e suponho que advogado de Sangalletti, pedindo-lhe conselhos em vez de os pedir a mim. Estou convencido de que este homem exerce nela uma influência perniciosa. Desconfio que está apaixonado por ela há anos, mesmo quando Sangalletti vivia, e, embora não acredite nem por um momento que ela tenha jamais pensado nele dessa maneira até há pouco tempo, agora, desde que alterou a sua atitude para comigo, não posso ter tanta certeza. Há uma sombra no seu olhar, um tom na sua voz, quando se pronuncia o nome desse homem, que desperta em mim a mais terrível suspeita.

Educada como foi por pais sem princípios, tendo levado, antes e mesmo durante o seu primeiro casamento, uma vida de que ambos preferimos não falar, tenho sentido com frequência que as suas regras de conduta são diferentes daquelas por que nós nos regemos. Os laços do casamento não são talvez tão sagrados. Desconfio, de facto tenho provas disso, que ele lhe dá dinheiro. O dinheiro, Deus me perdoe por dizer isto, é de momento o único caminho para o seu coração.»

Ali estava a frase que eu não esquecera, a frase que me perseguira. Nas dobras do papel a escrita era ilegível, mas depois distingui de novo a palavra «Rainaldi».

«Desço ao terraço», dizia Ambrose, «e encontro aí Rainaldi. Ao verem-me, calam-se ambos. Não posso deixar de interrogar-me sobre o que falariam. Uma vez em que ela entrou na *villa*, deixando-me só com Rainaldi, ele fez-me uma pergunta abrupta acerca do meu testamento, que vira por acaso aquando do nosso casamento.

Disse-me que, tal como estava, caso eu morresse deixaria a minha mulher desprotegida. O que eu sabia, tendo aliás, para corrigir essa lacuna, redigido um novo testamento que teria assinado perante testemunhas caso tivesse a certeza de que o seu esbanjamento era fruto de uma disposição passageira e não algo profundamente enraizado.

A propósito, esse novo testamento dar-lhe-ia apenas o usufruto vitalício do solar e da propriedade, os quais voltariam para ti por ocasião da sua morte, com a cláusula de que deixava inteiramente nas tuas mãos a administração da propriedade.

Continua por assinar, pelas razões que te disse.

Note-se que foi Rainaldi quem me fez perguntas acerca do testamento, foi Rainaldi quem me chamou a atenção para as omissões do que é válido atualmente. Ela, a mim, não fala nisso. Mas falarão quando estão juntos? O que dizem um ao outro quando eu não estou presente?

Esta questão do testamento deu-se em março. É facto que eu estava doente, e quase cego com dores de cabeça, e pode ser que Rainaldi tenha abordado o assunto, à sua maneira fria e calculista, pensando que eu ia morrer. É possível. É possível que não discutam isso entre eles. Não tenho maneira de descobrir. Atualmente, surpreendo com demasiada frequência os seus olhos pousados em mim, vigilantes e estranhos. E, quando a abraço, dir-se-ia que ela tem medo. Medo de quê, de quem?

Há dois dias — e chegamos assim à razão desta carta — tive um novo acesso daquela mesma febre que me debilitou em março. O ataque é súbito. Assaltam-me dores e náuseas, às quais se sucede rapidamente uma grande excitação do meu cérebro que me arrasta quase à violência, e mal me posso ter de pé devido ao torpor de corpo e espírito. Isso passa por sua vez, e sou invadido por uma intolerável sonolência que me faz cair por terra, ou na cama, completamente prostrado. Não me lembro que tal tenha acontecido ao meu pai. As dores de cabeça, sim, e certos acessos de mau humor, mas não os outros sintomas.

Philip, meu rapaz, o único ser no mundo em quem posso confiar, diz-me o que significa isto e, se puderes, vem ter comigo. Não digas nada a Nick Kendall. Não digas nada a ninguém. Acima de tudo, nem uma palavra de resposta; vem apenas.

Um pensamento me persegue, não me deixando ter paz. Estarão eles a tentar envenenar-me?

Ambrose.»

Desta vez não voltei a meter a carta na carteira. Rasguei-a em pedaços minúsculos que enterrei no solo com o calcanhar. Cada bocado foi espalhado, e depois calcado, num sítio diferente. Quanto à carteira, empapada pela permanência na terra, rasguei-a ao meio num só movimento. Atirei cada uma das metades por cima do ombro e elas foram cair entre os fetos. Depois regressei a casa. Como um pós-escrito à carta, quando entrei no vestíbulo vi Seecombe trazendo a mala do correio que o rapaz fora buscar à cidade. Ele esperou enquanto eu a abria e ali, entre a minha escassa correspondência, havia um sobrescrito endereçado a Rachel, com o carimbo de Plymouth. Bastou-me um relance à letra fina e tremida para saber que era de Rainaldi. Creio que, sem a presença de Seecombe, o teria retido. Assim, não podia fazer mais do que entregar-lho para ele o levar a Rachel.

Era também irónico que, quando subi um pouco mais tarde, sem mencionar o meu passeio, toda a sua dureza para comigo parecesse ter desaparecido. Voltara a antiga ternura. Ela estendeu-me os braços e sorriu, perguntando-me como me sentia e se descansara. Não me falou da carta que recebera. Durante o jantar, perguntei-me se as notícias que continha a teriam deixado feliz; e, enquanto comia, imaginava essa carta, o que ele lhe dizia, como se lhe dirigia, em resumo, se era uma carta de amor. Estaria em italiano, mas, aqui e além, talvez houvesse palavras que eu compreendesse. Ela ensinara-me algumas frases. Em todo o caso, saberia às primeiras palavras que relações havia entre eles.

— Está muito calado. Sente-se bem? — perguntou ela.

— Sim — respondi —, sinto-me bem. — E corei, como se ela pudesse ler os meus pensamentos e adivinhar o que eu projetava.

Após o jantar, subimos para o seu *boudoir*. Ela preparou a tisana, como habitualmente, e pousou uma taça na mesa a meu lado, ao pé da sua. Em cima da escrivaninha, avistei a carta de Rainaldi, meio coberta pelo seu lenço de assoar. Os meus olhos eram atraídos para ela, fascinados. Um italiano, escrevendo à mulher amada, seguiria as convenções? Ou, a ponto de embarcar e face à perspectiva de algumas semanas de separação, após um bom jantar, um cálice de brande e um charuto, sorrindo de complacência, tornar-se-ia indiscreto e permitir-se-ia derramar o seu amor no papel?

— Philip — observou Rachel —, tem mantido os olhos fixos num canto da sala como se visse um fantasma. O que se passa?

— Nada, já lhe disse — e, mentindo-lhe pela primeira vez, ajoelhei-me a seu lado fingindo um arroubo de amor, a fim de calar as suas perguntas e de a levar a esquecer-se da carta em cima da escrivaninha.

Tarde nessa noite, muito depois da meia-noite, sabendo-a adormecida — pois, contemplando-a no quarto com uma vela acesa, certificara-me de que assim era —, regressei ao *boudoir*. O lenço ainda lá estava, a carta desaparecera. Espreitei na lareira, mas não havia cinzas. Abri as gavetas da escrivaninha, vi todos os seus papéis arrumados, mas não a carta. Não estava nos escaninhos nem nas gavetinhas laterais. Restava apenas uma gaveta, e essa encontrei-a fechada. Peguei na minha faca e enfiei-a na ranhura. Distingui algo branco no seu interior. Voltei ao quarto, peguei no molho de chaves de cima da mesinha e experimentei a mais pequena. Servia. A gaveta abriu-se. Estendi a mão e tirei um sobrescrito, mas a minha excitação transformou-se em desapontamento, pois o que empunhava não era a carta de Rainaldi. Era apenas um sobrescrito contendo vagens cheias de sementes. As sementes escaparam-se das vagens para as minhas mãos e espalharam-se pelo soalho. Eram verdes e pequeninas.

Fixei-as e lembrei-me de já ter visto aquilo. Eram iguais às que Tamlyn atirara para trás das costas no viveiro, bem como às que juncavam o chão do pátio da Villa Sangalletti e que a criada varrera.

Eram sementes de laburno, venenosas para o gado e para o homem.

CAPÍTULO XXVI

Meti novamente o sobrescrito na gaveta. Rodei a chave. Peguei no molho e voltei a colocá-lo em cima da cómoda. Não me detive a contemplá-la adormecida no seu leito. Regressei ao meu quarto.

Creio que não me sentia tão calmo há várias semanas. Aproximei-me do lavatório; aí, ao lado do jarro e da bacia, estavam os dois frascos de remédio que o médico me receitara. Despejei os conteúdos pela janela. Depois desci, de vela na mão, e dirigi-me à copa. Os criados já há muito haviam recolhido aos seus quartos. Na mesa ao pé do lava-louça, via-se a bandeja com as duas chávenas por onde tínhamos bebido a nossa tisana. Eu sabia que John era por vezes preguiçoso à noite e podia bem ter deixado as chávenas para lavar de manhã, como de facto acontecera. A tisana deixara depósito nas duas chávenas. Examinei-as a ambas à luz da vela. Pareciam iguais. Toquei com o dedo mindinho no fundo da chávena dela, depois no da minha, e provei. Haveria diferença? Era difícil dizer. Talvez o depósito da minha chávena fosse um pouco mais espesso, mas não poderia jurá-lo. Saí da copa e voltei para o meu quarto.

Despi-me e deitei-me. Estendido no escuro, não senti nem cólera nem medo. Apenas piedade. Via-a como uma criatura não responsável pelo que fazia, manchada pelo mal. Compelida, arrastada pelo homem que tinha esse poder sobre ela; desprovida, pelas circunstâncias e pelo nascimento, de um sentido moral profundo, ela era capaz, por instinto e por impulso, desse ato fatal. Desejava salvá-la de si própria, e não sabia como. Parecia-me que Ambrose se encontrava a meu lado e eu revivia nele, ou ele em mim. A carta que ele escrevera e que eu rasgara em pedaços cumpria-se agora.

Eu acreditava que, à sua estranha maneira, ela nos amara aos dois; mas tínhamo-nos tornado dispensáveis. Algo mais do que a emoção cega dirigia afinal as suas ações. Talvez houvesse nela

duas pessoas, entre as quais ela se sentia dilacerada, tendo primeiro dominado uma e depois a outra. Não sabia. Louise diria que fora sempre a segunda. Que desde o princípio cada pensamento seu, cada gesto seu, fora premeditado. Teria essa existência ambígua começado em Florença, com a mãe e após a morte do pai, ou teria começado antes? Teria sofrido Sangalletti, morto em duelo e que nunca fora, nem para Ambrose nem para mim, mais do que uma sombra sem substância? Louise, sem dúvida, dir-me-ia que sim. Louise afirmaria que, desde o seu primeiro encontro com Ambrose, dois anos antes, ela planeara casar-se com ele por dinheiro. E, quando ele não lhe dera o que ela queria, planeara a sua morte. Louise possuía um espírito de jurista. E ela não lera a carta que eu rasgara. Qual seria o seu julgamento se o tivesse feito?

O que uma mulher faz uma vez sem ser descoberta pode fazer duas. E libertar-se de outro fardo.

Bom, a carta estava rasgada; nem Louise nem ninguém mais a leria. O seu conteúdo pouco me interessava agora. Não pensava tanto nisso como no derradeiro pedaço de papel garatujado por Ambrose, desprezado por Rainaldi e também por Nick Kendall, como a manifestação final de um cérebro doente. «Ela aniquilou-me finalmente, Rachel meu tormento.»

Eu era o único a saber que ele dizia a verdade.

Encontrava-me, portanto, no mesmo ponto em que já estivera. Regressara à ponte sobre o Arno, onde fizera um juramento. Talvez, afinal, um juramento fosse algo sem recuo, que tivesse de ser cumprido, no seu devido tempo. E esse tempo chegara...

O dia seguinte era um domingo. Como em todos os domingos desde que ela viera, a carruagem chegou para nos levar à igreja. O dia estava bonito e quente. O verão estava no auge. Ela trazia um vestido novo de tom escuro e tecido leve, uma touca de palha e um guarda-sol. Sorridente, desejou um bom dia a Wellington e a Jim, e eu ajudei-a a subir para a carruagem. Quando me sentei a seu lado

e começámos a atravessar o parque, ela pousou a sua mão na minha.

Eu tinha muitas vezes pegado nessa mão com amor, sentido a sua pequenez, rodado os anéis nos seus dedos, observado as veias azuis, tocado nas pequenas unhas curtas. Agora, que ela descansava na minha palma, via-a pela primeira vez pousada com outra intenção. Via-a pegar nas vagens de laburno e esvaziá-las habilmente dos seus grãos; depois esmagá-los e amassá-los entre as palmas. Lembrava-me de lhe ter dito uma vez que as suas mãos eram belas e ela respondera, rindo, que eu era o primeiro a dizer-lhe isso. «Têm a sua utilidade», comentara ela. «Ambrose costumava dizer, quando eu me dedicava à jardinagem, que eram mãos de trabalhador.»

Chegámos à descida íngreme e o freio foi posto nas rodas traseiras da carruagem. Ela apoiou o seu ombro ao meu e, erguendo o guarda-sol para nos proteger, disse-me: — Dormi tão bem esta noite que nem o ouvi partir — e olhou-me, sorrindo. Embora ela me tivesse iludido durante tanto tempo, tive a impressão de ser eu o maior mentiroso. Nem sequer consegui responder-lhe, mas, para sustentar a mentira, apertei-lhe mais a mão e virei a cabeça.

A areia da baía ocidental estava dourada, a maré baixa, a água cintilando ao sol. Entrámos no caminho que levava à vila e à igreja. Os sinos repicavam pelo ar, e as pessoas aglomeradas junto aos portões esperavam que nos apeássemos da carruagem e as precedêssemos na entrada. Rachel cumprimentou toda a gente com um sorriso. Vimos os Kendalls, os Pascoes e numerosos rendeiros nossos, e depois encaminhámo-nos para o nosso banco ao som do órgão.

Ajoelhámo-nos um instante em oração, com a cara entre as mãos. «Que diz ela ao seu Deus», pensei eu, que não rezava, «se é que ela crê em Deus? Agradecerá o êxito em tudo o que empreende? Ou pedirá perdão?»

Ela sentou-se no banco almofadado e abriu o livro de orações. O seu rosto estava feliz e sereno. Desejei poder odiá-la, como a odiara durante muitos meses sem a conhecer. Mas agora não conseguia sentir nada além desta estranha e terrível piedade.

Erguemo-nos à entrada do vigário e o ofício começou. Lembrome do salmo que cantámos nessa manhã. «Aquele que engana não habitará a minha casa; aquele que mente não permanecerá na minha presença.» Os seus lábios moviam-se com as palavras, cantava em voz baixa e doce. E, quando o vigário subiu ao púlpito para pregar o sermão, ela cruzou as mãos no colo e preparou-se para escutar, de olhos atentos e graves levantados para o rosto dele, que proclamava o texto: «É uma coisa terrível tombar entre as mãos do Deus vivo.»

O sol penetrou através dos vitrais e brilhou sobre ela. Eu via do meu lugar os rostos redondos e rosados das crianças da aldeia, bocejando um pouco e aguardando o fim do sermão, e ouvia-as arrastar os pés, apertados nas botas de domingo, ansiando por correr em liberdade pelos relvados. Por um instante, desejei apaixonadamente ser de novo um garoto inocente, com Ambrose e não Rachel a meu lado no banco.

«Há ao longe uma colina verde, atrás das muralhas de uma cidade.» Não sei por que motivo cantámos esse hino naquele dia; talvez tivesse havido alguma festa relacionada com as crianças da terra. As nossas vozes erguiam-se, altas e claras, na igreja paroquial, e eu não pensava em Jerusalém, como sem dúvida deveria, mas apenas numa simples campa num canto do cemitério protestante em Florença.

Quando o coro partiu e a congregação se dirigia para a saída, Rachel segredou-me: — Acho que devíamos convidar os Kendalls e os Pascoes para jantar hoje, como era hábito. Há muito que o não fazemos e eles podem ofender-se.

Refleti um instante e depois concordei, com um breve aceno de cabeça. Era melhor assim. A sua companhia ajudaria a transpor o fosso entre nós e, ocupada em conversa com os convidados,

habituada aos meus silêncios nessas ocasiões, Rachel não teria tempo para me observar e admirar-se. Já no exterior, os Pascoes não se fizeram rogados, os Kendalls um pouco mais. — Serei obrigado a deixar-vos imediatamente a seguir ao jantar — disse o meu padrinho —, mas a carruagem pode voltar a buscar Louise.

— Mr. Pascoe tem de pregar novamente à tarde — interrompeu a mulher do vigário —, podemos trazê-la connosco. — Puseram-se a discutir meios de transporte e, enquanto faziam planos complicados e ponderavam qual o melhor, reparei que o capataz que dirigia os trabalhos do terraço em socacos e do futuro jardim me esperava à beira do caminho, de chapéu na mão.

— O que se passa? — perguntei-lhe eu.

— Desculpe, Mr. Ashley — respondeu ele —, eu procurei-o ontem, quando terminámos o trabalho do dia, mas não o encontrei. Era apenas para o avisar: se for para o terraço, não ande na pontezita que estamos a construir sobre o jardim do nível inferior.

— Porquê, o que tem ela?

— É apenas a estrutura, senhor. Só a terminaremos na segunda-feira de manhã. As pranchas têm um ar sólido, mas não suportam qualquer peso. Alguém que pensasse em atravessar para o outro lado por cima delas podia cair e quebrar o pescoço.

— Obrigado. Lembrar-me-ei.

Virei-me para os meus convidados, que haviam finalmente chegado a um acordo, e, tal como naquele primeiro domingo que parecia agora tão longínquo, dividimo-nos em três grupos: Rachel e o meu padrinho na carruagem deste, Louise e eu na minha; os Pascoes seguiam-nos na sua berlinda. Decerto tínhamos voltado assim muitas vezes nesse intervalo; contudo, quando me apeei para a subida da colina, só pensava naquele domingo de setembro, quase há dez meses. Louise irritara-me nessa manhã, tão hirta e orgulhosa, e eu negligenciara-a desde então. Ela não vacilara, continuara minha amiga. Ao chegarmos ao cimo, entrei de novo para a carruagem e perguntei-lhe: — Sabias que as sementes de laburno são venenosas?

Ela olhou-me, surpreendida. — Sim, creio que sim — respondeu. — Sei que o gado morre se as comer. E as crianças também. Porque perguntas? Perdeste gado em Barton?

— Não, ainda não, mas Tamlyn falou-me noutra dia em mudar as árvores que se debruçam do viveiro sobre os campos, por causa das sementes que lá caem.

— Será aconselhável — concordou ela. — O meu pai perdeu em tempos um cavalo, há muitos anos, que comera bagas de teixo. Pode acontecer de repente, e não há nada que possamos fazer.

Enquanto descíamos a alameda e entrávamos pelos portões do parque, perguntei-me o que diria ela se lhe contasse a minha descoberta da noite anterior. Olhar-me-ia horrorizada e dizendo-me que estava louco? Duvidava. Pensava que ela acreditaria em mim. Mas não era o momento indicado, com Wellington sentado ali tão perto de nós e Jim a seu lado.

Virei a cabeça; as outras carruagens seguiam-nos. — Preciso de falar contigo, Louise — disse-lhe eu. — Quando o teu pai sair, depois do jantar, arranja uma desculpa para ficares.

Ela fitou-me com ar interrogativo, mas eu não adiantei mais.

Wellington deteve os cavalos diante da casa. Saí e estendi a mão a Louise. Esperámos pelos outros. Sim, poderíamos julgar-nos nesse outro domingo, em setembro. Rachel sorria como então. Erguia os olhos para o meu padrinho e creio que falavam novamente de política. Nesse domingo, embora atraído por ela, era para mim ainda uma desconhecida. E agora? Agora, nada nela me era desconhecido. Conhecia o melhor, conhecia o pior. Adivinhava até os motivos dos seus atos, obscuros talvez para si própria. Ela não me ocultava mais nada agora, Rachel meu tormento...

— Isto é de novo como antigamente — comentou ela, sorrindo, quando nos reunimos no vestíbulo. — Sinto-me muito feliz por terem vindo.

Percorreu os convidados com o olhar e precedeu-os a caminho do salão. Como sempre, aquela divisão parecia especialmente bela no verão. As janelas estavam abertas de par em par, o ambiente era

fresco. As hortênsias-japonesas, de tom azul, altas e esguias, enchiam as jarras e refletiam-se nos espelhos das paredes. Lá fora, o sol abatia-se sobre o relvado. Estava muito calor. Uma abelha preguiçosa zumbia contra uma vidraça. Os convidados sentaram-se, lânguidos, satisfeitos por descansarem. Seecombe trouxe bolo e vinho.

— Eis-vos a todos prostrados por causa de um pouco de sol — riu Rachel. — Para mim, não é nada. Em Itália temos isto durante nove meses do ano. Acho-o revigorante. Bem, vou servi-los a todos. Philip, deixe-se estar sentado. Ainda é meu doente.

Deitou o vinho nos copos e trouxe-os a cada um de nós. O meu padrinho e o vigário levantaram-se ambos, a protestar, mas ela afastou-os. Quando por último se aproximou de mim, eu fui o único a não beber.

— Não tem sede? — indagou ela.

Abanei a cabeça. Nunca mais aceitaria nada da sua mão. Ela pousou o copo no tabuleiro e, pegando no seu, foi sentar-se no sofá ao lado de Mrs. Pascoe e de Louise.

— Calculo — comentou o vigário — que em Florença o calor, nesta altura, deva ser insuportável, mesmo para a senhora.

— Nunca o achei insuportável — declarou Rachel. — As persianas fecham-se de manhã cedo e a *villa* mantém-se fresca durante todo o dia. Adaptamo-nos ao clima. Aventurar-se nas ruas a meio do dia é um convite ao desastre. Assim, permanecemos dentro de casa e dormimos. Eu tenho a sorte de possuir, na Villa Sangalletti, um pequeno pátio virado para norte e onde nunca bate o sol. Tem um lago com uma fonte e, quando o ar está demasiado pesado, eu ligo a fonte; o som da água a cair é repousante. Nunca me instalo noutro lado durante a primavera e o verão.

De facto, durante a primavera ela podia observar os botões de laburno incharem e florescerem, e as próprias flores, com as cabeças douradas e pendentes, formarem um dossel para o adolescente nu de pé no lago, segurando a concha entre as mãos. Por sua vez, as flores murchariam e cairiam e, quando o auge do

verão chegasse à *villa*, como chegara aqui embora menos intenso, as vagens dos ramos da árvore abrir-se-iam, espalhando as sementes verdes pelo solo. Tudo isso ela teria observado, sentada no pequeno pátio, com Ambrose a seu lado.

— Eu gostaria imenso de visitar Florença — declarou Mary Pascoe, de olhos muito abertos, sonhando sabe Deus com que estranhas magnificências.

Rachel virou-se para ela e disse: — Então tem de ir visitar-me no ano que vem. Têm de ir todos, à vez. Convido-vos, a todos, a instalarem-se em minha casa. — Estalaram imediatamente exclamações, perguntas, expressões de pesar. Tinha de partir já? Quando regressaria? Quais eram os seus planos? Ela limitou-se a abanar a cabeça. — Partirei em breve e em breve regressarei. Ajo por impulso e não gosto de me prender com datas. — E não houve quem lhe arrancasse mais pormenores.

Vi o meu padrinho observar-me pelo canto do olho e depois, torcendo o bigode, olhar fixamente para os seus pés. Imaginei o pensamento que lhe ocorrera: «Depois de ela ter partido, Philip voltará a ser ele próprio.» A tarde avançou. Às quatro horas, sentámo-nos à mesa. Uma vez mais, eu estava numa cabeceira e Rachel na outra, entre o meu padrinho e o vigário. Uma vez mais, ouviram-se conversas e risos, até poesia. Eu mantive mais ou menos o mesmo silêncio da primeira vez e observei o seu rosto. Então sentira-me fascinado, porque ele me era desconhecido. O fluir das conversas, a mudança de tópicos, o interesse manifestado a todos os convivas, era algo que nunca vira uma mulher fazer e que me parecera magia. Agora, conhecia todos os truques. O iniciar de uma conversa, o sussurro por trás da mão para o vigário e o riso de ambos, logo seguido pela interrogação do meu padrinho, inclinado para a frente: «O que foi, Mrs. Ashley, o que disse?» E a sua réplica imediata, viva e brincalhona: «O vigário informá-lo-á», fazendo corar de orgulho este último, que, julgando-se espirituoso, iniciava uma história que a sua família desconhecia. Era um pequeno jogo que a

divertia, e nós éramos todos, com os nossos insípidos hábitos campestres, muito fáceis de manejar e de iludir.

Perguntei-me se em Itália a sua tarefa seria mais difícil. Não creio. Apenas a sociedade de lá seria mais adequada à sua índole. E com Rainaldi pronto a dar-lhe réplica, falando a língua que melhor conhecia, a conversa na Villa Sangalletti devia estalar com um fulgor que a minha enfadonha mesa nunca conhecera. Por vezes, ela fazia gestos de mãos, como que para clarificar o seu rápido discurso. Quando falava italiano com Rainaldi, eu notara ainda mais esse hábito. Hoje, interrompendo uma frase do meu padrinho, socorreu-se de novo das duas mãos, tão rápidas e ágeis, fendendo o ar. Depois, aguardando a resposta dele, apoiou levemente os cotovelos na mesa e entrelaçou as mãos, imobilizando-se. Virara a cabeça para o escutar, de forma que, da minha cabeceira, eu via-a de perfil. Assim, ela parecia-me sempre uma estranha. As feições bem definidas, como que gravadas numa moeda; sombria e reservada, uma mulher estrangeira com um xale pela cabeça pedindo esmola sob um pórtico. Mas de frente, quando sorria, nunca uma estranha. A Rachel que eu conhecia, que eu amara.

O meu padrinho terminou a sua história. Fez-se uma pausa, silêncio. Habitado agora a todos os seus movimentos, eu observei-lhe os olhos. Fitaram Mrs. Pascoe e depois fitaram-me a mim. — Vamos até ao jardim? — sugeriu ela. Levantámo-nos todos e o vigário, puxando do relógio, suspirou e disse: — Com grande pena minha, tenho de partir.

— Também eu — observou o meu padrinho. — O meu irmão de Luxilyan está doente e prometi ir vê-lo. Mas Louise pode ficar.

— Tem com certeza tempo para beber o seu chá — insistiu Rachel. Mas era mais tarde do que eles haviam pensado e, por fim, após algum alvoroço, Nick Kendall e os Pascoes partiram na berlinda. Apenas Louise ficou.

— Dado que somos apenas nós os três — comentou Rachel —, deixemo-nos de cerimónias. Vamos para o *boudoir*. — E, sorrindo a Louise, subiu à nossa frente. — Louise tem de beber a tisana —

disse ela por cima do ombro. — Vou ensinar-lhe o meu método. Se alguma vez o seu pai sofrer de insónias, já saberá o remédio.

Chegámos ao *boudoir* e sentámo-nos, eu junto à janela aberta, Louise no tamborete. Rachel atarefou-se com os seus preparativos.

— A receita inglesa — começou Rachel —, se é que se pode falar de uma receita inglesa, do que duvido muito, é usar cevada pelada. Eu trouxe as minhas ervas secas de Florença. Se apreciar o gosto, deixar-lhe-ei algumas quando partir.

Louise levantou-se e aproximou-se dela. — Mary Pascoe contou-me que conhece o nome de todas as ervas — disse ela — e que tratou os rendeiros de muitos males. Antigamente, as pessoas percebiam mais destas coisas do que agora. Mas ainda há velhos que sabem curar verrugas e erupções.

— Eu sei curar mais do que verrugas — riu Rachel. — Vá lá perguntar-lhes. A ciência das ervas é muito antiga. Aprendi-a com a minha mãe. Obrigada, John. — John trouxera uma chaleira com água a ferver. — Em Florença — continuou Rachel —, eu preparava a tisana no meu quarto e deixava-a repousar. Fica melhor assim. Depois íamos sentar-nos para o pátio, eu ligava a fonte e saboreávamos a nossa tisana ao som da água caindo no lago. Ambrose ficava assim durante horas, a contemplá-la. — Deitou no bule a água que John trouxera. — Tenciono trazer de Florença, da próxima vez que venha à Cornualha, uma pequena estátua semelhante à da minha fonte. Não será fácil de encontrar, mas acabarei por conseguir. Depois poderemos pô-la no meio do novo jardim que estamos a construir sob os terraços, e fazer também uma fonte. O que acha? — Virou-se para mim, sorrindo, enquanto mexia a tisana com uma colher na mão esquerda.

— Se quiser — respondi eu.

— Philip não tem entusiasmo — disse ela para Louise —, ou concorda com tudo o que eu digo ou desinteressa-se. Às vezes penso que os meus esforços aqui são um desperdício, o terraço em socacos, os arbustos no viveiro. Ele contentar-se-ia com erva e caminhos lamacentos. Tome, tem aqui a sua chávena.

Estendeu a chávena a Louise, que se sentou no tamborete. Depois veio trazer-me a minha junto da janela.

Abanei a cabeça. — Não quer tisana, Philip? — admirou-se ela. — Mas é muito bom para si, ajuda-o a dormir. Nunca recusou. Esta é uma mistura especial. Fi-la duas vezes mais forte.

— Beberá por mim — repliquei.

Ela encolheu os ombros. — A minha já está servida. Gosto de a deixar repousar mais tempo. Esta será desperdiçada. Que pena. — Inclinou-se por cima de mim e despejou-a da janela. Ao endireitar-se, pousou-me a mão no ombro e eu senti o odor que conhecia tão bem, não um perfume, mas a própria essência da sua pessoa, a textura da sua pele.

— Não se sente bem? — segredou ela, de maneira que Louise não ouvisse. Se todo o conhecimento e todos os sentimentos pudessem ser apagados, eu tê-lo-ia pedido então, e que ela permanecesse ali, a mão pousada no meu ombro. Nem carta rasgada em mil pedaços, nem embrulho secreto fechado na pequena gaveta, nem mal, nem duplicidade. A sua mão subiu do meu ombro ao meu queixo e atardou-se aí um momento, numa breve carícia que, dado Rachel encontrar-se entre mim e Louise, passou despercebida. — Meu taciturno — murmurou ela.

Eu olhei por cima da sua cabeça e vi o retrato de Ambrose sobre a chaminé. Os seus olhos, jovens e inocentes, fitavam os meus a direito. Não respondi a Rachel, que se afastou para ir pousar a chávena vazia no tabuleiro.

— O que acha? — perguntou ela a Louise.

— Creio que precisarei de um certo tempo para me habituar — desculpou-se Louise.

— Talvez — anuiu Rachel. — O seu gosto mofado não agrada a toda a gente. Não importa. É um sedativo para espíritos inquietos. Esta noite todos dormiremos bem. — Sorriu e bebeu lentamente a sua chávena.

Conversámos ainda durante quase uma hora, ou melhor, ela tagarelou com Louise; depois, levantando-se para pousar a chávena

no tabuleiro que conservara perto de si, perguntou: — Agora que está mais fresco, alguém quer ir passear comigo para o jardim?

Fitei Louise, que, vendo o meu olhar, permaneceu calada.

— Prometi a Louise — disse eu — mostrar-lhe uma planta antiga de Pelyn que encontrei noutro dia. Os limites estão claramente marcados e evidenciam que a velha fortaleza que domina a colina fazia parte da propriedade.

— Muito bem — retorquiu Rachel —, leve-a para o salão, ou fiquem aqui se preferir. Irei passear sozinha.

Passou para o quarto azul entoando uma canção.

— Deixa-te estar — murmurei eu para Louise.

Desci e dirigi-me ao meu escritório, pois existia realmente uma antiga planta algures entre os meus papéis. Encontrei-a e regressei atravessando o pátio. Ao chegar à porta lateral que dá acesso do salão ao jardim, Rachel partia para o seu passeio. Não tinha chapéu, mas levava na mão o guarda-sol aberto. — Não me demoro — disse ela —, vou subir ao terraço. Quero ver se uma pequena estátua ficaria bem no jardim de baixo.

— Tenha cuidado — avisei eu.

— Com quê? — admirou-se ela.

Parara a meu lado, o guarda-sol apoiado no ombro. Trazia um vestido escuro, de musselina fina, com renda branca no pescoço. Estava muito parecida com a primeira vez que eu a vira, dez meses antes, excetuando o facto de ser verão. O cheiro da relva cortada enchia o ar. Uma borboleta passou, em alegre voo. Os pombos arrulhavam nas grandes árvores para lá do relvado.

— Tenha cuidado — disse eu lentamente —, não apanhe muito sol.

Ela riu e afastou-se. Vi-a atravessar o relvado e subir os degraus em direção ao terraço.

Entrei em casa e subi rapidamente para o *boudoir*. Louise esperava-me.

— Preciso da tua ajuda — elucidei-a — e tenho pouco tempo a perder.

Ela ergueu-se do tamborete, com uma interrogação no olhar. — O que se passa?

— Lembras-te da conversa que tivemos há algumas semanas, na igreja? — perguntei-lhe. Ela acenou afirmativamente.

— Pois bem, tu tinhas razão e eu estava enganado — respondi. — Mas isso agora pouco importa. Suspeito de pior ainda, mas preciso de uma prova conclusiva. Penso que ela tentou envenenar-me e que fez o mesmo a Ambrose. — Louise não disse nada. Os seus olhos abriram-se horrorizados.

— Não interessa agora como descobri — continuei —, mas a confirmação pode encontrar-se numa carta daquele tal Rainaldi. Vou revistar a escrivaninha dela, para ver se a encontro. Tu aprendeste umas noções de italiano, juntamente com o francês. Entre os dois, talvez consigamos traduzi-la.

Eu examinava já a escrivaninha, mais metodicamente do que pudera fazer à luz da vela na noite anterior.

— Por que motivo não avisaste o meu pai? — perguntou Louise. — Se ela é culpada, ele poderia acusá-la com mais força do que tu.

— Preciso de uma prova — retorqui.

Havia papéis e sobrescritos em pilhas bem arrumadas. Havia recibos e contas que teriam alarmado o meu padrinho se ele os tivesse visto, mas que nada significavam para mim na febre de descobrir o que procurava. Experimentei de novo a gavetinha que continha o sobreescrito com as sementes. Desta vez não estava fechada à chave. Puxei-a, estava vazia. O sobreescrito desaparecera. Aquilo podia ser uma prova suplementar, mas a minha tisana fora despejada. Continuei a abrir gavetas, com Louise a meu lado, as sobranceiras franzidas de ansiedade. — Devias ter esperado — insistiu ela. — Isto não é sensato. Devias ter esperado pelo meu pai, que poderia intentar uma ação legal. Aquilo que estás a fazer é o que poderia fazer qualquer ladrão vulgar.

— A vida e a morte — respondi-lhe eu — não esperam por ações legais. Olha, o que é isto? — Estendi-lhe uma longa folha com nomes, alguns em inglês, outros em latim, outros ainda em italiano.

— Não tenho a certeza — disse ela —, mas creio que é uma lista de plantas e de ervas. A letra não é muito legível.

Continuou a perscrutá-la, enquanto eu revolia as gavetas.

— Sim — afirmou ela —, devem ser as suas ervas e os seus remédios. Mas a segunda folha está em inglês, e parecem ser notas sobre a propagação de plantas, classificadas por espécies, dúzias delas.

— Procura «laburno» — pedi eu.

O seu olhar encontrou o meu, num relâmpago de súbita compreensão. Depois baixou de novo os olhos para a página que empunhava.

— Sim, está aqui — confirmou ela —, mas isso não nos diz nada.

Arranquei-lhe o papel das mãos e li a parte que o seu dedo apontava. «*Laburnum cytissus*. Originário do Sul da Europa. Estas plantas podem ser obtidas por semente, e algumas por enxerto. No primeiro caso, as sementes devem ser plantadas em canteiros ou no local onde as plantas estão destinadas a crescer. Na primavera, perto do mês de março, e quando tiverem o tamanho suficiente, devem ser transplantadas para viveiros, onde ficarão até atingirem tamanho suficiente para serem transferidas para o local definitivo.» Por baixo, uma nota indicava a fonte de onde ela tirara a informação: «*The New Botanic Garden*. Impresso para a John Stockdale and Company, por T. Bousley, Bold Court. Fleet Street. 1812.»

— Não há aqui nada acerca de venenos — comentou Louise.

Eu continuei a vasculhar a escrivaninha. Encontrei uma carta do banco. Reconheci a letra de Mr. Couch. Já implacável e descuidado, abri-a. «Ex.^{ma} Senhora, Agradecemos a devolução da coleção de joias Ashley, que, segundo as suas instruções e dado que sairá em breve do país, deverão permanecer à nossa guarda até que o seu herdeiro, Mr. Philip Ashley, tome posse delas. Com os mais respeitosos cumprimentos, Herbert Couch.»

Pousei a carta tomado de súbita angústia. Qualquer que fosse a influência de Rainaldi, fora um impulso pessoal que ditara aquele

gesto.

Não havia mais nada de interesse. Revistara meticulosamente todas as gavetas, todos os escaninhos. Ou ela destruíra essa carta, ou tinha-a consigo. Dececionado, frustrado, virei-me para Louise. — Não está aqui — disse eu.

— Procuraste na pasta da escrivaninha? — sugeriu ela, pouco convicta.

Como um idiota, eu pousara-a em cima da cadeira, não me passando pela cabeça que se pudesse ocultar uma carta tão secreta num sítio tão óbvio. Peguei-lhe e do meio, de entre duas folhas em branco, caiu o sobrescrito de Plymouth. A carta ainda se encontrava lá dentro. Tirei-a e estendi-a a Louise. — Ei-la, vê se consegues decifrá-la.

Ela olhou para o papel e devolveu-mo. — Mas não está em italiano — observou. — Lê-a tu mesmo.

Li. Eram apenas umas curtas linhas. Ele dispensara as formalidades, tal como eu previra, mas não como eu imaginara. Datara-a das onze horas da noite e entrava diretamente no assunto. «Como se tornou mais inglesa do que italiana, escrevo-lhe na sua língua de adoção. Passa das onze e levantamos âncora à meia-noite. Farei tudo o que me pediu em Florença, e talvez mesmo mais, embora não esteja certo de que o mereça. Pelo menos a *villa* e os criados estarão prontos a recebê-la quando finalmente se decidir a arrancar-se daí. Não tarde demasiado. Nunca tive grande fé nesses impulsos do seu coração, nem nas suas emoções. Se, por fim, não conseguir separar-se desse garoto, traga-o consigo. Mas aviso-a, sou absolutamente contra. Cuide de si e creia-me, seu amigo, Rainaldi.»

Li-a uma vez, depois outra. Estendi-a a Louise.

— Dá-te a prova de que precisavas? — indagou ela.

— Não.

Devia faltar qualquer coisa. Algum pós-escrito, ou uma segunda folha que ela metera noutra bolsa da pasta. Olhei de novo, mas a pasta estava vazia, excetuando um sobrescrito dobrado que tinha

em cima. Peguei-lhe e rasguei o papel. Desta vez não era uma carta, nem uma lista de ervas ou plantas. Era um desenho representando Ambrose. As iniciais, ao canto, eram ilegíveis, mas suponho que seria obra de algum artista ou amigo italiano, pois a palavra «Florença» aparecia debaixo da assinatura e a data era o mês de junho anterior à sua morte. Contemplei-o, compreendendo que se tratava sem dúvida do último retrato que haviam feito dele. Tinha, então, envelhecido muito desde que partira de casa. Havia rugas que eu não conhecia em redor da sua boca, e nos cantos dos olhos também. Os olhos em si tinham uma expressão acossada, como se debruçada sobre o seu ombro houvesse uma sombra e ele não ousasse virar-se para a encarar. O seu rosto tinha uma expressão perdida, desolada. Parecia saber que o desastre o espreitava. E os olhos, embora suplicassem amor, imploravam igualmente piedade. Por baixo do desenho, Ambrose rabiscara ele próprio uma frase em italiano. «Para Rachel. *Non ramentare che le ore felici*. Ambrose.»

Estendi o desenho a Louise. — Há somente isto — disse eu. — O que significa?

Ela leu as palavras em voz alta e refletiu um momento. — Recorda apenas as horas felizes — traduziu Louise devagar. Voltou a entregar-mo, junto com a carta de Rainaldi. — Ela nunca te tinha mostrado isto? — perguntou.

— Não.

Entreolhámo-nos um instante, em silêncio. Então Louise arriscou: — Achas que poderíamos tê-la julgado mal? Acerca do veneno? Bem vês que não há provas.

— Nunca haverá provas — declarei eu. — Nem agora. Nem nunca.

Voltei a pôr o desenho na escrivaninha, e a carta também.

— Se não há provas — disse Louise —, não a podes condenar. Ela pode ser inocente. Ou pode ser culpada. Tu não podes fazer nada. Se ela estiver inocente e a acusares, nunca poderás perdoar-

te. Serias então tu o culpado, não ela. Saíamos daqui e vamos para o salão. Já lamento que tenhamos mexido nas coisas dela.

Eu encontrava-me junto à janela aberta do *boudoir*, contemplando o relvado.

— Ela está lá? — perguntou Louise.

— Não — respondi —, há quase meia hora que saiu e ainda não voltou.

Louise atravessou a sala e veio colocar-se a meu lado. Fitou-me. — Porque está a tua voz tão estranha? Porque conservas os olhos fixos além, nos degraus que levam ao terraço? O que se passa?

Afastei-a e dirigi-me à porta.

— Conheces o sino no patamar da torre? O que é usado ao meio-dia para chamar os homens para comer? Vai lá depressa e puxa a corda com força — disse-lhe eu.

Ela olhou para mim, perplexa. — Para quê?

— Porque é domingo — retorqui eu — e estão todos fora, ou a dormir, ou dispersos por aí; e eu posso precisar de ajuda.

— De ajuda? — repetiu ela.

— Sim, Rachel pode ter sofrido um acidente.

Louise fitou-me fixamente. Os seus olhos, tão azuis e cândidos, perscrutaram o meu rosto.

— O que fizeste? — Vi a apreensão invadir os seus traços, e depois a certeza. Virei-me e abandonei a sala.

Corri para baixo, atravessei o relvado e subi o carreiro até ao terraço. Não havia sinais de Rachel.

Avistei os dois cães junto das pedras, da argamassa e da pilha de madeira por cima do jardim recém-escavado. Um deles, o mais novo, avançou para mim. O outro permaneceu onde estava, perto do monte de argamassa. Vi as pegadas dela na areia e na cal, e o guarda-sol ainda aberto e tombado. De repente, o sino começou a tocar na torre do solar. Tocava incessantemente e, nesse dia sereno, o seu som devia repercutir-se pelos campos e chegar até ao mar, de modo que os homens que pescavam na baía o teriam ouvido também.

Aproximei-me do muro que resguardava o jardim e vi a ponte em que os homens haviam começado a trabalhar. Parte desta ainda lá se conservava e pendia, grotesca e horrível, como uma escada suspensa. O resto caíra no abismo.

Desci até onde ela jazia, entre a madeira e as pedras. Peguei-lhe nas mãos. Estavam frias.

— Rachel — disse-lhe eu. — Rachel — repeti.

Os cães começaram a ladrar lá em cima, e o som do sino chegou-me ainda mais alto. Ela abriu os olhos e fitou-me. Primeiro, creio, com uma expressão de dor. Depois, de perplexidade. E finalmente, pensei eu, de reconhecimento. E, contudo, até nisso me enganava. Ela chamou-me «Ambrose». Continuei a segurar-lhe as mãos até que ela expirou.

Antigamente, enforcavam homens nos Quatro Caminhos.

Mas agora já não.